

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jeannette Walls

A estrela de prata

Tradução: Luciana Persice Nogueira

GLOBALIVROS

Copyright © 2014 Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2013 by Jeannette Walls

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *The silver star*

Editor responsável: Aida Veiga

Editor assistente: Elisa Martins

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Preparação de texto: Ana Maria Barbosa

Revisão: Laila Guilherme, Ana Tereza Clemente e Beth Gobbi

Diagramação: Crayon Editorial

Capa: Andrea Vilela

Foto de capa: Douglas Menuiez/Getty Images

1ª edição, 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W187

Walls, Jeannette, 1960-

Estrela de prata / Jeannette Walls ; tradução Luciana Persice Nogueira. - 1. ed. -
São Paulo : Globo, 2014.

il.

Tradução de: *The silver star*

ISBN 978-85-250-5684-9

1. Novela americana. I. Nogueira, Luciana Persice. II. Título.

14-09455 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Jaguaré, 1.485 — 05346-902 — São Paulo — SP

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)
[Capítulo vinte e oito](#)
[Capítulo vinte e nove](#)
[Capítulo trinta](#)
[Capítulo trinta e um](#)
[Capítulo trinta e dois](#)
[Capítulo trinta e três](#)
[Capítulo trinta e quatro](#)
[Capítulo trinta e cinco](#)
[Capítulo trinta e seis](#)
[Capítulo trinta e sete](#)
[Capítulo trinta e oito](#)
[Capítulo trinta e nove](#)
[Capítulo quarenta](#)
[Capítulo quarenta e um](#)
[Capítulo quarenta e dois](#)
[Capítulo quarenta e três](#)
[Capítulo quarenta e quatro](#)
[Capítulo quarenta e cinco](#)
[Capítulo quarenta e seis](#)
[Capítulo quarenta e sete](#)
[Capítulo quarenta e oito](#)
[Capítulo quarenta e nove](#)
[Capítulo cinquenta](#)
[Capítulo cinquenta e um](#)
[Capítulo cinquenta e dois](#)
[Capítulo cinquenta e três](#)
[Capítulo cinquenta e quatro](#)
[Capítulo cinquenta e cinco](#)
[Capítulo cinquenta e seis](#)
[Agradecimentos](#)

Para John,
por me ajudar a entender Bean
e por amá-la

*A verdade pura e simples
raramente é pura
e nunca é simples*

Oscar Wilde

Capítulo um

Minha irmã salvou minha vida quando eu ainda era bebê. Eis o que aconteceu. Depois de uma briga de família, minha mãe resolveu sair de casa no meio da noite, levando-nos com ela. Eu só tinha alguns meses de idade, então mamãe me pôs na cadeirinha. Ela a colocou sobre o teto do carro enquanto entulhava o porta-malas e, depois, instalou Liz, que tinha três anos, no banco de trás. Mamãe passava por um período difícil naquela época e estava com a cabeça cheia – loucura, loucura, loucura, ela diria mais tarde. Esquecendo completamente que tinha me deixado em cima do teto, mamãe arrancou com o carro.

Liz começou a gritar meu nome e a apontar para cima. Primeiro mamãe não entendeu o que Liz estava dizendo, mas então ela se deu conta do que tinha feito e pisou fundo no freio. A cadeirinha deslizou para o capô, mas, como eu estava bem amarrada, não me machuquei. Na verdade, nem chorei. Nos anos seguintes, sempre que mamãe contava essa história, que ela achava engraçadíssima e encenava com detalhes teatrais, costumava dizer que, graças a Deus, Liz raciocinou rápido, senão eu já teria partido dessa para melhor.

Liz lembrava de tudo com detalhes, mas nunca achou que fosse engraçado. Ela tinha me salvado. Liz era esse tipo de irmã. E foi por isso que na noite em que a confusão começou, não me preocupei com o fato de que mamãe estivesse fora havia quatro dias. Fiquei mais preocupada com as tortas de frango.

Eu ficava furiosa quando a crosta das nossas tortas de frango queimava, mas o *timer* do forno estava quebrado, por isso naquela noite eu olhei fixamente para dentro do forno, pela portinhola de

vidro, porque quando aquelas tortas começavam a dourar era preciso vigiá-las o tempo todo.

Liz estava colocando a mesa. Mamãe tinha ido a Los Angeles, a um estúdio de gravação, para fazer um teste para uma vaga de cantora de apoio num conjunto.

– Você acha que ela vai conseguir a vaga? – perguntei a Liz.

– Não tenho a menor ideia.

– Eu acho que vai. Estou botando fé dessa vez.

Mamãe ia muito à cidade desde que mudamos para Lost Lake, uma cidadezinha do deserto do Colorado, na Califórnia do Sul. Em geral, ela ficava fora apenas uma ou duas noites, nunca tanto tempo quanto agora. Não sabíamos exatamente quando ela voltaria, e, como o telefone tinha sido desligado – mamãe estava brigando com a companhia telefônica por conta de umas chamadas de longa distância que ela não fez –, ela não tinha como nos avisar.

Mas isso não parecia ser um problema. A carreira de mamãe sempre lhe tomara boa parte de seu tempo. Até quando éramos mais novas, ela pedia a uma babá ou a uma amiga que desse uma olhada em nós enquanto ela voava para algum lugar como Nashville – portanto, Liz e eu estávamos acostumadas a ficar sozinhas. Liz estava no comando, já que tinha quinze anos e eu tinha acabado de fazer doze, mas eu não era o tipo de menina que precisasse ser cuidada.

Quando mamãe estava fora, só o que comíamos era torta de frango. Eu adorava, e podia comer todas as noites. Liz dizia que se você tomasse um copo de leite junto com a torta de frango, estaria comendo um jantar com os quatro grupos de alimentos – carnes, legumes, grãos e laticínios – e, portanto, esse era o cardápio perfeito.

Além disso, era divertido de comer. Cada pessoa tinha a sua torta na forminha de alumínio individual, fofinha, e dava para fazer o

que se quisesse com ela. Eu gostava de quebrar a crosta e esmigalhá-la junto com os pedaços de cenoura, ervilha e a maçaroca amarela. Liz achava que misturar tudo era idiotice. E também deixava a crosta empapada, e o que ela achava tão gostoso nas tortinhas de frango era o contraste entre a crosta crocante e o recheio pastoso. Ela preferia deixar a crosta intacta e fazia marcas de dentada caprichadas a cada mordida.

Quando as crostas ficavam com aquele dourado maravilhoso e as bordas onduladas, quase – mas não exatamente – queimadas, eu dizia a Liz que estavam prontas. Ela as tirava do forno, e sentávamos à mesa de fórmica vermelha.

Na hora do jantar, quando mamãe estava fora, gostávamos de brincar de uns jogos que Liz tinha inventado. Um que ela chamava de Masca e Cospe, em que era para você esperar que a outra pessoa ficasse com a boca cheia de comida ou de leite e então você tentava fazer com que ela risse. Liz quase sempre ganhava, porque era meio fácil me fazer rir. Às vezes, eu ria tanto que o leite chegava a esguichar pelo nariz.

Outro jogo que ela inventou chamava-se Jogo da Mentira. Uma pessoa fazia duas afirmações, uma verdadeira, a segunda, falsa, e a outra tinha que fazer cinco perguntas sobre as afirmações, e então descobrir qual era a falsa. Liz também costumava ganhar o Jogo da Mentira, mas, como com o Masca e Cospe, não importava quem ganhava. O divertido era jogar. Naquela noite, eu estava animada porque tinha o que eu considerava um enigma incrível: os globos oculares do sapo entram em sua boca quando ele engole ou o sangue do sapo é verde.

- Essa é mole – disse Liz. – O sangue verde é a mentira.
- Eu não acredito que você tenha adivinhado tão rápido!
- A gente dissecou sapos na aula de biologia.

Eu ainda estava falando como era engraçado e esquisito que um sapo pudesse usar os globos oculares para engolir quando mamãe entrou porta adentro carregando uma caixa branca amarrada com um barbante vermelho.

– Torta de limão para as minhas meninas – ela anunciou, levantando a caixa.

Seu rosto estava reluzente e tinha um sorriso maroto.

– É uma ocasião especial, porque a nossa vida está prestes a dar uma guinada.

Enquanto cortava a torta e distribuía as fatias, mamãe contou que durante o período que passara no estúdio de gravação ela conhecera um homem. Era um produtor de discos chamado Mark Parker, que lhe disse que a razão pela qual ela não conseguia a vaga de vocalista de apoio era porque sua voz era muito especial e ela desbancava as cantoras solistas.

– Mark falou que não fui feita para ser apoio de ninguém – mamãe explicou.

Ele lhe disse que ela tinha qualidade de estrela, e naquela noite ele a levou para jantar, e eles conversaram sobre como fazer a carreira dela deslanchar.

– Ele é tão inteligente e engraçado! Vocês vão adorá-lo.

– Ele é sério ou só enrolador? – perguntei.

– Veja lá como fala, Bean! – mamãe respondeu.

Bean não é o meu nome de verdade, claro, mas é assim que todo mundo me chama: Bean.

Não foi ideia minha. Quando nasci, mamãe me registrou como Jean, mas a primeira vez que Liz me viu, ela me chamou de Bean, porque eu era pequenininha como um “feijão” (*bean* em inglês) e porque rimava – Liz estava sempre rimando –, e também, simplesmente, porque era curto.

Liz não conseguia deixar de brincar com as palavras. Era por isso que ela adorava o nome da nossa cidade, Lost Lake – “lago perdido”. “Vamos procurá-lo”, ela dizia, ou “quem será que o perdeu?”, ou “talvez ele devesse pedir orientações”.

Tínhamos mudado de Pasadena para Lost Lake quatro meses antes, no Ano-Novo de 1970, porque mamãe disse que uma mudança de cenário nos daria um novo começo para a nova década. Lost Lake, na minha opinião, era um lugar bem legal. A maioria dos moradores dali era de mexicanos que criavam galinhas e cabras no quintal, que era praticamente onde eles próprios viviam, cozinhando em grelhas e dançando ao ritmo de música mexicana ouvida no rádio em volume máximo. Cães e gatos andavam soltos pelas ruas, e os canais de irrigação nos limites da cidade levavam água para as plantações. Ninguém a olhava com o rabo do olho quando você usava as roupas herdadas da sua irmã mais velha ou quando sua mãe dirigia um velho Dart marrom. Nossos vizinhos moravam em pequenas casas de adobe, mas nós alugávamos um bangalô de blocos de concreto. Mamãe tinha a intenção de pintar os blocos de azul-turquesa, e as portas e janelas de laranja-claro.

– Não vamos fingir que queremos nos misturar – ela disse.

Mamãe era cantora, compositora e atriz. Ela nunca tinha estado, de fato, em um filme nem gravado um disco, mas detestava ser chamada de “aspirante” e, verdade seja dita, era um pouco mais velha do que as pessoas descritas como aspirantes nas revistas sobre cinema que ela vivia comprando. O aniversário de trinta e seis anos de mamãe estava chegando, e ela reclamava que as cantoras que recebiam todas as atenções, como Janis Joplin e Joni Mitchell, eram, pelo menos, dez anos mais novas que ela.

Ainda assim, mamãe sempre dizia que sua grande oportunidade estava logo ali, depois da próxima esquina. Às vezes, ela recebia um telefonema após um teste, mas costumava voltar balançando a

cabeça, dizendo que os caras do estúdio eram só uns enroladores que queriam dar outra olhada em seu decote. Então, mesmo que ela tivesse uma carreira, não era uma que produzisse muito em termos financeiros – ainda. Vivíamos, sobretudo, à custa da herança dela. Já não era um monte de dinheiro no início, e quando mudamos para Lost Lake estávamos vivendo com um orçamento bem magro.

Quando mamãe não estava viajando para Los Angeles – o que era cansativo, porque levava quase quatro horas de carro para ir e voltar –, ela costumava dormir até tarde e passar o dia compondo músicas, tocando um de seus quatro violões. Seu preferido, um Zemaitis de 1961, custou-lhe o equivalente a um ano de aluguel. Ela também tinha um Gibson Southern Jumbo, um Marin cor de mel e um violão espanhol feito de pau-rosa do Brasil. Quando não estava tocando, trabalhava numa peça musical baseada em sua vida, sobre sua ruptura com sua velha e rígida família sulista, o abandono do marido imprestável, a longa fila de namorados malandros – assim como dos enroladores que não chegavam ao estágio de namorado – e a descoberta de sua verdadeira voz na música. Ela intitulou a peça de *Encontrando a magia*.

Mamãe sempre falava que o segredo do processo criativo era encontrar a magia. Isso, ela dizia, era o que você tinha que fazer na vida. Encontrar a magia. Na harmonia musical, na chuva que cai em seu rosto e no sol sobre seus ombros nus, no orvalho matinal que encharcava seus tênis e nas flores silvestres que você colhia de graça nas valas ao lado da estrada, no amor à primeira vista e nas lembranças tristes de quem partiu.

– Encontre a magia – mamãe sempre dizia. – E se você não conseguir encontrar a magia – ela acrescentava –, então a crie.

Nós três éramos mágicas, mamãe gostava de dizer. Ela nos garantia que, por mais famosa que se tornasse, nada seria mais importante para ela do que suas duas meninas. Éramos uma Tribo

de Três, ela falava. Três era um número perfeito, ela afirmava. Pensem bem. A Santíssima Trindade, os três mosqueteiros, os três reis magos, os três porquinhos, os três patetas, os três desejos, os três *strikes* do beisebol, o três era mágico. Nós três éramos tudo de que precisávamos, mamãe dizia.

Mas isso não a impedia de sair para namorar com enroladores.

Capítulo dois

Nas semanas seguintes, mamãe continuou falando de como Mark Parker a tinha “descoberto”. Ela dizia isso brincando, mas dava para perceber que existia um ar de conto de fadas que a atraía. Foi um momento mágico.

Mamãe começou a fazer mais viagens a Los Angeles – às vezes de um dia; outras, de dois ou três – e, quando voltava, alardeava as histórias de Mark Parker. Era um sujeito extraordinário, ela dizia. Estava trabalhando com ela nas músicas de *Encontrando a magia*, acertando as letras, fazendo-a revisar o texto, polir os arranjos. Mark era o verdadeiro autor de muitas músicas assinadas por outros compositores, ela contou. Um dia, ela trouxe para casa um disco e tirou o livreto com as letras. Mark tinha sublinhado a letra de uma canção de amor e rabiscara, ao lado do texto: “Escrevi isso sobre você antes de lhe conhecer”.

Os arranjos eram a especialidade de Mark. Noutro dia, mamãe trouxe um segundo disco, dos Tokens, com o sucesso “The lion sleeps tonight”. Mark tinha feito o arranjo da música. Inicialmente, os Tokens não queriam fazer a versão de Mark, mas ele os convenceu e até cantou parte dos vocais de apoio. Se você prestasse atenção, dava para ouvir seu tom barítono nas harmonias.

Mamãe ainda era bonita para uma mãe. Tinha sido rainha dos representantes na escola de ensino médio que frequentara na Virgínia, onde ela crescera, e dava para ver por quê. Tinha grandes olhos cor de mel e cabelos alourados pelo sol, que ela prendia num rabo de cavalo quando estava em casa, mas que penteava e armava quando ia para Los Angeles. Tinha engordado um pouco desde o tempo de escola, ela reconhecia, mas dizia que os quilos a mais lhe

davam um decote mais profundo e que as cantoras nunca tinham esse departamento muito desenvolvido. Isso pelo menos rendia telefonemas depois dos testes.

Mark gostava de suas curvas, mamãe contou, e, depois que ela passou a sair com ele, começou a parecer e a agir de maneira mais jovial. Seus olhos cintilavam quando ela voltava para casa, e descrevia como Mark a levava para passear de barco ou preparado vieiras escaldadas, e como ela lhe ensinara a dançar um rock típico da Carolina. O nome de mamãe era Charlotte, e Mark tinha inventado um coquetel para ela com aguardente de pêssego, *bourbon*, xarope de romã e Tab, que ele chamou de Shakin' Charlotte – "Charlotte Sacolejante".

Mas nem tudo em Mark era perfeito. Mamãe explicou que ele tinha um lado sombrio. Era temperamental, como todo verdadeiro artista, porém ela também era, e o relacionamento dos dois tinha lá seus momentos tempestuosos. Às vezes, tarde da noite, mamãe ligava para Mark – ela pagou as contas atrasadas, então tínhamos telefone de novo –, e Liz e eu podíamos ouvir seus gritos ao telefone, dizendo coisas do tipo "Essa música precisa terminar num acorde, não num silêncio" ou "Mark, você espera demais de mim". Eram diferenças criativas, mamãe dizia. Mark estava pronto para gravar uma fita demo com as melhores músicas de mamãe, para mostrar às maiores gravadoras, e era natural que pessoas do meio artístico tivessem desentendimentos ardorosos quando os prazos estavam se esgotando.

Eu vivia perguntando a mamãe quando Liz e eu conheceríamos Mark Parker. Mamãe dizia que ele era muito ocupado, estava sempre pegando um avião para Nova York ou Londres e não tinha tempo para fazer aquela longa viagem até Lost Lake. Sugeri que fôssemos de carro até Los Angeles num fim de semana, para encontrar com ele, mas mamãe balançou a cabeça.

– Bean, a verdade é que ele tem ciúme de você e de Liz. Ele me disse que eu falo demais de vocês duas. Acho que Mark é um pouco possessivo.

Um dia, quando já fazia mais de dois meses que estava saindo com Mark, ela falou que, apesar da agenda lotadíssima e da possessividade, ele tinha concordado em vir até Lost Lake para encontrar comigo e com Liz na quarta-feira seguinte, depois da escola. Nós três passamos a noite de terça-feira fazendo uma faxina frenética no bangalô, enfurnando tudo o que era tralha dentro do armário, escovando as marcas de limo da pia da cozinha e do vaso sanitário, arrastando a cadeira borboleta roxa da mamãe até em cima do lugar onde ela tinha derramado chá no tapete, desencardindo ao redor das maçanetas e dos parapeitos das janelas, desembolando os móveis da mamãe e raspando o pedacinho esquisito de Masca e Cospe que tinha grudado no chão. Enquanto trabalhávamos, cantávamos “The lion sleeps tonight”. Cantávamos a letra em uníssono: “Na floresta, na temível floresta...”. Então, Liz fazia o “ouin-uê-ouim-uê-ouin-uê”, mamãe fazia o “uuuuu-u-u-u-u” nas notas agudas, e eu encadeava com as baixas, “iii-dam-dam-bauê”.

No dia seguinte, assim que acabou a aula, corri de volta para o bangalô. Eu estava na quarta série, e Liz estava começando o ensino médio, então eu sempre chegava em casa primeiro. Mamãe contara que Mark tinha um Triumph TR3 amarelo, com rodas raiadas, mas o único carro estacionado na frente do bangalô, naquela tarde, era o nosso velho Dart marrom, e, quando entrei, encontrei mamãe sentada no chão, no meio de uma barafunda de livros, discos e partituras, que tinham sido arrancados das prateleiras. Parecia que tinha chorado.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Ele foi embora.

– Mas o que foi que aconteceu?

– A gente teve uma briga. Eu disse que ele era temperamental.

Para convencer Mark a vir até Lost Lake, mamãe explicou, ela tinha lhe contado que Liz e eu passaríamos a noite na casa de amigos. Quando ele chegou, ela contou que tinha havido uma pequena mudança de planos e que Liz e eu voltaríamos para casa depois da escola. Mark explodiu. Ele falou que se sentia enganado e preso, e foi embora furioso.

– Que otário – falei.

– Ele não é otário. É passional. É byroniano. É obcecado por mim.

– Então ele vai voltar.

– Não sei, não. A coisa foi séria. Ele disse que estava indo para a mansão na Itália.

– Mark tem uma mansão na Itália?

– Não é exatamente dele. O dono é um amigo, produtor de cinema, mas deixa Mark usar.

– Uau!

Mamãe sempre quis passar uns tempos na Itália, e ali estava um cara que podia dar um pulo de avião até lá quando bem entendesse. A não ser pelo fato de que não queria encontrar com Liz e comigo, Mark Parker era tudo o que mamãe esperava de um homem.

– Eu queria que ele gostasse da gente – falei –, porque, fora isso, ele é bom demais pra ser verdade.

– E o que você quer dizer com isso? – Mamãe deu de ombros e me encarou. – Você está insinuando que inventei isso tudo?

– Não, mãe, nem pensar. Inventar um namorado seria muito esquisito.

No entanto, assim que as palavras saíram da minha boca, me ocorreu que mamãe estava, de fato, inventando aquilo tudo. De

repente, meu rosto ficou quente, como se eu a estivesse vendo nua. Mamãe e eu estávamos nos entreolhando, e percebi que ela compreendeu que eu sabia que ela tinha inventado a coisa toda.

– Vá à merda! – mamãe berrou.

Ficou de pé e começou a gritar sobre tudo o que tinha feito por mim e por Liz, como ela tinha se esfalfado, tudo o que tinha sacrificado, que ingrata dupla de parasitas nós éramos. Tentei acalmá-la, mas isso a irritou ainda mais. Nunca devia ter tido filhos, ela continuou, sobretudo eu. Fui um erro. Ela tinha jogado a vida fora, bem como a carreira, por nós duas, dilapidado a herança por nós, e nem reconhecíamos isso.

– Não aguento mais esse lugar! – ela gritou. – Tenho que sair daqui!

Eu estava tentando imaginar o que poderia dizer para suavizar as coisas quando mamãe pegou sua grande bolsa em cima do sofá e saiu em disparada, batendo a porta com força. Ouvi-a dar a partida no Dart, acelerar e arrancar. A não ser pelo delicado tilintar dos móveis, o bangalô ficou silencioso.

Alimentei Fido, a pequena tartaruga que mamãe tinha comprado na Woolworths quando ela não quis que eu tivesse um cachorro. Aí me aninhei na cadeira borboleta de mamãe – na qual ela gostava de se sentar quando estava compondo –, olhando para fora através da janela, com os joelhos dobrados para cima, pés enfiados sob a coxa, fazendo carinho na cabecinha de Fido com a ponta do indicador e esperando que Liz chegasse depois da aula.

Verdade seja dita: mamãe tinha um temperamento daqueles e era dada a ataques e achaques quando as coisas saíam de seu controle. As crises costumavam passar rapidamente, e então continuávamos nossa vida como se nada tivesse acontecido. Dessa vez tinha sido diferente. Mamãe disse coisas que nunca dissera, como que eu fui um erro. E aquela história toda sobre Mark Parker

foi epicamente bizarra. Eu precisava de Liz para entender aquilo tudo.

Liz conseguia entender tudo. Seu cérebro funcionava bem. Era talentosa, linda, engraçada e, acima de tudo, incrivelmente esperta. Não estou dizendo todas essas coisas só porque era minha irmã. Se você a conhecesse, concordaria. Ela era alta e esguia, de pele alva e cabelos longos, ondulados e avermelhados. Mamãe sempre dizia que era uma beleza pré-rafaelita, o que fazia Liz revirar os olhos e dizer que era uma pena que não tivesse nascido mais de cem anos atrás, nos tempos pré-rafaelitas.

Liz era uma daquelas pessoas que deixavam os adultos, sobretudo os professores, de queixo caído, e eles usavam palavras como “prodígio”, “preciosa” e “talentosa”. Liz sabia todas essas coisas que ninguém sabia – como quem eram os pré-rafaelitas – porque vivia lendo, geralmente mais de um livro de cada vez. Ela também descobria muita coisa sozinha. Fazia cálculos matemáticos complicados sem papel e lápis. Resolvia charadas bem instigantes e adorava dizer as palavras de trás para a frente – como chamar Mark Parker de “Kram Rekráp”. Era apaixonada por anagramas, quando se rearrumam as letras de uma palavra para formar outra, transformando “Roma” em “amor” e “Iracema” em “América”, e também adorava inverter palavras e letras dentro da frase, quando você quer dizer “bola de gude”, mas acaba dizendo “gula de bode”.

A aula de Liz só terminava uma hora depois da minha, mas, naquela tarde, pareceu que foi uma eternidade. Quando ela finalmente chegou ao bangalô, nem esperei que colocasse os livros em cima da mesa e comecei a despejar todos os detalhes da explosão de mamãe.

– Só não consigo entender por que ela inventaria toda essa história do Mark Parker – falei.

Liz suspirou.

– Mamãe sempre foi um pouco mentirosa – ela disse.

Mamãe vivia contando coisas para nós, e Liz achava que não eram verdade, como ela costumava caçar raposa com Jacqueline Kennedy, na Virgínia, quando elas eram meninas, ou como ela foi a banana dançante num comercial de cereal da televisão. Mamãe tinha uma jaqueta de veludo vermelho e gostava de contar que June Carter Cash a ouvira tocar num bar de Nashville e subira no palco com mamãe, e juntas elas cantaram um dueto que fizera a plateia ficar de pé. June Carter Cash estava usando a jaqueta vermelha e ali mesmo, no palco, deu a jaqueta a mamãe.

– Aquilo não aconteceu – Liz falou. – Eu vi mamãe comprar aquela jaqueta num bazar da igreja. Ela não sabia que eu estava olhando, e nunca falei nada – ela disse, olhando pela janela. Mark Parker é só mais uma banana dançante.

– Eu estraguei tudo, não foi?

– Não se culpe, Bean.

– Eu devia ter ficado de bico calado. Mas, na verdade, não cheguei a dizer nada.

– Ela viu que você entendeu. E não conseguiu suportar.

– Mamãe não estava só inventando uma historiazinha sobre um cara que ela conheceu. Houve os telefonemas. E as letras das músicas dos discos.

– Eu sei – Liz concordou. – É meio arrepiante. Acho que ela acabou com o dinheiro que tinha, e isso a fez perder as estribeiras.

Liz disse que arrumaria tudo para que quando mamãe voltasse, nós fingíssemos que aquela confusão toda do Mark Parker nunca havia acontecido. Recolocamos os livros nas prateleiras, empilhamos as partituras, enfiamos os discos nas capas. Encontrei, por acaso, a letra da música que Mark Parker tinha, supostamente, escrito para a mamãe: “Escrevi isso sobre você antes de te conhecer”. Totalmente assustador.

Capítulo três

Esperávamos que mamãe voltasse naquela noite, ou no dia seguinte, mas, no fim de semana, ainda não tínhamos tido notícias dela. Quando eu começava a ficar com medo, Liz dizia para eu não me preocupar, mamãe sempre voltava. Aí recebemos a carta.

Liz leu primeiro e, então, entregou-a para mim, e foi se sentar na cadeira borboleta, diante da janela.

Querida Liz e doce Bean,

São três da manhã, e estou escrevendo de um hotel em San Diego. Sei que não tenho estado muito em forma ultimamente e, para terminar as minhas músicas – e ser a mãe que eu quero ser – preciso de um tempo para mim e de um lugar só meu. Tenho que reencontrar a magia. E também rezo por equilíbrio.

Vocês devem saber que nada nesse mundo é mais importante para mim do que as minhas meninas, que logo vamos estar juntas novamente e que a vida vai ser melhor do que antes!

Os duzentos dólares que estou mandando vão bancar as tortas de frango até eu voltar. Queixo para cima, e não se esqueçam de passar o fio dental!

Amo vocês,

Mamãe

Fui até a janela, ao lado de Liz, e ela apertou a minha mão.

– Ela vai voltar? – perguntei.

– Claro.

- Mas quando? Ela não disse quando.
- Acho que ela não sabe.

Com duzentos dólares dá para comprar um monte de tortas de frango. Nós as compramos na mercearia do Spinelli, na rua Balsam, uma loja com ar-condicionado e chão de madeira e um grande congelador nos fundos, onde as tortas ficavam estocadas. Seu Spinelli, homem de olhos escuros e braços peludos que estava sempre paquerando a mãe, às vezes fazia promoções. Quando isso acontecia dava para comprar oito por um dólar, e aí fazíamos um verdadeiro depósito em casa.

Comíamos nossas tortas à noite, à mesa de fórmica vermelha, mas não tínhamos vontade de brincar de Masca e Cospe – nem do Jogo da Mentira –, por isso, depois de jantar, arrumávamos tudo, fazíamos o dever de casa e íamos dormir. Cuidamos de nós mesmas antes, quando mãe passava uns dias fora, mas pensar que ela poderia se ausentar durante muitos dias, por alguma razão, nos fez assumir nossas responsabilidades de maneira mais séria. Quando mãe estava em casa, às vezes ela nos deixava ficar acordadas até tarde, porém sem ela por perto sempre íamos para a cama na hora certa. Como ela não estava lá para escrever bilhetes de desculpa, nunca chegávamos atrasadas na escola e nunca faltávamos – o que ela, de vez em quando, nos permitia fazer. Nunca deixávamos pratos sujos na pia e passávamos fio dental.

Liz havia trabalhado um pouco como babá, mas, depois que mãe já tinha passado uma semana fora, ela resolveu fazer bicos extras, e eu arranjei um trabalho entregando *Grit* – um jornal com explicações úteis sobre, por exemplo, como evitar que os esquilos comam a fiação do motor de seu carro, colocando bolas de naftalina em um par de meias-calças velhas, penduradas sob o capô. Até aquele momento, dinheiro não era problema, e, se as contas se acumulavam, de qualquer forma mãe sempre atrasava o

pagamento. Mas sabíamos que não poderíamos viver daquele jeito para sempre, e todos os dias, virando a esquina do quarteirão a caminho de casa ao voltar da escola, eu olhava rua acima, na esperança de ver o velho Dart marrom estacionado do lado de fora do bangalô.

Um dia, quando já fazia quase duas semanas que mamãe tinha ido embora, fui até a mercearia de seu Spinelli depois da escola para comprar mais um lote de tortas de frango. Achei que nunca me cansaria de torta de frango, porém tinha que admitir que ela já estava começando a me dar nos nervos, sobretudo porque vínhamos comendo isso até no café da manhã. Duas ou três vezes compramos torta de carne, mas quase nunca estavam em promoção, e Liz disse que era preciso usar uma lupa para enxergar a carne.

Seu Spinelli tinha uma grelha atrás do balcão, na qual ele fazia hambúrgueres e cachorros-quentes, que enrolava em papel-alumínio e mantinha sob uma luz quente e vermelha, que aquecia o pão até ficar macio e úmido. Eles cheiravam superbem, mas estavam acima do nosso orçamento. Comprei mais um monte de tortas de frango.

– Faz tempo que não vejo a sua mãe, Bean. O que ela anda fazendo?

Gelei e respondi:

– Quebrou a perna.

– Que pena. Quer saber? Pega um sorvete. Por minha conta.

Naquela noite, Liz e eu estávamos fazendo o nosso dever de casa à mesa de fórmica vermelha quando alguém bateu à porta. Liz abriu, e lá estava seu Spinelli, abraçado a um saco de papel marrom com uma bisnaga despontando para fora.

– É para sua mãe. Vim ver como ela está passando.

– Ela não está em casa. Está em Los Angeles.

– Bean disse que ela quebrou a perna.

Liz e seu Spinelli olharam para mim, e comecei a olhar em volta, evitando os olhos deles, agindo, e eu sabia muito bem, como se fosse tão culpada quanto um cão que rouba um osso.

– Ela quebrou a perna em Los Angeles – Liz disse suavemente. Ela era sempre rápida no gatilho. – Mas não é nada sério. Um amigo vai trazê-la de volta daqui a alguns dias.

– Que bom. Então, outro dia eu volto para ver como ela está passando.

Ele entregou as compras a Liz.

– Pegue, isto é para vocês.

– O que é que a gente vai fazer agora? – perguntei a Liz depois que seu Spinelli foi embora.

– Estou pensando – ela respondeu.

– Será que o seu Spinelli vai mandar os capturandam pegar a gente?

– Talvez.

“Capturandam” era uma palavra que Liz tirou de *Alice através do espelho* – seu livro favorito – para os funcionários abelhudos do governo, metidos a bonzinhos, que bisbilhotavam por aí para fazer com que as crianças tivessem o tipo de família que eles considerassem adequado. No ano passado, em Pasadena, poucos meses antes de mudarmos para Lost Lake, um capturandam veio xeretar lá na escola, e o diretor cismou que mamãe estava sendo negligente em suas funções provedoras, depois que falei que a luz tinha sido cortada porque mamãe esquecera de pagar a conta. Mamãe ficou uma fera. Falou que o diretor era só mais um futriqueiro metido a bom samaritano e nos avisou para nunca mais comentarmos nossa vida doméstica na escola.

Se os capturandans viessem mesmo atrás de nós, eles poderiam nos colocar em lares adotivos ou em centros de reabilitação juvenil. Poderiam nos separar. Poderiam jogar mamãe na

cadeia por ter abandonado as filhas. Mamãe não nos tinha abandonado; ela só precisava de um descanso. Poderíamos cuidar de tudo sem o menor problema se os capturandans nos deixassem em paz. Era a intromissão deles que nos criaria dificuldades.

– Mas estive pensando – Liz falou. – Se tivermos que ir para algum lugar, vamos para Virgínia.

Mamãe era de uma cidadezinha na Virgínia chamada Byler, onde seu pai fora dono de uma fábrica de tecidos de algodão que fazia coisas como toalhas, meias e roupas íntimas. O irmão da mamãe, tio Tinsley, tinha vendido a fábrica fazia alguns anos, mas ainda vivia em Byler com a mulher, Martha, num velho casarão chamado Mayfield. Mamãe crescera naquela casa, porém fora embora doze anos atrás, aos vinte e três anos, quando arrancara com o carro naquela noite, comigo no teto. Ela não tivera muito contato com a família desde então; não voltou nem quando os pais dela morreram, mas sabíamos que tio Tinsley ainda vivia em Mayfield porque, de vez em quando, mamãe reclamava que era injusto que ele tivesse herdado aquele casarão só porque era mais velho e era homem. A propriedade seria dela se alguma coisa acontecesse com tio Tinsley, e ela a venderia num piscar de olhos, porque para ela aquela casa era apenas um monte de lembranças ruins.

Como eu só tinha poucos meses de idade quando fomos embora, não lembrava nem de Mayfield nem da família de mamãe. Liz tinha algumas lembranças, que não eram nem um pouco ruins. Na verdade, eram meio mágicas. Ela se lembrava de uma casa branca sobre uma colina, rodeada de árvores imensas e de flores coloridas. Lembrava-se da tia Martha e do tio Tinsley tocando duetos num piano de cauda numa sala com porta-balcão que abria para uma varanda ensolarada. Tio Tinsley era um homem alto, que ria muito, que a segurava pelas mãos e a girava, levantando-a bem alto para que ela pegasse pêssegos no pé.

– Como é que a gente vai chegar lá? – perguntei.

– Vamos de ônibus. – Liz ligou para a rodoviária para descobrir o preço das passagens para Virgínia. Não eram baratas, ela disse, mas tínhamos dinheiro suficiente para duas passagens de ida. – Se for necessário – ela acrescentou.

No dia seguinte, quando eu estava virando a esquina a caminho de casa depois da aula, vi uma viatura de polícia estacionada em frente ao bangalô. Um policial estava olhando para dentro da casa, com as mãos ao redor dos olhos, colado ao vidro da janela. Aquele seu Spinelli tinha mesmo delatado a gente. Tentando pensar no que Liz faria naquela situação, bati na testa, para dar a entender a quem estivesse olhando, que eu tinha esquecido algo.

– Ih, esqueci o dever de casa em cima da carteira! – gritei, por via das dúvidas. Virei e voltei pelo mesmo caminho.

Eu estava esperando do lado de fora da escola quando Liz desceu os degraus da escada.

– Por que é que você está com os olhos esbugalhados assim?

– Tiras – sussurrei.

Liz me puxou para longe dos outros alunos que passavam apressados, e eu lhe contei sobre o policial que estava olhando para dentro da casa.

– Já chega. Bean, nós vamos para Virgínia.

Liz sempre carregava o nosso dinheiro costurado dentro do forro do sapato, por isso fomos direto à rodoviária. Como as aulas tinham praticamente terminado, Liz disse que nenhum dos nossos professores sentiria nossa falta. Afinal, tínhamos aparecido no meio do ano letivo. Além do mais, era o apogeu da época de colheita de morangos, damascos e pêssegos, e os professores estavam acostumados à maneira como as famílias migrantes estavam sempre indo e vindo no período da colheita.

Fiquei do lado de fora da rodoviária observando o cartaz da empresa, em cima do telhado, com o cão galgo correndo, enquanto Liz comprava as passagens. Era início de junho; as ruas estavam paradas, e o céu estava num tom de puro azul-califórnia. Liz saiu depois de alguns minutos. Tivemos medo de que o vendedor desconfiasse de uma criança comprando passagens, mas Liz disse que a mulher entregou os bilhetes por cima do balcão sem pestanejar. Pelo menos alguns adultos não se metiam na vida dos outros.

O ônibus partia às seis e quarenta e cinco da manhã seguinte.

– Não seria melhor ligar para o tio Tinsley? – perguntei.

– Acho melhor a gente simplesmente aparecer. Assim, ele não pode dizer “não”.

Naquela noite, depois que terminamos de comer as tortas de frango, Liz e eu pegamos as malas que mamãe dizia terem restado de seus dias de menina rica. Era um conjunto feito de uma espécie de lona grossa quadriculada com detalhes em couro de crocodilo e dobradiças e fechos de latão. Tinham um monograma com as iniciais de mamãe: CAH, Charlotte Anne Holladay.

– O que devemos levar? – perguntei.

– Roupas, mas nenhuma tralha.

– E Fido?

– Deixe ele aqui com bastante comida e água. Ele vai ficar bem até mamãe voltar.

– E se mamãe não voltar?

– Ela vai voltar. Ela não está abandonando a gente.

– E eu não quero abandonar Fido.

O que Liz poderia responder a isso? Suspirou e abanou a cabeça. Fido estava indo para Virgínia.

Encher aquelas malas dos tempos de menina rica me fez pensar em todas as outras vezes em que tivemos que catar tudo e mudar às carreiras. Era isso que mamãe fazia, sempre que cansava do jeito como estava levando a vida. "Estamos num fim de mundo", ou "esse lugar está cheio de gente sem futuro", ou "o ar daqui está empestado", ou "isso aqui é um beco sem saída". Às vezes, eram brigas com os vizinhos; outras vezes, eram os namorados que davam no pé. Outras, o lugar não correspondia às suas expectativas, e outras ainda, parecia que ela ficava, simplesmente, entediada com tudo. Em qualquer caso, mamãe anunciava que estava na hora de um novo recomeço.

Ao longo dos anos tínhamos mudado para Venice Beach, Taos, San Jose, Tucson, além dos lugarejos que a maioria das pessoas nem conhecia, como Bisbee e Lost Lake. Antes de mudarmos para Pasadena, tínhamos morado em Seattle, porque mamãe achou que morar num barco no rio Sound colocaria seus fluidos criativos em movimento. Quando chegamos lá, descobrimos que os barcos eram mais caros do que se poderia imaginar, e acabamos num apartamento cheio de mofo, com mamãe reclamando da chuva sem parar. Três meses depois, fomos embora.

Apesar de Liz e eu termos ficado sozinhas várias vezes, nunca tínhamos feito uma viagem sem mamãe. Não parecia complicado, porém fiquei me perguntando como seria quando chegássemos à Virgínia. Mamãe nunca disse nada de bom sobre Byler. Ela sempre reclamava dos operários pobres e retrógrados, que dirigiam carros com para-choques amarrados com fita de vedação, e dos donos de casarões, que enchiam a cara de Mint Julep – a bebida local, feita de uísque, açúcar e hortelã –, que vendiam os quadros dos antepassados para pagar os impostos e alimentar os cães de caça e viviam relembrando os bons velhos tempos em que as pessoas de cor sabiam qual era o seu lugar. Isso fazia muito tempo, quando

mamãe era garota. As coisas tinham mudado bastante desde aquela época, e eu imaginava que Byler também tivesse mudado.

Depois de desligarmos as luzes, Liz e eu ficamos deitadas, uma ao lado da outra. Eu dividia a cama com ela desde sempre. Desde que deixamos a Virgínia, quando eu era bebê, e mamãe achou que me colocar na cama junto com Liz me faria parar de chorar. Mais tarde, moramos por longos períodos em motéis com apenas duas camas, ou em apartamentos mobiliados com camas retráteis. Em Lost Lake, dividíamos uma cama tão estreita que tínhamos que ficar deitadas para o mesmo lado, a pessoa de trás abraçando a da frente, senão uma acabava tirando a coberta de cima da outra. Se o meu braço ficasse dormente, eu cutucava Liz com delicadeza, sem acordá-la, e virávamos para o outro lado, ao mesmo tempo. A maioria das crianças tinha a própria cama, e algumas pessoas poderiam achar que dormir com a irmã é esquisito – para não dizer apertado –, mas eu adorava. Você nunca se sentia sozinha à noite e sempre tinha com quem conversar. Na verdade, era quando a gente tinha as melhores conversas, deitada em posição de concha, no escuro, em tom baixinho, quase sussurrando.

- Você acha que a gente vai gostar da Virgínia? – perguntei.
- Você vai gostar, Bean.
- Mamãe odiava.
- Mamãe viu defeito em todo lugar onde a gente morou.

Adormeci rapidamente, como sempre, mas mesmo assim ainda estava escuro quando meus olhos se abriram, arregalados. Eu me senti totalmente desperta e cheia de energia, como quando se tem que pular para fora da cama e começar a fazer coisas porque você tem um dia cheio à sua frente e não pode perder tempo.

Liz também estava acordada. Ela acendeu a luz e sentou à mesa da cozinha.

- Temos que escrever uma carta para mamãe – ela falou.

Enquanto eu esquentava as tortas de frango e servia o resto do suco de laranja, Liz escreveu a carta. Ela falou que tinha que escrever de um jeito que mamãe, e só ela, entendesse.

A carta era a cara da Liz.

Querida Rainha de Copas,

Devido à súbita presença de capturandans nos arredores, decidimos que seria prudente evacuar o local e fazer uma visita ao Chapeleiro Louco Tinsley e à Arganaz Martha. Vamos esperar você do outro lado do Espelho, na sua velha mansão mal-assombrada, na Terra dos Cabeças de Mint Julep, onde Bean nasceu e os papagaios Borogoves são sorumbáticos.

Beijos,

Tweedledee e Tweedledum

Deixamos a carta sobre a mesa da cozinha, debaixo da caneca azul-celeste vitrificada que mamãe fizera em sua fase de ceramista.

Capítulo quatro

Duas pessoas saltaram do ônibus quando ele parou na rodoviária, então pudemos ocupar os seus lugares VIP na primeira fileira, do lado direito, que tinha uma vista melhor do que do lado esquerdo, atrás do motorista. Liz deixou que eu ficasse na janela, e eu segurei Fido, dentro de seu potinho de plástico, com um pouco de água no fundo, um pires virado de cabeça para baixo para que ele pudesse ficar em cima e buracos perfurados na tampa para que respirasse.

Quando demos a partida, olhei pela janela, na esperança de que mamãe tivesse voltado e viesse correndo rua acima, antes de partirmos para terras desconhecidas. Mas a rua estava vazia.

O ônibus estava cheio, e como todo mundo a bordo estava viajando com um propósito, brincamos de Qual é a Sua História? – outro jogo inventado por Liz –, tentando adivinhar aonde os passageiros estavam indo e por quê, se estavam felizes ou assustados, se estavam rumando para algo formidável e interessante ou se fugiam de algum perigo ou fracasso, se estavam indo fazer uma visita ou deixando sua casa para sempre. Alguns eram fáceis. O jovem militar com a cabeça apoiada em sua mochila de lona do exército estava de licença para visitar a família e a namorada em algum fim de mundo. Uma mulher esquelética com a filhinha tinha uma expressão tensa nos olhos e uma das mãos enfaixada numa tala. Liz imaginou que estivesse fugindo de um homem que batia nela. Um sujeito magrinho com uma jaqueta xadrez e cabelos lisos puxados para trás das orelhas de abano estava sentado à nossa frente. Eu olhava para ele, tentando descobrir se era um gênio da matemática muito distraído ou só um bobalhão, quando ele me surpreendeu observando-o e piscou para mim.

Rapidamente desviei o olhar – era sempre tão constrangedor ser pega olhando para os outros! –, mas quando olhei de novo, um pouco depois, ele ainda estava me encarando. Ele piscou mais uma vez, e tive aquela sensação de “essa não”, e, claro, quando Liz levantou para ir ao banheiro, o bobalhão veio e sentou-se ao meu lado, colocando o braço por cima do encosto do assento. Ele apertou o dedo sobre o pote de plástico de Fido.

– O que é que tem aqui dentro?

– A minha tartaruga de estimação.

– Você comprou uma passagem para ela? – ele perguntou, olhando para mim fixamente. – Só estou de gozação. Vocês estão indo para longe?

– Virgínia.

– Sozinhas?

– Temos a permissão de mamãe – respondi, acrescentando: – E do papai.

– Entendi. Vocês são irmãs – ele falou, inclinando-se sobre mim.

– Você tem olhos incrivelmente bonitos, sabia?

– Obrigada – respondi, olhando para baixo.

De repente, me senti muito incomodada. Foi quando Liz voltou do banheiro.

– O senhor está no meu lugar.

– Só estou levando um papo com a sua irmã, moça.

Ele se levantou.

– Ela disse que vocês vão até a Virgínia. Uma viagem e tanto para duas meninas bonitas como vocês estarem fazendo sozinhas.

– Não é da sua conta! – Liz falou, sentando. – Tarado – ela cochichou. – Não acredito que você tenha falado para ele, com a maior sem-cerimônia, para onde a gente está indo. Que desmiolada!

O tarado voltou para o lugar, mas ficou olhando para nós; então Liz resolveu que precisávamos mudar de assento. Os únicos dois

lugares disponíveis ficavam bem lá no fundo, do lado do banheiro. Dava para sentir o cheiro dos produtos químicos e das outras coisas pesadas que saíam do vaso e, todas as vezes que as pessoas se espremiavam por nós para usar o banheiro, dava para ouvir quando abriam a água da torneira, assoavam o nariz, pigarreavam, para não mencionar quando faziam o número um ou o número dois.

O tarado veio até os fundos para usar o banheiro duas ou três vezes, mas nós olhamos direto para a frente, fingindo não ver.

No entanto, o ônibus só ia até Nova Orleans. Como estávamos sentadas no fundo, fomos as últimas a sair. Quando fomos pegar nossa bagagem, o tarado já tinha ido embora. Nosso próximo ônibus só saía dali a duas horas; então, deixamos as malas em um armário, junto com Fido, e saímos para dar uma volta.

Era um dia quente, nublado, e o ar estava tão denso e úmido que mal dava para respirar. Do lado de fora da rodoviária, um sujeito de cabelo comprido usando uma jaqueta estampada com a bandeira dos Estados Unidos estava tocando "House of the rising sun" no saxofone. Tinha gente por toda parte, ou usando roupas malucas – smoking sem camisa, cartola com plumas –, ou quase nada, e estavam todos comendo, bebendo, rindo e dançando ao som da música que artistas de rua tocavam em praticamente todas as esquinas.

– Dá para sentir, mesmo, o vodu – Liz falou.

Um bonde passou descendo a rua, e entramos para dar uma volta rápida pela cidade. Tinha pouca gente, e nos sentamos bem no meio. Justo antes de as portas se fecharem, um homem enfiou as mãos e as abriu novamente. Era o tarado. Ele se sentou logo atrás de nós.

Liz agarrou minha mão, e fomos nos sentar bem na frente. O tarado veio atrás. Voltamos para os fundos do bonde. Ele nos seguiu. Os outros passageiros estavam nos olhando, porém ninguém

disse nada. Era uma daquelas situações em que as pessoas sabiam que tinha algo errado, mas, ao mesmo tempo, não havia lei contra um homem mudar de assento.

Na parada seguinte, Liz e eu saltamos, ainda de mãos dadas. O tarado, também. Liz me puxou para dentro da multidão na calçada, e o tarado veio seguindo. Então Liz me puxou no sentido contrário, e pulamos para dentro do bonde novamente. Dessa vez, as portas se fecharam antes que ele pudesse enfiar as mãos entre elas. Os outros passageiros começaram a bater palmas e a gritar de satisfação, coisas do tipo "Deram um olé nele!" e "Passaram a perna nele!". Ao avançarmos, pudemos ver o tarado pela janela. Ele chegou a bater o pé no chão de raiva.

Quando estávamos em segurança, no ônibus rumando para o Leste – o tarado não pegou o ônibus –, nos divertimos bastante relembrando aquela história toda, a maneira como tínhamos não só enganado, como também humilhado o tarado na frente de um bonde cheio de gente. Aquilo me fez sentir que poderia lidar com mais ou menos qualquer tipo de situação que o mundo colocasse em nosso caminho. Quando escureceu, adormeci com a cabeça apoiada no ombro da Liz, porém acordei pouco depois e pude ouvir que ela chorava baixinho.

Em Atlanta, fizemos uma baldeação e pegamos o ônibus de Richmond e, em Richmond, nova baldeação para chegarmos a Byler. Pela primeira vez desde que rumamos para o Leste, saímos da estrada principal e entramos por estradas secundárias. O campo da Virgínia era ondulado, cheio de altos e declives, então ou estávamos fazendo uma curva ou subindo ou descendo uma colina. Era tudo muito verde. Havia plantações verdes de milho, montanhas verde-escuras e plantações de forragem verde-douradas, orladas de cercas em tom verde-escuro e árvores de um verde mais claro.

Depois de rumarmos para o Leste por três horas, chegamos a Byler no final da tarde. Era uma cidadezinha aninhada na curva de um rio, com camadas de montanhas azuis logo atrás. A ponte que atravessava o rio estalou sob as rodas do ônibus. As ruas da cidade, ladeadas de sobrados de tijolo, pintados em cores desbotadas, estavam quietas e cheias de espaço para estacionar. O ônibus parou diante de uma rodoviária de tijolo e telhado de metal preto. Eu nunca tinha visto um telhado de metal em cima de nada, a não ser de casebres.

Fomos os únicos passageiros a saltar. O ônibus partiu, e uma mulher de meia-idade saiu pela porta da rodoviária. Estava usando uma blusa de moletom com o desenho de um buldogue e carregando um molho de chaves.

– Vocês estão esperando por alguém? – ela perguntou.

– Na verdade, não – respondeu Liz. A senhora, por acaso, sabe como chegar na casa de Tinsley Holladay?

A mulher olhou para Liz com ar de interesse.

– Mayfield? A casa dos Holladay? Vocês conhecem Tinsley Holladay?

– Ele é nosso tio – falei.

Liz me lançou um olhar rápido, indicando que ela deveria ser a única a falar.

– Ah, vocês estão de brincadeira. Vocês são as filhas da Charlotte?

– Sim, senhora – Liz disse.

– Cadê a sua mãe?

– Viemos sozinhas fazer uma visita – Liz respondeu.

A mulher trancou a porta da rodoviária.

– É uma caminhada e tanto até Mayfield. Vou dar uma carona a vocês.

Era evidente que a mulher não era tarada, então colocamos as malas na traseira da picape toda amassada e sentamos no banco da frente.

– Charlotte Holladay? Ela era um ano mais adiantada que eu na escola, aqui em Byler.

Seguimos de carro para fora da cidade, para o campo. A mulher continuou tentando arrancar detalhes sobre mamãe, mas Liz foi evasiva, então a mulher começou a falar de Mayfield, como, vinte anos atrás, tinha sempre algo acontecendo por lá – churrascos de ostras, festas de Natal, bailes dançantes, cavalgadas ao luar, festas à fantasia com tema da Guerra Civil.

– Naquela época, todo mundo ficava ansioso para receber um convite. Todas nós, as garotas da cidade, teríamos dado o braço esquerdo para ser Charlotte Holladay. Ela tinha tudo. – A mulher balançou a cabeça ligeiramente.

A dois quilômetros da cidade, chegamos à altura de uma igreja branca rodeada de árvores altas e de um grupo de casas velhas – algumas grandes e elegantes, outras bem castigadas. Continuamos em frente, passamos pela igreja e por um muro de pedra baixo, com um portão de ferro batido, preso a pilares de pedras espessas. Esculpido em um dos pilares estava escrito MAYFIELD.

A mulher parou o carro.

– Charlotte Holladay? – ela perguntou mais uma vez. – Quando vocês virem a sua mãe, digam a ela que Tammy Elbert mandou lembranças.

O portão estava trancado, então pulamos o muro de pedra baixo e seguimos pela passarela de cascalho, subindo por uma colina, circundando um pequeno arvoredo. Ali, no topo da colina, estava a casa de três andares, pintada de branco, com um enorme telhado de metal verde-escuro e o que pareciam ser vinte chaminés

de tijolo despontando por todo o telhado. Havia seis grossas colunas brancas sustentando o telhado da longa varanda e, na lateral, uma ala com uma série de portas envidraçadas.

– Minha nossa! – falei a Liz. – É a casa com que eu sempre sonhei a vida toda.

Desde que eu era bem pequenininha tinha um sonho, pelo menos uma vez por mês, com um casarão branco no topo de um morrinho. No sonho, Liz e eu abríamos a porta da frente e corríamos pelos saguões, explorando cada cômodo, todos cheios de lindos quadros e boa mobília, bem como cortinas esvoaçantes. Havia lareiras e janelas compridas. Portas-balcão com muitas vidraças, que deixavam entrar longos feixes de luz solar, e lindas vistas do jardim, árvores e colinas. Sempre pensei que fosse só um sonho, mas era exatamente aquela casa.

Ao chegarmos mais perto, percebemos que a casa estava num estado bem lamentável. A pintura estava descascando, o telhado de metal verde-escuro tinha manchas de ferrugem amarronzadas, e trepadeiras espinhentas subiam pelas paredes. Num dos cantos da casa, onde um pedaço da calha tinha arreventado, a lateral da parede estava escura e estragando de umidade. Subimos os amplos degraus da escada até a varanda, e um melro saiu voando por uma janela quebrada.

Liz bateu na porta com a alça de latão e, depois de vários segundos, bateu novamente. Primeiro pensei que não tivesse ninguém em casa, mas, pelas pequenas vidraças nas laterais da porta, vi um movimento sombrio. Ouvimos os estalos e rangidos de ferrolhos, e a porta se abriu. Apareceu um homem segurando uma espingarda diante do peito. Ele tinha cabelos grisalhos desgrenhados, seus olhos cor de mel estavam vermelhos e vestia apenas um roupão e um par de meias quadriculadas.

– Saíam da minha propriedade! – ele vociferou.

– Tio Tinsley? – Liz perguntou.

– Quem é você?

– Sou eu. Liz.

Ele olhou para ela.

– A sua sobrinha.

– E eu sou Bean. Ou Jean.

– Somos as filhas da Charlotte – Liz continuou.

– As filhas da Charlotte? – Ele ficou nos encarando. – Meu Deus! O que é que vocês estão fazendo aqui?

– Viemos fazer uma visita – falei.

– Cadê a Charlotte?

– Não sabemos exatamente – Liz respondeu.

Ela respirou fundo e começou a explicar como mamãe tinha precisado de algum tempo para si mesma e que estávamos nos virando muito bem sozinhas, até que a polícia começou a xeretar.

– Então, decidimos fazer uma visita.

– Vocês decidiram vir lá da Califórnia para me fazer uma visita?

– Isso mesmo – Liz respondeu.

– E eu tenho que deixar vocês entrarem?

– É uma visita – falei.

– Vocês não podem simplesmente aparecer assim, sem avisar.

Ele não estava esperando visitas, continuou. O caseiro não dava as caras fazia muito tempo. Ele estava no meio de uma série de projetos importantes e tinha documentos e material de pesquisa espalhados por toda a casa, que não podiam ser mexidos.

– Não posso deixar vocês irem entrando assim.

– A gente não liga para bagunça – falei. – Estamos acostumadas.

Tentei espiar para dentro da casa, atrás de tio Tinsley, mas ele estava bloqueando a entrada da porta.

– Onde está tia Martha? – Liz perguntou.

Tio Tinsley ignorou a pergunta.

– Não é que esteja bagunçado – ele disse, olhando para mim. – Está tudo muito bem organizado e não pode ser tocado.

– Bom, e o que é que a gente faz agora? – Liz perguntou.

Tio Tinsley olhou para nós por alguns longos instantes e, então, encostou a espingarda contra a parede.

– Vocês podem dormir no celeiro.

Tio Tinsley nos levou por um caminho de tijolo que percorria as bases de árvores altíssimas, com troncos descascando em nacos brancos. Àquela altura, estava escurecendo. Vaga-lumes flutuavam para cima, como pontos de luz no capim alto.

– Charlotte precisava de um tempo para si mesma, então ela simplesmente se mandou? – tio Tinsley perguntou.

– Mais ou menos – Liz respondeu.

– Ela vai voltar – falei. – Ela escreveu uma carta para nós.

– Então, esse é mais um dos fiascos da Charlotte – ele disse, balançando a cabeça de desgosto. – Charlotte – murmurou.

A irmã dele era uma encenqueira, ele continuou. Foi mimada quando menina, uma princesinha cheia de caprichos, e quando cresceu, achava que ia conseguir tudo o que queria. Não era só isso; o que quer que se fizesse por ela, não era suficiente. Dê dinheiro a ela, e ela acha que merece mais. Tente lhe arrumar um emprego, e o trabalho é indigno dela. A vida foi ficando difícil, ela culpava a mãe e o pai por tudo o que dava errado.

Tio Tinsley estava sendo muito duro com mamãe, e eu senti uma enorme vontade de dizer algo em sua defesa, mas aquela não parecia ser uma boa hora para começar a discutir com ele. Liz talvez se sentisse da mesma maneira, porque também não falou nada.

O celeiro, que ficava na outra extremidade da fileira de árvores, era imenso, com tinta branca descascando das paredes e um telhado de metal verde, como a casa. Do lado de dentro, sobre um

piso de tijolos formando um desenho em zigue-zague, uma charrete preta com detalhes dourados. Ao lado da charrete, um imenso carro de passeio com laterais de madeira.

Tio Tinsley nos levou por um cômodo com selas e arreios empoeirados e um monte de fitas de prêmios de competições equestres sobre as paredes, e, depois, subimos a escada. Lá em cima, havia um quarto supersimpático, que eu de fato não esperava, com cama, mesa, uma pequena cozinha e um fogão a lenha.

– Este costumava ser o quarto do cavaliário nos velhos tempos – disse tio Tinsley.

– Onde está tia Martha? – Liz perguntou novamente.

– Charlotte não contou para vocês? – Tio Tinsley foi até a janela e ficou olhando para a luz minguante. – Martha morreu. Vai fazer seis anos em setembro. Um caminhão passou o sinal vermelho.

– Tia Martha? – Liz perguntou, pasma. – Não dá para acreditar que ela se foi.

Tio Tinsley virou e nos encarou.

– Vocês não se lembram dela. Eram muito pequenas.

– Lembro bem dela, sim – Liz respondeu.

Liz disse ao tio Tinsley que se lembrava de assar pão com ela. Tia Martha costumava usar um avental vermelho, e Liz ainda podia sentir o cheiro do pão. Ela também se lembrava da tia Martha cantarolando enquanto podava as roseiras usando luvas de couro branco. E ainda se recordava da tia Martha e do tio Tinsley tocando juntos o piano de cauda, com as portas envidraçadas abertas para a luz do sol.

– Penso muito nela – Liz falou.

Tio Tinsley acenou com a cabeça.

– Eu também. – Ele parou, como se fosse dizer mais alguma coisa, porém apenas balançou a cabeça e saiu porta afora, dizendo, antes de fechar: – Vocês vão ficar bem instaladas aqui.

Ouvimos tio Tinsley descendo ruidosamente os degraus. Percebi uma pequena geladeira ao lado da pia, e foi quando me dei conta de que estava faminta. Abri a geladeira, mas estava vazia e desligada. Concordamos que, muito provavelmente, não seria uma boa ideia amolar tio Tinsley pedindo comida. Fiquei conformada em ir para a cama com a barriga vazia, porém alguns minutos mais tarde ouvimos passos na escada. Tio Tinsley apareceu diante da porta trazendo uma bandeja de prata com uma caçarola, duas cumbucas, um jarro d'água e dois copos de servir vinho.

– Guisado de cervo – ele disse. Colocou a bandeja sobre a mesa. – Está escuro aqui. Vocês precisam de um pouco de luz. Ele ligou o interruptor na parede, e uma lâmpada acima se acendeu. – Durmam bem – ele falou, e mais uma vez fechou a porta.

Liz encheu as cumbucas, e nos sentamos à mesa. Dei uma mordida.

– O que é guisado de cervo? – perguntei.

– Ensopado de veado.

– Ah. – Dei outra mordida. – É muito bom – falei.

Capítulo cinco

Os passarinhos me acordaram cedo na manhã seguinte. Eu nunca tinha ouvido passarinhos tão barulhentos. Fui até a janela, e eles estavam por toda parte: nas árvores logo ao lado, no chão, entrando e saindo do celeiro, feito um vendaval, como se fossem os donos do pedaço; todos os diferentes pios e gorjeios e chilros fazendo uma algazarra e tanto.

Liz e eu nos vestimos e andamos até a casa. Quando batemos à porta principal, não houve resposta, então demos a volta pelos fundos. Por uma janela, pudemos ver tio Tinsley andando pela cozinha. Liz bateu no vidro da janela, e tio Tinsley abriu a porta, mas bloqueou a entrada, como na noite anterior. Ele tinha feito a barba, seus cabelos molhados estavam penteados, repartidos numa linha reta, e, em vez do roupão, usava calça cinza e camisa azul-clara, com o monograma TMH no bolso.

- Dormiram bem, meninas? – ele perguntou.
- Muito bem – Liz respondeu.
- Os passarinhos são bem barulhentos – falei.
- Não uso pesticida, então os passarinhos adoram isso aqui.
- Por acaso mamãe ligou? – Liz perguntou.
- Lamento dizer que não.
- Ela tem o número daqui, não tem? – perguntei.
- O número daqui não muda desde que foi instalado: dois-quatro-meia-oito. Primeiro telefone instalado em Byler, por isso pudemos escolher o número. Por falar em escolher, como vocês gostam de ovo poché?
 - Duro – falei.
 - Mole – Liz respondeu.

– Vão sentar lá fora. – Ele apontou para uma mobília de jardim de ferro batido enferrujada.

Poucos minutos mais tarde, saiu carregando aquela mesma bandeja de prata, cheia, com uma pilha de torradas e três pratos, cada qual com um ovo poché no meio. Os pratos tinham arabescos desenhados no friso, mas as beiras estavam lascadas. Peguei meu ovo pela ponta da clara, enfiei uma torrada por baixo, finquei um garfo na gema, cortei a clara em pedacinhos e misturei tudo.

– Bean sempre mutila a comida – Liz contou ao tio Tinsley. – É nojento.

– Fica mais gostoso misturado – falei. – Mas essa não é a única razão. Primeiro, a gente não tem que dar muitas mordidas, então economiza tempo. Segundo, não dá tanto trabalho para mastigar, porque, se estiver tudo misturado, já está meio pré-mastigado. Finalmente, a comida fica toda misturada mesmo dentro da barriga; portanto, é óbvio que é assim que se deve comer.

Tio Tinsley deu uma risadinha e virou-se para Liz.

– Ela é sempre assim?

– É. Incrível, né?

Nos oferecemos para lavar a louça, mas tio Tinsley insistiu que seria mais fácil se ele próprio lavasse, sem duas crianças em seus calcanhares. Mandou-nos ir e fazer o que quer que meninas da nossa idade fizessem.

Liz e eu fomos até a frente da casa, onde havia duas árvores frondosas com folhas escuras brilhosas e grandes flores brancas. Mais para além das árvores, do outro lado do gramado, havia uma fileira de imensos arbustos verdes, com uma brecha no meio. Andamos pela abertura e nos encontramos numa área rodeada de arbustos verde-escuros. Algumas íris bem tinhosas despontavam no meio do mato, em canteiros velhos e abandonados. No centro havia um lagunho redondo, com bordas feitas de tijolos. Estava cheio de

folhas mortas, acumuladas no fundo. Vi um jato brilhante de cor laranja.

– Peixes! – gritei. – Peixes dourados! Tem peixinhos dourados no lago!

Nos ajoelhamos e ficamos observando os peixes cor de laranja deslizando por entre as sombras, sob os amontoados de folhas mortas. Achei que seria um ótimo lugar para deixar Fido tomar um banho. A pobre tartaruga devia estar se sentindo asfixiada depois de tanto tempo dentro daquele pote.

Corri de volta para o celeiro, mas, quando abri o plástico, Fido estava boiando na água. Parecera bem, mais cedo, quando lhe dera comida. Coloquei a tartaruga sobre o tampo da mesa, empurrei com o dedo, tentando fazer com que pegasse no tranco, mesmo sabendo que seria inútil. Fido estava morta, e era minha culpa. Achei que pudesse proteger Fido e cuidar dela, mas aquela viagem de ônibus foi demais para a pobre coitada. Ela teria tido mais chances se eu a tivesse deixado em Lost Lake.

Coloquei Fido de volta dentro do pote e a levei até o lago. Liz colocou o braço em volta de mim e disse que precisávamos perguntar ao tio Tinsley onde podíamos enterrá-la.

Tio Tinsley ainda estava atarefado na cozinha quando batemos à porta.

– Pensei que as duas tivessem ido brincar lá fora.

– Fido morreu – falei.

Tio Tinsley olhou para Liz.

– A tartaruga de Bean – ela disse.

– Precisamos saber onde podemos enterrá-la – falei.

Tio Tinsley veio para o lado de fora, fechando a porta. Estendi a ele o pote de plástico, e ele olhou para Fido.

– A gente enterra todos os animais de estimação da família no cemitério da família.

Ele nos levou de volta ao celeiro, onde pegou uma pá com um cabo de madeira comprido, e nós três fomos subindo a colina que ficava atrás do prédio.

– Fido é um nome estranho para uma tartaruga – ele falou enquanto caminhávamos.

– Bean queria mesmo um cachorro – Liz contou, explicando como mamãe sempre nos dissera que eram os filhos que queriam os bichos, mas as mães acabavam cuidando deles, e que ela não tinha o menor interesse em levar o cachorro para passear e cuidar dos dejetos. Por isso, comprara uma tartaruga.

– Fido quer dizer “sou fiel” – falei. – Fido era uma tartaruga muito fiel.

– Aposto que era – tio Tinsley falou.

Mais adiante, depois do celeiro, havia várias construções de madeira dilapidadas. Tio Tinsley apontou para o defumadouro, o depósito de gelo e o refrigerador de mantimentos – um depósito construído sobre o riacho –, explicando que Mayfield costumava ser uma fazenda muito ativa. Ele ainda tinha 83 hectares, incluindo uma extensão de floresta, assim como um plantio de forragem, onde ficava o cemitério. Hoje em dia, um fazendeiro, o sr. Muncie, cultivava a forragem e, em troca, fornecia ovos e legumes ao tio Tinsley.

Passamos por um pomar, tio Tinsley nos mostrou as macieiras, os pessegueiros e as cerejeiras, e entramos por um pasto. No topo do pasto, um arvoredado sombreava o cemitério da família, rodeado por uma cerca de ferro batido enferrujada. O cemitério estava tomado de mato, e algumas velhas lápides, gastas pelo tempo, tinham tombado. Tio Tinsley nos levou até um túmulo bem cuidado com uma lápide meio nova. Era de Martha, ele disse, com um lugar vago ao lado, para ele, quando chegasse a hora.

Os animais de estimação, ele explicou, estavam enterrados fora do perímetro, próximo aos donos.

– Vamos colocar Fido perto da Martha – tio Tinsley disse. – Acho que ela teria gostado de Fido.

Tio Tinsley cavou um pequeno buraco, e dentro dele coloquei Fido, usando a base do pote de plástico como caixão. Achei um pedaço de quartzo branco, bem bonito, para usar como lápide. Tio Tinsley fez um pequeno discurso fúnebre: “Fido foi uma tartaruga corajosa e realmente fiel, que fez a longa e perigosa jornada desde a Califórnia, a fim de servir de guardiã a suas donas-irmãs. Quando conseguiu que elas chegassem em segurança à Virgínia, a missão de Fido terminou, ela se sentiu livre para deixá-las e rumou àquela ilha secreta no meio do oceano, que é o paraíso das tartarugas”.

O discurso fúnebre me fez sentir muito melhor, tanto em relação a Fido quanto ao tio Tinsley. Descendo do topo da colina, perguntei sobre os peixes dourados que encontramos no lago.

– Os peixes são carpas. Aquele era o jardim da mamãe. Um dos mais belos jardins particulares em toda a Virgínia, nos velhos tempos. Mamãe ganhou prêmios com ele. Ela era alvo de inveja de todas as senhoras do clube de jardinagem.

Demos a volta pelo celeiro, e o enorme casarão branco ficou à vista. Comecei a contar ao tio Tinsley sobre o meu sonho com a casa e como, assim que chegamos a Mayfield, me dei conta de que era a casa de Mayfield.

Tio Tinsley ficou pensativo. Apoiou a pá contra uma velha tina d’água diante do celeiro.

– Acho melhor vocês olharem dentro da casa, então. Só para ter certeza.

Seguimos tio Tinsley pelos degraus da grande varanda. Ele respirou fundo e abriu a porta.

O saguão de entrada era grande e escuro, com várias estantes de madeira com portas de vidro. Estava tudo uma bagunça. Jornais, revistas, livros e correspondência estavam empilhados em cima das mesas e pelo chão, ao lado de caixotes com pedras e garrafas cheias de terra, areia e líquidos.

– Pode parecer um pouco desorganizado, mas é porque estou no meio de uma reorganização.

– Não está tão mau assim – disse Liz. – Só precisa de uma pequena faxina.

– Podemos ajudar – falei.

– Não senhora. Está tudo sob controle. Tudo tem o seu lugar, e eu sei o lugar de cada coisa.

Tio Tinsley nos mostrou a sala de estar, a sala de jantar e o salão de baile. Quadros pintados a óleo pendurados nas paredes estavam tortos, e alguns despencavam da moldura. Os tapetes persas estavam surrados e esgarçados, as cortinas de seda, desbotadas e rasgadas, e o papel de parede manchado, descolando. Um piano de cauda coberto por um pano de veludo verde repousava no salão de baile, junto das portas-balcão. Havia um monte de tralha empilhada sobre cada centímetro de superfície disponível: mais montoeiras de papéis e cadernos, binóculos antigos, relógios de mesa, mapas enrolados, pilhas de louça lascada, pistolas velhas, navios dentro de garrafas, estátuas de cavalos empinados, fotografias emolduradas e várias caixinhas de madeira, uma cheia de moedas, outra de botões, outra de velhas medalhas. Tudo estava coberto por uma espessa camada de poeira.

– Nossa, aqui tem uma tonelada de tralha! – exclamei.

– Sim, mas cada coisa que você está vendo aqui tem valor – tio Tinsley falou. – Se você tiver cérebro para apreciar.

Ele nos levou pela escadaria em curva e por um longo corredor no segundo andar. No final do corredor, parou diante de duas portas

duplas, de frente uma para a outra, em paredes opostas. Ambas tinham batedores de latão em forma de pássaro.

– Essa é a ala dos pássaros. É onde vocês vão ficar. Até a sua mãe vir pegar vocês.

– A gente não vai mais dormir no celeiro? – perguntei.

– Não sem a Fido para proteger vocês.

Tio Tinsley abriu as portas. Cada uma de nós tinha seu próprio quarto, ele falou. Ambos tinham papel de parede com motivos de pássaros – passarinhos comuns, como pintarroxos e bispos-vermelhos, e pássaros exóticos, como calopsitas e flamingos. A ala dos pássaros, ele explicou, foi projetada para suas tias gêmeas, que eram pequenas quando a casa foi construída. Elas adoravam passarinhos e tinham um enorme viveiro vitoriano cheio de diferentes tipos de tentilhões.

– Onde era o quarto da mamãe? – perguntei.

– Ela nunca contou para vocês? Toda a ala dos pássaros era dela. – Ele apontou para dentro de um dos quartos. – Quando ela trouxe você do hospital, logo que você nasceu, colocou você naquele berço ali, naquele canto.

Olhei para o berço. Era pequeno e branco, feito de vime, e eu não entendi direito por quê, mas fez com que me sentisse muito segura.

Capítulo seis

Na manhã seguinte, enquanto comíamos nossos ovos pochés, Liz e eu tentamos convencer tio Tinsley a nos deixar dar uma limpada na casa, só um pouquinho. Mas ele insistiu em dizer que nada ali poderia ser jogado fora ou mudado de lugar. Tudo, ele falou, era ou tesouro de família, ou uma de suas coleções, ou necessário para sua pesquisa geológica.

Passamos a manhã seguindo tio Tinsley pela casa, enquanto ele explicava o que toda aquela quinquilharia significava para ele. Ele pegava uma coisa, como um abridor de cartas com punho de marfim ou um chapéu de três pontas, e nos dava uma longa explicação sobre de onde vinha, quem tinha sido o dono e por que tinha uma importância tão extraordinária. Acabei me dando conta de que, de fato, tudo estava organizado de um jeito que só ele entendia.

– Isto aqui parece um museu – falei.

– E você é o curador – Liz disse ao tio Tinsley.

– Muito bem colocado – ele respondeu. – Mas já tinha um bom tempo que eu não fazia uma visita guiada.

Estávamos em pleno salão de baile. Tio Tinsley olhou em volta.

– Admito que isto aqui está um tanto entulhado. Era essa a palavra que Martha gostava de usar. Sempre adorei colecionar coisas, mas, quando ela era viva, me ajudava a colocar um freio nesse meu impulso.

Tio Tinsley finalmente concordou em nos deixar jogar fora alguns jornais e revistas velhos e levar até o sótão e ao porão caixas de amostras minerais, novelas de linha da fábrica e o papel-moeda confederado. Lavamos janelas, arejamos os cômodos, escovamos o chão e as bancadas e passamos o aspirador de pó nos tapetes e nas

cortinas, com seu velho modelo Hoover, dos anos 1950, que me lembrava uma pequena nave espacial.

Até o final da semana, a casa já estava com um aspecto muito melhor. Ainda assim não correspondia à definição da maioria das pessoas para limpo e arrumado, e era preciso aceitar o fato de que não estávamos morando numa casa comum, mas num lugar mais parecido com uma loja repleta de objetos fascinantes – se você tivesse cabeça para ver seu valor.

Guisado de cervo e ovos eram os itens da dieta de tio Tinsley. Ele não atirava em animais de caça para ganhar troféus, explicou, mas se pegasse dois ou três veados durante a estação de caça, mandasse cortar a carne e a embrulhasse corretamente, podia estocá-la no congelador do porão, e tinha carne suficiente para o ano todo. Por isso, na maior parte das noites, comíamos guisado de cervo com coisas como cenoura, cebola, tomate, batata e cevada misturadas no caldo. A carne era muito mais dura do que o frango das tortas do supermercado, e, às vezes, era preciso mastigar bastante antes de poder engolir, mas também era mais temperada e gostosa.

Graças ao sr. Muncie, o vizinho de oitenta e sete anos que plantava forragem no pasto grande, tio Tinsley não tinha que comprar ovos e legumes; e ele fazia mingau com os flocos de aveia que comprava na loja de ração animal. No entanto, ele achou que meninas em fase de crescimento precisavam de leite e de queijo, e, além disso, não tínhamos certos produtos, como sal; por isso, terminada a nossa primeira semana lá, tio Tinsley anunciou que estava na hora de dar um pulo na mercearia. Entramos todos no carro de laterais de madeira, que tio Tinsley chamava de Pé na Tábua. Não tínhamos saído de Mayfield desde o dia em que chegamos, e eu estava louca para dar uma olhada nas redondezas.

Passamos pela igrejinha branca e o aglomerado de casas e seguimos pela estrada tortuosa que percorria fazendas e campos de plantio, com fileiras de pés de milho e gado pastando, a caminho de Byler. Eu estava olhando pela janela quando passamos por um grande terreno murado e, de repente, vi duas criaturas enormes, que pareciam ser aves.

– Liz! – gritei. – Olha só aquelas aves esquisitas.

Elas me lembravam galinhas, só que eram do tamanho de pôneis, com pescoço e pernas compridos e plumas marrom-escuras. A cabeça delas balançava enquanto andavam, com passos cautelosos.

– Que diabo é aquilo? – perguntei.

Tio Tinsley deu aquela risadinha dele.

– São os emus do Scruggs.

– Tipo emas, não é? – perguntou Liz.

– São parecidos.

– São domesticados? – perguntei.

– Não deveriam ser. Scruggs pensou que poderia ganhar um dinheiro com eles, mas nunca descobriu como. Então, são a decoração de gramado mais feia do mundo.

– Eles não são feios – disse Liz.

– Outra hora vá dar uma olhada mais de perto para conferir.

Quando chegamos a Byler, tio Tinsley nos presenteou com o que ele chamou de *tour* de honra. A rua principal, orlada de grandes árvores verdes, chamava-se avenida Holladay. Os prédios eram antiquados, feitos de tijolo e pedra. Alguns tinham pilastras e baixos-relevos, um tinha um enorme relógio redondo com números romanos, e dava para ver que Byler tinha sido, no passado, uma cidade ativa e próspera, mas que nada de novo fora construído nos últimos cinquenta anos. Não eram poucas as fachadas de loja vazias, com fita crepe colada formando um X nos vidros. Um aviso numa das

portas dizia VOLTO EM MEIA HORA, como se o proprietário tivesse a intenção de voltar, mas nunca voltou.

Talvez fosse por causa do ar úmido, Byler me deu a impressão de ser bastante calma. As pessoas pareciam se mover lentamente, e muitas quase não se mexiam, em nada – ficavam só sentadas em cadeiras, sob o toldo das lojas, alguns dos homens vestindo macacão, conversando, reclamando da vida, ou recostados na parede e mascarando fumo e lendo jornal.

– Em que ano estamos, aqui? – Liz brincou.

– Os anos 1960 nunca aconteceram nessa cidade – tio Tinsley falou –, e as pessoas gostam que seja assim.

Ele parou Pé na Tábua no sinal vermelho. Um homem negro, mais velho, usando chapéu de feltro, atravessou a rua correndo, diante de nós. Quando chegou no meio do cruzamento olhou para nós, sorriu e tocou na aba do chapéu. Tio Tinsley acenou para ele.

– Quem é? – perguntei.

– Não tenho ideia – tio Tinsley respondeu.

– Mas você o cumprimentou.

– Você só cumprimenta as pessoas que conhece? Você deve ser da Califórnia. – Ele começou a rir.

O moinho de algodão ficava no fim da avenida Holladay, bem ao lado do rio. Era uma construção de tijolos vermelho-escuros, com desenhos de arcos e losangos, e ocupava todo um quarteirão. As janelas tinham dois andares de altura, e saía fumaça por duas chaminés altíssimas. Um cartaz na frente dizia TÊXTEIS HOLLADAY.

– Charlotte falou alguma coisa sobre a história da família para vocês?

– Não era o assunto predileto da mãe – Liz respondeu.

Antes da Guerra Civil, tio Tinsley explicou, a família Holladay possuía uma plantação de algodão.

– Uma fazenda de algodão? – perguntei. – Nossa família tinha escravos?

– Ora, se tínhamos!

– Preferia não saber disso – Liz falou.

– Aqueles escravos sempre foram bem tratados. Meu tataravô, Montgomery Holladay, gostava de jurar que, se um dia só restasse uma última migalha de pão, ele a dividiria com eles.

Olhei para Liz, que levantou os olhos para o alto.

Se você voltasse no passado muitos anos, tio Tinsley continuou, mais ou menos todas as famílias americanas que tivessem dinheiro o bastante possuíam escravos, não somente as sulistas. Benjamin Franklin tinha escravos. Enfim, ele prosseguiu, os ianques queimaram a plantação toda durante a guerra, mas a família continuou enfronhada no ramo do algodão. Depois que a guerra acabou, Montgomery Holladay decidiu que não fazia sentido enviar algodão para as fábricas do norte para enriquecer os ianques, então vendeu a terra e mudou-se para Byler, onde usou o dinheiro para construir o moinho de algodão.

A família Holladay, sempre segundo tio Tinsley, foi dona do moinho – e, praticamente, da própria cidade – durante várias gerações. O moinho era bom com os Holladay, que, em troca, eram bons com os trabalhadores. A família construiu para eles casas com encanamento embutido e distribuía papel higiênico de graça. Os Holladay também distribuía presuntos no Natal e financiavam o time de beisebol, chamado Holladay Hitters. Os operários da fábrica jamais ganharam muito em termos de salário, porém quase todos tinham sido camponeses pobres antes de a tecelagem abrir, e o trabalho no moinho de algodão era uma melhoria para eles. O principal era que todo mundo em Byler, rico ou pobre, se considerava parte de uma grande família.

As coisas começaram a desandar rapidamente faz uns dez anos, explicou tio Tinsley. Fábricas estrangeiras começaram a concorrer com os preços locais, e, ao mesmo tempo, aqueles agitadores do norte começaram a insuflar os trabalhadores a fazer greve por melhores salários. As fábricas sulistas começaram a perder dinheiro, e, com o passar dos anos, aumentou o número das que foram à falência.

A essa altura, tio Tinsley acrescentou, seu pai já tinha morrido, e ele estava comandando a Têxteis Holladay sozinho. A tecelagem também estava no vermelho. Uns investidores de Chicago concordaram em comprar o moinho, mas não rendeu muito, só o suficiente para que ele e Charlotte pudessem viver com alguma folga – se fizessem muita economia. De lá para cá, os novos proprietários despediram operários e fizeram tudo o que puderam para espremer cada centavo de lucro que pudessem do negócio, não só acabando com os presuntos de Natal e com os Holladay Hitters, mas reduzindo as pausas para ir ao banheiro, desligando o ar-condicionado e usando algodão sujo.

– Nos velhos tempos, a Têxteis Holladay fabricava um produto de qualidade – tio Tinsley disse. – Agora, eles fazem toalhas tão finas que dá para ler o jornal através delas.

– Isso tudo parece tão deprimente! – Liz comentou.

Tio Tinsley deu de ombros.

– As coisas mudam até nesta cidade.

– Você pensou, algum dia, em sair de Byler? – perguntei. – Como a mamãe?

– Sair de Byler? Por que eu sairia de Byler? Eu sou um Holladay. Este é o meu lugar.

Capítulo sete

Em Mayfield, dormíamos com as janelas abertas, e dava para ouvir os sapos coaxando durante a noite. Eu apagava assim que colocava a cabeça no travesseiro, mas aqueles passarinhos barulhentos me acordavam cedo todos os dias. Uma manhã, no final de junho, depois de já estarmos em Mayfield havia quase duas semanas, acordei e tentei tocar Liz com a mão, quando lembrei que ela estava no quarto ao lado. Por mais que eu gostasse de dividir a cama com Liz, sempre achei que seria legal ter meu próprio quarto. Agora, na verdade, eu me sentia sozinha.

Fui até o quarto de Liz para ver se ela estava acordada. Estava sentada na cama, lendo um livro chamado *Um estranho numa terra estranha*, que ela tinha encontrado enquanto arrumava a casa. Deitei ao seu lado.

– Eu queria que a mamãe se apressasse e ligasse logo – falei.

Eu esperava que ela ligasse a qualquer momento. Verificava, constantemente, se o telefone estava funcionando, porque tio Tinsley não gostava muito de receber telefonemas e, às vezes, desligava-o da parede. – Tio Tinsley vai pensar que a gente é uma dupla de aproveitadoras.

– Acho até que ele gosta de a gente estar aqui – Liz disse, levantando o livro. – Somos como alienígenas amistosos de outro planeta que vieram fazer uma visita.

A bem da verdade, desde nossa chegada tio Tinsley não tivera nenhuma outra visita. Ele tinha um daqueles rádios antiquados, bem grandes, mas não parecia nem um pouco interessado no que acontecia no mundo e nunca ligava o aparelho. O que o fascinava eram a genealogia e a geologia. Passava a maior parte do tempo na

biblioteca de casa, escrevendo para sociedades históricas locais, pedindo informação sobre, digamos, os Holladay de Middleburg, e investigando no que ele chamava de “seus arquivos” – caixas de cartas velhas caindo aos pedaços, jornais desbotados e recortes de jornal amarelados que faziam algum tipo de referência à família Holladay. E não tinha nada que não soubesse sobre a Terra, suas camadas de rochas e solos e água subterrânea. Ele estudava mapas geológicos, realizava testes em pequenos vidros com terra e bandejas de pedras e lia matérias científicas para citar em artigos que escrevia e, ocasionalmente, publicava.

Enquanto Liz gostava de ficar deitada na cama quando acordava, eu sempre queria levantar e começar a me agitar, então descii para tomar café da manhã. Tio Tinsley estava no salão de baile, segurando uma xícara de café e olhando pelas portas envidraçadas da varanda.

– Eu não tinha percebido como o mato estava alto – ele disse. – Acho que está na hora de capinar.

Depois do café da manhã, fui com tio Tinsley até o galpão de ferramentas. Do lado de dentro, um velhíssimo trator vermelho com as letras da marca meio apagadas, na lateral, um pequeno degrau para chegar ao assento e uma lata vazia de tinta enfiada ao redor do cano do escapamento, que, segundo a explicação do tio Tinsley, evitava que os bichos entrassem. O trator tossiu quando ele girou a chave, mas então deu uma explodida e soltou um jato de fumaça preta pelo vão da lata de tinta. Tio Tinsley deu ré até o cortador de grama – uma engenhoca grande e verde –, e o ajudei a engatar o cortador à traseira do trator, besuntando as mãos e as unhas de graxa.

Enquanto tio Tinsley cortava o capim, eu usava uma pá e um ancinho para retirar as folhas do lago das carpas. Descobri caminhos de tijolo encobertos, entre os velhos canteiros de flores, e comecei a

arrancar o mato. Era um trabalho duro – as folhas molhadas eram mais pesadas do que se pensa, e o mato e as ervas daninhas ardiam na pele –; no entanto, até o fim da manhã, eu tinha limpado o lago e a maior parte dos tijolos ao redor. Os canteiros com flores, porém, ainda tinham muito caminho pela frente antes que pudessem ganhar novos prêmios. Tio Tinsley me chamou com um gesto de braço. – Vamos ver se conseguimos arranjar alguns pêssegos para o almoço.

Ele me suspendeu até o pequeno degrau lateral do trator, explicando que não se devia fazer aquilo, mas que toda criança da roça fazia aquilo assim mesmo, e, comigo de pé sobre o degrau, me segurando bem apertado, com medo de perder a vida, passamos pelo celeiro, subimos a colina na direção do pomar, o velho trator chacoalhando tanto que fazia meus dentes tremer e meus globos oculares sacudir nas órbitas.

As maçãs e as peras estavam verdes demais, tio Tinsley falou; estariam maduras em agosto e setembro. Mas ele tinha alguns pêssegos temporões que estavam prontos para ser comidos. Eram variedades antigas, cultivadas séculos atrás para o clima daquela área específica, e não se pareciam em nada com os isopores molengos do supermercado que passavam por fruta.

Havia frutas caídas debaixo dos pessegueiros, e abelhas, vespas e borboletas voavam ao redor, se deleitando. Tio Tinsley arrancou um pêssego do pé e me deu. Era pequeno e vermelho, coberto de veludo e quente do sol. O pêssego tinha tanto suco que parecia que ia estourar dentro da minha boca. Engoli tudo, e o suco deixou meu queixo e meus dedos melados.

– Nossa!

– Isso é que é pêssego! – tio Tinsley falou. – Um pêssego Holladay.

Levamos de volta para casa um saco de papel cheio de pêssegos. Estavam tão irresistíveis que Liz e eu os comemos a tarde toda e na

manhã seguinte. Voltei para o pomar para pegar mais.

Os pessegueiros ficavam atrás das macieiras, e quando me aproximei vi os galhos de um balançando para a frente e para trás. Quando cheguei mais perto, percebi que tinha alguém atrás da árvore, um sujeito, e que ele estava enchendo uma sacola com pêssegos o mais rápido que podia.

– Ei! – gritei. – O que é que você está fazendo?

O sujeito, que tinha mais ou menos a minha idade, olhou para mim. Ficamos nos encarando por alguns instantes. Ele tinha cabelos castanhos meio compridos, que esvoaçavam diante do rosto, e olhos escuros como café. Estava sem camisa, e a pele bronzeada estava marcada de suor e sujeira, como se ele andasse por aí tal qual um selvagem. Segurava um pêssogo em uma mão, e vi que faltava parte de um dedo.

– O que você está fazendo? – gritei novamente. – Esses pêssegos são nossos!

De repente, o menino se virou e saiu correndo, braços e pernas movendo-se como os de um corredor profissional.

– Pega! Ladrão!

Corri atrás dele, só alguns passos, mas ele era rápido e ganhou uma boa dianteira, e eu sabia que não conseguiria alcançá-lo. Eu estava tão zangada com aquele garoto sujo por roubar os nossos deliciosos pêssegos que peguei um e o joguei na direção dele.

– Seu ladrão de pêssegos!

Voltei para casa. Tio Tinsley estava na biblioteca, trabalhando em seus documentos sobre geologia. Eu esperava que ele partilhasse inteiramente da minha indignação diante do salafrário ordinário que roubara nossos pêssegos. Em vez disso, ele sorriu e começou a me fazer perguntas. Como ele era? Qual era a altura dele? Será que eu notei se estava faltando um pedaço de um dedo?

– Estava, sim, se estava! Provavelmente foi cortado por estar roubando.

– Aquele é Joe Wyatt – tio Tinsley falou. – Ele é da família do seu pai. O pai dele era irmão do seu pai. É seu primo.

Fiquei tão espantada que sentei no chão.

– Não me incomode que ele pegue alguns pêssegos – ele acrescentou.

Mamãe também não falava muito nem sobre o pai de Liz, nem sobre o meu. Ela só contara que havia conhecido o pai de Liz, Sheldon Stewart, quando estava na faculdade, em Richmond, e que, depois de um romance relâmpago, se casaram na cerimônia mais espetacular que Byler tinha visto em décadas. Mamãe ficou grávida quase imediatamente, e não levou muito tempo para descobrir que Sheldon Stewart era um parasita vigarista. Ele era de uma velha família sulista, agora sem dinheiro, e esperava que a família de mamãe fosse sustentá-lo enquanto passava os dias jogando golfe e atirando em pássaros selvagens. Como o pai da mamãe deixou bem claro que isso não ia acontecer então, pouco depois que Liz nasceu, Sheldon Stewart deixou mamãe, e nem ela nem Liz o viram novamente.

Meu pai, segundo mamãe, era um rapaz de Byler. Era superdivertido, com uma energia incrível, mas eles eram de mundos diferentes. Além do mais, ele morreu num acidente, na fábrica, antes de eu nascer. E era só isso que ela dizia.

– Então você conheceu o meu pai?

– Claro que conheci.

Aquilo me deixou tão nervosa que comecei a esfregar as mãos. A descrição que mamãe fizera de papai sempre me deixou curiosa para saber mais detalhes, mas ela dizia que não queria falar sobre ele e que nós duas viveríamos bem melhor se esquecêssemos do assunto. Mamãe não tinha nenhum retrato dele e não me dizia seu

nome. Sempre imaginei como ele seria fisicamente. Eu não parecia com mamãe. Será que eu parecia com meu pai? Ele era bonito? Engraçado? Inteligente?

– Como ele era?

– Charlie. Charlie Wyatt. Era um cara meio convencido. – Parou e olhou para mim. – Sabe, ele queria casar com a sua mãe, mas ela nunca o levou muito a sério.

– Por quê?

– Para ela, Charlie foi uma paixão passageira. Charlotte tinha ficado bem abalada quando aquele vagabundo perdulário, o pai de Liz, resolvera que não queria ser pai. Ela passou por uma fase pós-divórcio bem louca e se envolveu com vários homens, que mamãe e papai desaprovavam. Charlie foi um deles. Ela nunca pensou na possibilidade de casar com ele. Do ponto de vista dela, ele era só um “cabeça de fiapo”, como se diz aqui.

– O que é isso?

Eu já tinha ouvido mamãe usar essa expressão, mas não sabia o que queria dizer.

– Um operário de fábrica de tecido. Eles saem de lá com a cabeça coberta de fiapos.

Fiquei ali, sentada no chão, tentando digerir aquilo tudo. Durante toda a minha vida eu tinha desejado descobrir mais sobre meu pai e a família dele, e agora, ao encontrar alguém que era parente dele – e meu –, tinha agido como se fosse uma doida varrida, xingando e jogando pêssegos nele. E ele não era ladrão. Se o tio Tinsley não se importava que Joe Wyatt pegasse os pêssegos, então ele não estava roubando realmente. Pelo menos, essa era uma das maneiras de interpretar a coisa.

– Acho que tenho que pedir desculpas a Joe Wyatt. E talvez conhecer os outros Wyatt.

– Não é má ideia. São gente boa. O pai está inválido e atualmente não faz muita coisa. A mãe trabalha no turno da noite. É ela quem sustenta e toca aquela família. – Ele coçou o queixo. – Acho que posso levar você de carro até lá.

Algo na maneira de tio Tinsley dizer aquilo me fez compreender que ele não queria fazer o que tinha acabado de propor. Afinal, ele era um Holladay, o antigo dono da fábrica. Ele estaria fazendo uma visita à família operária do homem que engravidara a irmã dele. Seria esquisito para ele me deixar lá, sem entrar, mas provavelmente ainda mais esquisito se ele se sentasse com os Wyatt e ficasse de conversa fiada, tomando um copo de limonada.

– Vou sozinha. Vai ser uma oportunidade para ver Byler de perto, a pé.

– Boa ideia. Melhor ainda, a velha bicicleta de Charlotte tem que estar por aí, em algum lugar. Você poderia ir de bicicleta até a cidade.

Fui até a ala dos pássaros para contar a Liz sobre os Wyatt. Ela estava sentada numa cadeira ao lado da janela, lendo outro livro que tinha encontrado na biblioteca de tio Tinsley, esse de Edgar Allan Poe.

Quando lhe contei sobre os Wyatt, Liz deu um pulo para cima e me abraçou.

– Você está tremendo – ela falou.

– Eu sei, eu sei. Estou nervosa. E se eles forem malucos? E se pensarem que eu sou maluca?

– Vai dar tudo certo. Quer que eu vá com você?

– Você viria?

– Claro, sua maluca. Estamos juntas nisso.

Capítulo oito

Na manhã seguinte, tio Tinsley encontrou a bicicleta que mamãe usava quando era menina. Estava no galpão de ferramentas, onde ele também encontrou a dele, igualmente velha e que precisava de um pneu novo, então Liz e eu resolvemos ir na bicicleta de mamãe.

Era uma Schwinn maravilhosa, como já não se fazia mais, segundo tio Tinsley. Tinha um quadro vermelho, pneus grossos, refletores nas rodas e um medidor de velocidade, uma buzina e um *rack* cromado atrás do selim. Tio Tinsley limpou-a bem, encheu os pneus, colocou óleo na correia e desenhou um mapa da parte da cidade onde os Wyatt moravam, explicando que era conhecida como "colina do moinho", ou só "moinho". Rumamos para a colina: Liz pedalando e eu sentada atrás, no *rack* cromado.

O dia estava quente e úmido, o céu, enevoadado, e o *rack* machucava meu traseiro, mas, pelo caminho, andamos por trechos frescos de bosque, onde os galhos daquelas velhas árvores imensas se estendiam e atravessavam a estrada, criando uma espécie de dossel, e davam a impressão de se estar passando por um túnel, com rasgos de sol cintilando, ocasionalmente, por entre as folhas.

A colina do moinho ficava na parte norte da cidade, logo depois do moinho de algodão, no sopé de uma montanha arborizada. As casas eram caixotes idênticos, muitas ainda com a tinta branca original completamente desbotada, porém outras tinham sido pintadas de azul, verde ou rosa ou tinham telhado de alumínio ou de papel de piche. Cadeiras e sofás se sucediam nas varandas, pedaços de carro se amontoavam em alguns pequenos jardins, e uma casinha encardida tinha uma bandeira sulista pendurada na janela. Mas dava para notar que manter as aparências era importante para muitas

peessoas da colina. Algumas usavam pneus caiados de branco como canteiros para amores-perfeitos ou tinham cata-ventos coloridos girando com a brisa, ou pequenas estátuas de esquilos e anões feitas de cimento. Passamos por uma mulher que varria o quintal de terra.

A casa dos Wyatt era uma das que exibiam, claramente, o orgulho da propriedade. A pintura azul-celeste estava desbotando, mas o terreno na frente da casa estava capinado, e os arbustos ao redor dos alicerces da construção estavam podados com esmero; pequeninas pedras formavam uma orla para o caminho da entrada, da calçada até os degraus da frente.

Liz deu um passo atrás, deixando-me ir na frente. Bati à porta, e ela foi aberta quase imediatamente por uma mulher robusta, de boca grande e pequenos olhos verdes faiscantes. Os cabelos escuros, que tinham uma mecha branca, estavam presos num coque solto, e ela usava um avental sobre um vestido folgado. Sorriu para mim com ar de curiosidade.

– Senhora Wyatt? – perguntei.

– Pois não? – Ela estava secando as mãos num pano de cozinha. Eram mãos grandes, como as de um homem. – Vocês estão vendendo alguma coisa?

– Eu sou Bean Holladay, filha de Charlotte.

Ela soltou um grito de alegria, deixou o pano cair no chão e colocou os braços ao meu redor num abraço de esmagar a coluna.

Apresentei Liz, que estendeu a mão num cumprimento.

– Essa não é uma família que aperta a mão, é uma família que abraça! – gritou a senhora Wyatt ao envolver Liz em outro abraço estrangulador. Ela nos arrastou para dentro da casa, berrando para que Clarence viesse conhecer as sobrinhas. – E não vão me chamar de senhora Wyatt – ela nos disse. – Sou a sua tia Al.

A porta da frente abria para a cozinha. Um menininho sentado à mesa ficou olhando para nós com olhos arregalados, sem piscar. Havia um grande fogão a carvão com duas tortas recentemente assadas sobre ele. Pratos, travessas e panelas estavam empilhados sobre as prateleiras, de acordo com o tamanho, e conchas e colheres de pau estavam penduradas em ganchos atrás do fogão. Dava para ver que tia Al organizava tudo muito bem. As paredes estavam cobertas de quadros com tecidos bordados em ponto cruz ou de pequenas peças de madeira envernizada, com versos da Bíblia ou dizeres COMO UMA LEITURA DA ESCRITURA POR DIA MANTÉM O DEMÔNIO LONGE e NÃO SE PODE TER UM ARCO-ÍRIS SEM UM POUCO DE CHUVA.

Perguntei se Joe estava em casa.

– Eu o conheci ontem, mas não sabia que era meu primo.

– Onde foi que você o conheceu?

– No pomar do tio Tinsley.

– Então você é a atiradora de pêssego? – tia Al perguntou, jogando a cabeça para trás e soltando uma gargalhada. – Ouvi dizer que você tem uma mira e tanto!

Joe estava sempre aprontando por aí, ela disse, e não costumava voltar para casa antes da hora do jantar, mas ele ia lamentar muito perder aquela visita. Ela tinha quatro filhos, continuou. Joe tinha treze anos, era o menino do meio. Tia Al apresentou o garotinho sentado à mesa como sendo o caçula, Earl. Tinha cinco anos, ela disse, e era diferente, sem muita força, e nunca tinha aprendido a falar – pelo menos até agora. O mais velho, Truman, com vinte anos, tinha ido servir o país no estrangeiro. Sua filha Ruth, que tinha dezesseis, fora para a Carolina do Norte ajudar uma das irmãs da tia Al, com três filhos para cuidar, e que tinha acabado de sair de uma meningite.

Um homem saiu do quarto dos fundos, movendo-se cuidadosamente, como se estivesse ferido, e tia Al o apresentou

como seu marido, nosso tio Clarence.

– Filhas de Charlotte? Não diga! – Ele era magro e ligeiramente encurvado, as bochechas magras com sulcos profundos, e os cabelos grisalhos cortados estilo reco. Ele olhou demoradamente para Liz. – De você, eu lembro – ele disse a ela e, então, virando-se para mim: – Em você, nunca pus os olhos. Aquela sua mãe saiu da cidade antes que eu tivesse a chance de ver o único rebento do meu irmão.

– Bom, agora você tem a chance – tia Al falou. – Tenha modos.

– Prazer em conhecer, tio Clarence – falei.

Fiquei imaginando se ele me abraçaria, como tia Al tinha feito. Mas ele só ficou ali parado, olhando para mim com desconfiança.

– Cadê a tua mãe? – ele perguntou.

– Ela ficou na Califórnia. Só estamos fazendo uma visita – respondi.

– Resolveu não vir, não é? Ora, mas por que é que isso não me surpreende?

Tio Clarence começou a tossir.

– Não seja ranheta, Clarence! – tia Al falou. – Vá sentar ali para tomar fôlego.

Tio Clarence saiu da cozinha tossindo.

– Às vezes, meu marido fica meio ranzinza. É um homem bom, mas a vida tem sido madrasta com ele, além das costas ruins e do pulmão branco de tanto trabalhar no moinho, e ele tem rancor de um monte de gente. Clarence também se preocupa demais com Truman, que está lá no Vietnã, mas não quer admitir. Perdemos três filhos para a guerra, e todas as noites eu rezo pelo meu filho e por todos aqueles meninos que estão lá. Bom, que tal um pouco de torta?

Ela cortou uma fatia para cada uma.

– Os melhores pêssegos da região – ela disse, com um sorriso.

– Sem falar no melhor preço – falei.

Tia Al caiu na gargalhada de novo.

– Você vai se adaptar aqui muito bem, Bean.

Sentamos em volta da mesa da cozinha, ao lado de Earl, e atacamos a torta. Estava incrivelmente gostosa.

– Como anda a mãe de vocês?

– Está ótima – respondeu Liz.

– Ela não volta para Byler faz muitos anos, não é?

– É, desde que Bean era bebê.

– Não posso condená-la por isso.

– O meu pai parecia com o tio Clarence? – perguntei.

– Como água e vinho, apesar de ainda dar para dizer que eram irmãos. Você nunca viu um retrato de seu pai?

Balancei a cabeça.

Tia Al olhou longamente para o pano de cozinha, que parecia carregar para todo canto, e dobrou-o num quadrado bem-feito.

– Tenho uma coisa para mostrar a você. – Ela saiu da cozinha e trouxe um álbum de fotografias. Sentada ao meu lado, começou a folhear, até apontar para um retrato preto e branco de um jovem encostado em um portal, de braços cruzados e quadril para o lado. – Aqui está ele. Charlie. Seu pai.

Ela empurrou o álbum na minha direção. Eu quase podia ouvir o sangue fluindo por dentro da minha cabeça. Comecei a tocar na fotografia, mas percebi que minhas mãos estavam úmidas de suor, de nervoso, então enxuguei-a no pano da tia Al. Aí me debrucei até meu rosto ficar a poucos centímetros de distância da foto. Eu queria absorver cada detalhe do meu pai.

Ele usava uma camiseta justa, com um maço de cigarros preso sob uma das mangas. Tinha músculos definidos e cabelos escuros, como os meus, apesar de estarem penteados para trás, como se fazia naqueles tempos. Seus olhos eram escuros, exatamente como

os meus. O que mais me chamou a atenção foi o sorriso maroto, como se ele visse o mundo de uma maneira especial e se divertisse muito com isso.

– Ele era bem bonito mesmo – falei.

– Ah, ele tinha uma aparência e tanto – tia Al falou. – As moças eram todas loucas pelo Charlie. Não era só a aparência. Era, sobretudo, pela maneira como iluminava o ambiente.

– Como assim?

Tia Al olhou para mim fixamente.

– Você não sabe muita coisa sobre o seu pai, não é?

Balancei a cabeça.

Charlie tinha sido técnico do tear no moinho de algodão, tia Al contou. Ele consertava qualquer coisa. Tinha cabeça para aquilo. Nunca teve muito estudo, no sentido de ir para a escola, mas era bem esperto e estava sempre aprendendo alguma coisa. Precisava estar sempre fazendo algo. E, quando chegava numa festa, era aí que ela começava.

– Para mim, você tem o brilho dele.

Mas Charlie Wyatt também tinha a veia selvagem da família, ela contou, e foi isso que o matou.

– Pensei que ele tivesse morrido num acidente no moinho – Liz disse. – Foi isso que mamãe contou para nós.

Tia Al ficou com uma expressão de quem está refletindo sobre alguma coisa.

– Não, meu doce – ela disse finalmente. – Charlie levou um tiro.

– O quê?

– Morto a sangue-frio pelo irmão do homem que ele matou.

Fiquei olhando para tia Al.

– Vocês têm idade suficiente. Têm que saber.

Depois que o pai de Liz fugiu, tia Al contou, Charlotte deixou Richmond e voltou para casa, para Mayfield, mudando o nome para

Holladay novamente. Estava se sentindo bem confusa com aquilo tudo e saiu com vários rapazes. Então, ela e Charlie começaram a se encontrar. Ela acabou engravidando, e Charlie queria se casar com ela, não só porque era a coisa honrada a fazer, mas porque a amava. No entanto, o pai de Charlotte, Mercer Holladay, não tinha a menor intenção de deixar a filhota casar com um operário de sua própria tecelagem. Charlotte também parecia achar que, por mais divertido que ele fosse, não estava à altura dela.

Charlie ainda tinha esperança de mudar a opinião de Charlotte quando uma noite, no salão de sinuca do Gibson, um sujeito chamado Ernie Mullens disse algo sobre Charlotte ser uma mulher fácil – para usar uma expressão gentil. Quando Ernie se recusou a pedir desculpas, Charlie bateu nele. Ernie puxou uma faca. Charlie acertou a cabeça de Ernie com o taco de sinuca, e Ernie caiu em cima da mesa de sinuca e quebrou a cabeça. Morreu na hora. O júri decidiu que foi um caso de legítima defesa. Depois do julgamento, o irmão de Ernie, Bucky, jurou que ia matar Charlie, e muita gente o avisou que deixasse a cidade, mas ele se recusou. Duas semanas depois, Bucky Mullens atirou em Charlie Wyatt na avenida Holladay, em plena luz do dia.

– O seu pai foi assassinado – tia Al falou – porque defendeu a honra de sua mãe.

Clarence jurou vingança, ela continuou, mas Bucky foi mandado para a penitenciária e, quando saiu, deixou o estado antes que alguém ficasse sabendo. Tia Al disse que ficou contente que tivesse sido assim, mas o fato de Bucky desaparecer era mais uma das coisas que deixavam Clarence com raiva do mundo.

Tia Al pegou a fotografia do meu pai do álbum e a colocou na minha mão.

– É para você.

– Sinto como se tudo tivesse mudado – falei para Liz. Estávamos voltando para Mayfield, empurrando a Schwinn, porque eu queria conversar. – Agora eu sei quem foi o meu pai.

– E agora sabe quem você é – Liz disse. – Você é filha de Charlie Wyatt.

– É. – Eu tinha os olhos e os cabelos do meu pai, e tia Al disse que eu tinha o brilho dele. – Sou filha de Charlie Wyatt.

Enquanto caminhávamos, passamos pela casa onde a mulher tinha varrido o quintal de terra. O chão parecia polido como um piso de cerâmica. A mulher estava sentada na varanda. Acenou, e acenei de volta.

– Agora, você está cumprimentando as pessoas que não conhece – Liz disse, sorrindo. – Virou uma nativa.

Chegamos ao sopé da colina do moinho.

– Acho que gosto da maneira como meu pai morreu.

– Melhor que um acidente idiota num moinho.

– Como tia Al falou, ele estava defendendo a honra de mamãe.

– Não era só mais um “cabeça de fiapo”; não que tenha algo errado em ser operário.

– Acho que tenho um monte de perguntas para fazer a mamãe. Então, quando será que ela vai telefonar para nós?

– Ela vai telefonar.

Capítulo nove

Quando chegamos em casa, tio Tinsley estava sentado na sala de jantar diante da mesa, trabalhando em sua grande árvore genealógica da família Holladay.

– Como é que foi lá, Bean?

– Ela descobriu como o pai morreu – Liz falou.

– Você sabia? – perguntei.

– Claro!

Ele apontou para um nome na árvore.

– Charles Joseph Wyatt, 1932-1957.

– Por que não me contou?

– Não cabia a mim. Mas a cidade toda sabia. Não se falou de outra coisa por vários meses. Aliás, pareceu que foram anos.

Operários do moinho bebendo cerveja em salões de sinuca estavam sempre se esbordoando e entrando em brigas de faca, ele disse, e de vez em quando eles se matavam. Isso não tinha nada de extraordinário. Entretanto, esse incidente específico envolvia Charlotte Holladay, filha de Mercer Holladay, o homem para quem, praticamente, todos na cidade trabalhavam. Quando Bucky Mullens foi a julgamento, a barriga de Charlotte estava aparecendo, e todos entenderam que ela estava grávida do coitado do cabeça de fiapo que Bucky tinha matado. Foi um escândalo e tanto, e mamãe e papai ficaram horrorizados. E também o próprio tio Tinsley e tia Martha. Todos sentiram que o nome dos Holladay – o nome do raio do moinho e da avenida principal, que cruzava a cidade – estava manchado. Mamãe parou de ir ao clube de jardinagem. Papai não voltou ao campo de golfe. Tio Tinsley andava pela cidade sabendo que as pessoas caçoavam dele pelas costas.

Mamãe e papai, ele continuou dizendo, não esconderam de Charlotte como se sentiam. Ela tinha voltado para casa quando seu casamento desmoronou e esperava receber apoio. Ao mesmo tempo declarara que, como já era adulta, faria o que bem entendesse. Resultado: ela trouxera vergonha para toda a família. Por seu lado, Charlotte sentia que a família lhe dera as costas e passou a odiar mamãe e papai, assim como ele e Martha, por se sentirem como se sentiam.

– Por isso, pouco tempo depois de você nascer, Bean, ela deixou Byler, jurando que nunca mais voltaria. Foi uma das raras vezes na vida em que mostrou ter discernimento.

Naquela noite, não consegui dormir. Eu estava lá, digerindo tudo o que ficara sabendo naquele dia sobre mamãe e meu pai. Sempre quis saber mais a respeito da minha família, mas não contava com aquilo.

Em momentos como aquele, ter seu próprio quarto era uma porcaria, porque não se tinha ninguém com quem conversar. Levantei e levei meu travesseiro até o quarto de Liz, engatinhando debaixo das cobertas até colar nela. Ela colocou um braço em volta de mim.

– Agora eu sei, de verdade, alguma coisa sobre o meu pai – falei. – Dá muito em que pensar. Talvez, quando mamãe chegar, você devesse conversar com ela sobre entrar em contato com o seu pai.

– Não – Liz disse bruscamente. – Depois do jeito como ele abandonou a mamãe e a mim, nunca vou ter nenhum tipo de contato com ele. Nunca. – Ela respirou fundo. – De certa forma, você é sortuda. O seu pai está morto. O meu deu no pé.

Ficamos deitadas em silêncio por algum tempo. Eu estava esperando que Liz dissesse algo inteligente e bem a cara dela, que me ajudasse a entender tudo o que ficamos sabendo naquele dia.

Mas ela começou a fazer um jogo de palavras, como sempre fazia quando alguma coisa a aborrecia, e ela precisava dar a impressão de que não era nada demais.

Liz começou com a expressão "cabeça de fiapo". Primeiro, ela rimou com cabeça de trapo, dizendo que as pessoas que eram cabeça de trapo eram atrapalhadas e viviam deixando a cabeça cair por aí; as cabeças perdidas eram chamadas "cabeças alhures"; quando não se achavam, eram "cabeças nenhures"; quando se achavam, eram atarraxadas de novo no lugar, e a cabeça virava "cabeça algures".

– Não tem a menor graça – falei.

Liz ficou quieta por uns instantes e disse:

– Tem razão.

Capítulo dez

Na manhã seguinte, eu estava arrancando ervas daninhas dos canteiros de flores ao redor do laguinho de carpas, ainda pensando sobre ser filha de Charlie Wyatt e em como mamãe ficar grávida de mim criou tantos problemas para todo mundo. O barulho de um pica-pau batendo no tronco do plátano me fez olhar para cima e, através de uma abertura entre as folhagens grandes e escuras dos arbustos, vi Joe Wyatt caminhando pela estrada com uma sacola de juta pendurada no ombro. Levantei. Quando ele viu que era eu, veio em minha direção, perambulando, como se estivesse só fazendo um passeio e tivesse me visto por acaso.

– Oi – ele disse, quando chegou bem perto.

– Oi.

– Mamãe falou que você apareceu lá em casa para dizer “oi”, já que somos parentes e tudo o mais.

Olhei-o e me dei conta de que ele tinha os mesmos olhos escuros que meu pai e eu.

– Acho que somos primos – falei.

– Acho que sim.

– Desculpa se chamei você de ladrão.

Ele olhou para baixo, e eu podia ver um sorriso se abrindo em seu rosto.

– Já fui chamado de coisa muito pior. Deixe para lá, pri; você gosta de amora?

“Pri”. Gostei.

– Ora, se gosto.

– Então, vamos catar algumas amoras.

Corri até o celeiro para pegar minha própria sacola.

Era final de junho, e a umidade continuava aumentando. O chão estava molhado de chuva da noite anterior, e atravessamos o pasto grande, afundando os pés na lama, onde a terra era mal drenada. Gafanhotos, borboletas e passarinhos revoavam em meio ao mato à nossa frente. Chegamos a uma cerca de arame farpado enferrujado, que separava o pasto da mata. Como as amoras adoravam o sol, Joe disse, os melhores lugares para encontrá-las era ao longo dos trilhos e onde a floresta fazia limite com o pasto. Andando ao longo da linha da cerca, demos logo com imensos tufos de arbustos com espinhos e sargaços, repletos de amoras gordas e escuras. A primeira que comi estava tão azeda que cuspi. Joe explicou que só se pegavam as que caíam somente de tocar nelas. As que se tinha que puxar não estavam maduras o bastante para ser comidas.

Fomos subindo pela colina ao longo da cerca colhendo amoras, que comíamos e guardávamos na mesma proporção. Joe me contou que ele passava boa parte do verão na mata catando framboesas, amoras, amoras-pretas e papaias – que o pessoal local chamava de “bananas de caipira” – e invadindo pomares para pegar cerejas, pêssegos e maçãs, assim como, de vez em quando, entrando na horta de alguém em busca de tomates, pepinos, batatas e feijão.

– Mas só se eles tiverem mais que o suficiente. Nunca pego o que poderia fazer falta. Seria roubo.

– É como se você investigasse – falei. – Como os pássaros e os quaxinins fazem.

– Obrigado, pri. Mas tenho que admitir que nem todo mundo vê a coisa com bons olhos.

De vez em quando, ele contou, fazendeiros que o viam em seus pomares ou milharais atiravam em sua direção. Uma vez, ele estava trepado numa macieira, no quintal da casa de um dentista bem chique, em Byler, quando a família saiu para almoçar no pátio; ele

teve que ficar sentado na árvore sem se mexer durante uma hora, até eles irem embora, imóvel como um esquilo, na esperança de que o cachorro não percebesse que ele estava lá. O pior que aconteceu foi quando o cão de guarda de uma casa correu atrás dele, e ele perdeu parte de um dedo antes de conseguir pular a cerca. Joe sorriu ao se lembrar e levantou a mão.

– Não foi o dedo de tirar meleca.

Quando nossas sacolas ficaram cheias, rumamos de volta ao longo da cerca, até Mayfield. A mata, do outro lado da divisória, estava silenciosa, ao calor do meio-dia. No celeiro, paramos para beber água na bica, sobre o bebedouro dos animais; enfiamos a cabeça debaixo do cano, e a água esparramou sobre nosso rosto.

– Talvez a gente possa investigar um pouco mais, pri – Joe falou, a água escorrendo pelo queixo.

– Claro, pri – respondi, secando o meu queixo.

Ele foi andando pela alameda que levava até o portão de entrada de Mayfield, e eu me virei na direção da casa. Quando cheguei à altura da varanda da frente, Liz saiu pela porta.

– Mamãe ligou. Vai chegar daqui a alguns dias.

Capítulo onze

Naquela tarde, Liz e eu nos sentamos ao lado do laguinho de carpas e ficamos conversando sobre a chegada de mamãe, nos refestelando com as amoras até nossos dedos ficarem manchados. Já não era sem tempo que mamãe ligasse. Fazia cinco semanas e dois dias que ela tivera o ataque Mark Parker e havia se mandado. Por mais que eu gostasse de Byler e por mais entusiasmada que estivesse em conhecer tio Tinsley e a família do meu pai – até o macambúzio tio Clarence –, sentia muita falta de mamãe. Como ela dizia, éramos uma Tribo de Três. Precisávamos mesmo umas das outras. Eu queria discutir com a mamãe sobre uma tonelada de coisas, especialmente sobre o papai, e Liz e eu também queríamos saber qual seria o próximo passo. Voltaríamos para Lost Lake? Ou iríamos para outro lugar?

- Talvez a gente pudesse ficar aqui por uns tempos – falei a Liz.
- Talvez. Não deixa de ser meio que a casa de mamãe também.

Desde que chegamos vínhamos dando uma ajeitada nas coisas do tio Tinsley, mas, com uma casa como Mayfield, sempre tinha algo mais para fazer. Dois dias depois do telefonema de mamãe, estávamos guardando potes de vidro e caixas quando ouvimos o barulho do Dart vindo da alameda.

Liz e eu corremos porta afora, atravessamos a enorme varanda e descemos os degraus no exato instante em que mamãe saiu do carro – que estava rebocando um pequeno trailer nas cores branco e abóbora. Mesmo sendo verão, ela estava usando a jaqueta vermelha, e seu cabelo estava todo armado, como quando ia para um teste. Ficamos, as três, abraçadas no pátio da entrada, rindo e

gritando de alegria, e mamãe ficou repetindo “minhas queridas”, “meus bebezinhos” e “meus tesouros”.

Tio Tinsley saiu da casa, recostou-se contra uma das colunas da varanda e ficou olhando para nós de braços cruzados.

– Que bom que você finalmente apareceu, Char – ele disse.

– Que bom ver você também, Tin – mamãe respondeu.

Mamãe e tio Tinsley ficaram parados, olhando um para o outro; então comecei a tagarelar sobre todas as coisas divertidas que tínhamos feito, dormir nos antigos aposentos dela na ala dos pássaros, limpar o lagozinho de carpas, andar de trator, comer pêssegos e colher amoras.

Tio Tinsley me cortou:

– Por onde tem andado, Char? – ele perguntou. – Como você pôde sumir e largar essas meninas sozinhas?

– Não me julgue.

– Por favor, não briguem – Liz falou.

– Certo, sejamos educados – mamãe concordou.

Fomos todos para dentro da casa, e mamãe olhou em volta, para o amontoado de coisas.

– Cruz-credo, Tin. O que é que mamãe diria se visse isso?

– O que ela diria sobre alguém que abandona as próprias filhas?

Mas, como você disse, sejamos educados.

Tio Tinsley foi até a cozinha para fazer um bule de chá. Mamãe começou a andar pela sala de estar, pegando os vasos de cristal e os bibelôs de porcelana da vovó, os velhos binóculos no estojo de couro do vovô, os retratos de família em suas molduras de prata. Ela se esforçara tanto para esquecer aquela casa e sua vida passada, ela falou, e agora tinha voltado para o centro de tudo. Riu e balançou a cabeça.

Tio Tinsley entrou com uma bandeja de prata lotada com um serviço de chá.

– Estar de volta é muito sinistro e estranho – mamãe falou. – Estou sentindo o antigo calafrio. Mamãe era sempre tão fria e distante... Ela nunca me amou de verdade. Ela só se importava com as aparências e com o que os outros iam pensar. E papai me amava pelas razões erradas. Era tudo tão desacertado!

– Charlotte, isso é baboseira! – tio Tinsley falou. – Essa casa sempre foi acolhedora. Você era a filhinha do papai, pelo menos até o seu divórcio, e adorava isso. Nunca nada de desacertado aconteceu debaixo deste teto.

– Era o que a gente tinha que fingir. A gente tinha que fingir que era perfeito. Éramos todos especialistas em fingir.

– Não seja ridícula – contestou tio Tinsley. – Você sempre exagerou as coisas. Você sempre teve que criar dramalhões.

Mamãe se virou para nós.

– Estão vendo o que estou querendo dizer, meninas? Estão vendo o que acontece por aqui quando você tenta dizer a verdade? Você é atacado.

– Vamos nos contentar em beber chá – tio Tinsley falou.

Todos nos sentamos. Liz encheu e distribuiu as xícaras. Mamãe ficou olhando para o chá dentro de sua xícara.

– Byler – ela disse. – Todos nesta cidade vivem no passado. Eles só sabem falar do tempo e do time de beisebol. É como se não soubessem ou não ligassem para o que está acontecendo no mundo lá fora. Será que sabem, ao menos, que o presidente do país é um criminoso de guerra?

– O tempo é importante se você vive do que planta – tio Tinsley falou. – E algumas pessoas acham que o presidente Nixon está fazendo um excelente trabalho ao tentar pôr fim a uma guerra que ele não começou. Primeiro republicano em que votei na vida. – Ele mexeu o açúcar em seu chá e pigarreou. – O que você planejou fazer, você e as garotas?

– Não gosto de planejar – mamãe respondeu. – Gosto de opções. Temos várias opções e vamos considerar todas elas.

– Quais são as opções? – Liz perguntou.

– Vocês poderiam ficar aqui – tio Tinsley disse, e tomou um pequeno gole. – Por algum tempo.

– Não considero isso uma opção – mamãe retrucou.

Tio Tinsley descansou a xícara.

– Char, você tem que dar alguma estabilidade a essas meninas.

– O que você entende sobre como cuidar de crianças? – mamãe perguntou com um sorriso severo.

– Isso não é justo – ele respondeu. – Mas sei que se Martha e eu tivéssemos sido abençoados com filhos, nunca teríamos ido embora e os deixado para trás.

Mamãe bateu a xícara na mesa com tanta força que achei que iria quebrar. Ela se levantou e se inclinou sobre tio Tinsley. Quando alguém a criticava ela passava ao ataque, e era o que estava fazendo naquele momento. Ela criava duas filhas completamente sozinha, alegou, e elas estavam muito bem encaminhadas. Ele não tinha a menor ideia do sacrifício que ela fizera. De qualquer forma, era uma mulher independente. Tinha sua própria carreira musical. Tomava suas próprias decisões. Não ia ficar ali para ser julgada pelo irmão, um eremita falido que ainda vivia na casa onde nascera, numa cidadezinha de fim de mundo. Ele nunca tivera sequer condição de sair de Byler, e ela não tinha voltado para aquele lugar desgraçado para lhe dar explicações.

– Meninas, peguem as suas coisas. Estamos indo embora – ela falou.

Liz e eu nos olhamos sem muita certeza do que dizer. Eu queria contar a mamãe sobre como tio Tinsley tinha sido bom conosco, mas tive medo de que ela pensasse que eu estava tomando as dores dele, e isso poderia piorar as coisas.

– Vocês não me ouviram?

Subimos a escada até a ala dos pássaros.

– Caramba, eles se odeiam – falei.

– Eles poderiam, pelo menos, ser educados – Liz falou.

– Eles deveriam ser adultos – respondi, acrescentando: – Eu quase não queria ir embora. Acabamos de conhecer os Wyatt, e gosto deles, de verdade.

– Eu também. Mas a decisão não é nossa.

Tio Tinsley estava sentado à escrivaninha, rabiscando alguma coisa num pedaço de papel, quando descemos, carregando as duas valises quadriculadas da época de menina rica. Ele dobrou o papel e o entregou a Liz.

– O número do telefone. Byler dois-quatro-meia-oito. Liguem se precisarem. – Ele deu um beijo no rosto em cada uma. – Cuidem-se, meninas.

– Obrigada por me deixar enterrar Fido perto da tia Martha – falei. – No princípio, pensei que você fosse um pouco ranheta, mas agora acho você muito legal.

Então saímos porta afora.

Capítulo doze

Mamãe dirigiu como se estivesse fugindo da cena de um crime, ultrapassando carros na estrada para Byler e furando o sinal no lado sul da cidade. Estava agarrada ao volante como se sua vida dependesse disso e falava sem parar. Mayfield tinha se tornado realmente um cacareco, ela disse. Mamãe teria ficado horrorizada. Era como se Tinsley tivesse se transformado em um recluso, embora ele sempre tenha sido um pouco pancada. Puxa, ver aquela casa trazia de volta lembranças – lembranças ruins. O mesmo podia ser dito daquela cidadezinha fadada ao fracasso. Nada além de lembranças ruins.

– Gosto de Mayfield – falei. – E também gosto de Byler.

– Experimente crescer lá – mamãe falou.

Abriu a bolsa, enfiou a mão e pegou um maço de cigarros.

– Você tá fumando? – Liz perguntou.

– Foi o fato de voltar a esse lugar. Me deixou meio tensa.

Mamãe acendeu um cigarro com o acendedor do carro. Dobramos na avenida Holladay. Faltavam poucos dias para o Quatro de Julho e os trabalhadores estavam pendurando bandeiras em todos os postes de iluminação.

– Deus abençoe a América – mamãe disse sarcasticamente. – Com tudo o que este país fez com o Vietnã, não entendo como alguém ainda pode estar se sentindo patriótico.

Atravessamos a velha ponte de ferro tilintante sobre o rio.

– Conheci os Wyatt – eu lhe disse.

Mamãe não reagiu.

– Tia Al me contou que o papai levou um tiro. – Mordi o lábio. – Você disse que ele tinha morrido num acidente.

Mamãe deu uma tragada no cigarro e exalou. Liz abriu a janela.

– Falei isso para o seu próprio bem, Bean. Você era pequena demais para entender.

Dar o fora de Byler, disse, foi outra coisa que ela tinha feito pelo bem das filhas. Não havia a menor possibilidade de deixar que elas crescessem num lugarejo que torce o nariz para tudo e é obtuso, onde todo mundo diria pelos cantos que eu era a filha ilegítima de um técnico de tear, de cabeça quente, que tinha matado alguém e depois levado um tiro.

– Para não dizer que todos na cidade achavam que a pessoa que vos fala é a vagabunda que causou isso tudo.

– Mas, mãe – falei –, ele estava defendendo a sua honra.

– Talvez ele pensasse que era o que estava fazendo, mas tornou tudo bem mais difícil. Quando a poeira baixou, Charlotte Holladay não tinha mais nenhuma honra para defender.

Mamãe deu uma longa tragada no cigarro.

– Charlotte Decote – completou.

Seja lá como for, ela continuou, não queria pensar nem falar no passado. Ela odiava o passado. O passado não tinha importância, assim como o lugar de onde você vem ou quem você era antes. O que importava era o futuro: aonde você estava indo e quem ia se tornar.

– Resolvi o nosso futuro. Nova York!

Contou que tinha estado com amigos em San Diego, para obter um pouco de apoio grupal, e foi até Baja, para passar um tempo sozinha na praia, à procura de sinais que lhe indicassem a direção a tomar em seguida. Não viu nenhum sinal, mas, quando voltou para Lost Lake, encontrou a mensagem de Liz sobre partir e fazer uma visita ao Chapeleiro Louco e a Arganaz. Então, ela se deu conta de que aquele era o sinal. Precisava deixar a Califórnia para trás e

seguir as filhas até a costa leste. Alugou o trailer e entulhou a maior parte das coisas do bangalô lá dentro.

– Você não está entendendo, Liz? – mamãe perguntou num tom quase eufórico. – Quando li a sua mensagem sobre o outro lado do Espelho, eu entendi. É Nova York! Se você é artista, Nova York e Los Angeles são os dois lados do Espelho.

Liz e eu nos entreolhamos. Estávamos todas espremidas no banco da frente, porque mamãe tinha lotado a parte de trás com violões, caixas e partituras.

– Nós estamos sendo realistas? – Liz perguntou.

– Realismo é relativo. Por acaso Gauguin estava sendo realista quando se mandou para o sul do Pacífico? Marco Polo foi realista quando zarpou para a China? Aquele garotinho magricelo com a voz rouca estava sendo realista quando largou a faculdade e saiu de Minneapolis e se instalou em Greenwich Village depois de mudar o nome para Bob Dylan? Ninguém ousa se tornar grande e atingir o estrelato preocupado em ser realista.

Nova York – esse sim era o verdadeiro palco, mamãe falou, muito mais do que Los Angeles – que não passava de um bando de produtores espertalhões que faziam promessas vãs e de aspirantes desesperadas ao estrelato ansiosas por acreditar neles. Mamãe começou a falar sobre Greenwich Village, Washington Square e o Hotel Chelsea, bares de blues e boates de música *folk*, mímicos com rosto pintado de branco e violinistas em estações do metrô cobertas de pichações. Enquanto falava, ia ficando cada vez mais animada, e me ocorreu que ela não ia mencionar o assunto do Mark Parker, nem o fato de que ela nos tinha abandonado – e nós tampouco deveríamos falar nisso.

– Agora não estamos só fazendo um passeio de carro – mamãe falou.

Eram férias, ela explicou. Uma maneira de celebrar as futuras Aventuras da Tribo de Três em Nova York.

– Tenho uma surpresa para vocês.

– Que surpresa? – Liz perguntou.

– Não posso contar, ou não vai ser surpresa – mamãe respondeu, e deu uma risadinha. – Mas está em Richmond.

Chegamos a Richmond no final da tarde. Mamãe seguiu por uma avenida ladeada de árvores, passou por um monte de monumentos de homens a cavalo e parou o Dart, com o trailer de cor branca e abóbora atrás, diante de um prédio que parecia uma espécie de palácio mediterrâneo. Um homem usando um casaco carmim com cauda veio andando e ficou olhando com ar duvidoso para o Dart e o trailer.

Mamãe se virou para nós.

– Essa é a surpresa. Mamãe e eu costumávamos ficar aqui quando vínhamos até Richmond para fazer compras.

Ela abriu a porta do carro e estendeu a mão para o porteiro, como uma madame. Depois de uma pausa, ele pegou a mão dela e, com uma reverência discreta, ajudou-a a sair do carro.

– Bem-vinda ao Hotel Madison – ele disse.

– É bom estar de volta.

Também saímos do carro. O porteiro deu uma olhada rápida para os meus tênis, que estavam cobertos pela lama laranja de Byler. Mamãe nos conduziu pela escadaria atapetada até a recepção cavernosa. Fileiras de colunas de mármore com grandes veios escuros cruzando a pedra orlavam os dois lados do salão. O teto era altíssimo, cobrindo a extensão de dois andares, com uma gigantesca claraboia de vitral bem no meio. Para onde quer que se olhasse, candelabros, estátuas, cadeiras excessivamente acolchoadas, tapetes persas, quadros e sacadas. Eu nunca tinha visto nada parecido.

– A gente pode ficar aqui? – Liz perguntou.

– A gente não pode não ficar aqui – mamãe falou. – Depois do que enfrentamos, não só merecemos como precisamos.

Mamãe vinha falando quase sem parar desde que saímos de Mayfield. Agora tagarelava sobre as colunas coríntias do hotel e a imensa escadaria que, ela disse, fora usada numa cena de ...*E o vento levou*. Quando ela e a mãe ficaram lá, contou, compraram roupas para o seu segundo ano na escola e, depois, tomaram chá com sanduíches no salão de chá, onde as damas tinham que usar luvas. Seus olhos estavam brilhando.

Pensei em lembrar à mamãe o que ela dissera, que só tinha lembranças tristes da época em que era mocinha e que sempre detestou o conjunto de luvas brancas. Pensei melhor. Ela estava se divertindo muito. E mamãe estava sempre se contradizendo.

Na recepção, mamãe pediu dois quartos geminados.

– Mãe! – Liz cochichou. – Dois quartos?

– Não podemos ficar amontoadas num lugar desses. Isso aqui não é um motel pulgueiro com cartaz de luz neon. Isso aqui é o Madison!

O carregador, usando um chapéu sem aba, trouxe nossas malas quadriculadas até os quartos, num carrinho. Mamãe fez questão de exibir a gorjeta de dez dólares que deu a ele.

– Vamos nos refrescar e, então, fazer compras – ela disse. – Se vamos comer no salão principal, precisamos de roupas adequadas.

Liz abriu a fechadura da porta de nosso quarto. Era mobiliado de maneira extravagante, com uma lareira e cortinas de veludo grená, presas por pequenos pendões. Deitamos na cama com quatro colunas. O colchão era tão macio que dava para afundar nele.

– Mamãe nunca agiu assim – falei.

– Nunca foi tão grave – Liz disse.

– Ela não para de matraquear.

– Eu notei.

– Talvez seja só uma fase que vai passar. – Amassei um dos travesseiros e me recostei. – Mamãe e tio Tinsley têm lembranças tão diferentes da infância em Mayfield. – Como se tivessem crescido em duas casas diferentes.

– O que mamãe falou sobre o pai dela ser inconveniente foi esquisito. Você acha que é verdade?

– Acho que mamãe acredita nisso, o que não quer dizer que seja verdade. Talvez ela só precisasse de alguém para culpar pela maneira como tudo deu errado. Talvez alguma coisa tenha acontecido, e ela exagerou as consequências. Ou talvez seja verdade. Acho que nunca vamos saber.

Depois de algum tempo, mamãe bateu à porta.

– Senhoritas – ela chamou –, está na hora de fazer compras.

Ela ainda estava usando a jaqueta de veludo vermelho, mas tinha armado um pouco mais o cabelo e passado batom brilhante e rímel grosso e escuro. E continuava falando sem parar. Enquanto descíamos pelo elevador, ela explicou que o restaurante principal do hotel era tão chique que os homens tinham que usar terno e gravata, e, se aparecessem em mangas de camisa, o *maître* lhes fornecia um paletó apropriado, que pegava na coleção de ternos e gravatas do vestiário.

Mamãe nos levou até o saguão principal, que, naquele momento, fervilhava de hóspedes elegantes querendo ser atendidos, carregadores uniformizados empilhando bagagens e garçons garbosos usando smoking, andando apressados com baldes de gelo e champanhe e bandejas de prata com martinis. Liz e eu ainda vestíamos os shorts feitos de calças cortadas e as camisetas que tínhamos colocado naquela manhã em Mayfield, e me senti destoando totalmente daquele lugar.

Seguimos mamãe por um corredor no qual, a cada lado, havia lojas que, em luminosas vitrines de vidro laminado e molduras de latão, exibiam de tudo – de joias e perfumes a cachimbos rebuscados e charutos importados. Mamãe foi nos levando até uma loja de roupas.

– Minha mãe me trouxe a essa mesma loja quando eu tinha a idade de vocês.

Havia cabideiros com roupas penduradas, mesas com sapatos e bolsas e manequins sem cabeça usando vestidos de verão cor-de-rosa ou verde, de aspecto caríssimo. Mamãe começou a pegar pares de sapatos e vestidos nos cabideiros, dizendo coisas do tipo:

– Isso foi feito para você, Bean. Você ia ficar linda nesse, Liz. Isso aqui é a minha cara.

A vendedora veio até nós, uma mulher de meia-idade com óculos meia-lua pendurados numa correntinha ao redor do pescoço. Ela sorriu, mas, como o porteiro, olhou para baixo, para o meu tênis coberto de lama.

– A senhora está procurando alguma coisa em particular?

– Precisamos de conjuntos para o jantar. Resolvemos nos hospedar aqui de repente e não trouxemos quase nenhuma roupa. Estamos procurando algo um pouco formal, mas também *très chic*.

A vendedora acenou com a cabeça.

– Sei exatamente o que a senhora imagina.

Ela perguntou nossos tamanhos e começou a separar vários vestidos, enquanto mamãe dizia “oh” e “ah” para cada um. Logo havia uma pilha de possibilidades amontoadas.

Liz pegou um e olhou a etiqueta de preço.

– Mãe, isso custa oitenta dólares – ela falou. – Está meio fora do nosso orçamento.

Mamãe olhou para Liz com raiva.

– Isso não cabe a você dizer. *Eu* sou a mãe.

A vendedora ficou olhando, ora para Liz ora para mamãe, como se não conseguisse saber em quem acreditar e no que aquilo ia dar.

– A senhora tem uma banca de ofertas? – perguntei.

A vendedora lançou uma expressão sofrida.

– Nosso estabelecimento não é desse tipo. Tem um saldão na rua Larga.

– Ora, meninas, vocês não devem se preocupar com o dinheiro – mamãe falou. – Precisamos de roupas para o jantar.

Ela olhou para a vendedora.

– Elas ficaram um tempo na casa de um tio pão-duro e adotaram os hábitos sovinas dele.

– Não temos condições de comprar isso, mãe – Liz falou. – Você sabe.

– Não precisamos comer no restaurante – falei. – Podemos pedir serviço de quarto. Ou comprar na rua e levar para comer no quarto.

Mamãe olhou para nós. Seu sorriso desapareceu, o rosto ficou sombrio.

– Como vocês ousam? Como ousam questionar minha autoridade?

Ela tentava fazer algo gentil para nós, mamãe começou, algo que nos animaria, e era esse o agradecimento que recebia? Que dupla de ingratas. Obrigada. Muito obrigada. Ela tinha atravessado o país de carro para nos pegar, e o que fizemos para mostrar nossa gratidão? Nós a constrangemos publicamente numa loja onde ela fazia compras desde que era menina. Chega. Ela estava cansada de nós.

Derrubando os vestidos do cabideiro, mamãe saiu da loja parecendo um raio.

– Cruzes! – exclamou a vendedora.

Seguimos mamãe pelo corredor cheio de gente, mas ela havia sumido.

– Ela deve ter voltado para o quarto – Liz falou.

Atravessamos o saguão, subimos de elevador até nosso andar e descemos pelo corredor acarpetado e silencioso. Um garçom passou por nós, empurrando um carrinho cheio de pratos e travessas, cobertos com tampos de prata. A comida cheirava maravilhosamente bem, e me dei conta de que estava com fome. Não tínhamos comido desde o café da manhã, e comecei a me perguntar como ia ser no jantar. A ideia do serviço de quarto começou a parecer incrivelmente atraente.

Paramos diante da porta de mamãe, e Liz bateu.

– Mãe! – ela chamou.

Não houve resposta. Liz bateu de novo.

– Mãe! A gente sabe que você tá aí.

– Desculpa – falei. – Vamos nos comportar direito.

Ainda sem resposta. Liz continuou batendo.

– Vão embora! – mamãe gritou.

– A gente te ama, mãe – Liz falou.

– Vocês não me amam. Vocês me detestam!

A porta sacudiu com um estrondo e com o barulho de vidro sendo quebrado. Mamãe tinha jogado algo. Então, ela começou a chorar histericamente.

Descemos à recepção. Tinha uma fila parada, esperando ser atendida, mas Liz foi direto até o balcão e eu fui atrás.

O recepcionista tinha cabelos pretos engomados e escrevia freneticamente no livro de registros.

– A fila é lá atrás – ele disse, sem levantar o rosto.

– Temos uma pequena emergência – ela falou.

O recepcionista olhou para cima e levantou as sobrancelhas.

– Nossa mãe se trancou no quarto e não quer sair. Precisamos de ajuda.

Rumamos até o quarto de mamãe, com o recepcionista e um agente de segurança. Ela ainda estava chorando e se recusava a abrir a porta. O recepcionista usou um telefone interno para chamar um médico. Quando o médico chegou, vestindo jaleco branco, o agente de segurança pegou a chave-mestra, abriu a porta e o levou para dentro do quarto. Liz e eu fomos atrás.

Mamãe estava deitada na cama com um travesseiro sobre a cabeça. O médico, um homem baixinho com modos sulistas, tranquilos, tocou no ombro dela. Mamãe tirou o travesseiro de cima do rosto e ficou olhando para o teto. A maquiagem estava borrada. Liz e eu estávamos paradas rente à parede, mas mamãe não olhou em nossa direção. Liz colocou o braço ao redor dos meus ombros.

Mamãe suspirou alto.

– Ninguém entende como é duro ser eu – ela contou ao médico.

O médico murmurou algo em concordância. Ele disse a mamãe que lhe daria uma injeção que a faria se sentir muito melhor e que, depois, ela deveria aproveitar e descansar, e ficar em observação por alguns dias no centro médico da cidade. Mamãe fechou os olhos e apertou a mão do médico.

O recepcionista fez sinal para que Liz e eu saíssemos do quarto e fôssemos para o corredor.

– Agora o que é que vamos fazer com vocês? – ele perguntou.

– Temos um tio em Byler – Liz respondeu.

– Acho melhor ligarmos para ele – ele falou.

Depois de conversar com tio Tinsley, o recepcionista pediu um refrigerante para cada uma, com uma cereja ao marasquino, e um prato com pequeninos sanduíches – peru, salada de camarão,

pepino – sem casca, e nós comemos ao redor de uma mesinha no enorme saguão cheio de colunas. Uma ambulância tinha vindo pela entrada dos fundos para pegar mamãe, o recepcionista nos contou, e o médico a ajudara a entrar. O carregador trouxe nossas malas para baixo, e, depois de terminarmos os sanduíches, ficamos lá, sentadas, esperando. O recepcionista vinha de vez em quando para ver se estávamos bem. Com o passar das horas, a recepção agitada foi se tornando mais tranquila, e, quando tio Tinsley chegou, empurrando a porta giratória, pouco antes da meia-noite, o saguão estava deserto, a não ser pelo nosso novo amigo, o recepcionista, que estava arrumando as coisas atrás do balcão, e um faxineiro que polia o chão de mármore com uma grande enceradeira elétrica.

Os passos de tio Tinsley ecoaram sob o teto à medida que avançava pelo saguão em nossa direção.

– Eu estava mesmo querendo ver vocês de novo – ele falou –, mas não imaginei que seria tão cedo.

Capítulo treze

Mamãe me deixou um pouco preocupada, mas, para ser franca, eu estava aliviada por voltar a Byler. Eu não tinha vontade de mudar para Nova York, onde, segundo tio Tinsley, se você gritasse pedindo ajuda, tudo o que as pessoas faziam era fechar as janelas.

Dois dias depois, mamãe ligou. Estava se sentindo muito melhor. Tivera uma pequena crise, ela admitiu, mas isso por ter de voltar a Byler após tantos anos. Ela conversou com tio Tinsley, e eles resolveram que o mais razoável seria que Liz e eu ficássemos em Byler por enquanto. Mamãe disse que iria para Nova York sozinha e, depois de se instalar, nos chamaria.

– Quanto tempo você acha que mamãe vai levar para se instalar? – perguntei a Liz.

Estávamos nos preparando para ir dormir, escovando os dentes na ala dos pássaros. Para economizar pasta de dente, tio Tinsley misturava sal e bicarbonato de sódio. Quando você se acostumava com o gosto, dava para sentir que a boca toda estava bem escovada de verdade.

– Uma coisa é se instalar, outra é controlar a situação – Liz respondeu.

– E quanto tempo isso vai levar?

Liz enxaguou a boca e cuspiu.

– É capaz de a gente ficar aqui por um bom tempo.

Na manhã seguinte, Liz me falou que não tinha dormido nada bem, porque tinha ficado pensando em nossa situação. Era bem possível que, fosse qual fosse a razão, mamãe não estivesse em condições de nos chamar até o fim do verão. Isso queria dizer que teríamos que ir à escola aqui, em Byler. Não queríamos ser um fardo

para tio Tinsley, que estava, claro, acomodado num esquema de vida de viúvo. Ademais, mesmo que ele vivesse num casarão e sua família tivesse sido dona da cidade, os colarinhos de suas camisas estavam gastos e suas meias estavam furadas. Era óbvio que seu orçamento apertado não incluía sustentar as duas sobrinhas que tinham aparecido à sua porta sem aviso e sem convite.

– A gente precisa arranjar trabalho – Liz falou.

Achei a ideia ótima. Nós duas poderíamos trabalhar de babá. Eu poderia ganhar algum dinheiro entregando revistas, como tinha feito em Lost Lake. Cortaríamos grama ou cataríamos galhos nos jardins das casas. Talvez até pudéssemos conseguir um bico como caixa ou empacotadora numa mercearia.

No café da manhã, falamos com tio Tinsley sobre o nosso plano. Achamos que ia adorar a ideia, mas, assim que Liz começou a explicar, ele começou a abanar as mãos, como quem dispensa algo.

– Vocês duas são Holladay. Não podem sair por aí implorando por trabalho como duas operárias.

Então baixou a voz:

– Ou meninas de cor. Mamãe se reviraria no caixão.

Tio Tinsley disse que acreditava que meninas de boa família precisavam desenvolver disciplina, senso de responsabilidade quanto a si mesmas e sua comunidade, e que elas obtinham isso ao se ligar a grupos da igreja ou como voluntárias em hospitais.

– Os Holladay não trabalham para os outros. Os outros trabalham para os Holladay.

– Mas a gente ainda pode estar aqui quando as aulas começarem – Liz falou.

– Essa é uma possibilidade, de fato. E gosto dessa perspectiva. Somos todos Holladay.

– Vamos precisar de uniforme escolar – acrescentei.

– Uniforme? Vocês precisam de uniforme? Temos todos os uniformes de que precisam. Sigam-me.

Tio Tinsley nos levou escada acima até os pequenos quartos dos empregados, no terceiro andar, e começou a abrir baús bolorentos e armários revestidos de cedro, abarrotados de roupas cheirando a naftalina: casacões com gola de pele, vestidos de bolinha, casaquinhos de lã inglesa, blusas de seda com babados, saias quadriculadas compridas até o joelho.

– Tudo isso é da melhor qualidade, feito à mão, importado da Inglaterra e da França – ele falou.

– Mas, tio Tinsley – falei –, tá tudo meio antiquado. As pessoas não usam mais roupas assim.

– O que é uma pena, porque já não se faz mais roupa dessa qualidade. É tudo calça jeans e poliéster. Nunca usei calça jeans na vida. Roupa de roceiro.

– Mas é o que todos usam hoje em dia. Todo mundo usa jeans – falei.

– E é por isso que precisamos arranjar trabalho. Para comprar jeans – Liz completou.

– Precisamos de dinheiro para poder gastar – falei.

– As pessoas pensam que precisam de um monte de coisas de que, na verdade, não precisam – tio Tinsley respondeu. – Se houver alguma coisa de que vocês precisam mesmo, a gente conversa. Mas vocês não precisam de roupas. A gente tem roupa aqui.

– Você está dizendo que não vai deixar a gente trabalhar? – Liz perguntou.

– Se vocês não precisam de roupa, não precisam de trabalho.

O rosto de tio Tinsley se acalmou.

– Mas vocês precisam sair de casa. E eu devo me concentrar na minha pesquisa. Peguem as bicicletas, vão para a cidade, deem uma

olhada na biblioteca, façam amigos, façam algo de útil. Porém, não se esqueçam: somos da família Holladay.

Liz e eu fomos até o celeiro. Tinha feito muito calor pela manhã, mas uma pancada de chuva trouxe algum alívio à temperatura, e as mariposas, que estavam entorpecidas, voltaram à vida.

– Tio Tinsley está errado – falou Liz. – A gente precisa, sim, arranjar trabalho. Ele só não enxergar isso. E não é só para roupa. A gente precisa ter nosso próprio dinheiro.

– Mas tio Tinsley vai ficar zangado.

– Acho que, no fundo, ele não se importa se a gente arranjar trabalho ou não. Ele só não quer ficar sabendo disso. Quer fingir que ainda vive nos velhos tempos.

Tio Tinsley havia feito um remendo no pneu furado na bicicleta que tinha sido dele quando pequeno. Era uma Schwinn, como a da mamãe, só que era de menino, e azul, com um farolete e um bagageiro atrás do selim. Liz e eu tiramos as bicicletas da garagem e pedalamos até a cidade em busca de trabalho.

Esquecemos que era Quatro de Julho. Havia um desfile na avenida Holladay, e as pessoas estavam todas enfileiradas nas calçadas, famílias inteiras sentadas em cadeiras dobráveis e no meio-fio, chupando picolé, usando as mãos para proteger os olhos contra o sol e acenando animadamente, enquanto a banda da escola de Byler ia marchando, usando uniforme vermelho e branco. Ela era seguida por líderes de torcida que sacudiam pompons, algumas fazendo malabarismo com bastão, caçadores de raposa usando casaco vermelho e montados a cavalo, um caminhão de bombeiros e um carro alegórico cheio de mulheres usando vestidos de paetê um tanto gastos. Por fim, um grupo de homens mais velhos usando diferentes uniformes militares virou a esquina, todos com ar sério e orgulhoso, os da linha de frente empunhando a bandeira americana com as duas mãos diante do corpo. Bem no meio do grupo estava

tio Clarence, com um uniforme verde, movendo-se rigidamente e parecendo estar meio sem fôlego, porém mantendo o ritmo. Quando as bandeiras passavam, a maioria das pessoas na multidão ficava de pé e saudava.

– Aqui estão os patriotas – Liz cochichou naquele tom de voz sarcástico que aprendera com mamãe.

Fiquei quieta. Mamãe, que tinha ido a manifestações antiguerra em que se queimavam bandeiras, vinha falando para nós, havia anos, sobre tudo o que estava errado nos Estados Unidos – a guerra, a poluição, a discriminação, a violência –, mas ali estavam aquelas pessoas, incluindo tio Clarence, mostrando um orgulho verdadeiro pela bandeira e pelo país. Quem estava certo? Os dois lados tinham lá seus argumentos. Estariam ambos certos? Será que existia uma coisa totalmente certa ou totalmente errada? Liz parecia achar que sim. Eu costumava ter bastante certeza das coisas, mas agora não estava tão segura. Aquilo era complicado.

Quando o desfile passou, as pessoas na multidão começaram a dobrar as cadeiras e a se dispersar pela avenida. Fomos avançando, empurrando as bicicletas. Adiante, vimos os Wyatt vindo pela calçada. Joe estava carregando Earl, que segurava uma pequena bandeira americana. Tio Clarence tinha medalhas penduradas acima do bolso do peito de seu uniforme verde e usava um daqueles quepes militares fininhos, com escudos de pano e de metal por toda a volta.

– Adoro o Dia da Independência – tia Al falou, depois de dar um abraço em cada uma. – Me lembra como temos sorte de ser americanos. Quando o meu Truman voltar para casa, vai marchar ao lado de Clarence naquele desfile.

– Mas ele tá pensando em se alistar de novo – Joe falou.

– Por quê? – Liz perguntou. – Estamos perdendo a guerra.

– Estamos perdendo a guerra aqui em casa, com todos esses malditos protestadores e lambões que fogem da convocação – disse tio Clarence. Não estamos perdendo a guerra lá. Nossos rapazes só estão tentando descobrir um jeito de ganhar. Estamos fazendo um trabalho pra lá de bom. O próprio Truman falou isso.

Ele girou sobre os calcanhares e saiu pisando firme.

– Eu não queria deixá-lo chateado – Liz falou. – Pensei que todo mundo soubesse que estamos perdendo.

Começamos a subir pela avenida Holladay juntos, colina acima.

– As pessoas têm opiniões diferentes – tia Al disse. – É um assunto delicado. Existe uma tradição de prestar serviço militar por aqui. Você faz o que o seu país pede para fazer, e faz com orgulho.

– Vou me alistar quando me formar – Joe falou. – Não vou esperar ser convocado.

– O meu Clarence esteve na Coreia – tia Al continuou. – Assim como o seu pai, Bean. Ele ganhou a Estrela de Prata.

– O que é isso?

– Uma medalha. Charlie era um herói. Correu na direção do fogo inimigo para ajudar um companheiro ferido.

– Então você vai se alistar? – Liz perguntou a Joe.

– É o que os caras aqui fazem. Quero consertar helicópteros e aprender a pilotar, como Truman.

Liz ficou olhando para ele com uma expressão incrédula, e tive medo que ela falasse algo sarcástico, então mudei de assunto.

– A gente vai procurar trabalho – falei a tia Al.

– Não vai ser tarefa fácil – ela respondeu.

Não tinha muito trabalho dando sopa em Byler ultimamente, ela explicou. As pessoas na colina não tinham nem um centavo sobrando. Ela e Clarence não tinham condição de ter um carro, e tampouco muitos dos vizinhos. Lá nas ruas Davis e Leste, onde morava a maioria dos médicos, advogados, juízes e banqueiros,

grande parte das pessoas tinha empregados de cor, que cozinhavam, lavavam e cuidavam dos jardins. Havia, porém, os aposentados espalhados pela cidade que talvez quisessem ou precisassem de ajuda em bicos ou jardinagem.

– Às vezes consigo um trabalho, mas ganho mais dinheiro vendendo fruta e ferro-velho – Joe falou.

– Mesmo assim, talvez vocês consigam alguma coisa. Deus há de querer.

Liz e eu passamos os dois dias seguintes batendo às portas, por toda a cidade. A maioria das pessoas na colina explicava, com muita educação, que, em tempos como aquele, tinham sorte se conseguissem pagar as contas no final do mês. Não podiam dar garfadas no dinheiro suado para pagar crianças para que fizessem coisas que elas poderiam fazer por si mesmas. Nossa sorte não foi melhor nas casas mais chiques nas ruas Leste e Davis. Muitas vezes, empregadas negras vestindo uniforme abriam a porta, algumas parecendo surpresas quando ouviam que estávamos procurando trabalho – do tipo que elas faziam. Uma senhora idosa deu uma moeda para cada uma de nós, agindo como se estivesse sendo extraordinariamente generosa.

No final do segundo dia, Liz resolveu dar uma olhada na Biblioteca de Byler, e eu fui de bicicleta até a casa dos Wyatt para contar a tia Al que a procura de trabalho não estava indo muito bem.

– Não fique desanimada – ela falou. – E espere aqui. Tenho uma surpresa para você.

Ela desapareceu no interior da casa e voltou com uma caixa redonda. Abri e vi, pendurada numa fita vermelha, branca e azul, uma medalha em forma de estrela.

– A Estrela de Prata do Charlie Wyatt – ela falou.

Peguei a medalha. A estrela era dourada e tinha um pequeno aro no meio ao redor de uma segunda estrela, menorzinha, feita de prata.

– Herói de guerra – falei. – Ele contava muitas histórias de guerra?

– Charlie era bem falante, mas uma coisa que ele jamais gostou de fazer foi contar como conseguiu a Estrela de Prata. Aliás, sobre nada referente àquela droga de guerra. Charlie nunca usou essa estrela e jamais falou dela para os outros. Ele salvou um companheiro, mas teve um monte que ele não conseguiu salvar, e isso pesava na consciência dele.

O pequeno Earl, que estava sentado ao lado de tia Al, esticou o braço, e eu passei a medalha para ele. Ele levantou e a colocou na boca. Tia Al pegou a estrela de volta, limpou-a com o pano de cozinha e a devolveu para mim.

– Tio Clarence a estava guardando como lembrança do irmão mais novo. Mas agora é sua.

– Não quero ficar com ela se for importante para o tio Clarence.

– Não. Nós conversamos, e Clarence pensou bem e achou que Charlie iria querer que a filha ficasse com ela.

Charlie e Clarence sempre foram muito chegados, ela continuou. Seus pais eram meeiros e morreram num acidente de trator. Aconteceu numa noite em que estavam tentando trazer a colheita de tabaco, durante uma forte tempestade, e o trator tombou num despenhadeiro. Na época, Charlie tinha seis anos, e Clarence, onze. Nenhum parente tinha condições de alimentar os dois, e, como Charlie era novo demais para pagar por seu sustento, ninguém o queria. Clarence disse à família que o estava abrigando que ele faria o trabalho de dois homens se aceitassem Charlie também. A família concordou em fazer uma experiência, e Clarence se desdobrou de tanto trabalhar, chegando a largar a escola para

assumir as responsabilidades de um homem adulto. Os irmãos ficaram juntos, porém aqueles anos deixaram Clarence mais duro, e, quando foi trabalhar no moinho de algodão, a maioria das mulheres achava que ele era um perfeito mesquinho.

– Eu vi o órfão ferido dentro do homem amargo. Clarence só não estava acostumado a ter alguém olhando por ele.

– Eu devia agradecer a ele pela estrela – falei.

– Ele está lá fora, cuidando do jardim.

Atravessei a pequena sala de estar, que ficava atrás da cozinha, e saí pela porta dos fundos. Tio Clarence, usando um chapéu de palha surrado, estava ajoelhado diante de poucas fileiras plantadas com vagem, tomates e pés de pepino, manuseando um ancinho ao redor das bases dos caules.

– Tio Clarence. Obrigada por me dar a Estrela de Prata do meu pai.

Tio Clarence não olhou para cima.

– Tia Al falou que vocês eram muito chegados – acrescentei.

Ele assentiu com a cabeça. Então, descansou o ancinho e virou-se em minha direção.

– Pena que a sua mãe ficou maluca, mas essa mulher devia ter a palavra “encrenca” tatuada na testa. Conhecer a sua mãe foi a pior coisa que aconteceu ao seu pai.

Capítulo catorze

Liz e eu continuamos nossa busca por trabalho no dia seguinte. Quase todas as casas em Byler eram velhas, tanto as grandiosas quanto as pequeninas, mas, no final da tarde, descemos por uma rua que tinha chácaras mais recentes, construídas em diferentes níveis, com passagens cobertas entre a garagem e a casa, entradas laterais pavimentadas com asfalto e mudas de árvores rodeadas de tufo de agulhas de pinheiro. Uma das casas tinha uma cerca feita com correntes protegendo o jardim da frente, com um monte de calotas de carro penduradas. Um carro preto e lustroso estava estacionado na entrada lateral, e havia um homem com a cabeça enfiada sob o capô, mexendo no motor, enquanto uma menina estava sentada no banco do motorista.

O homem gritou para que a menina desse partida no motor, porém ela acelerou demais, e, quando o motor roncou, ele suspendeu a cabeça num solavanco e bateu com ela no interior do capô. Ele começou a xingar alto, berrando que a garotinha estava querendo matá-lo, e, então, virou e nos viu.

– Desculpem, senhoritas. Não vi que vocês estavam aí. Estou tentando consertar esse motor desgraçado, e a minha filha, aqui, não está sendo de muita serventia.

Era um homem grande. Não gordo, só grande, como um touro. Ele levantou a camiseta para enxugar o rosto, expondo a barriga vasta e peluda, e secou as mãos na calça jeans.

– Talvez a gente possa ajudar – Liz disse.

– Estamos procurando trabalho – falei.

– Ah, é? Que tipo de trabalho?

O homem veio andando até onde estávamos. Seu caminhar era desajeitado, mas estranhamente leve, como se ele pudesse se mover rápido em caso de necessidade. Seus braços eram grossos como presuntos, os dedos eram largos também, e o pescoço chegava a ser mais espesso que a cabeça. Tinha cabelos louros, curtos, olhos azuis pequenos, porém muito claros, e um nariz largo, com narinas farejadoras.

– Qualquer tipo de trabalho – Liz disse. – Cuidar do jardim, das crianças, da limpeza.

O homem nos olhou de alto a baixo.

– Ainda não tinha visto vocês por aqui.

– Chegamos faz poucas semanas – eu disse.

– A família se mudou para cá? – ele perguntou.

– A gente está meio que de passagem – Liz explicou.

– Meio que de passagem... O que é que isso quer dizer?

– Estamos passando um tempo com nosso tio – falei.

– E por quê?

– Bom, a gente só está passando o verão com ele – Liz falou.

– A gente nasceu aqui. Mas não voltava havia muito tempo – completei.

Liz me lançou o olhar que queria dizer que eu estava falando demais, mas eu não via como íamos conseguir trabalho se não respondêssemos às perguntas do homem.

– É mesmo? E quem é o seu tio?

– Tinsley Holladay – falei.

– É mesmo? – ele repetiu, inclinando o corpo para a frente, como se de repente estivesse interessado. Ele era tão grande que quando chegou mais perto, e nos olhou de cima, pareceu que estava engolindo o céu.

– Então vocês são sobrinhas de Tinsley Holladay?

Ele sorriu, como se aquilo fosse divertido.

– Bem, sobrinhas do Tinsley, vocês têm nome?

– Sou Liz, e essa é a minha irmã Bean.

– Bean? Que espécie de nome é esse?

– É apelido – falei. – Rima com o meu nome de verdade, Jean.

Liz está sempre fazendo rimas e dando nomes diferentes às coisas.

– Ok, Liz e Bean-rima-com-Jean. Eu sou Jerry Maddox. E esta é a minha filha Cindy. – Ele a chamou com o dedo. – Cindy, venha cá conhecer as sobrinhas de Tinsley Holladay.

A menina saiu do carro. Era poucos anos mais nova que eu, magra, cabelos louros, como os do pai, até a altura dos ombros, e veio andando, mancando discretamente. Liz e eu falamos “oi”, e eu sorri para Cindy. Ela disse “oi”, mas não sorriu de volta, só ficou olhando fixo para nós com os mesmos olhos azuis do pai.

– Bom, eu talvez tenha algum trabalho para as sobrinhas de Tinsley Holladay – o sr. Maddox falou. – Talvez. Alguma de vocês já esteve atrás do volante de um carro?

– Mamãe já me deixou dirigir na entrada da garagem – Liz falou.

– Mamãe? Essa deve ser a irmã de Tinsley Holladay.

– É. Isso mesmo – Liz falou.

– Charlotte Holladay, se eu não estiver enganado.

– O senhor a conhece? – perguntei.

– Nunca a conheci pessoalmente, mas já ouvi falar.

Ele sorriu de novo, e pareceu que tio Tinsley dissera a verdade: todo mundo na cidade sabia da história de mamãe.

O sr. Maddox pediu que Liz sentasse no banco do motorista no qual Cindy tinha estado. Liz tinha o privilégio, ele falou, de ficar atrás do volante de um Pontiac Le Mans, um dos carros mais classudos que Detroit já tinha fabricado, mas só os verdadeiros conhecedores apreciavam, pois os otários se derretiam pelo GTO, só porque era mais caro. Ele pediu que Liz ligasse e desligasse o motor,

ligasse a seta e pisasse no freio, enquanto me fez dar a volta pelo Le Mans, verificando as luzes. Falou a Liz que acelerasse o motor. Ele checou o ritmo, ajustou o carburador, testou os cintos e me mandou segurar o funil enquanto colocava mais óleo. Cindy ficou olhando, parada em pé, em silêncio.

Finalmente satisfeito, o sr. Maddox ergueu o corpo e fechou o capô com um estrondo.

– Tudo certo e pronto para a partida. Vocês são boas em obedecer ordens.

Ele puxou um maço de notas de dentro do bolso da calça e dedilhou algumas.

– Estou procurando uma nota pequena, mas só tenho de dez e vinte. Ah, aqui.

Pegou duas notas de cinco e deu uma para cada uma de nós.

– Acho que podemos trabalhar juntos. Voltem no sábado, depois do almoço.

– Eu disse que a gente ia arranjar trabalho – Liz falou no caminho de volta para casa, praticamente gritando. – Não falei, Bean?

– Falou, sim. Você sempre tem razão.

A meio caminho de casa, passamos pelo campo com os dois emus. Geralmente, eles ficavam fora de vista, do outro lado do terreno, mas, naquela hora, estavam andando bem ao longo da cerca, rente à estrada.

– Olhe! Eles querem conhecer a gente – falei.

– Mamãe diria que é um sinal – comentou Liz.

Paramos para olhar os emus. Eles se moviam lenta e cautelosamente, com o pescoço balançando ao mexer a cabeça para um lado e para o outro. Tinham listras turquesa, ondulantes, nas laterais da cabeça, asas curtas e franzinas e enormes pés escamosos com dedos de garras afiadas. Um som de gorgolejo rufador, que não

parecia com nenhum pio de pássaro que eu já tivesse ouvido, vinha do fundo da garganta dos emus.

– Eles são tão esquisitos... – falei.

– Lindamente esquisitos – Liz completou.

– São grandes demais para ser aves. Têm asas, mas não conseguem voar. Eles têm tudo para nem existir.

– É isso que os torna especiais.

Capítulo quinze

Quando aparecemos na casa dos Maddox, no sábado, Cindy atendeu à porta. Comecei a cumprimentá-la, mas ela virou de costas e gritou:

– Elas chegaram!

Seguimos Cindy pela casa. A sala de estar estava cheia de caixas e eletrodomésticos, incluindo um televisor preto e branco portátil sobre o console de madeira de uma grande televisão colorida. Os dois aparelhos estavam ligados e sintonizados em canais diferentes, mas o preto e branco estava sem som. Havia uma mulher grávida, de cabelos louros, sem brilho, sentada num sofá de couro sintético, ninando um bebê enorme. Ela olhou para nós e gritou:

– Jerry!

O sr. Maddox veio dos fundos da casa, apresentou a mulher como sendo sua esposa e fez um gesto para que o seguíssemos pelo corredor. Uma das coisas engraçadas sobre a casa dos Maddox é que não tinha um único quadro pendurado nas paredes: nem quadro, nem pôster, nem painel de recados, nem foto de família, nenhuma frase otimista ou versículo da Bíblia – só aquelas paredes nuas, brancas.

O sr. Maddox nos levou até um quarto que fora transformado em escritório, com mais caixas e armários de arquivo de metal cinza-claro e uma escrivaninha de metal. Ele se sentou à escrivaninha e apontou para duas cadeiras dobráveis do outro lado da mesa.

– Queiram se sentar, senhoritas.

Pegou uma pilha de pastas, colocou-as sobre a escrivaninha e, depois, dentro de uma gaveta.

– Muitas pessoas trabalham para mim – ele começou –, e eu sempre pergunto a elas sobre seus antecedentes.

Ele era chefe no moinho de algodão, explicou, mas também tinha transações de negócios paralelos que envolviam assuntos complicados e delicados de ordem financeira e legal. Precisava confiar nas pessoas que trabalhavam para ele e tinham acesso à sua residência e ao seu escritório, onde cuidava dos negócios paralelos. A fim de confiar plenamente em quem trabalhavam para ele, devia saber quem eram. Cautela necessária, segundo ele procedimentos de operação-padrão, para homens de negócios experientes.

– Não pode haver surpresas pipocando de repente e explodindo bem na minha cara, depois que eu contrato alguém. É uma via de mão dupla, claro. Alguma pergunta sobre mim ou minhas qualificações enquanto empregador?

Pausa.

– Não? Pois muito bem, então falem mais sobre vocês.

Liz e eu nos entreolhamos. Ela começou a explicar, com alguma hesitação, os bicos que tínhamos feito, mas o sr. Maddox também queria saber sobre nossas origens, nossos estudos, nossas tarefas em casa, as regras na casa de mamãe, sobre a própria mamãe. O sr. Maddox ouviu atentamente e, quando sentia que Liz estava sendo evasiva em relação a alguma coisa, intervinha com perguntas bem específicas. Quando Liz lhe disse que algumas das informações eram pessoais e irrelevantes, ele retrucou que muitos trabalhos exigiam liberações securitárias e verificações de antecedentes e que aquele era um desse tipo. Ele trataria tudo o que lhe contássemos com a mais alta confidencialidade.

– Vocês podem confiar em Jerry Maddox – ele disse.

Tornou-se impossível não responder às suas perguntas. O engraçado foi que nada parecia surpreender ou perturbar o sr. Maddox. Na verdade, ele foi muito solidário e compreensivo. Disse

que mamãe parecia ser uma pessoa talentosa e fascinante, e nos confidenciou que sua própria mãe era uma mulher complicada também – muito inteligente, mas tinha altos e baixos, e quando ele voltava para casa no final do dia, nunca sabia se ia receber um abraço ou uma surra.

Diante disso, abrimos a mala, e logo o sr. Maddox já tinha arrancado de nós a história toda: o sumiço de mamãe, os capturandans, a travessia pelo país de ônibus. Ele quis saber exatamente por que mamãe tinha ido embora e por que tivera uma crise nervosa, então acabei lhe contando sobre Mark Parker, o namorado que meio que não existia de verdade. Também lhe contei como tínhamos fugido do tarado em Nova Orleans, achando que a maneira como Liz e eu tínhamos lidado com a situação o impressionaria. Essa foi precisamente a palavra que ele usou.

– Estou impressionado – disse. – Estava reclinado para trás, com as mãos cruzadas na nuca. – Gosto de gente que sabe lidar com situações difíceis. Estão contratadas.

Foi assim que Liz e eu começamos a trabalhar para a família Maddox.

Capítulo dezesseis

Eu trabalhava, sobretudo, para Doris Maddox. Ela tinha sardas no rosto, e as sobrancelhas e os cílios eram completamente brancos; mantinha os cabelos louros sem brilho presos num pequeno rabo de cavalo. Era poucos anos mais nova que mamãe e o tipo de mulher que mamãe diria que poderia ser bonita, caso se arrumasse um pouco, porém vivia usando um vestido de casa de algodão surrado e só calçava os chinelos de pano pela metade, ficando com os calcanhares para fora, como se enfiar os pés inteiramente dentro deles fosse muito trabalhoso.

Além da filha Cindy, Doris tinha dois meninos – um garotinho, Jerry Jr., e um bebê, Randy. Ela estava grávida do quarto filho e passava a maior parte do tempo sentada no sofá assistindo à televisão: jogos de competição de manhã, novelas durante a tarde, enquanto fumava cigarros Salem, bebia refrigerante e ninava Randy. Quando o sr. Maddox estava na sala, Doris falava muito pouco, mas quando ele saía, ela ficava mais tagarela, sobretudo para reclamar dos idiotas nos jogos de competição ou das vagabundas das historietas – como ela chamava as novelas. Também reclamava do sr. Maddox: como ele estava sempre falando de que maneira ela devia fazer as coisas, e ficava fora de casa até altas horas, sabe-se lá com quem.

Quando ela não estava ninando Randy, Doris me mandava cuidar dele e também ficar de olho em Jerry Jr., que tinha três anos. Minhas tarefas incluíam trocar as fraldas, esquentar os potinhos de comida de bebê de Randy e o macarrão instantâneo de Jerry Jr. – que se alimentava exclusivamente disso e de sanduíche de mortadela com queijo; eu também tinha que ir ao mercado comprar

os refrigerantes e os cigarros de Doris. Eu ainda lavava e dobrava as roupas, limpava o banheiro e passava pano molhado no chão. Doris dizia que eu era uma trabalhadora boa e séria porque estava disposta a ficar de quatro para esfregar o chão.

– A maioria dos brancos não faz isso, sabe?

O sr. Maddox adorava as últimas novidades em bugigangas tecnológicas, e a casa era cheia de compactadores de lixo, desinfetantes de ambiente, aspiradores de pó, aquecedores de milho de pipoca, rádios portáteis e aparelhos de som. A maioria das caixas espalhadas pela casa continha eletrodomésticos, embora muitas nunca tivessem sido abertas. A família possuía duas lavadoras de prato porque o sr. Maddox resolvera que era mais eficiente usá-las em par. Você podia usar um aparelho enquanto o outro estava sendo lavado, ele explicou, e aí encher a máquina vazia e pegar os pratos limpos direto da outra, para a mesa, sem ter que perder tempo guardando-os nos armários.

O sr. Maddox estava sempre pensando nesses termos. Ele descobria formas mais eficientes e aperfeiçoadas de fazer coisas e então mandava todo mundo fazer daquela maneira nova. Foi por isso que o contrataram na tecelagem, ele nos contou, para torná-la mais eficaz. Ele tinha que colocar o cabresto em muita gente e conseguiu, fazendo a produção aumentar.

O sr. Maddox era fascinado por leis. Assinava vários jornais e recortava artigos sobre processos legais, falências, calotes de dívidas, execuções de hipotecas. Seus negócios paralelos incluíam comprar e alugar velhas fábricas de tecelagem. Ele possuía várias casas numa rua e estava tentando fazer com que a avenida principal da cidade mudasse o nome para avenida Maddox. Também tinha um negócio de empréstimo de dinheiro para operários de tecelagens que tinham que cobrir as despesas até o próximo pagamento, e, de vez em quando, ele disse, era forçado a abrir um processo contra

indivíduos que lhe deviam dinheiro ou que estavam tentando lhe dar o cano ou pensavam que iriam fazê-lo de palhaço.

Muitos dos negócios do sr. Maddox exigiam reuniões. Enquanto eu ficava em casa ajudando Doris, Liz acompanhava o sr. Maddox no Le Mans preto, para recolher aluguéis e fazer reuniões em bares, lanchonetes e escritórios, onde ele a apresentava como sua assistente pessoal, Liz Holladay, da família Holladay. Liz carregava sua maleta, entregava-lhe os documentos, quando ele pedia, e fazia anotações. Quando voltavam para casa, ela arquivava os documentos, fazia ligações para marcar compromissos e atendia ao telefone. Ele a mandava dizer a qualquer pessoa que ligasse que estava em reunião; assim, podia evitar quem não queria e impressionar a quem desejasse.

Nunca trabalhávamos em horários fixos. O sr. Maddox dizia quando iria precisar de nós da próxima vez. E nunca recebíamos um pagamento fixo. O sr. Maddox pagava o que achava que merecíamos, dependendo de quão duro tivéssemos trabalhado naquele dia. Liz achava que devíamos ser pagas por hora, mas o sr. Maddox disse que, em sua vasta experiência, isso estimulava a preguiça, e as pessoas se sentiam mais motivadas a trabalhar se fossem pagas por missão.

O sr. Maddox também nos comprou roupas. Certa manhã, chegamos para trabalhar e ele deu a cada uma um vestido azul-celeste, dizendo que era um bônus. Uma semana depois, simplesmente levou Liz até uma loja e a fez experimentar várias roupas antes de escolher a que ele preferia.

Não tínhamos que usar aquele vestido azul-celeste todos os dias, somente quando o sr. Maddox mandava. Eu não gostava muito do vestido, que parecia um uniforme. Teria preferido o meu bônus em dinheiro vivo, mas o sr. Maddox disse que, já que eu estava trabalhando na casa dele e que Liz o representava em reuniões com

seus parceiros de negócios, precisávamos nos vestir de um modo que ele considerasse apropriado. Ele acrescentou que o custo das roupas era maior do que qualquer bônus em dinheiro vivo que ele teria nos dado, portanto estávamos levando vantagem.

– Estou fazendo um grande favor a vocês – ele sentenciou.

Uma coisa típica do sr. Maddox: sempre fazia as coisas de maneira tal que era muito difícil discutir com ele.

Capítulo dezessete

Já fazia algum tempo que trabalhávamos para os Maddox quando me dei conta de que Doris e as crianças quase nunca saíam da casa, a não ser para ir até o jardim. Certos dias, eu ficava sentada na escada diante da entrada, vigiando Cindy e Jerry Jr. e analisando a imensa coleção de calotas penduradas na cerca de corrente. Tinha algo de quase hipnótico naquelas várias fileiras de calotas – brilhantes e lisas, como escudos, de chapas raiadas, inteiriças ou com emblemas que, no momento em que o sol batia, quase cegavam.

O engraçado era que, quando as crianças estavam do lado de fora, no jardim, elas não brincavam. Só ficavam sentadas na grama ou nos carros de plástico desbotados pelo sol da Virgínia, olhando fixamente para a frente, e eu não conseguia, por mais que me esforçasse, fazê-las fingir que estavam dirigindo, nem mesmo fazer barulhos de carro.

E eles nem iam tanto assim ao jardim. Uma das razões era porque o sr. Maddox e Doris eram obcecados por germes e bactérias. Era por isso que estavam sempre me mandando esfregar as paredes, o chão, as bancadas, e também por isso tinham tantos produtos de limpeza que eu nem sabia que existiam: amônia, Clorox, Lysol, diferentes limpadores de tapete, couro, vidro, madeira, seda, vaso sanitário, estofamento, cromado, latão e até um spray aerossol especial para remover manchas de gravata.

Cindy Maddox era a mais obcecada pela ideia de contaminação. Ela não comia o que havia no prato se tivesse sido tocado por outra comida. A gordura do hambúrguer não podia escorrer para o lado das batatas, o milho enlatado não podia encostar nas almôndegas, e

ela não comia ovos de jeito nenhum, porque a clara e a gema tinham estado dentro da mesma casca. Cindy não gostava que tocassem nos brinquedos dela. A maioria das bonecas que ela tinha ainda estava dentro das caixas, alinhadas uma ao lado da outra numa prateleira de seu quarto, olhando para fora pelo papel celofane.

Cindy Maddox era a única criança da família que estava em idade escolar. Mas os pais lhe davam aulas em casa, porque Doris tinha medo de que ela pegasse germes. Cindy não tinha ido bem na última prova que fizera; por isso, apesar de ser verão, ela tinha que fazer o dever de casa. Mas ela não estava interessada em aprender, e Doris não estava interessada em ensinar. As duas costumavam ficar sentadas no sofá de imitação de couro assistindo juntas à televisão. Às vezes, Doris pedia a mim ou a Liz para que lêssemos para Cindy, que adorava que lessem para ela. Também adorava o jeito como Liz mudava o fim da história quando ela achava o fim triste, fazendo a cigarra viver com a formiga numa casa quentinha em vez de morrer de frio no meio da floresta, ou a pequena sereia voltar a viver feliz com a família, no fundo do mar, sem ter que passar por todo aquele sofrimento antes de virar espuma d'água.

Doris queria que eu desse aulas a Cindy, que, embora soubesse ler sozinha, não gostava. Um dia, eu a fiz ler em voz alta. Ela leu direito todo o primeiro capítulo, mas, quando lhe perguntei o que ela tinha achado do que leu, ficou completamente apalermada. Fiz mais umas perguntas e percebi que ela não tinha entendido nada do que tinha acabado de ler. Ela não tinha dificuldades com as palavras individualmente, porém não conseguia juntar uma à outra para que fizessem sentido. Tratava as palavras como tratava a comida, mantendo cada qual separada da outra.

Eu estava tentando explicar a Cindy como as palavras dependiam umas das outras para adquirir sentido quando ouvi o sr.

Maddox começar a gritar com Doris no quarto. Ele afirmava que ela não precisava de roupas novas. A quem ela estava tentando impressionar? Ou será que tentava seduzir alguém? Olhei para Cindy, que agiu como se não estivesse ouvindo nada.

O sr. Maddox veio até a sala carregando uma caixa de papelão e a entregou para mim.

– Coloque isso no Le Mans – ele disse.

Dentro da caixa estavam três vestidos desbotados de Doris e seu único par de sapatos sociais. Doris apareceu à porta vestindo camisola.

– Essas roupas são minhas – ela disse. – Não tenho nada para vestir.

– Não são suas – ele falou para ela. – São as roupas de Jerry Maddox. Quem as comprou? Jerry Maddox. Quem suou para ganhar dinheiro para pagar por elas? Jerry Maddox. Então, elas são de quem?

– Jerry Maddox – Doris falou.

– Exatamente. Só deixo você usá-las quando eu quiser. É como essa casa – ele disse, estendendo os braços em volta. – Quem é o dono disto aqui? Jerry Maddox. Mas eu deixo você viver aqui.

Ele se virou para mim.

– Agora, vá colocar essa caixa no carro.

Senti como se estivesse sendo arrastada para dentro de uma briga. Como eu trabalhava, sobretudo, para Doris, olhei para ela para ver se queria que eu obedecesse, achando que fosse me dizer para lhe dar a caixa. Mas ela ficou ali, parada, com cara de derrotada, então carreguei a caixa até a garagem e a coloquei no banco de trás do Le Mans.

Quando fechei a porta, o sr. Maddox saiu da casa.

– Você acha que fui duro com Doris, não é? Não é sem razão. Ela é uma dessas pessoas que precisam de disciplina.

Doris era muito atirada quando ele a conheceu, o sr. Maddox explicou. Ela usava maquiagem demais, as saias eram curtas demais, e ela deixava os homens abusar dela.

– Tive que intervir e protegê-la de si mesma. E continuo intervindo. Se eu a deixar sair quando bem entender, ela vai voltar a ser como antes. Sem roupa para vestir, ela não tem como sair de casa. Se ela não sair de casa, não tem como se meter em confusão. Não estou sendo mau. Estou fazendo isso pelo próprio bem dela. Entende?

Ele olhava para mim com aquele olhar fixo dele. Eu apenas assenti com a cabeça.

Capítulo dezoito

O sr. Maddox disse que não precisava que eu fosse trabalhar para Doris nos próximos dias, mas queria que Liz voltasse lá; então, no dia seguinte, fui de bicicleta até a casa dos Wyatt para ver se Joe estava com vontade de procurar algumas frutas.

Joe estava acabando de tomar café da manhã. Tia Al preparou um prato para mim também – biscoitos e ovos fritos em gordura de bacon, até ficarem crocantes como batatas fritas, cobertos de molho de carne. Ela serviu uma xícara de café para Joe, que ele bebeu sem leite, e perguntou se eu queria também.

– Hã, hã – falei. – Criança não gosta de café.

– As daqui gostam – Joe falou.

Tia Al me deu um copo de leite, pingou um pouco de café e colocou duas colheres de sobremesa cheias de açúcar.

– Experimente – ela disse.

Tomei um gole. O leite e o açúcar cortaram o amargo do café, fazendo-o parecer uma bebida de criança com um quê a mais.

– Vocês conseguiram encontrar trabalho? – tia Al perguntou.

– Ora, se conseguimos! O seu patrão no moinho, o senhor Maddox. Agora, ele também é nosso patrão. Ele me contratou e à Liz para trabalhar na casa dele.

– Foi mesmo? – Tia Al colocou a xícara de café sobre a mesa. – Não sei se gosto disso. Jerry Maddox é mandão demais. No moinho ele é, e todo mundo o odeia. A minha Ruthie costumava trabalhar para essa família, até que não aguentou mais. E olha que ela se dá bem com todo mundo.

– O senhor Maddox foi o único que ofereceu trabalho para nós – contei. – Ele não tem sido muito duro, mas é muito mandão com a

mulher.

– Aquele sujeito mandaria um bezerro sair da barriga da vaca. Seu tio Tinsley não acha ruim vocês trabalharem para ele?

– A gente não chegou a contar para o tio Tinsley – falei, tomando um gole do meu café com leite. – Ele não queria que a gente arranjasse trabalho. Somos Holladay, ele disse, e os Holladay não trabalham para os outros. Mas a gente precisa do dinheiro.

– Entendo o seu problema – ela falou. – Mas você tem que saber da história entre o senhor Maddox e o seu tio.

Tia Al explicou que o sr. Maddox era um dos homens que os novos proprietários do moinho de algodão, de Chicago, trouxeram para gerenciar o negócio. Tio Tinsley tinha feito um acordo com os compradores para ficar na empresa como consultor, já que ele conhecia as operações do moinho e tinha toda uma história com os clientes e os operários. Mas em pouco tempo o sr. Maddox cortou cabeças. A função dele era cuidar da área de trabalho, e os novos donos lhe pediram que fizesse todo o possível para reduzir os custos e aumentar a produção. Ele seguia as pessoas pela empresa com um cronômetro, pressionando para que trabalhassem mais rápido e eliminassem qualquer gesto desnecessário, dobrando cada par de meias em dois segundos, e não em três; gritando com eles por irem ao banheiro; insistindo para que almoçassem no local de trabalho. Ele anunciou que a cada mês iria despedir pelo menos cinco dos trabalhadores mais lerdos, até reduzir o número de empregados à metade.

Foi por recomendação do sr. Maddox, tia Al contou, que os proprietários acabaram com o time de beisebol e os presuntos doados no Natal. Então, ele convenceu os donos a vender as casas que o moinho alugava para os operários e comprou várias delas por preço baixo, aumentando o valor do aluguel.

O moinho de algodão nunca foi um lugar fácil de se trabalhar, tia Al explicou, mas em sua maioria os empregados se entendiam bem. Eles sentiam que estavam todos no mesmo barco. No entanto, depois que o sr. Maddox apareceu e começou a despedir gente, antigos amigos começaram a se desentender, chegando a delatar ou caluniar os colegas para manter o emprego e alimentar a família.

O sr. Holladay insistia que muitas das mudanças feitas pelo sr. Maddox faziam mais mal do que bem, tia Al prosseguiu. Ele sentia que o sr. Maddox estava tornando os trabalhadores ainda mais pobres, o que os deixava menos motivados. Isso significava que sentiam menos orgulho do produto e que, de vez em quando, chegavam até a sabotar as máquinas só para conseguir alguns minutos de descanso do ritmo extenuante. Ele e o sr. Maddox continuaram batendo de frente, brigando, discordando quanto à melhor maneira de administrar a tecelagem. A certa altura, eles começaram a bater boca no interior da oficina. O sr. Holladay levou suas reclamações ao conhecimento dos novos proprietários, mas eles ficaram do lado do sr. Maddox e forçaram o sr. Holladay a sair da empresa.

– O moinho que tem o nome dele – tia Al falou. – O moinho que a família dele fundou, foi dona, administrou durante a maior parte do século. Depois disso, muita gente em Byler começou a evitar o seu tio.

– Mas ele não fez nada de errado – falei.

– Verdade. Mas o senhor Maddox ganhou a briga e ficou com a faca e o queijo na mão.

– Acho que é por isso que tio Tinsley meio que se retraiu.

– Ele perdeu os pais, a mulher e o moinho, tudo num espaço de poucos anos. O coitado simplesmente teve perdas demais.

Terminei a última mordida de ovo com biscoito.

– Talvez a gente deva contar ao tio Tinsley que estamos trabalhando para o senhor Maddox – falei.

Peguei o meu prato, levei-o até a pia e o enxaguei.

– Estou me sentindo mal. Ele tem sido bom com a gente, e estamos fazendo uma coisa pelas costas dele.

– Não sou a melhor pessoa para dar conselho – tia Al disse. – A maior parte das vezes que uma pessoa pede conselho, ela já sabe o que deve fazer. Ela só quer ouvir outra pessoa dizendo o que ela já sabe.

– Chega dessa lenga-lenga! – Joe nos cortou. – Vamos pegar algumas maçãs, pri.

Na ala dos pássaros, naquela noite, contei a Liz o que tia Al dissera sobre a briga entre o sr. Maddox e tio Tinsley.

– Não parece certo trabalhar para uma pessoa que o tio Tinsley odeia.

– A gente precisa do dinheiro.

– Ainda assim, ele está deixando a gente ficar aqui e comer o ensopado dele, e estamos mentindo para ele.

– A gente não está mentindo, só não está contando tudo – Liz falou. – Olhe – ela continuou –, se tio Tinsley fosse realista, se admitisse que a gente precisa de dinheiro para uniforme e material escolar, seria uma coisa. Mas já que ele quer fingir que a gente pode usar roupa fora de moda, dos anos 1940, e que não precisa comprar livros e cadernos e merenda durante o recreio, então a gente tem que fazer o que deve ser feito. A gente não precisa contar tudo para as pessoas. Manter um segredo ou outro não é o mesmo que mentir.

Liz tinha razão, mas eu ainda me sentia mal com aquilo.

Na tarde seguinte, quando Liz voltou do trabalho, ela disse que perguntara ao sr. Maddox sobre a briga com tio Tinsley. Ele respondera que, de fato, ele e tio Tinsley tinham tido algumas

discussões acerca de como o moinho deveria ser administrado. Tio Tinsley havia perdido a briga, segundo o sr. Maddox. Ele só não mencionara isso porque não queria que parecesse que estava fazendo pouco do tio Tinsley. Mas ele não estava surpreso em saber que tio Tinsley ou qualquer outra pessoa na cidade estivessem falando mal de Jerry Maddox, acrescentando que ficaria contente em nos contar a verdadeira história se quiséssemos ouvir.

– Acho que a gente deve ouvir o que ele tem a dizer – Liz falou.

Capítulo dezenove

Fiquei contente que o sr. Maddox estivesse disposto a contar o lado dele da história. Afinal, ele era o patrão, e nós precisávamos do dinheiro. Ele não nos devia nenhuma explicação, e me fez sentir que se importava com o que pensávamos dele.

Às vezes, o sr. Maddox trabalhava no turno do dia, no moinho, porém outras vezes ele trabalhava à noite e nos fins de semana, o que lhe deixava os dias de semana para resolver outros negócios. Nessa semana em particular, ele estava trabalhando à tarde, mas tinha as manhãs livres; então, no dia seguinte, depois do café da manhã, Liz e eu pegamos as bicicletas, fomos até a cidade e estacionamos na garagem coberta do sr. Maddox, ao lado do Le Mans preto todo polido. Como sempre Doris estava com a televisão ligada, e ela e as crianças estavam no sofá de imitação de couro, assistindo a desenhos animados.

O sr. Maddox estava no escritório, sentado diante da escrivaninha, alimentando o triturador de papel com folhas que viravam tirinhas de espaguete e jogando-as depois na lata de lixo.

– Nunca jogue, simplesmente, o papel fora – disse o sr. Maddox. – Os seus inimigos vão revirar suas latas de lixo para encontrar qualquer coisa que possam usar contra você. Até coisas inocentes. Eles podem torcer e distorcer tudo. Você tem que se proteger.

O sr. Maddox triturou a última folha de papel. A escrivaninha estava limpa, e era assim que ele gostava dela. Uma das tarefas da Liz era verificar se todos os papéis estavam arquivados nas pastas certas, no armário que ele sempre mantinha trancado.

– Então, vocês querem ouvir o que aconteceu entre mim e o seu tio? Não me surpreende. Só me surpreende o fato de que demorou tanto para acontecer.

O sr. Maddox levantou e fechou a porta.

– Eu ficaria feliz em lhes contar, mas antes vocês precisam me dizer uma coisa. – Ele pegou as duas cadeiras dobráveis dentro do armário para que nos sentássemos. E empurrou sua cadeira de rodinhas até ficar a poucos centímetros de nós. – Seu tio Tinsley sabe que vocês estão trabalhando para mim?

Liz e eu nos entreolhamos.

– Não exatamente – ela falou.

– Eu tinha quase certeza disso – ele disse.

– A gente queria contar – comecei a falar –, mas...

– Mas ele provavelmente não ficaria muito contente – o sr. Maddox falou.

– A gente ama o tio Tinsley... – Liz começou.

– Mas, às vezes, o tio Tinsley não vê as coisas da maneira como elas são, realmente. Às vezes, o tio Tinsley não vê o que precisa ser feito – ele disse.

– Exatamente – Liz falou.

– Acho que é uma boa ideia não contar para ele.

Ele deu aquele sorriso que dava quando, intimamente, achava uma situação engraçada.

– Vamos manter segredo – ele falou.

– Mas outras pessoas já sabem – Liz disse. – O senhor vive me apresentando como a sobrinha de Tinsley Holladay.

– E eu também contei para minha tia Al – Al Wyatt – falei. – E para o Joe Wyatt.

– A família Wyatt – o sr. Maddox falou. – A mulher trabalha no turno da noite. O marido é um folgado que diz que tem problema no pulmão. Aquela filha deles costumava trabalhar de babá para nós,

mas as coisas começaram a sumir, então tivemos de pedir que ela se mandasse.

Ele recostou e bateu nos braços da cadeira.

– De qualquer forma, só porque algumas pessoas sabem que vocês trabalham para mim, não quer dizer que o seu tio vai ficar sabendo. Ele não sai muito de casa atualmente. E, se sair, vamos lidar com a situação quando for necessário. Mas acho que isso dá a vocês uma ideia das dores de cabeça que tive ao ter que lidar com ele.

O sr. Maddox explicou que a companhia de Chicago o chamou porque o moinho de algodão estava perdendo dinheiro. Os novos donos disseram que havia duas escolhas: cortar os custos em trinta por cento e tentar espremer algum lucro ou fechar a empresa definitivamente, dismantelar tudo e vender – máquinas de tear e tudo o mais – para uma fábrica na Ásia.

– As pessoas no moinho me odiaram por eu demitir os amigos delas. Mas o fato é que elas deviam ter ficado de quatro, beijando os meus pés, me agradecendo por eu ter salvado alguns dos empregos delas. O pessoal de olhinho puxado, da Ásia, está disposto a trabalhar por vinte centavos a hora, e eles estão dando uma surra na gente. Enquanto isso, o seu tio vem choramingar, fazendo beicinho, suspirando pelos cantos porque quer manter o time de beisebol e porque a qualidade das toalhas de banho já não é a mesma de antigamente. Como se as pessoas, hoje, dessem alguma bola para qualidade. Elas querem alguma coisa que seque a bunda delas e só se importam com o preço.

O sr. Maddox se inclinou para a frente, colocou os braços grossos sobre as pernas e ficou olhando ora para mim, ora para Liz, com aqueles olhos azuis intensos.

– Por isso o tio Tinsley teve que ir embora – ele disse, novamente sorrindo. – A notícia de que ele estava levando cartão

vermelho o deixou desatinado – ele disse, apontando o indicador para o ar e fazendo movimentos circulares. – Maluquinho, maluquinho, com a cabeça dando piruetas.

O sr. Maddox levantou-se, ergueu os braços acima da cabeça e girou como uma bailarina. Então, sentou-se de novo.

– Não me entendam mal. Acho que o tio de vocês é um sujeito formidável, mas vocês têm que admitir que o entendimento dele das coisas, às vezes, é uma droga.

Ele olhou para nós.

– Vocês não acham?

Mexi o corpo na cadeira. Liz olhou para as unhas. Não havia muito a dizer.

Capítulo vinte

Mamãe ligava uma vez por semana e falava primeiro com Liz e depois comigo. A vida em Nova York era animada, ela contou, mas também mais desafiadora do que tinha imaginado. Para início de conversa, era cara. O único apartamento que ela conseguiu pagar tinha uma banheira na cozinha e ficava num bairro violento, com uma escola caindo aos pedaços. Muitas crianças em Nova York iam para escolas particulares, mas elas estavam muito acima do nosso orçamento. Liz e eu merecíamos perfeitamente ir para uma daquelas escolas públicas especiais para alunos superdotados, ela explicou, mas já tinha passado a época das inscrições deste ano, portanto o que a gente precisava fazer era começar o ano letivo em Byler – tio Tinsley tinha dito que ficaria feliz se ficássemos mais um pouco em Mayfield – e então, quando ela encontrasse um apartamento barato num bairro com uma escola boa, nos levaria para Nova York, e a Tribo de Três se reuniria de novo.

Achei ótimo. Francamente, mamãe tinha começado a me dar nos nervos. Àquela altura, estávamos no início de agosto, e, quando eu sentia vontade de conversar com um adulto, ia ver tia Al. A gente se sentava com Earl à mesa da cozinha enquanto ela ficava embalando um copo de chá gelado que fazia aos bules, e conversávamos sobre coisas como o tempo em que ela era menina, na fazenda da família, e que o milho não brotava por causa da seca, e, então, o pai dela fazia os filhos cavar, tirar as sementes para plantar no ano seguinte. Ela também contava histórias sobre o meu pai, como quando ele construiu um carro inteiramente de pedaços catados em ferro-velho; da vez em que ele segurou Ruth de cabeça para baixo sobre uma ponte para que ela não tivesse mais medo de

altura; e de quando ele deu uma carona na motocicleta e tia Al, acidentalmente, prendeu o pé nos raios e destroçou o dedão por completo.

Tio Clarence era um rabugento de marca maior, e imagino que tia Al tivesse razão em dizer que era por causa da vida dura. Mas me parecia que tia Al também tinha uma vida dura – trabalhando no turno da noite num emprego que mamãe chamaria de beco sem saída, voltando para casa para preparar o café da manhã da família, dormindo umas poucas horas e levantando para preparar o jantar. Seu marido ranzinza era inválido, um filho estava na guerra, o mais novo não batia bem, mas ela nunca reclamava. Ao contrário, estava sempre falando de como era abençoada e de quantas coisas maravilhosas Jesus tinha trazido para a vida dela, como eu, que havia aparecido do nada. Porém, suas maiores bênçãos eram os filhos, e a maior parte da conversa de tia Al era sobre eles: Truman, o soldado orgulhoso; Joe, que podia fazer qualquer coisa que quisesse; Ruthie, que tinha passado o verão cuidando da irmã de tia Al e ia conseguir um bom emprego num escritório; e o seu pequenino e especial Earl. Ela amava a todos, e eles lhe devolviam esse amor.

– Juro que eles acham que fui eu quem pendurou a lua e espalhou as estrelas no céu – ela me disse mais de uma vez.

Um dia, pouco depois de mamãe me dizer que devíamos começar a escola em Byler, fui de bicicleta até a casa dos Wyatt. Quando entrei na cozinha, tia Al estava sentada diante da mesa, lendo uma carta. Era de Ruth, ela contou. A irmã de tia Al tinha se recuperado da meningite. Ruth esperava poder voltar para casa em poucos dias e estava ansiosa por me conhecer e à Liz. Então, tia Al abriu uma caixa de sapatos sobre a bancada da cozinha e pegou um maço de finos aerogramas azuis, amarrados com um elástico.

– As cartas de Truman. Ele escreve para mim toda semana, sem falta.

Na carta mais recente, Truman lhe contara que tinha se engraçado com uma moça vietnamita. Estava pensando em pedir a mão dela em casamento e em trazer a moça para a Virgínia, e ele queria que tia Al respondesse dando sua opinião sobre o assunto.

– Se você tivesse me perguntado há uns anos, eu teria dito que não sei, ao certo, se Byler está pronta para isso, mas muita coisa mudou por aqui ultimamente; então, falei para ele rezar e pedir a Deus por uma resposta e, se o Senhor lhe disser para ir em frente, vou receber aquela moça de braços abertos.

Tia Al recolocou cuidadosamente o maço de aerogramas dentro da caixa de sapatos, junto com as cartas de Ruth.

– Eu também tenho novidades – falei. – Parece que Liz e eu vamos para a Escola Municipal de Byler no início do outono.

– Minha querida! – Tia Al me deu um de seus abraços apertados. – Estou tão feliz que vão ficar aqui com a gente em vez de ir para a cidade grande!

– Mamãe disse que a vida em Nova York era mais desafiadora do que ela tinha imaginado.

– É uma maneira de colocar as coisas – tia Al disse, rindo. – Por falar em desafios, você vai ter um daqueles. É neste ano que, gostando ou não, a gente vai fazer a integração.

Lá nos anos 1950, ela continuou, a Suprema Corte tinha resolvido que as crianças negras tinham permissão para ir a escolas de brancos. Em quase todas as cidades do Sul, porém, as crianças negras continuavam indo a escolas para negros, e as crianças brancas frequentavam escolas de brancos.

Enquanto tia Al falava, tio Clarence entrou pela porta do jardim. Tirou o chapéu de palha, enxugou a testa, encheu um copo com água da torneira e tomou um gole.

– Todo mundo tinha o direito de ir para a escola que quisesse, e as pessoas escolhiam ir para a escola daquelas da mesma cor que elas – ele falou. – É natural. Os patos brancos formam bandos de patos brancos, e os patos selvagens, pretos, bandos de patos pretos. Isso se chama liberdade de escolha. Tem coisa mais americana que isso?

– A Suprema Corte discordou – tia Al falou. – No ano passado, a corte ordenou a integração forçada de todas as escolas do Sul. Então, o secretário de Educação de Byler fechou a Escola Municipal Nelson, que foi a instituição dos negros por mais de cinquenta anos, e transformou aquilo numa escola técnica. No início do ano, as crianças da Nelson vão para a Escola Municipal de Byler.

– Isso é coisa daqueles malditos de Harvard – tio Clarence falou. – Eles começaram essa guerra e mandaram nossos meninos lutar nela; e então mudaram de ideia sobre a guerra e andaram por aí cuspiendo em nossos meninos por servirem ao seu país. E agora os caras de Harvard querem descer até aqui e dizer a nós como dirigir as nossas escolas. – Ele tossiu e jogou o resto da água na pia. – Estou inteiramente irritado, então é melhor eu voltar para os meus tomates. – Ele pegou o chapéu de palha e saiu resmungando: – Os patos têm mais bom senso do que aquela Suprema Corte de uma figa.

Capítulo vinte e um

Naquela mesma semana, numa manhã em que o sr. Maddox não tinha trabalho para nenhuma de nós, Liz e eu pedalamos até a colina do moinho. Enquanto estacionávamos nossas bicicletas no jardim na frente da casa dos Wyatt, uma jovem alta, da idade de Liz, veio correndo pela porta. Ela tinha um sorriso escancarado, como o da tia Al, e cabelos escuros e longos, presos por grampos grandes, e usava aqueles óculos de armação de plástico em formato gatinho que algumas velhas usavam.

– Vocês devem ser Liz e Bean! – ela gritou, secando as mãos no avental e dando em cada uma um abraço de rachar osso dos Wyatt.
– Sou Ruth e estava louca para conhecer vocês duas havia séculos.

Ruth nos levou até a casa, explicando que era início da época da colheita e que ela e a mãe estavam no meio da tarefa de fazer conservas. A mesa da cozinha estava coberta de tomates vermelhos, verdes, alaranjados e amarelos. Earl estava formando fileiras de potes de vidro sobre a bancada, enquanto tia Al mexia uma panela enorme e fumegante.

– Tio Clarence cultivou esses tomates todos? – perguntei.
– Tudo o que papai cultiva, a gente come fresco – Ruth falou.
– Com todas essas bocas para alimentar, não deu para o gasto – tia Al disse. – Joe me traz os tomates para conserva.

Ela começou a colocar tomates cozidos dentro dos potes em grandes colheradas.

– Sei que muita gente torce o nariz para aquilo que o meu menino faz – ela disse –, mas a comida que ele traz para casa ajuda a manter essa família alimentada, e de qualquer maneira aqueles

fazendeiros safados estão sempre colhendo mais do que podem vender.

– Mamãe contou que nesse outono vocês irão para a escola em Byler – Ruth comentou. – Muitos dos brancos, incluindo papai, estão fazendo um fuzuê danado com a tal da integração.

– Eu não entendo – falei. – Qual é o problema? Sempre teve crianças mexicanas nas escolas da Califórnia, e elas eram como todas as outras, só que tinham pele mais escura e comiam comida mais apimentada.

– É um pouco mais complicado por essas bandas – tia Al falou.

– Tem gente em Byler dizendo que essa coisa da integração poderia até ser boa – Ruth continuou.

O time de futebol americano da Escola Municipal de Byler teria todos aqueles meninos grandes, fortes e velozes da Nelson, ela explicou, e eles poderiam nos levar para o campeonato estadual. Mas, ela contou, jogadores brancos teriam que ser cortados do time para abrir espaço para os negros. As chefes de torcida da escola, todas com namorados no time, estavam dizendo que iriam sair da equipe se os namorados fossem cortados, porque não queriam ficar torcendo para um bando de pretos que roubaram a posição dos namorados.

Todas as líderes de torcida eram de famílias de berço, Ruth falou. Eram filhas de médicos, de advogados, do revendedor de automóveis, do dono do clube local. Às vezes, os garotos da colina do moinho conseguiam entrar para o time de futebol, mas nenhuma menina da colina jamais tinha chegado a chefe de torcida. Simplesmente não acontecia. Uma líder de torcida tinha que ter determinado tipo físico, e aquele tipo não existia na colina. Todas as meninas da colina sabiam disso e por essa razão nem tentavam ser líder.

– Até agora – Ruth falou. – Porque se algumas das meninas da torcida organizada que têm o tipo certo abandonarem o barco, dizendo que não vão torcer para nenhum jogador crioulo – desculpem a expressão, mas é essa a palavra que elas usam, e sei que não é para chamá-los assim –, outras vão ter a oportunidade de entrar na equipe. – Ela começou a atarraxar as tampas dos potes de vidro que tia Al havia enchido. – E ainda tem o lado nobre da coisa da integração. Então, estou pensando em tentar entrar para a equipe das chefes de torcida. Não tenho nenhum problema em torcer para os meninos pretos.

Um bando de outras meninas da colina também iria tentar, e todas elas iam se encontrar dali a pouco para treinar.

– Por que vocês não vêm treinar com a gente? – ela perguntou.

– Tô nessa – falei.

– Claro – Liz falou naquela voz que ela usava quando não estava com vontade de fazer algo.

– Então tá bem – Ruth falou. – Mas a gente vai ter que arrumar o cabelo de vocês.

– Vão indo – tia Al falou. – Eu termino isso.

Ruth nos levou pelos fundos da casa, onde uma parte da varanda tinha sido transformada num pequeno quarto com o teto inclinado. Nós três quase não cabíamos dentro. Sobre o guarda-roupa, uma fotografia de um cara usando óculos de armação preta e uniforme cáqui. Ruth levantou a fotografia.

– Esse é Truman – ela falou.

Liz e eu olhamos a foto atentamente. Truman tinha uma cara séria, olhos escuros e lábios fartos.

– Ele tem os mesmos olhos que você e Bean – Liz falou.

– A maioria dos Wyatt tem esses mesmos olhos escuros. Corria um boato de que temos sangue judeu na família, mas mamãe diz que é puro irlandês.

– Ele tem cara de inteligente – falei. – Não tem cara de soldado.
– Isso soou esquisito, bem típico da Bean – Liz falou. – Ela quis fazer um elogio.

Ruth riu.

– Truman é inteligente. Talvez isso também seja o sangue judeu. Os outros soldados o chamam de professor doutor, por causa dos óculos e dos livros que está sempre lendo.

Ruth recolocou a fotografia no lugar. Queria nos mostrar seu baú de enxoval, para quando ela se casasse. Puxou um pequeno baú de debaixo da cama e o abriu. Dentro havia panos de prato, toalhas de banho, joguinhos de pano de mesa, um cobertor e uma luva de fogão. Ela estava se preparando para o futuro, disse, mas não contava inteiramente com um casamento. Era uma das melhores alunas num curso de secretariado na escola e conseguia datilografar noventa e cinco palavras por minuto. Não tinha a menor intenção de trabalhar no moinho, acrescentou, sem desmerecer o trabalho da mãe, claro. Era a mãe que dizia para ela arranjar um bom emprego em um escritório.

– Eu tenho trabalhado um pouco como secretária para o sr. Maddox – Liz falou.

– Eu soube – Ruth respondeu. – Trabalhei para eles por algum tempo. Cuidado com ele.

– Cuidado com o quê? – perguntei.

– Só tenha cuidado.

Olhei para Liz, para ver se ela ia dizer alguma coisa sobre o fato de o sr. Maddox ter-nos contado que tivera que despedir Ruth. Quase imperceptivelmente, Liz fez um gesto de negação com a cabeça, como se considerasse aquela história esquisita demais para vir à baila e perguntou:

– Então, o que é que temos que fazer com o cabelo?

– Você não pode deixá-lo balançar para cima e para baixo se quiser ser chefe de torcida – Ruth falou, abrindo um porta-joias cheio de grampos e elásticos de prender. Cuidadosamente, procurou bem e encontrou dois enfeites e grampos que combinavam com a camiseta azul que eu estava usando e, depois, dois que combinavam com o short amarelo de Liz. Ela escovou o meu cabelo, fazendo um rabo de cavalo tão apertado que senti minhas sobrancelhas sendo esticadas para trás. Então, virou-se para Liz, cujos cabelos ruivos alourados eram volumosos e ondulados e desciam até o meio das costas.

– Nunca uso rabo de cavalo – Liz avisou.

– Você vai usar se for chefe de torcida.

Ela puxou os cabelos de Liz para trás, em outro rabo de cavalo apertado, e usou grampos para fixar as mechas soltas. Sem todo aquele cabelo esvoaçante, o rosto de Liz pareceu menor e um pouco sem graça. Ela se olhou atentamente no espelho dentro da tampa do porta-joias.

– Não tenho certeza se essa sou eu.

– Você está superbonitinha – Ruth falou. – Bem jeitosa e arrumada.

Pouco depois, um grupo de oito meninas apareceu na casa dos Wyatt. Ruth mandou que fizéssemos uma fileira na rua, na frente da casa. Ela tirou os óculos gatinho e colocou-os no degrau da escada na frente de casa, dizendo que ia treinar sem eles apesar de praticamente não enxergar nada, porque não tinha a menor possibilidade, nem por tudo o que fosse mais sagrado, de ela conseguir entrar para a equipe usando óculos, que, todo mundo sabia, eram distribuídos pelo serviço de saúde do Estado. Sem aqueles óculos horrorosos, os olhos escuros de Ruth ficaram grandes e lindos, mas é bem verdade que ela passou a piscar muito.

Ruth ficou de frente para nós. Ela conhecia a letra de todas as músicas, conhecia os movimentos e os nomes de cada movimento. Ela mostrou o passo da água, o pulo russo, o candelabro, a ponta de lança, o arco e flecha, e dizia os nomes em voz alta e vigorosa. Sempre fui meio desengonçada, mas fiz o melhor que pude, e, para ser franca, foi até divertido. Já Liz começou sem muita empolgação, abanando uma mão meio boba quando devia estar esticando todo o braço, e o pouco entusiasmo que tinha no início foi murchando até ela desistir por completo e ir sentar no degrau da casa dos Wyatt.

Ruth terminou mostrando a estrela seguida do *spacatto*, que era o encerramento apoteótico de algumas das líderes de torcida organizada. Era difícil, ela explicou, mas era necessário saber, para entrar na equipe. Todas, menos Liz, fizemos fila para tentar, porém nenhuma das outras meninas tinha a coordenação e a flexibilidade de Ruth, e não conseguimos nem levantar as pernas, quanto mais separá-las. Quando chegou a minha vez, Ruth ficou parada do meu lado e me agarrou pela cintura quando fiz o giro da estrela, depois ela me baixou para o movimento final do *spacatto*.

– Você tem jeito, Bean! – ela falou. – E virando-se para a Liz: – Ah, não desanime! – ela gritou. – A prática faz a perfeição. Voltem amanhã, e a gente trabalha mais nisso.

– Está bem – Liz falou, e começou a tirar os grampos e o elástico do cabelo.

– Pode ficar com eles para a próxima vez – Ruth disse.

– A gente pode comprar – Liz falou. – Se precisar.

Eu não estava acostumada a usar rabo de cavalo, mas gostei. Ele fez com que me sentisse pronta para a ação. Só que a maneira como Liz me incluiu na resposta dela me fez pensar que eu também teria que devolver os meus grampos e o elástico, então os tirei.

– Tio Tinsley tem um bolo de elásticos na escrivaninha – falei. – A gente pode usar os dele.

As outras meninas saíram andando pela rua, e Ruth voltou para dentro de casa para ajudar tia Al a terminar de encher os potes. Depois de beber um gole d'água da mangueira do jardim dos Wyatt, Liz e eu montamos nas bicicletas.

- Então, agora você vai ser chefe de torcida? – ela perguntou.
- Talvez. Tem alguma coisa errada nisso?
- Toda aquela gritaria boba é insuportável.

Capítulo vinte e dois

Certo dia, pouco depois desse treino para líder de torcida, quando aparecemos para trabalhar, o sr. Maddox mandou que entrássemos correndo no escritório dele e fechou a porta. Ele entregou a cada uma de nós uma caderneta com uma capa de couro azul e letras douradas complicadas, na qual estava escrito BANCO NACIONAL DE BYLER.

– Abri uma poupança para cada uma. Essas são as cadernetas pessoais de vocês.

Virei a primeira página da minha caderneta. JEAN HOLLADAY estava escrito à máquina na primeira linha, junto com JEROME T. MADDOX. Havia colunas marcadas com “depósitos”, “retiradas”, “juros” e “totais”. A coluna de depósito tinha “vinte dólares” escrito em caneta azul, assim como a coluna dos totais.

Agora, o sr. Maddox explicou, ele poderia depositar o nosso pagamento em nossas contas, transferindo direto de uma conta dele. Seria mais simples e eficiente, para não falar mais seguro, porque não havia a menor possibilidade de o dinheiro depositado ser perdido ou roubado. Isso nos permitiria não apenas economizar, como também receber juros, acumulando riqueza, em vez de esbanjar nossos ganhos com refrigerantes e discos.

Liz estava olhando sua caderneta atentamente.

– Parece tudo muito oficial – ela disse.

– É um rito de passagem – o sr. Maddox falou. – É como obter a carteira de motorista. Já que nenhuma de vocês tem pai, e Tinsley Holladay, por mais virtuoso que seja, não ajuda muito nesse departamento, estou tomando a iniciativa de lhes mostrar a maneira como as coisas funcionam. Bem-vindas ao mundo real.

– Se essa é a minha caderneta, por que tem o seu nome escrito? – perguntei.

– São contas conjuntas – ele disse. – O sr. Maddox contou que era preciso para fazer transferências diretas. Ele não esperava que entendêssemos aquilo tudo porque nunca tínhamos tido cadernetas de poupança, mas o banco operava assim. – Essa é a minha maneira de ajudá-las a evoluir e se tornar adultas, compreendendo como o sistema funciona.

– Mas eu gosto de receber dinheiro vivo – retruquei. – Era divertido manusear as notas gastas que tinham passado por centenas, talvez milhares de outras mãos, olhando para o olho sobre a pirâmide, tentando entender que raio de desenho era aquele, analisando as assinaturas, os números de série e escritos complicados e pequenininhos. – Se o seu dinheiro está trancafiado num banco qualquer, não dá para olhar para ele e contar as notas – falei. – Gosto de dinheiro vivo.

– Dinheiro vivo é o que os investidores inteligentes chamam de “dinheiro burro” – o sr. Maddox disse. – Ele só fica parado dentro do seu bolso, tentando você para ser gasto logo, com bobagem. Ele não trabalha para você. Você tem que fazer o seu dinheiro trabalhar para você.

– Pode ser. Mas mesmo assim gosto de receber em dinheiro vivo.

– Você vai receber juros, Bean – Liz falou.

– Ela está usando o cérebro – ele falou. – E não só os juros, mas os juros sobre os juros. Juros compostos, esse é o termo técnico.

– Não me importa. Só quero o dinheiro.

– A escolha é sua. Mas é a escolha do fracassado. Holladay cuspidor e escarrado.

Capítulo vinte e três

Não consegui entrar para a equipe de chefes de torcida.

Os testes ocorreram duas semanas antes do início das aulas, e compreendi, no instante em que coloquei os pés na quadra de esportes, quão a sério as outras meninas levavam aquela coisa toda. Elas usavam as cores de Byler, branco e vermelho, tinham penteado os cabelos para trás com pequenos enfeites em forma de buldogue – o mascote da escola –, e algumas tinham buldogues pintados nas bochechas. Elas se aqueceram fazendo alongamentos, plantando bananeira e dando cambalhotas – as meninas negras num grupo, as brancas, noutro. As meninas brancas me olharam com desconfiança – eu era uma novata. A treinadora mal olhou na minha direção quando chegou a minha vez, como se ela já soubesse quais meninas iria escolher.

Depois, sentei nas arquibancadas para assistir às apresentações das veteranas. Três das meninas que tinham sido da equipe cumpriram a ameaça de abandonar o grupo, o que significava que haveria três vagas abertas para garotas da colina do moinho e da Nelson.

Ruth se apresentou no final da manhã, e achei que ela arrasou. Ela tinha tirado os óculos gatinho, mas isso não afetou sua performance nem um pouco. Sua voz era alta, seus movimentos, perfeitos, e ela estava tão alongada que, quando fez a última estrela com *spacatto*, todos ouviram o estalo das coxas dela no chão de madeira do ginásio. Não tinha como ela não entrar para a equipe, pensei. Então, as meninas negras se apresentaram. Seis delas tinham sido chefes de torcida na Nelson e conheciam muito bem o riscado. Elas foram ousadas, balançando o quadril e chacoalhando a

cabeça, quase como se estivessem dançando, e me perguntei se aquilo iria ajudar ou atrapalhar, na comparação com as meninas brancas.

Os resultados foram enviados pelo correio dois dias mais tarde, e Ruth conseguiu entrar para a equipe. Assim como duas das meninas negras. Quando fui até a casa dos Wyatt para dar os parabéns a Ruth, ela me deu um abraço apertado. O pessoal da colina, tia Al me contou, estava nas nuvens, porque finalmente uma das meninas deles havia conseguido entrar para a equipe de chefes de torcida. A seleção da treinadora também tinha motivado uma série de reclamações. Alguns brancos em Byler estavam dispostos a aceitar uma única negra na equipe, mas achavam que duas eram demais. E os estudantes da Nelson achavam que deveriam ter conquistado pelo menos três vagas, já que agora constituíam metade da nova escola e tinham fornecido novos jogadores-chave para o time de futebol americano. Uma menina negra e uma branca entraram numa briga de arrancar cabelo por causa disso, na frente da farmácia.

– Não sei direito o que isso pressagia para o ano escolar – tia Al falou.

Tia Al estava fazendo um patê de queijo com pimenta e maionese, bem sulista, para colocar nos sanduíches, quando tio Clarence entrou pela porta da frente segurando uma garrafa dentro de um saco de papel. Estava com um enorme sorriso estampado no rosto e veio andando com um leve requebrar. Beijou tia Al e os filhos, me deu um abraço e perguntou, imitando um pastor evangélico, como estavam todos naquele dia glorioso, e ficou falando sobre sua linda filha e sobre como, finalmente, a colina do moinho tinha conseguido uma chefe de torcida.

– Isso é motivo para festejar. Vamos festejar. Cadê a música? Alguém pega o meu violão!

Joe voltou com um violão velho, com o cabo tão gasto que certas partes estavam pretas, de tantos anos de uso. Tio Clarence tomou um longo gole da garrafa, pegou o violão e começou a tocar de um jeito como eu nunca tinha ouvido ninguém tocar. Ele não parecia pensar no que estava fazendo. Puxava as cordas, dedilhava e produzia vibrações metálicas, como se estivesse num transe, a música fluindo de dentro dele.

Fiquei pasma. Aquele violonista doido e saltitante não era o tio Clarence que eu conhecia.

– Tem bêbado de mau humor e tem bêbado triste – tia Al falou.
– Quando o meu Clarence bebe, é embalado pelo espírito. Ele é um bêbado dançante.

Os demais Wyatt começaram a bater palmas, gritar e acompanhar o ritmo com o corpo, e eu também. Fizemos um círculo em volta de tio Clarence, que tocava tão rápido que suas mãos pareciam uma mancha. Então, jogou a cabeça para trás e começou a uivar.

Capítulo vinte e quatro

A gravidez da Doris estava avançando, e um dia, no final de agosto, o sr. Maddox me disse que ela tinha uma consulta com um médico. Ele queria que Liz ficasse em casa e atendesse o telefone, mas eu precisava ir com eles para cuidar de Randy e do bebê, enquanto o médico examinava Doris.

O sr. Maddox tinha devolvido a Doris suas roupas, poucos dias depois de as ter colocado dentro do carro, e ela estava usando um de seus vestidos de casa de florezinhas. Ele falou para ela se sentar no banco de trás do Le Mans com o bebê e me mandou sentar na frente, ao lado dele. Acelerou e saiu disparado pela rua, com os pneus cantando. Só estávamos indo para uma consulta de rotina, nem estávamos atrasados, mas o sr. Maddox dirigiu como um alucinado, fazendo curvas tão fechadas que éramos jogadas contra as portas, colando na traseira do carro à frente, ultrapassando em zonas proibidas e engatando uma ladainha interminável de reclamações contra todos os incompetentes e idiotas pelo caminho.

Mais ou menos no meio do percurso para o hospital, o sr. Maddox parou no estacionamento de uma mercearia.

– Vou comprar batata frita e refrigerante para todo mundo – ele anunciou. – O que vocês querem?

– Você decide, meu bem – Doris falou.

– Quero um refrigerante de laranja – falei. – Nehi, Crush ou Fanta, tanto faz. E Cheetos. Não os redondinhos e assados, mas os crocantes e fritos.

– Já volto – ele falou, saindo do carro.

Dois minutos depois, ele voltou com um saco de papel marrom. Entrou no carro, enfiou a mão dentro da sacola e me entregou uma

lata de Coca-Cola e um tubo de papelão.

– O que é isso? – perguntei.

– Batata frita e refrigerante.

Ele deu o mesmo a Doris.

– Não foi isso que eu pedi – falei. – Pedi um refrigerante de laranja e Cheetos.

– Isso aqui é Coca-Cola, o melhor refrigerante no mercado, e isso é Pringles. Uma marca nova, e é melhor do que Cheetos.

– Mas não era isso que eu queria.

– Perguntei o que você queria, mas não falei que ia comprar o que você queria. Você tem que prestar atenção ao que eu falo exatamente. É importante se estiver trabalhando para mim.

Examinei o tubo de Pringles, que tinha uma pequena lingueta na tampa de lata. Puxei a lingueta e dei um assobio. Dentro, uma pilha perfeita de batatas em forma de sela de cavalo. Comi uma.

– Tem um gosto esquisito.

– Como assim? – ele perguntou. – A Pringles tem gosto melhor que o Cheetos. Mas não é só o gosto. É muito superior, em todos os sentidos. – Ele começou a dar uma aula sobre os avanços tecnológicos que a Pringles representava. As batatas são uniformes no aspecto, ele disse, e não quebram nem esfarelam, porque foram empilhadas com cuidado dentro do cilindro, em vez de sacudirem por aí dentro de um saco que era cheio, sobretudo, de ar. Você não teve que lidar com as pontas afiadas ou os pontos queimados que se encontravam, às vezes, nas batatas fritas comuns. Com a Pringles, você sabia exatamente o que estava comprando. Consistência de produto. Pringles era a onda do futuro. – Além do mais, você não fica com aquela cobertura alaranjada na ponta dos dedos.

– Eu gosto daquela cobertura alaranjada. Combina com o refrigerante de laranja que também pedi, mas não recebi. – E, continuei, o Cheetos era mais gostoso do que a Pringles, pelo menos

na minha opinião. Ele vinha em vários tamanhos, então dava para escolher grande ou pequeno, dependendo do seu humor no momento. E vinha em todos os tipos de formato, assim dava para se divertir tentando entender com o que cada um parecia.

O sr. Maddox estava segurando o volante, e pude ver uma veia em sua têmpora pulsando, como se a cabeça dele fosse explodir.

– Essa deve ser a coisa mais estúpida que já ouvi na minha vida. Você não tem a menor ideia do que tá dizendo – ele disse –, apontando um dedo gordo para o meu rosto. Estou te falando, a Pringles é melhor do que o Cheetos.

– Ele tá certo, sabia? – Doris se intrometeu. – Jerry sabe do que está falando. É melhor para você ouvir o que ele tá falando do que tentar discutir. E se dê por satisfeita se ele trouxe alguma coisa para você.

O sr. Maddox fez que sim com a cabeça.

– Você fez uma escolha ruim com o Cheetos, então tive que intervir. É isso que tenho que fazer quando as pessoas à minha volta fazem escolhas ruins.

Ele fez uma pausa.

– Então, cale a boca e coma o raio da Pringles.

Mais tarde, naquele mesmo dia, quando Liz e eu estávamos andando de bicicleta lado a lado, voltando para Mayfield, contei a ela sobre o debate Cheetos *versus* Pringles.

– Não entendo por que ele ficou tão bravo – falei. – Se ele pensa que a Pringles é melhor do que o Cheetos, isso é o que *ele* pensa, mas se eu gosto de Cheetos, isso é o que *eu* penso. Se me confundo com um fato, isso é uma coisa. Mas uma opinião não é um fato. E ele não pode me dizer que a minha opinião tá errada.

– Bean, você tá fazendo um cavalo de batalha por causa de salgadinhos – Liz disse. – Não tem importância nenhuma.

– Ele não pode me dizer o que pensar.

– Pode, sim, sobretudo se você estiver trabalhando para ele; mas isso não quer dizer que você tem que pensar o mesmo. E você não precisa dizer a ele que discorda. Não precisa discutir.

– Ou seja, eu devia calar a boca e comer o raio da Pringles?

– Escolha as suas batalhas. É como com mamãe. Às vezes, é melhor fingir que aceita o que eles dizem.

Era isso que ela fazia com o sr. Maddox, Liz falou. Ele tinha opiniões muito definitivas sobre quase tudo, e a melhor coisa a fazer era simplesmente ouvir. O sr. Maddox dissera a Liz que podia ser estourado, e uma das razões pelas quais gostava dela era que ela não ficava chateada quando ele ficava um pouco fora de controle. Ela sabia como manter a linha. Ele também tinha confiança e respeito por ela, e era por isso que lhe dava responsabilidades reais. Tinha deixado que ela visse documentos confidenciais, legais, sobre os processos jurídicos nos quais estava envolvido.

– Como o quê? – perguntei.

– Não posso falar neles. O senhor Maddox me fez jurar segredo.

– Nem para mim? – perguntei.

Liz e eu sempre partilhávamos tudo.

– Nem para você.

Capítulo vinte e cinco

Quando chegou o final do verão, Liz e eu tínhamos juntado dinheiro suficiente para roupas novas. O sr. Maddox vinha me pagando em dinheiro vivo, como eu queria, e eu guardava as notas numa caixa de charutos, dentro do pequeno berço branco, junto com a fotografia do meu pai e sua Estrela de Prata. Liz retirou algum dinheiro da poupança, e uma tarde, pouco antes do início das aulas, fomos a uma loja na avenida Holladay. Eu achava que deveríamos comprar vários conjuntos de roupas mais baratas, mas Liz insistiu em que, além de calça jeans e camisetas, precisávamos investir em pelo menos uma roupa realmente impactante. Ela repetiu várias vezes que era importante fazer uma primeira boa impressão numa escola nova. Liz escolheu uma saia cor de laranja e roxa, em tons vibrantes, e uma blusa roxa brilhante para ela. Para mim, ela encontrou uma calça verde-limão e um blazer combinando.

– A gente precisa mostrar quem é.

No primeiro dia de aula, cada qual colocou uma roupa realmente vistosa, e, apesar de existir um ônibus que não ficava muito longe de Mayfield a pé, tio Tinsley nos levou de carro até a Escola de Byler, no Pé na Tábua. Ele também acreditava em causar uma primeira boa impressão.

A escola era um prédio grande de tijolos, de três andares, com pilares e acabamento de pedra. Centenas de alunos estavam circulando sob os imensos álamos diante da escola – todas as crianças negras num grupo, e todas as brancas no outro. Assim que estacionamos, percebi que havíamos cometido um engano terrível na escolha das roupas. Todas as crianças brancas estavam usando jeans desbotado, tênis surrados e camiseta, enquanto todas as

negras vestiam roupas chamativas, coloridas, como as que Liz e eu estávamos usando.

– A gente tá vestida como as crianças pretas! – deixei escapar.

Tio Tinsley riu.

– Bem, acho que estão mesmo. Hoje em dia, os negros se vestem melhor que os brancos.

– Todo mundo vai ficar olhando e comentando – falei. – A gente precisa voltar para casa e mudar de roupa.

– Tarde demais – Liz disse. – De qualquer forma, como mamãe sempre diz, quem quer se misturar quando pode se destacar?

Nós nos destacamos direitinho. As outras crianças, tanto negras quanto brancas, me encaravam, dando risada, ou ficavam boquiabertas e davam uma segunda olhada enquanto eu passava de sala em sala.

– Ei, garota neon! – gritou um dos meninos brancos.

Naquela noite, pendurei a calça verde-limão no armário, ao lado das roupas de menina rica de mamãe. No dia seguinte, ia colocar jeans e camiseta. Liz falou que ia fazer o mesmo, mas eu sabia que, ainda que eu nunca mais voltasse a usar aquela calça, ela tinha causado uma primeira impressão inesquecível. Eu tinha certeza de que dali em diante seria conhecida como a Garota Neon.

Capítulo vinte e seis

A Escola de Byler era um prédio antigo. Diferentemente das escolas de pavimento único e modernas que eu tinha frequentado na Califórnia, essa tinha escadarias e pé-direito alto e era úmida, além de barulhenta, com armários de metal batendo com estrondo e sinetas tocando entre as aulas, e alunos gritando nos corredores lotados. Logo ficou claro que as crianças que se conheciam desde sempre não tinham nenhum interesse em conhecer uma aluna nova. Mesmo dando o meu sorriso mais amigável, elas desviavam o rosto rapidamente. Talvez fosse por causa da integração. Mas também tinha muito empurra-empurra nos corredores e escadas. Dava para perceber que a escola estava cheia de jovens esquentados loucos por uma briga.

Quando eu estava na sexta série, achei que a sétima seria difícil, com as novas turmas, os livros grossos e as matérias misteriosas como álgebra. Liz era a inteligente de nós duas. Mas, apesar dos nomes intimidantes, como literatura e compreensão, estudos sociais e economia doméstica, os cursos não eram grande coisa. Literatura e compreensão era só leitura. Estudos sociais eram só notícias de jornal com um pouco de história misturado. E a primeira coisa que aprendemos em economia doméstica – obrigatória para todas as meninas da sétima série – foi como arrumar uma mesa. Faca do lado direito do prato, com o fio virado para dentro; colher do lado da faca; garfos do lado esquerdo, alinhados na ordem em que seriam usados.

Nossa professora, a sra. Thompson, era uma mulher grande e lenta, de rosto empoadado e brincos sempre combinando com o colar. Ela dizia que estava nos ensinando “técnicas de sobrevivência” que

toda mulher precisava saber. Mas ninguém morre por colocar a colher do lado esquerdo do prato. Os garotos da sétima série tinham aulas realmente técnicas e aprendiam todas aquelas coisas interessantes e úteis, do tipo como consertar um pneu furado, como instalar uma lâmpada, como construir uma estante. Quando eu disse à sra. Thompson que consertar um pneu furado – e não arrumar uma mesa – era a minha noção de técnica de sobrevivência, ela disse que aquilo era serviço de homem.

Nós nem sequer aprendíamos coisas práticas, do tipo como manter um orçamento ou como costurar um botão que caiu. Tudo centrava-se em se comportar corretamente, saber onde colocar o copo de água e de suco, e usar a roupa de baixo apropriada. Mamãe nunca seria pega vestindo cinta modeladora, e algumas de suas amigas nem usavam sutiã, mas a sra. Thompson estava sempre repetindo que nunca se deveria ver o corpo de uma mulher sacudir sob a roupa e que, por essa razão, todas as mulheres deveriam usar cinta – uma roupa de baixo essencial –, e era uma pena que, hoje em dia, tantas tinham parado de fazê-lo.

Era tão chato que eu nem ouvia. Eu teria feito uma primeira prova péssima, mas a sra. Thompson disse que nos daria pontos extras a cada utensílio de cozinha que soubéssemos nomear. A maioria das meninas disse o nome de cinco ou seis, mas eu arrasei, lembrando dos nomes mais esquisitos – do fatiador de pizza ao ralador de queijo, passando pelo quebra-nozes, pelos palitos de coquetel, pelo descascador de maçã e pelo rolo de massa.

– Não está certo – a sra. Thompson disse depois que deu a nota da prova. – Você é uma das minhas piores alunas, mas teve a melhor nota da sala simplesmente pelas respostas extras.

– Foi a senhora quem fez as regras – argumentei.

Pouco depois daquela primeira prova, fiquei sabendo que se podia faltar à aula de economia doméstica uma vez por semana quando se

entrava para a equipe de animadoras. Então, sem saber ao certo o que era uma equipe de animadoras, resolvi entrar. Nossa função, como fiquei sabendo em seguida, era ajudar as líderes de torcida a animar a multidão durante os jogos amistosos nas séries de competição das sextas-feiras – dia dos jogos de futebol americano – e nos jogos noturnos. Também fazíamos os adereços de animação – vassouras pintadas, com o símbolo dos Bulldogs amarrado na ponta – que eram oferecidos como prêmio à turma que mostrasse maior animação durante as competições, e pintávamos os cartazes que eram colados nos corredores antes de cada partida.

O primeiro jogo da Byler naquele ano era contra os Big Creek Owls – os “corujas do córrego grande”. Quando nos encontramos no ginásio, Terri Pruitt, a veterana que era líder da equipe, disse que precisávamos pensar em cartazes com temas relativos a coruja. Quando contei a Liz, ela desfiou um rosário de ideias muito engraçadas e rimadas que podíamos usar: “Vamos depenar a coruja”, “Com a coruja vai ser de lambuja”, “Bater na coruja até ela ficar de cara suja”.

– Por que você não entra para a equipe de animadoras? – perguntei a Liz. – Você seria ótima.

– Acho que não. É tudo muito tribal.

No encontro seguinte da equipe de animadoras, li a lista dos *slogans* de Liz. Terri adorou “Com a coruja vai ser de lambuja”. Ela disse que podíamos fazer um cartaz bem grande, pintar a frase com tinta spray num lençol velho e pendurá-lo na parede do ginásio de esportes para a competição de sexta-feira. Ela se virou para Vanessa Johnson, a única garota negra da equipe de animadoras, que também estava na minha aula de inglês.

– Vanessa, você pode ajudar Bean – Terri falou.

– Então, eu sou a ajudante? – Vanessa perguntou.

Ela era mais alta do que a maioria das meninas e tinha pernas e braços longos e atléticos. Cruzou aqueles braços bem devagar e encarou Terri.

– Escute, nós estamos ajudando umas às outras, está bem?

Terri achou lençol e tinta spray e mandou que fôssemos pintar do lado de fora. Descemos pelo corredor, e comecei a contar a Vanessa que, primeiro, devíamos delinear as palavras a lápis, para ter certeza de que ficariam centralizadas, para não ter que espremer o fim da frase.

– Quem disse que você dá as ordens? – ela perguntou.

– Ah, que injustiça. Só dei uma ideia.

Vanessa colocou as mãos na cintura.

– Injustiça? Você quer falar do que é justo e do que é injusto? Injusto é ter a sua escola fechada e ser forçada a ir para a escola de branco pobretão.

– Como assim? Pensei que as crianças negras quisessem vir para a escola dos brancos. Achei que esse era o xis da questão.

– E por que a gente ia querer ir para a escola dos brancos se já tínhamos a nossa própria escola?

Na Nelson, eles tinham o próprio time de futebol americano, Vanessa contou, a própria equipe de chefes de torcida e de animadoras, suas próprias cores emblemáticas, seus próprios representantes estudantis. As famílias da Nelson tinham orgulho da escola e, nos fins de semana, iam fazer faxina e arrumar tudo. Algumas famílias até pintavam o carro com as cores da escola: roxo e prata. Mas agora as crianças da Nelson tiveram que abrir mão de suas cores. E os antigos alunos da Nelson sabiam que jamais seriam eleitos representantes de turma em Byler, nem nomeados para representante da escola, nem receber a menção PROVAVELMENTE TERÁ SUCESSO NA VIDA. Byler nunca seria a escola deles.

– Se é assim que você se sente, por que entrou para a equipe de animadoras?

– Não consegui entrar para a de chefe de torcida. Mas isso não significa que vou ficar chupando o dedo nas arquibancadas. – Sua irmã Leticia, ela explicou, era uma das duas líderes de torcida da Nelson escolhidas para a equipe da Byler. Vanessa disse que ela estaria em todos os jogos, animando Leticia e os meninos da Nelson no time da Byler. Então, ela me olhou bem fixo nos olhos. – E não vou desistir. Vou entrar para as chefes de torcida no ano que vem.

Levantei o lençol e falei:

– Então é melhor a gente fazer esse cartaz ficar um luxo.

– A pobretona quer luxo – ela disse, e pela primeira vez sorriu.

Capítulo vinte e sete

No sábado seguinte, eu estava no porão da casa dos Maddox, dobrando a roupa lavada, quando o sr. Maddox apareceu no topo da escada. Ele desceu os degraus ruidosamente e veio até mim, com aquele andar estranhamente leve para um homem tão grande.

– Arranjando o que fazer – ele disse. – Que bom! Se você trabalha para mim, arranja o que fazer.

– Obrigada. Dobrei as coisas grandes, agora estou enrolando as meias.

O sr. Maddox esticou o braço e se apoiou contra a parede do porão. Ele ficou pairando sobre mim, ao meu lado, e me senti meio espremida. Tinha chegado tão perto que eu podia sentir seu hálito em meu rosto. E também sentia seu cheiro. Ele não fedia, mas eu não estava acostumada a ficar tão perto de um homem adulto, e o cheiro dele me fez pensar em suor e trabalho, músculo e carne. Não era desagradável, porém era um pouco perturbador.

– Outra coisa que aprecio em você é que não tem medo de mim. Sou um sujeito grande e sei que certas pessoas ficam nervosas quando fico parado assim, perto delas.

– Não mesmo.

– É – ele disse. – Você não tem medo.

Até então, ele estava com a mão encaixada sobre o quadril, e depois esticou o braço e colocou a mão sobre o meu ombro. Era um dia quente de setembro, e eu estava usando uma blusa sem manga. Sua mão enorme era tão áspera e calosa que achei que dava para sentir cada sulco de suas impressões digitais.

– Você leva as suas responsabilidades a sério – ele continuou – e não faz drama com pequenos detalhes. Bem diferente da Doris.

Ela está sempre reclamando por bobagens. Você tem senso de humor e é uma companhia divertida. Tem topete e é madura para a sua idade. Quantos anos você tem mesmo?

– Doze.

– Doze? Só? Difícil de acreditar. Você parece e age como se tivesse muito mais idade.

De repente, o sr. Maddox enfiou seu grosso polegar na minha axila e alisou a pele.

– E a penugenzinha já está crescendo.

Dei um pulo para trás.

– Pare!

O sr. Maddox segurou meu ombro com o polegar ainda dentro da minha axila por mais alguns instantes, soltou a mão e riu.

– Agora não vá fazer besteira. Não fiz nada de errado. Só estava comentando que você está ficando adulta. Tenho esposa e filha, cresci com irmãs e sei tudo sobre as mulheres, seus ciclos, e quando elas começam a ficar mocinhas. É só o ritmo da natureza. Sou adulto, e você está se tornando adulta. Se vamos ter uma relação profissional, como os adultos têm, precisamos conversar sobre coisas desse tipo. Por exemplo, talvez um dia você não possa vir trabalhar porque começou seu ciclo menstrual, está com cólica e vai ter que me contar isso. Acontece o tempo todo na tecelagem.

Olhei para a pilha de meias ainda não emparelhadas à minha frente. Não consegui pensar em nada para dizer. Eu não queria fazer tempestade em copo d'água. Apesar de me parecer totalmente errado o sr. Maddox ter enfiado o dedo na minha axila, não tive como discordar de nada do que ele falou.

O sr. Maddox levantou a mão novamente e deu um empurrão no meu queixo.

– Você não está zangada comigo, está? Achei que a gente só estava conversando sobre crescer e ficar adulto. Olhe, se estiver

zangada, tem de dizer alguma coisa. Se você acha que fiz algo errado, me dê o troco. Pode me xingar. Pode me xingar do que quiser. – Ele fez uma pausa. – Ou você pode me bater. Vai, bate! – Ele abriu os braços. – Bem aqui, no estômago. Com toda a força. – Esperou um pouco. Então, apontou para o queixo. – Ou bem aqui no rosto, se você preferir.

– Não, obrigada.

– Você não quer me bater? Por que não? – Ele fez uma pausa novamente. – Sei que você não tem medo de mim, então acho que não está zangada comigo. Ótimo. – Ele pegou o maço de dinheiro do bolso e tirou uma nota de vinte. – Isso aqui é pelo seu dia de trabalho – ele falou, e subiu a escada.

Vinte dólares era mais do que o sr. Maddox costumava pagar por um dia de trabalho. Aquilo tudo tinha sido meio esquisito, e quando peguei o dinheiro, senti que o estava deixando me comprar. Mas vinte dólares era muito dinheiro. O sr. Maddox sabia que eu precisava e sabia que eu ia aceitar. Coloquei o dinheiro no bolso, acabei de enrolar as meias e fui embora, sem me despedir de ninguém.

– Não gosto do sr. Maddox – eu disse a Liz naquela noite.

– Você não precisa gostar dele. Só tem que saber lidar com ele.

Eu tinha pensado em contar a Liz sobre o que acontecera, mas era meio constrangedor. E também, quando repassei a cena mentalmente, o sr. Maddox não tinha feito nada errado e, se tinha, meio que pediu desculpas. Fiquei repetindo a mim mesma que não queria transformar aquilo num bicho de sete cabeças. Dali em diante, eu só tinha que descobrir como lidar com ele. Como Liz fazia.

Capítulo vinte e oito

Geralmente, mamãe ligava uma vez por semana, mas de vez em quando ela atrasava uns dias ou pulava uma semana. Quando isso acontecia, ela pedia desculpas e dizia que tinha querido ligar, mas você sabe como o mundo da música pode ser uma loucura.

Ainda não estava na hora de Liz e eu irmos até Nova York, mamãe nos falou, mas não íamos ficar presas em Mayfield para sempre. Além do mais, era bom para nós sermos expostas às condições de vida em Byler. Isso nos ajudaria a entendê-la, o que ela tivera que suportar e por que tomara a decisão de partir. Faria com que nos sentíssemos agradecidas por ela ter se esforçado para nos criar entre gente de mente aberta e não conformista, em vez de entre pessoas que a tratavam como uma pária se você não fizesse tudo exatamente como elas faziam.

Quando contei a mamãe que tinha entrado para a equipe de animadoras de torcida, ela suspirou:

– Mas por que você foi querer fazer uma coisa dessas?

Ela mesma tinha sido chefe de torcida, explicou, e tremia só de lembrar do fato. Futebol americano era uma coisa selvagem. E animar a torcida era uma maneira de fazer lavagem cerebral nas mulheres, fazendo com que pensassem que os homens eram as estrelas, e que o máximo que a maioria das mulheres poderia esperar da vida era abrir alas para que outros passassem e ganhassem.

– Não seja da torcida de outra pessoa. Seja a estrela do seu show. Mesmo que não tenha ninguém assistindo.

Eu sabia que mamãe tinha alguma razão. Mesmo assim, eu gostava de fazer parte do grupo de animação. Era divertido, e eu

tinha feito amigas. O que havia de errado nisso? E eu ainda tinha descoberto que o espírito estudantil era importante em Byler, e se você não demonstrasse nenhum, não ia muito longe.

Liz, no entanto, levou o conselho de mamãe ao pé da letra. Ela vinha rumando nessa direção e ficou contente com a perspectiva de mamãe apoiar a sua própria maneira de ver a situação. Eu fazia o melhor que podia para que as coisas dessem certo em Byler, mas não dava para dizer o mesmo de Liz. Ela vivia fazendo comentários críticos sobre os costumes locais antiquados, soltando provérbios latinos, corrigindo a gramática dos outros alunos e fazendo careta ao ouvir música *country*. Depois do primeiro dia na escola, Liz e eu vestimos jeans, mas após algumas semanas, ela voltou às roupas impactantes que a faziam se destacar, incluindo a saia roxa e laranja, uma boina e, recentemente, até algumas velhas roupas de mamãe – aquelas que tio Tinsley havia tentado nos fazer usar –, como uma jaqueta de caça feita de lã quadriculada e uma calça de montaria. Fazia muitos anos que eu ia à mesma escola que Liz, e, apesar de ter o hábito de pensar nela como sendo brilhante, linda e simplesmente perfeita, estava claro que as outras crianças de Byler achavam que ela agia de maneira estranha e afetada.

Na Califórnia, nunca demos muita atenção aos esportes da escola. As únicas pessoas que realmente ligavam para isso eram os alunos que participavam dos times. Mas em Byler a cidade inteira era obcecada pelos Bulldogs. Cartazes de apoio ao time eram pendurados na fachada das lojas, ao longo da avenida Holladay. As pessoas pintavam *slogans* dos Bulldogs nos vidros dos carros e nas janelas de casa e plantavam flores vermelhas e brancas nos jardins. Adultos parados nas esquinas discutiam as expectativas sobre os jogos e debatiam os pontos fortes e fracos de cada jogador. Professores interrompiam as aulas para falar sobre a próxima

partida. E todos tratavam os membros do time como se fossem deuses.

No dia do jogo, você devia usar vermelho e branco para ir à escola. Não era uma regra, mas todos faziam isso, Terri Pruitt me contou. Coloquei uma camiseta vermelha e branca no dia em que os Bulldogs deveriam jogar contra os Owls, no jogo de abertura da temporada. Liz fez questão de usar a saia roxa e laranja, dizendo que era não conformista como mamãe. Ela tinha que usar aquele vestido azul quando Maddox queria e concordar com tudo o que ele dizia, mas isso era porque ela estava na folha de pagamento dele. Ninguém na escola de Byler iria lhe dizer o que tinha que usar nem por quem torcer.

Todos em Byler foram chamados para assistir à sessão preparatória para a partida. Saí da aula de economia doméstica para decorar o salão de esportes. Todos os alunos e professores estavam usando vermelho e branco, incluindo os antigos alunos da Nelson. Cada turma se sentava junto, e elas competiam para ver quem torcia de maneira mais ruidosa, sendo que a mais barulhenta ganhava o bastão da animação e o privilégio de sacudi-lo durante o jogo daquela noite. Quando chegou a vez da sétima série, Vanessa e eu nos levantamos diante da turma, abanando os braços e dando socos no ar. Um dos garotos gritou:

– Dá-lhe, Garota Neon!

Só sorri e dei socos ainda mais fortes e, confesso, fiquei morta de orgulho quando ganhamos aquele bastão da animação.

A partida começou no fim da tarde. Os holofotes ao redor do campo de futebol foram acesos, embora ainda houvesse bastante luz do dia. Um vento quente soprou pelo campo, e uma lua minguante se pendurou no céu prateado.

A família Wyatt apareceu em peso logo cedo para conseguir lugares embaixo e na frente, para poder aplaudir Ruth. Joe, que

carregava Earl, deu um adeusinho. Liz não veio – disse que concordava com mamãe, que o futebol era um esporte selvagem –, mas tio Tinsley veio, usando um chapéu de feltro cinza e uma velha jaqueta esportiva branca e vermelha, com um enorme “B” estampado. Ele andou até onde eu estava – alinhada com as outras meninas da equipe de animação.

– Turma de '48. A gente arrasou a divisão. Mordam eles, Bulldogs – ele disse piscando.

As arquibancadas ficaram lotadas rapidamente, e, como na cantina da escola, os negros e os brancos se sentaram em lados separados. Depois que a banda tocou, os Bulldogs foram apresentados, um a um, cada qual correndo até o meio do campo quando seu nome era chamado. Os torcedores brancos aplaudiam os jogadores brancos da Byler, porém ficavam em silêncio quando era a vez dos jogadores que tinham sido da Nelson. Os negros nas arquibancadas torciam pelos jogadores negros, mas não pelos brancos.

Quando os Owls entraram no gramado, a torcida deles aplaudiu o time todo, mas o time só tinha um jogador negro. Uma das coisas que as pessoas comentaram antes do jogo foi que os Owls sempre foram um time fraco e que Big Creek era uma cidadezinha no meio das montanhas e quase nenhum negro vivia lá, por isso o time não teve os problemas de integração que Byler estava tendo.

No início do jogo, a multidão estava entusiasmada, vibrava toda vez que os Bulldogs completavam um passe ou roubavam a bola do adversário e vaiavam sempre que os Owls avançavam. As chefes de torcida estavam posicionadas, alinhadas lateralmente, dando chutes no ar, pulando em todas as direções, agitando os pompons, enquanto a equipe de animadoras corria de um lado para outro, diante das arquibancadas, animando a multidão, gritando “Cachorro rosna, coruja pia”.

Todos se divertiam muito, e não me pareceu que era preciso ser selvagem para apreciar um jogo. No segundo tempo, porém, os Bulldogs tinham ficado para trás em dois pontos, e o humor dos torcedores azedou. Eu não sabia muito sobre futebol americano – as regras pareciam incrivelmente confusas –, mas pude entender que estávamos perdendo. Durante o intervalo, perguntei a Ruth o que estava acontecendo. Os Bulldogs não estavam jogando como uma equipe, ela explicou. Dale Scarberry, o zagueiro branco, só passava a bola para os receptores brancos, e os novos jogadores negros não estavam bloqueando os colegas brancos. Se continuasse assim, os Bulldogs seriam massacrados.

Quando Dale Scarberry fez um passe, que foi pego por um dos adversários, fiquei surpresa ao ouvir torcedores da Byler – tanto alunos quanto adultos – vaiando o próprio time. Eles vaiavam sempre que outro Bulldog cometia um erro e também xingavam, gritando coisas do tipo “Vergonha do time!”, “Idiota!”, “Coloque ele no banco!”, “Perna de pau!”, “Tem merda na cabeça!”.

Os Owls fizeram novo ponto, e foi então que as coisas ficaram feias. As animadoras ainda estavam dando pulos e socando o ar, tentando fazer com que a multidão voltasse para o nosso lado, quando alguém jogou um saco de papel cheio de lixo no campo. Corri para pegar e, quando voltei à linha lateral, vi um homem branco levantar na arquibancada e atirar um hambúrguer na irmã de Vanessa, Leticia, quando ela estava erguendo os pompons acima da cabeça com um enorme sorriso. O hambúrguer a atingiu no peito, deixando uma mancha oleosa em seu bonito uniforme vermelho e branco.

Leticia fez que ignorou e até continuou sorrindo, e todas as outras chefes de torcida continuaram com a coreografia. Então, um homem branco, que eu reconheci como sendo da colina, levantou e jogou um copo cheio de refrigerante e gelo. Quando atingiu Leticia

no ombro, a tampa voou e seu uniforme ficou ensopado. Leticia continuou chutando o ar e agitando os braços tão vigorosamente quanto antes, mas parou de sorrir.

Tia Al virou e encarou os dois homens brancos.

– Ei, isso não é direito! – ela gritou.

Nessa hora, um homem negro, de pé na arquibancada, atirou um copo de refrigerante em Ruth. Ele a atingiu no ombro, e o líquido se esparramou pelo seu uniforme.

Aquilo foi demais para Joe. Ele deu um pulo e correu na direção do homem negro, mas outros negros o derrubaram antes de ele chegar até o homem. Um bando de torcedores brancos começou a saltar entre os degraus da arquibancada, entre os assentos, para defender Joe, e começou a maior briga, todo mundo atirando bebida e comida uns nos outros, gritando, trocando murros, se agarrando, mulheres xingando e puxando cabelo, bebês chorando e criancinhas berrando, o bastão da animação da sétima série sendo usado para bater na cabeça de um sujeito. A confusão prosseguiu até a polícia chegar às pressas na arquibancada, com cassetetes, e dispersar a multidão.

Perdemos o jogo por 36 a 6.

Capítulo vinte e nove

Na segunda-feira, na escola, só se falava no jogo. Alguns alunos brancos estavam indignados com a pancadaria nas arquibancadas, dizendo que foi vergonhoso e deselegante, mas colocaram a culpa na integração, dizendo que era isso que acontecia quando se misturavam negros e brancos; não tinha como dar certo. Alguns alunos negros também estavam horrorizados, no entanto diziam que a confusão não era culpa deles, que nunca houve briga nos jogos da Nelson e que só se defenderam. A maioria dos alunos estava menos chateada com a briga do que com a derrota esmagadora que os Bulldogs sofreram nas mãos dos Big Creek Owls, de quem costumavam ganhar fácil. A integração deveria melhorar o time, eles diziam, mas agora não dava mais para ganhar nem daqueles maricas de Big Creek.

O diretor, ao final de seus comunicados matinais feitos pelo sistema de alto-falantes, mencionou a necessidade de “respeito mútuo e de unidade na escola”. Mas só na aula de inglês, depois do almoço, os professores começaram a abordar esse assunto de maneira direta.

A minha professora de inglês, a srta. Jarvis, uma mulher jovem, de lábios finos, que ficava muito animada com as leituras que tínhamos que fazer, nos disse que achava que deveríamos discutir o que acontecera durante o jogo.

– Foram os brancos que começaram – disse Vanessa Johnson. – Jogando aquela coca na minha irmã.

– Sempre jogam coisas durante os jogos – falou Tinky Brewster, um garoto da colina. – Mas vocês vivem transformando tudo em uma coisa racial.

– Não vamos ficar aqui trocando acusações – disse a srta. Jarvis. – Mas eu gostaria de saber a opinião de vocês sobre o que podemos fazer para que a integração seja um sucesso em nossa escola.

Os alunos brancos começaram a dizer que o problema era que os negros estavam sempre reclamando do preconceito e da escravidão, apesar de terem sido libertados havia mais de cem anos. E os negros poderiam ter orgulho negro, mas se, de repente, alguém falasse em orgulho branco, era racista. Por que não se pode chamá-los de crioulos, e eles podem nos chamar de brancos safados? Vários meninos brancos da colina disseram que, de qualquer forma, os bisavós deles tinham sido, em sua maioria, praticamente escravos, mas que nunca se ouviam as pessoas reclamando dos irlandeses terem trabalhado em condições de escravidão. Fiquei olhando ao redor com ar culpado, para ver se alguém iria mencionar a velha plantação de algodão dos Holladay. Ninguém mencionou, e não era eu que iria trazer esse assunto à baila.

A escravidão podia ter terminado cem anos atrás, os meninos negros retrucaram, porém, até recentemente, eles não podiam comer na lanchonete local e, até hoje, eram olhados com cara feia quando entravam. Só começaram a ser contratados pela Têxteis Holladay havia alguns anos e, ainda assim, tinham os piores empregos. O verdadeiro problema, os alunos negros disseram, era que os brancos estavam com medo de que os estudantes negros dominassem os esportes e a música. Eles queriam que os negros calassem a boca, parassem de exigir seus direitos e voltassem a limpar banheiros, lavar roupa e cozinhar para os brancos.

– Bom, não vamos resolver essa questão hoje – disse a srta. Jarvis.

Em vez disso, ela queria que lêssemos um livro sobre conflito racial numa pequenina cidade sulista. O título era *O sol é para todos*.

Gostei de *O SOL é para todos*, mas não achei que fosse o livro mais espetacular já escrito, como a srta. Jarvis havia comentado. Para mim, o melhor não era a parte sobre o racismo, mas sobre a maneira como Scout e os dois meninos xeretaram a grande casa mal-assombrada, onde vivia o sujeito recluso e assustador. Eles me fizeram lembrar que eu era criança.

Por mais que a srta. Jarvis elogiasse o livro como sendo alta literatura, muitos dos garotos na sala tiveram problemas com ele. Os brancos só disseram que sabiam que os negros não deviam ser linchados e que não precisavam que um livro pregasse essa ideia a eles. Alguns não gostaram da maneira como o livro dividiu a cidade entre brancos bons e respeitáveis e brancos atrasados e safados. Já os alunos negros se perguntaram por que o herói tinha que ser um branco nobre tentando ajudar um negro indefeso e por que o líder do bando de linchadores era descrito pelo branco nobre como um sujeito, no fundo, decente, que lamentavelmente tinha um ponto fraco na hora de enforcar negros inocentes. Eles também não gostaram da maneira como todos os negros bons sabiam qual era o seu lugar e obrigaram os filhos a se levantar quando o branco nobre passou por eles, no tribunal. Era só mais uma cena de reverência ao sinhozinho todo-poderoso.

– Ninguém está desafiando o sistema – disse Vanessa.

– Essa conversa não está indo pelo caminho que imaginei – falou a srta. Jarvis.

O que ela queria que fizéssemos, continuou, era que colocássemos nosso pensamento no papel.

Quando tio Tinsley soube do dever de casa, seus olhos brilharam.

– *O sol é para todos* é um bom livro, à sua maneira. Mas se você quiser conhecer, realmente, as relações raciais no Sul, tem que ler o grande historiador C. Vann Woodward.

Tio Tinsley estava sentado à escrivaninha da biblioteca. Ele retirou um livro da estante que cobria toda a parede, atrás dele, e me deu. O título era *The strange career of Jim Crow* – “A estranha carreira de Jim Crow”.

Comecei a ler, mas o estilo era tão complicado que empaquei já na primeira página. Tio Tinsley pegou o livro de volta e o folheou rapidamente, explicando com avidez as ideias e citando frases enquanto eu ia tomando nota.

Como os negros e os brancos do Sul tinham vivido juntos durante a escravidão, tio Tinsley falou, depois da Guerra Civil, se entenderam melhor do que os negros e os brancos do Norte, onde as raças não se misturaram tanto. A segregação racial legal começou, primeiro, no Norte, e foi hipocrisia da parte dos nortistas colocar toda a culpa nos sulistas. As Leis Jim Crow começaram no Sul na virada do século. Em torno dessa época, gente vinda de fora começou a usar o que o C. Vann Woodward chamou de “negrofobia” para colocar brancos pobres contra negros pobres, quando os dois grupos deveriam ter sido aliados naturais.

Tio Tinsley me ajudou a escrever a redação – basicamente, ditando grandes pedaços do texto – e me fez ler alto para ele. No meio do texto, ele me interrompeu. Eu tinha que me expressar mais durante a leitura, ele disse. Ele tinha feito curso de teatro na Escola Washington & Lee e me mostrou como gesticular para dar ênfase ao que lia e usar o que chamou de pausas significativas.

No dia seguinte, quando chegou a minha vez de ler a redação para a turma, eu não sabia se os outros alunos estariam interessados ou mesmo se entenderiam o que tio Tinsley tinha me ajudado a escrever – nem eu entendia direito –, e isso me deixou

tão nervosa que o papel tremia em minha mão. Para piorar, ele me fez incluir palavras rebuscadas e expressões do tipo “o fardo do homem branco” e “negrofobia”.

Tentei usar os gestos que ele tinha me mostrado, mas esqueci das pausas significativas. Para completar, comecei a acelerar a leitura, e os meus gestos ficaram meio desarvorados. Quando acabei de ler, olhei ao redor. Algumas crianças estavam cochichando e rabiscando nos cadernos, algumas estavam sorrindo com deboche, porém a maioria parecia espantada.

Tinky Brewster levantou a mão.

– O que é “negrofobia”?

– Você não precisa saber o que quer dizer para ter certeza de que é uma palavra empolada para gente que não gosta de negro – Vanessa interveio lá no fundo da sala. – Bean, você é uma branca para lá de doida, sabia?

Toda a sala riu.

– Ora, Vanessa...

A srta. Jarvis falou, começou a assumir ares professorais, mas, então, olhando para a turma, mudou de ideia:

– Bom, pelo menos vocês encontraram uma coisa com a qual todos concordam.

Capítulo trinta

Certa tarde, Liz e eu estávamos remexendo nas coisas do sótão, abrindo arcas e baús para ver o que tinha dentro, quando nos deparamos com um velho violão. O cabo tinha sido roído por camundongos, mas Liz ajustou as cavilhas e declarou que o som não era tão ruim assim. Quando o levamos para baixo, tio Tinsley nos disse que fora o primeiro violão de mamãe, da época em que ela tinha a idade da Liz e que tinha resolvido ser cantora de música *folk*. Liz levou o violão até a loja de instrumentos musicais da cidade, onde o vendedor colocou novas cordas e o afinou. Liz começou a passar as tardes na ala dos pássaros, tocando por horas a fio.

Mamãe tinha tentado nos ensinar a tocar violão. Eu era um caso perdido. Sem ouvido musical, mamãe falou. Liz revelara um grande potencial, mas não aceitava nenhum tipo de crítica, e mamãe vivia dizendo o que ela estava fazendo errado e mudando seus dedos de lugar para a posição correta. Grandes músicos dobravam as regras, mamãe falou, mas antes de poder fazer isso você tinha que aprender as regras, e vivia mandando Liz praticar, até ela finalmente dizer que não aguentava mais.

Agora, como mamãe não estava por perto para vigiar o que ela fazia, Liz conseguia se divertir dedilhando e tirando notas e acordes, acompanhando músicas no rádio e descobrindo o que funcionava ou não, sem ninguém se irritando toda vez que ela errava uma nota.

Depois de algum tempo, Liz decidiu que precisava de um violão em melhor estado de funcionamento. A loja de música de Byler tinha um Silvertone de segunda mão na vitrine, por um bom preço – a cento e dez dólares, o vendedor disse que era uma pechincha –, e Liz resolveu comprar com o dinheiro da caderneta de poupança.

Desde o incidente do dedo na axila, eu vinha evitando o sr. Maddox, então não ia trabalhar lá com frequência, mas Liz ainda estava trabalhando nos arquivos e secretariando no escritório, e tinha juntado quase duzentos dólares na conta.

Uma tarde de segunda-feira, em novembro, pouco depois da minha “Declaração contra a negrofobia”, como todos na turma passaram a chamar minha redação, Liz foi de bicicleta até a cidade para ir ao banco retirar o dinheiro e trazer de volta o violão. O violão tinha uma alça, e ela voltaria pedalando com ele pendurado de cabeça para baixo, nas costas. Estava bem animada.

Quando a luz do dia começou a diminuir, estava frio o bastante para ver o vapor da respiração. Tive que colocar um casaco de mamãe, pesado, azul-marinho, com fila dupla de botões no peito, que eu tinha encontrado no sótão – diferentemente do restante das roupas dela, ele não parecia antiquado –, e eu estava na frente da casa varrendo as folhas, fazendo grandes montes para pular em cima depois, quando Liz chegou de bicicleta pela alameda. Estava sem o violão.

– O que aconteceu? – perguntei. – Já tinham comprado?

– O meu dinheiro não estava no banco. O senhor Maddox o retirou.

Ela estacionou a bicicleta debaixo do toldo que protegia a carroça, e nos sentamos nos degraus da escada de entrada. Depois de ir ao banco, ela fora até a casa dos Maddox para descobrir que raio tinha acontecido com o dinheiro dela. O sr. Maddox disse-lhe que ele tinha transferido o dinheiro da conta dela, já que os rendimentos eram muito baixos, e investido em bônus do Tesouro, que tinham uma taxa de juros mais alta, mas que não podiam ser liquidados antes de certo prazo: um ano inteiro. Fora uma manobra astuta, ele disse, e, se ele não tivesse estado tão ocupado, teria lhe explicado antes. Quando Liz disse a ele que queria o dinheiro para

comprar um violão, o sr. Maddox respondeu que ela era uma boba de gastar dinheiro com um capricho passageiro. Os jovens, em sua maioria, resolviam tocar um instrumento musical e perdiam o interesse depois de dois meses, ele falou, e eles ou os pais deles arcavam com a despesa daquela tralha, que só servia para ocupar espaço no armário.

– Não dá para acreditar – Liz falou. – O dinheiro é meu. O senhor Maddox não pode me dizer o que fazer com ele.

No exato instante em que Liz disse essas palavras, tio Tinsley saiu de dentro de casa com uma concha de sopa na mão. O jantar estava pronto.

– O senhor Maddox? Jerry Maddox? O que tem o Jerry Maddox?
– ele perguntou.

Liz e eu nos entreolhamos. Uma coisa era evitar contar a tio Tinsley o que vínhamos fazendo. Outra era mentir descaradamente sobre o que ele perguntou de maneira direta.

– O senhor Maddox não quer me dar o meu dinheiro – Liz repetiu.

– Como assim? – ele perguntou.

– A gente vem trabalhando para ele – ela contou.

– Foi o único trabalho que a gente conseguiu arranjar – acrescentei.

Tio Tinsley nos olhou durante um bom tempo sem dizer palavra. Então, sentou-se ao nosso lado, colocou a concha sobre o degrau, apertou as têmporas com as pontas dos dedos. Não dava para saber se ele estava triste ou zangado, desgostoso ou preocupado. Talvez estivesse sentindo tudo isso junto.

– A gente precisava de dinheiro para comprar roupa – Liz falou.

– E queria ajudar com as despesas – falei.

Tio Tinsley respirou fundo.

– Os Holladay trabalhando para os Maddox. Nunca pensei que iríamos chegar a esse ponto.

Ele nos deu uma boa olhada.

– E vocês esconderam isso de mim.

– A gente só não queria que você ficasse chateado – eu disse.

– Bom, agora eu sei, e mais chateado do que eu estou, impossível. Então, é melhor vocês me contarem a história toda.

Liz e eu explicamos tudo; como não queríamos ser um fardo, tínhamos saído à procura de trabalho, e o sr. Maddox fora o único a nos empregar; contamos que ele tinha aberto cadernetas de poupança e, agora, Liz fora pegar o dinheiro para comprar um violão e o sr. Maddox tinha investido tudo nos bônus do Tesouro e, portanto, ela não podia aceitar aquilo.

Tio Tinsley deu outra inalada profunda e soltou o ar com um suspiro. Agora, ele parecia mais cansado do que outra coisa.

– Se tivessem vindo a mim no início, eu teria dito a vocês que algo desse tipo iria acontecer mais cedo ou mais tarde com Maddox. Sempre acontece. Ele é uma cobra venenosa.

Ele se levantou.

– Não quero que nenhuma de vocês, nunca mais, tenha nada a ver com ele de novo.

– E o meu dinheiro? – Liz perguntou.

– Esquece o dinheiro – ele respondeu.

– Mas são duzentos dólares!

– Vai ser o preço da experiência – ele falou.

Capítulo trinta e um

Eu vinha dividindo o quarto com Liz desde o dia em que descobrira sobre meu pai. Nessa noite, quando Liz desligou as luzes da ala dos pássaros, a lua estava tão cheia e brilhante que lançava sombras pelo chão. Estávamos deitadas, lado a lado, olhando para o teto.

– Vou pegar o meu dinheiro de volta – Liz disse de repente.

– Como? Tio Tinsley falou para nós não fazermos mais nada para o sr. Maddox.

– Não quero saber. O dinheiro é meu. Trabalhei por ele.

– Mas tio Tinsley falou que...

– Não me importa o que tio Tinsley falou. O que é que ele sabe das coisas? Ele vive trancado nesta casa velha, comendo seu guisado de veado. Não sabe o que é precisar de um emprego. Nunca soube. – Ela sentou-se na cama e olhou pela janela. – Aquele dinheiro é meu. Preciso dele. Mereço. Vou recebê-lo.

Depois da escola, na terça-feira, Liz montou na Schwinn azul e pedalou até a cidade para ver o sr. Maddox. Pensei que ela fosse voltar em uma ou duas horas. Na hora do jantar, ainda não tinha retornado. Fui até a cozinha, onde tio Tinsley estava abrindo uma lata de tomates para engrossar o caldo do ensopado. Ele colocou tudo na panela de cobre e provou.

– Precisa de um algo mais – ele falou. – Cadê a Liz?

– Ela tinha coisas a resolver. Já deve estar chegando.

– Entendo.

Ele colocou um pouco de vinagre na panela e encheu uma concha com o ensopado.

Levei os pratos fundos até a mesa. Depois de fazer a oração habitual e tomar algumas colheradas, ele baixou a colher.

– Que coisas? – ele perguntou.
– Que coisas? – repeti, espantada.
– Você disse que Liz tinha coisas a resolver. Que coisas? – Ele me olhou fixamente.

Olhei para a minha colher, tentando pensar em algo a dizer.

– Ah, você sabe, coisas.

– Não, não sei.

– Compras e tudo o mais.

– Bean, você mente muito mal. Horivelmente mal. Os seus olhos olham para tudo que é canto, sem parar. Agora, olhe para mim dentro dos olhos e me diga onde Liz está.

Levantei os olhos, e o meu lábio inferior começou a tremer.

– Acho que você não precisa nem me dizer. Só há duas coisas que eu pedi às duas que não fizessem, desde que chegaram aqui. Uma foi que não trabalhassem, e vocês foram e arranjaram trabalho. A outra foi para esquecerem o dinheiro, e, no dia seguinte, Liz vai buscá-lo.

– Por favor, tio Tinsley, não fique bravo. Liz só queria pegar o dinheiro dela. Era dela. E, por favor, não coloque a gente para fora.

– Não vou botar vocês para fora, Bean. Acho que só vamos ter que esperar e ouvir o que ela tem a dizer.

Durante o resto do jantar, tio Tinsley ficou olhando as horas no relógio de pulso.

– Está tarde – ele disse a certa altura. – Ela realmente não deveria estar na rua até tão tarde. – Poucos minutos depois, ele disse:

– Vou colocar aquela menina de castigo até ela ficar grisalha. O que ela precisa mesmo é de uma boa surra à moda antiga.

Estávamos enxaguando os pratos na pia da cozinha quando ouvimos uma batida à porta. Corri para ver quem era e acendi a luz da varanda da frente. Quando abri a porta, havia um homem

desconhecido parado, com o braço ao redor de Liz. Ela estava chorando. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, ela tinha machucados na bochecha e no queixo, e a blusa estava rasgada. Ela olhava para o chão, segurando um copo de refrigerante com as duas mãos e sugando por um canudo, mas não tinha mais nenhum líquido, e os cubos de gelo chacoalhavam no fundo.

– Liz? – falei.

Ela não levantou os olhos, e quando tentei abraçá-la, virou o corpo.

Tio Tinsley chegou e parou atrás de mim.

– O que foi que aconteceu?

– Senhor Holladay, eu não sabia que ela era sua sobrinha – disse o homem.

Ele era magricelo, de cabelos escuros e bigode, e usava um uniforme azul de mecânico com o nome WAYNE costurado sobre o bolso.

– O que aconteceu não está certo, senhor Holladay. Wayne Clemmons, seu criado.

Ele estendeu a mão, e tio Tinsley a apertou.

– Vá direto ao assunto, Wayne.

Wayne explicou que ele trabalhava numa oficina, mas que também trabalhava como chofer, meio expediente, já que Byler não precisava de muitos táxis. Jerry Maddox o contratava de vez em quando porque, embora tivesse aquele Le Mans bacana, ele bancava o grã-fino indo a reuniões de negócios, como se fosse um mandachuva com chofer.

– O senhor Maddox disse que reforça a aura.

Wayne tinha ficado na oficina até tarde naquele dia, quando o sr. Maddox chegou de carro com aquela jovem. Ele disse que o carburador do Le Mans estava fazendo um barulho esquisito, mas que tinha alguns encontros marcados e queria que Wayne o levasse

e àquela jovem. Quando estavam entrando no carro, Wayne contou, o sr. Maddox o puxou para o lado e disse que a garota era uma prostituta e que, talvez, tivesse um pouco de ação no banco de trás, entre as reuniões.

– Senhor meu Pai! – tio Tinsley exclamou.

Eles começaram a andar pela cidade, Wayne continuou, parando em vários lugares, e ele e a garota esperavam no carro enquanto o sr. Maddox entrava. Com o cair da noite, a jovem começou a reclamar com o sr. Maddox sobre não receber o dinheiro dela, dizendo coisas do tipo “O dinheiro é meu, eu o mereço”. O sr. Maddox ficava repetindo que ela teria o dinheiro dela, mas que, primeiro, ela tinha que fazer o que ele queria. Wayne imaginou que era só uma prostituta e um cliente brigando por causa do preço. A briga foi ficando cada vez mais acalorada, a garota cada vez mais zangada e gritando cada vez alto. Pelo espelho retrovisor, Wayne viu o sr. Maddox dar um tapa no rosto dela e ela começar a chorar. O sr. Maddox viu Wayne olhando e mandou que ele ficasse com olhos na estrada. “Não estou pagando você para olhar, estou pagando para dirigir”, o sr. Maddox falou.

A essa altura, já estava escuro. Enquanto Wayne atravessava a cidade, ouviu os dois se debatendo, a garota implorando para que o sr. Maddox parasse, e ele batendo nela mais algumas vezes. Então, pararam num sinal vermelho. De repente, a garota pulou para fora do carro. O sr. Maddox pulou atrás dela, mas ela correu ao redor do carro e pulou de volta para dentro, para o lado de Wayne, trancou a porta e gritou: “Vai!”.

Wayne acelerou, deixando o sr. Maddox na esquina de uma rua. A garota estava em prantos. A blusa estava meio rasgada, e ela a segurava com as duas mãos. Wayne disse que mencionou a ela, tentando mostrar compreensão, que a prostituição podia ser uma linha de trabalho muito dura, porém a garota disse que Tinsley

Holladay era tio dela e ela queria que ele a levasse até Mayfield. Foi então, disse Wayne, que ele percebeu que ela não era prostituta coisa nenhuma.

– Ela estava muito transtornada, senhor Holladay, mas eu estive no Vietnã e sei como lidar com gente que perde as estribeiras. Parei numa lanchonete e comprei uma Coca-Cola. Acho que ajudou a acalmá-la.

Wayne olhava ora para mim ora para tio Tinsley, como se quisesse que reagíssemos. Sua adrenalina parecia estar a mil.

– Obrigado pelo que você fez – tio Tinsley falou. – Sei que não foi fácil, mas você fez a coisa certa.

– O senhor Maddox deve estar tiririca comigo, mas que se dane. Eu estou tiririca com ele. O que ele fez é errado. É errado, e posso testemunhar isso.

Eu não sabia o que dizer. Tentei abraçar Liz novamente, e dessa vez ela não se virou, mas seu corpo estava completamente rígido. Seus ombros pareceram tão estreitos e frágeis que senti que esmagaria os ossos dela se a abraçasse apertado demais. Ela deixou o copo cair, o gelo esparramou pelo chão, e ela desmoronou em meus braços. Achei que, se não a segurasse, ela também cairia.

– Obrigado por tudo o que você fez, Wayne – tio Tinsley falou. – Você é um bom homem.

Ele costumava ser econômico com seu dinheiro, mas pegou uma nota de vinte dólares da carteira e a deu a Wayne.

– Eu não poderia aceitar, seu Holladay. Não fiz isso pelo dinheiro.

– Eu insisto. Depois do que aconteceu, o Maddox com certeza não vai pagar você.

– Bom, nesse caso, muito agradecido.

– Eu que agradeço, Wayne. Agora, podemos cuidar disso sozinhos.

Ele abriu a porta. Wayne saiu, com um aceno para Liz e para mim, que queria dizer “podem contar comigo”.

Apertei Liz novamente.

– Liz, você está bem? – perguntei. Ela balançou a cabeça. – O que a gente vai fazer? – perguntei ao tio Tinsley.

– Vamos dar um banho na Liz e colocá-la para dormir.

– A gente não devia chamar a polícia primeiro?

– Não sei se é uma boa ideia – ele falou.

– A gente tem que fazer alguma coisa – falei.

– Pedi para as duas ficarem longe de Maddox, mas vocês não me ouviram, e deu no que deu.

– Mesmo assim, a gente tem que fazer alguma coisa – falei. Balancei Liz ligeiramente. – Você não acha? – perguntei a ela.

– Não sei – ela respondeu. – Sinceramente não sei.

– Você não quer dar queixa? – Fiquei pensando em Wayne dizendo que testemunharia. Sou como se ele achasse que ir à polícia era uma conclusão lógica.

– Não sei – ela repetiu.

– O que está feito está feito – tio Tinsley falou. – Não dá para desfazer dando queixa. Só vai criar mais confusão e escândalo.

– O que você quer fazer, Liz?

– Só quero tomar um banho.

Capítulo trinta e dois

Enchi a banheira para Liz. Fiquei preocupada em estar destruindo evidências ou algo assim, mas Liz realmente queria um banho. Ela também queria que a água estivesse o mais fria possível e me pediu que ficasse.

– O que aconteceu, Liz? Ele chegou a...

– Ele tentou. Mas não quero falar sobre isso.

– Você está bem?

– Não.

– A gente não devia ir ao hospital?

– Essa é a última coisa que quero fazer.

– Mas você pode estar machucada.

– Não quero ninguém me examinando.

– Você não tem medo de ficar grávida?

– Não. Ele não... Eu disse que não quero falar sobre isso.

Quando Liz entrou na banheira, ela não tirou a calcinha. Ela não explicou o porquê, mas eu entendi.

– Você é esperta, Liz. Fugiu do Maddox que nem quando a gente se livrou do tarado em Nova Orleans.

– Não sou esperta. Se fosse, nunca teria entrado naquele carro.

– Não veja a coisa dessa forma. Você se safou.

Depois do banho, Liz deitou-se e puxou a coberta sobre a cabeça, dizendo que queria ficar sozinha. Desci a escada. Encontrei tio Tinsley na sala de estar, atizando o fogo que acendera na lareira. Tentei ligar para mamãe para perguntar se devíamos ou não dar queixa, mas ninguém atendeu.

– A gente devia ir à polícia – falei.

– Essa não é uma boa ideia – ele respondeu.

– Ou, pelo menos, falar com um advogado.
– Essas coisas devem ser mantidas em família.
– É pior do que o Wayne falou. Liz me contou que o Maddox tentou estuprá-la.

– Meu Deus! Coitadinha. – Ele passou os dedos entre os cabelos. – Ainda assim, nada do que se fizer vai desfazer o mal que foi feito. Só vai piorar as coisas.

– Mas Maddox não pode se safar.

– Você não conhece Maddox.

Nós podíamos ter trabalhado para ele, tio Tinsley continuou, porém não entendíamos o tipo de homem que ele era. Maddox adorava, acima de tudo, entrar numa briga. Muitas pessoas acham que a briga acaba quando nocauteiam o adversário, mas gente como Maddox pensa que essa é a hora de começar a chutar com mais força.

Maddox briga muito no tribunal, tio Tinsley explicou. O juiz local tinha um dossiê de um quilômetro de comprimento, listando todos os processos em que ele estava envolvido. Ele processava vizinhos por disputas de limites de terreno. Processava médicos por imperícia. Processava lavanderias, reclamando que haviam encolhido suas roupas. Processava mecânicos, alegando que não consertaram o carro dele. Processava as autoridades municipais se houvesse um buraco em sua rua. Enquanto a maioria das pessoas via o tribunal como um lugar onde se buscava justiça, Maddox via nele um meio de derrubar qualquer um que, porventura, ficasse em seu caminho ou com quem ele se indispusesse.

Isso era uma coisa que Maddox aprendera havia muitos anos, tio Tinsley falou, quando morava numa pensão em Rhode Island e roubara umas joias da proprietária. A polícia fez uma busca em seu quarto e encontrou as joias, e Maddox foi preso. Então, veio um advogado de direito civil que argumentou que a polícia não tinha o

direito de revistar o quarto dele sem sua permissão. O caso chegou à Corte Suprema de Rhode Island. Maddox venceu, embora todo mundo soubesse que ele era culpado até a alma. E foi aí que ele se tornou um estudante de direito voraz, porque percebeu que culpa e inocência eram incidentais e que as pessoas que entendiam as leis também podiam descobrir como contorná-las.

– Ele se vangloria de ter ganhado aquele processo. Ele luta de maneira suja. É por isso que ninguém tem interesse em se meter com Maddox.

– E o que a gente faz agora? Finge que não aconteceu nada?

Tio Tinsley deu uma cutucada forte nas toras ardentes com o atizador, e faíscas subiram velozes lareira acima.

Voltei para a ala dos pássaros. Querendo fingir que nada havia acontecido, tio Tinsley fez com que me perguntasse se o que mamãe dissera sobre a família era verdade – eles eram todos especialistas em fingimento.

Liz ainda estava coberta dos pés à cabeça. Tirei a fotografia do meu pai e sua Estrela de Prata da caixa de charutos que eu guardava dentro do berço branco e levei-as até o banheiro para analisá-las sob a luz.

Passei o dedo sobre a pequena estrela de prata que ficava dentro da estrela dourada maior e fiquei imaginando o conselho que meu pai me daria se estivesse por perto. Olhei para seu sorriso maroto, a maneira atrevida com que cruzava os braços, e como ele estava recostado na soleira da porta, e soube a única coisa que Charlie Wyatt jamais faria. Ele jamais fingiria que nada tinha acontecido.

Capítulo trinta e três

Na manhã seguinte, acordei antes de Liz e desci para fazer um pouco de chá para ela. Tio Tinsley estava atarefado na cozinha. Começou a falar sobre a geada dura que tínhamos tido durante a noite e sobre como, nessa época do ano, os passarinhos, sobretudo os gaios azuis, estavam sempre voando direto contra as vidraças e batendo a cabeça.

– Isso sempre me dá um susto danado – ele falou. – Dá um susto ainda maior neles, imagino. Às vezes, eles só quicam e vão embora, mas em outras batem com tanta força que caem desacordados.

Estava claro que tio Tinsley não ia fazer nenhuma referência ao que tinha acontecido com Maddox, na esperança de que iríamos, todos, esquecer o assunto e continuar com nossa vida. Deitada durante a noite, eu tinha resolvido que Liz e eu deveríamos, pelo menos, procurar um advogado. Eu não sabia muito sobre polícia, tribunal e leis, mas sabia que todos tinham um advogado, até o garoto negro pobre de *O sol é para todos*. Supus que tio Tinsley conhecesse todos os advogados da cidade, porém, como ele queria que esquecêssemos o ocorrido, não fazia sentido lhe pedir uma recomendação, muito menos contar-lhe o plano. Um colega meu de sala, Billy Corbin, tinha um pai advogado. Eu podia procurar o número do telefone dele na lista telefônica.

Quando levei a xícara de chá para Liz, ela estava acordada, mas continuava deitada. Seu rosto estava ainda mais inchado e machucado do que na noite anterior.

- Não vou à escola de jeito nenhum – ela disse.
- Você não precisa ir – falei.

Dei a xícara a ela e expliquei meu plano de irmos, as duas, ver o pai de Billy Corbin.

– Como você quiser – ela disse, com um ar meio atordoado.

Antes de sair de casa, tentei ligar de novo para mamãe. Eu tinha certeza de que ela diria para darmos queixa, já que estava sempre falando que as mulheres deviam enfrentar os homens, lutar por seus direitos. Mas nunca se sabia como mamãe reagiria. Deixei o telefone tocar um bom tempo, e de novo ninguém atendeu. O que me fez imaginar onde mamãe estaria, afinal, já que ela não era exatamente uma pessoa matinal.

Em vez de pegarmos o ônibus até a escola, Liz e eu fomos andando até a cidade. O sol brilhava e derretia a geada, embora o capim ainda estivesse duro e branco em certos lugares onde o sol não batia. Passamos pelos emus, que estavam do outro lado do terreno, ciscando, sem parar para ficar observando-os.

Quando chegamos à avenida Holladay, encontrei uma lista telefônica e pedi à telefonista que fizesse uma ligação a cobrar para mamãe. Ninguém atendeu. Pensei em ir até a colina e conversar com tia Al, mas ela não gostava de dar conselhos. Além do mais, se ela nos dissesse para dar queixa e o sr. Maddox descobrisse, ele poderia tornar a vida dela muito difícil. De qualquer forma, parecia que a coisa mais importante a fazer era conversar com um advogado.

Procurei o endereço do dr. Corbin na lista telefônica pendurada na correntinha. Seu escritório ficava sobre uma sapataria, subindo uma escada comprida e estreita, e a porta tinha um vidro jateado em que se lia WILLIAM T. CORBIN, ADVOGADO. Quando batemos, ninguém abriu, e a porta estava trancada.

– Então, vamos esperar – falei.

Sentamos no topo da escada. Depois de algum tempo, um homem subiu os degraus carregando duas grandes maletas. Parecia

cansado, com olheiras e um terno amarrotado.

– Doutor Corbin? – perguntei.

– O próprio. E quem é a senhorita?

– Sou Bean Holladay. Esta é minha irmã, Liz. Precisamos conversar com o senhor. Sobre um assunto legal.

Ele sorriu.

– Deixe-me ver se adivinho. Sua mãe colocou vocês de castigo, e vocês querem que eu defenda o seu caso.

– É sério.

Ele tirou uma chave do bolso e destrancou a porta.

– Imagino que seja. – Ele olhou para Liz. – O que aconteceu com você?

– É sobre isso que queremos conversar – falei.

O escritório do dr. Corbin era uma bagunça, com livros de direito abertos e documentos oficiais empilhados por toda parte. Interpretei aquilo como um bom sinal. Um advogado que não tinha dinheiro para ter uma secretária que arrumasse seu escritório devia ser honesto.

O dr. Corbin pediu que sentássemos em cadeiras de couro rachado, diante de sua escrivaninha, enquanto manuseava certos papéis que estavam espalhados sobre a mesa.

– Agora me digam o que aconteceu.

Pigarreei.

– É meio complicado – falei.

– Geralmente é mesmo.

– E horrível – Liz disse.

Foi a primeira coisa que ela falou desde que chegamos à cidade.

– Dificilmente vocês vão me dizer alguma coisa que eu ainda não tenha ouvido. E se um advogado não puder manter a boca

fechada sobre o que seus clientes lhe contam, ele não deveria ser advogado.

– Quanto o senhor cobra? – perguntei.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Não vamos nos preocupar com isso agora. Vamos ouvir que problema é esse.

– Envolve Jerry Maddox – falei.

O dr. Corbin levantou as sobrancelhas.

– Então imagino que seja mesmo complicado.

Depois disso, a história saiu num jorro. O dr. Corbin ouviu em silêncio, com as mãos unidas que apoiavam o queixo.

– Wayne disse que testemunharia – falei.

– Que confusão – ele disse, quase para si mesmo, e beliscou o nariz entre as sobrancelhas. – Então vocês não foram ao hospital nem à polícia...

– Eu queria conversar com um advogado primeiro.

– Por que o seu tio não está aqui com vocês?

– Ele quer esquecer que tudo isso aconteceu.

– E vocês não querem esquecer? Querem dar queixa?

– O que eu queria era que o meu tio desse um tiro nos miolos do sr. Maddox com a espingarda dele – falei.

– Vou fingir que não ouvi isso.

– Isso não vai acontecer, então viemos entender o que devemos fazer, segundo a lei.

– Não é, realmente, uma questão do que vocês *devem* fazer. É mais uma questão do que vocês *querem* fazer.

Ele pegou um clipe de papel e o desdobrou. Tínhamos duas opções, ele começou a dizer. Uma seria dar queixa, o que criaria um enorme bafafá e um julgamento nojento com uma publicidade horrorosa que poderia resultar na punição do sr. Maddox pelo que alegávamos que ele fez. Mas não havia nenhuma garantia de êxito.

Outra seria decidirmos que se tratava de um incidente que envolvia mau julgamento de ambas as partes – já que Liz entrou voluntariamente no carro com o sr. Maddox –, e ele não precisava ser arrastado para um tribunal público, com a cidade toda acompanhando cada detalhe sórdido.

– Qual é a coisa certa a fazer? – perguntei.

– Não posso decidir isso por vocês. Vocês têm que decidir. E, infelizmente, vocês não têm escolha entre uma boa e uma má opção. As duas opções são ruins.

– A gente não pode simplesmente não fazer nada – falei.

– Por que não? – ele perguntou.

– Porque o que o sr. Maddox fez é errado e porque, então, ele vai sair por aí rindo, pela maneira como se safou da história. – Nesse momento, me ocorreu algo. – E ele vai poder fazer de novo.

– Possivelmente.

– Não podemos deixar isso acontecer.

– O senhor acha que ele poderia tentar de novo? – Liz perguntou.

Eu tinha feito a maior parte da conversa e fiquei surpresa de ouvir Liz se manifestar.

O dr. Corbin deu de ombros.

– Como eu disse, é possível.

– Eu só não quero que aconteça de novo – Liz falou. – Tenho medo de ele fazer isso de novo. Tenho medo até de encontrar com ele.

– Vocês têm sempre a opção de sair da cidade. Vocês não podem ficar com a sua mãe?

– Tentamos isso no verão passado – eu disse. – Mas não deu certo. De qualquer forma, o sr. Maddox atacou a minha irmã, e nós é que temos que nos esconder? Não é justo.

– Não, não é. Mas é sempre uma opção – ele falou.

– O fato é que se nem sequer dermos queixa, vai ser como se nada tivesse acontecido – falei.

– Em termos legais, é isso mesmo. Se vocês derem queixa, podem retirar depois, mas tenham em mente que essas coisas, às vezes, desenvolvem uma dinâmica própria.

– Bom – eu disse –, se não queremos fingir que nada aconteceu e não queremos deixar a cidade e nos esconder, não temos opção. Temos que dar queixa.

O dr. Corbin largou o clipe de papel.

– Bean Holladay, quantos anos você tem?

– Doze. Vou fazer treze em abril.

– Você é jovem demais para tomar uma decisão dessas sozinha. Se vocês resolverem prosseguir, vão precisar do seu tio com vocês daqui por diante.

– Ele vai ficar zangado – falei.

– Eu ligo para ele.

O dr. Corbin pegou o telefone e discou.

– Tinsley? Bill Corbin.

Ele explicou que Liz e eu estávamos em seu escritório e tínhamos resolvido processar Jerry Maddox pela agressão da noite anterior. Ele parou, ouviu e balançou a cabeça.

– Não, senhor, não é o meu conselho. Elas vieram até mim, eu lhes relatei as opções que tinham, e elas tomaram essa decisão. – Ele ouviu mais um pouco. Então me entregou o telefone. – Ele quer falar com você.

– Que raios vocês estão fazendo? – tio Tinsley perguntou.

– Vamos dar queixa.

– Achei que íamos esquecer o assunto.

– Ele vai achar que pode tentar de novo. E se tentar? O que é que vamos fazer, então? Deixá-lo? Nos esconder dele? Não podemos. Então, vamos processá-lo.

Houve uma pausa longa.

– Encontro vocês no gabinete do xerife.

O dr. Corbin ligou para o gabinete do xerife e disse que estávamos a caminho. Quando perguntei quanto lhe devíamos, ele disse que seria *pro bono*. Queria dizer de graça, Liz explicou.

– Então o senhor vai ser o nosso advogado? *Pro bono*? – perguntei.

– Se vocês derem queixa, o procurador do Estado se torna o seu advogado. Vocês não precisam de mim.

– Ah.

O gabinete do xerife ficava num prédio baixo de tijolos, com um telhado plano. O delegado sentado à mesa não parecia particularmente feliz em nos ver. Ele ligou para outro delegado. O outro sujeito também não estava sorrindo. Ele me fez esperar no saguão enquanto levou Liz até os fundos, para anotar o depoimento dela.

Poucos minutos mais tarde, tio Tinsley entrou porta adentro, usando uma de suas jaquetas de lã quadriculada e o chapéu de feltro cinza. Ele se sentou ao meu lado na fileira de cadeiras de plástico cor de abóbora. Não dissemos nada. Depois de certo tempo, ele estendeu a mão e mexeu em meu cabelo.

Liz não ficou lá dentro por muito tempo.

– Como foi? – perguntei quando ela saiu.

– Eles tiraram umas fotos, fizeram umas perguntas, e eu respondi. Vamos para casa.

Capítulo trinta e quatro

Quando finalmente chegamos a Mayfield, já tínhamos perdido quase todas as aulas do dia. Tio Tinsley disse que, considerando tudo o que havia acontecido, era melhor simplesmente ficar em casa e relaxar. Poucas horas depois, ouvimos um carro roncando ao subir pela alameda. Fui até a janela e vi o Le Mans preto dos Maddox parar subitamente, cantando pneu. Doris Maddox saiu, mais grávida do que nunca, e bateu a porta com força. Liz estava na ala dos pássaros, no segundo andar, mas tio Tinsley e eu fomos receber Doris, que vinha a passos largos pela varanda.

Por um breve instante achei, sinceramente, que Doris tivesse vindo se desculpar e tentar colocar panos quentes. Ela estava constantemente reclamando do marido imprestável e salafrário – sempre atrás de um rabo de saia por aí, um gênio de cão, puxando briga a torto e a direito, mentindo como respira. Achei que Doris fosse dizer algo do tipo “Olha, o que o meu marido fez foi errado, mas ele sustenta a mim e às crianças, e, se vocês foram adiante com isso, vão prejudicar a minha família”.

Entretanto, assim que vi a cara de Doris, entendi que ela não tinha vindo se desculpar. Vinha com os lábios apertados e os olhos cheios de fogo.

– Mas o que é que vocês pensam que estão fazendo? – ela berrou. – Como se atrevem? Como se atrevem, depois de tudo o que fizemos por vocês?

Os oficiais de polícia, ela contou, tinham ido até a casa deles e prenderam seu marido, levaram-no para a cadeia, onde tiraram suas digitais, e o colocaram numa cela. O advogado dele estava

providenciando a fiança naquele exato instante, e Jerry estaria solto até o final do dia.

Não sabíamos no que estávamos nos metendo, Doris falou. Puxamos briga com o rinoceronte errado. Seu marido conhecia as leis de cor e salteado. Tinha vencido inúmeros processos. Levou um caso até a Corte Suprema do estado de Rhode Island e tinha ganhado. Nós lamentaríamos o dia em que começamos tudo isso.

– Nenhum júri vai acreditar em vocês duas, suas putas mentirosas.

Primeiro fiquei pasma, mas quando Doris começou a nos ameaçar e a nos acusar de mentir, também perdi as estribeiras.

– Pode parar de botar banca! A gente tem uma testemunha ocular. Ela vai testemunhar e dizer o que aconteceu. O seu marido machuca a Liz, e você vai e finge que ele é um santo? E ainda tem o desplante de falar em “tudo o que vocês fizeram por nós”?

– Sua irmã é uma vagabunda! – ela gritou. – Meu marido a contratou como secretária pessoal, pagou a ela, treinou-a, confiou nela, comprou roupas boas para ela e tratou-a como uma rainha. Sabemos que vocês duas estavam roubando lá de casa. Sua irmã estava bebendo ontem. E ela se insinuou para o Jerry, no banco de trás do carro. Quando ele rejeitou os avanços dela, ela inventou essa história esfarrapada. Ela estava de olho nele desde o início, porque ele demitiu o inútil do tio de vocês. Vocês acham que têm provas? Pois nós temos provas. Temos uma garrafa de vodca cheia de impressões digitais de vocês duas – essa é a nossa prova.

Eu não tinha a menor ideia do que ela estava dizendo, já que nunca tinha tomado um gole de vodca em toda a minha vida e tinha certeza de que Liz também não, e descartei aquilo sem escalas.

– Vocês podem tentar distorcer os fatos quanto quiserem – falei. – Mas você sabe que o seu marido fez isso, sim. Não me importa que ele seja um maioral; a verdade sempre aparece.

– Quando a verdade sobre vocês duas aparecer – Doris disse –, vocês nem vão poder colocar essas caras nojentas para fora da janela. Escreva o que estou dizendo. O meu marido vai acabar com vocês!

Doris entrou no Le Mans, bateu a porta, deu ré a toda velocidade, manobrou e entrou pela alameda como uma louca, com os pneus levantando o cascalho. Fiquei olhando com as mãos na cintura, lutando contra a vontade de fazer um sinal obsceno para ela, porque eu sabia que tio Tinsley acharia de mau gosto.

– Ela achou que iria nos assustar, mas não conseguiu, né? – perguntei.

– Vai voar merda para tudo que é lado – ele disse.

Foi a primeira vez que ouvi tio Tinsley dizer um palavrão.

Capítulo trinta e cinco

Naquela noite, Liz anunciou que não iria à escola no dia seguinte, nem por decreto. Nem tio Tinsley nem eu tentamos convencê-la a ir.

Na manhã seguinte, assim que cheguei ao ponto de ônibus, percebi que todo mundo já estava a par. Os boatos se espalhavam rapidamente numa cidadezinha como Byler. Bastava que um delegado mencionasse com o cunhado que a sobrinha de Tinsley Holladay tinha dado queixa contra Jerry Maddox para que, em poucas horas, esse fosse o assunto na barbearia e no salão de beleza. Todos os jovens estavam falando sobre isso e, quando me viam, começavam a se cutucar e a dizer coisas do tipo "Aí vem ela", "Fica quieto", "Cadê a outra?".

Quando cheguei à escola ainda dava tempo, antes da primeira aula, de ir até a biblioteca, que sempre tinha um exemplar do jornal local, o *Byler Daily News*. Imaginei que a prisão de Jerry Maddox fosse ser a grande manchete da primeira página, porque o jornal costumava exagerar as notícias locais, por menores que fossem: um cavalo atolado num lago, o galpão de alguém pegando fogo ou um fazendeiro que colheu um tomate de três quilos. A notícia não estava na primeira página, nem na segunda, nem na terceira. Finalmente, a encontrei no final, numa seção chamada "Mata-borrão policial". A manchete era CHEFE DO MOINHO PROCESSADO. O artigo dizia:

Jerry Maddox, 43, chefe da Têxteis Holladay, foi acusado de agressão contra uma menina local, cujo nome está sendo preservado devido à idade dela. Ele foi liberado sob fiança. A data do julgamento ainda não foi definida.

Fiquei chocada. Achei que a matéria seria colocada em destaque, pois certamente era mais importante do que um tomate de três quilos, e envolvia um figurão de Byler. Claro que as pessoas estavam fofocando sobre o assunto, mas elas não sabiam da história verdadeira. Eu estava contando que todo mundo lesse os detalhes, de maneira oficial, exatamente como havia acontecido. Achei que essa seria uma das maneiras de punir o sr. Maddox e garantir que ele nunca mais fizesse aquilo de novo.

O artigo nem sequer falou em "tentativa de estupro", como se os editores tivessem medo de soletrar a palavra. "Agressão." O que isso queria dizer? Podia significar tudo e nada. Lendo o *Byler Daily News*, as pessoas poderiam pensar que Maddox tinha empurrado uma garota que discutira com ele por causa de uma vaga no estacionamento ou de um arranhão num para-choque.

O resto do dia foi simplesmente horrível. Nos corredores, a garotada me encarava, mas desviava o rosto quando eu olhava. As meninas cochichavam, davam risinhos e apontavam para mim. Os rapazes sorriam com ar de deboche e sarcasmo e falavam em tom agudo: "Socorro, me ajudem, estou sendo molestada!".

A caminho da aula de inglês, encontrei Vanessa. Ela me viu e balançou a cabeça.

– Vai à justiça – ela falou. – Que coisa mais branca!

– O que você faria? – perguntei.

– Eu não entraria no banco de trás de um carro com o sr. Maddox, para início de conversa. Você se senta no banco de trás com o chefão, não pode dar boa coisa. É assim que a banda toca.

Liz decidiu também não voltar à escola no dia seguinte. Na verdade, ela disse, não sairia de casa até que os machucados do rosto tivessem sumido. Era sexta-feira, dia seguinte ao do artigo, e as coisas pelos corredores iam de mal a pior. A garotada continuava

rindo pelas minhas costas, jogando bolinhas de papel na minha cabeça e me fazendo tropeçar.

O jogo de futebol, naquela noite, foi contra os Orange Hornets – os “marimbondos laranja”. Eu não tinha ajudado muito na equipe de animação naquela semana, e Liz não tivera a menor condição de bolar alguma rima ou algum trocadilho que pudesse empolgar a arquibancada. No início da semana, pensei em “Laranja nada mecânica”, mas Terri Pruitt, conselheira da equipe, achou que muita gente não iria entender. Ainda assim foram feitos cartazes, e o *slogan* era “Esprema essa laranja”. E na sexta-feira, a escola inteira se reuniu na quadra de esportes para a preparação semanal do torneio.

Quando chegou a hora de Vanessa e eu animarmos a sétima série para que a nossa turma ganhasse o bastão da animação, fomos até a quadra e começamos a dar socos no ar. Não conseguimos nenhum tipo de reação da turma. As crianças sentadas nas arquibancadas, em sua maioria, só ficaram olhando, como se não conseguissem acreditar que eu tivesse o topete de estar lá. Continuei tentando empolgar a turma, e alguns garotos reagiram meio desanimados, mas aí alguém vaiou, e depois vieram mais vaias. Então, começaram a jogar lixo: cusparadas, sacos de pipoca, moedas, caixinhas de bala. Olhei para Vanessa. Ela continuou, apesar de tudo, com a mesma expressão de aço que eu vira sua irmã usando depois de ser atingida por um copo de refrigerante, durante o jogo. Tentei seguir o exemplo de Vanessa, ignorando o lixo e as vaias, mas a coisa só foi piorando, os poucos aplausos acabaram por completo, e vi que não havia o menor sentido em continuar. Saí da quadra deixando Vanessa animar a turma sozinha.

Terri Pruitt estava parada ao lado da porta.

– Você está bem, Bean?

Fiz que sim com a cabeça.

- Mas acho que vou sair da equipe.
- Ela apertou meu ombro.
- Acho que é melhor.

Naquela tarde, no estacionamento, antes de eu subir no ônibus que me levava de volta para casa, alguns meninos da colina começaram a se juntar em volta de mim e a me empurrar, dando ombradas e dizendo coisas do tipo “Eu sou Jerry Maddox. Você está com medo de mim?”. Um professor viu o que estava acontecendo, mas olhou para outro lado. Joe Wyatt também viu o que estava acontecendo e veio até mim.

– Oi, pri, tudo bem? – disse, e virou-se para os garotos: – Vocês sabem que ela é minha prima, não sabem?

Os meninos recuaram, mas tinham me impedido de pegar o ônibus, então Joe se ofereceu para me acompanhar até em casa.

– Certas pessoas são totalmente cretinas – ele disse.

Andamos por um bom tempo em silêncio. Era uma tarde fria de novembro, e, fora da cidade, na estrada para Mayfield, dava para sentir o cheiro de lenha queimada que saía pelas chaminés das casas da redondeza.

– Se você quiser falar sobre o assunto – ele disse –, a gente pode. Se não quiser, a gente pode falar sobre castanhas.

Àquela altura, a última coisa que eu queria fazer era remoer aquela confusão.

– Vamos falar de castanhas – respondi.

Era a época do ano de se colher castanhas, Joe falou. A maioria das castanheiras tinha morrido durante a grande praga, mas ele sabia onde encontrar algumas sobreviventes, na subida da colina. Depois que ele colhia as castanhas, a mãe dele assava-as numa fogueira feita num velho latão de óleo.

– Talvez amanhã a gente devesse ir catar algumas – ele falou.

Capítulo trinta e seis

Liz não tinha colocado os pés para fora de casa desde a ida à polícia, quatro dias antes. Ela praticamente não deixara a ala dos pássaros, e eu levava pratos com ensopado numa bandeja de prata. Encasquetou que, talvez, dar queixa não tivesse sido a coisa certa a fazer e que aquela confusão toda era culpa dela, porque ela tinha sido estúpida o bastante para achar que poderia recuperar seu dinheiro se entrasse no carro com o sr. Maddox. Ela se perguntava se não teria sido melhor para nós se os capturandam de Lost Lake tivessem nos levado.

– Não pense nessas coisas – falei.

– Não consigo evitar. Não consigo controlar os meus pensamentos.

A discussão que estava acontecendo dentro de sua cabeça, ela explicou, era tão acalorada que ela sentia como se diferentes vozes estivessem ora a favor ora contra ela. Uma vivia falando sobre o bolo “Me coma”, de *Alice no país das maravilhas*, dizendo que uma fatia dele a faria crescer tanto que as pessoas sentiriam medo dela. Outra voz recomendava a garrafa “Me beba”, também de *Alice*: um gole a tornaria tão pequena que ninguém a perceberia. Ela sabia que as vozes não eram reais, mas era assim que soavam, como se fossem de verdade.

Liz e suas vozes me deixaram preocupada. Eu continuava tentando ligar para mamãe, sem resultado, mas imaginei que ela diria que Liz estava precisando mesmo era sair de casa, respirar um pouco de ar puro e arejar a cabeça. Então, no sábado de manhã, insisti que ela viesse comigo até a casa dos Wyatt para catarmos castanhas.

– Não estou com vontade – Liz disse. – E a minha cara ainda está horrível.

– Não estou nem aí. Você tem que sair.

– Não quero.

– Azar. Você vai sair, sim senhora. Não pode ficar aqui dentro para sempre.

Liz estava sentada na cama, de pijama. Comecei a arrancar roupas de dentro da cômoda e a jogá-las nela, estalando os dedos para que se apressasse.

Tio Tinsley ficou contente ao ver Liz de pé e arrumada. Para comemorar, abriu uma lata de salsicha, para comermos com ovos poché. Depois do café da manhã, fomos de bicicleta até a colina. Tia Al estava, como sempre, na cozinha. Tinha uma panela de canjiquinha no fogo, e ela estava ralando queijo diretamente dentro da panela. Assim que nos viu, nos abraçou forte e nos ofereceu um pouco de comida. Liz disse que já tínhamos comido e que ela estava satisfeita.

– Eu ainda posso comer um pouco – falei.

Tia Al riu e me passou um prato.

– Espero que vocês saibam: acredito em cada palavra da história de vocês – ela disse para Liz. – A cidade inteira está dividida quanto ao processo. Muita gente não acredita em você, mas muitos acreditam.

O fato é que, ela continuou, a maioria dos que acreditavam em Liz não ia manifestar opinião. Eram gente boa, mas estavam com medo. Tinham empregos que não podiam se dar ao luxo de perder e não queriam ficar publicamente contra Jerry Maddox. Mas estavam felizes que outra pessoa o enfrentasse.

– Você é uma garota topetuda.

– Ou maluca – Liz disse.

– Não é maluquice – falei. – Maluquice seria fingir que não aconteceu nada.

Tia Al deu uma batidinha no meu braço.

– Você tem muita coisa do seu pai, garota.

Joe entrou na cozinha carregando dois sacos de farinha vazios.

– Vá pegar outro saco para Liz – tia Al falou. – Pensando bem, pegue um para mim também. Eu quase nunca saio desta casa, só para aquela droga de moinho.

Joe colocou Earl sobre os ombros e nos guiou por uma trilha pela mata atrás da casa dos Wyatt. Inicialmente, o chão estava coberto de espinheiros, mas depois que entramos um pouco mais profundamente entre as árvores, os espinheiros rarearam. A maioria das folhas já tinha caído, o sol brilhava através dos galhos nus, e dava para ver troncos de árvores mortas, galhos caídos e cipós se enroscando pelas árvores acima.

Para uma mulher que passava a maior parte do tempo na cozinha, tia Al se comportava como se estivesse em casa no meio da mata, percorrendo a trilha como se fosse uma garotinha brincando de explorar. Quando ela era pequena, contou, colher castanhas era sua tarefa predileta. A fazenda da família ficava na beira de uma floresta cheia de castanheiras, algumas tão grandes que três homens adultos, dando as mãos, não conseguiriam abraçar o tronco completamente. Tinha uma enorme castanheira bem ao lado da casa, e, na primeira geada do ano, as castanhas caíam numa quantidade tão grande que soavam como uma chuvarada sobre um teto de zinco. Ela e os dez irmãos se levantavam antes do raiar do sol para colher as castanhas, que eles vendiam na cidade para comprar sapatos e cortes de tecido.

Nos anos 1930, quando ela tinha oito anos, a praga que viera da China começou a matar todas as castanheiras que ficavam à

beira das florestas. Em poucos anos, todas as lindas árvores gigantescas tinham se tornado cadáveres ociosos.

– As pessoas diziam que parecia o fim do mundo e, de certa forma, era.

Os perus selvagens e os veados, que comiam as castanhas, desapareceram, e as famílias que viviam nas fazendas, alimentavam-se da caça e contavam com as castanhas para aumentar a renda, foram forçadas a abandonar suas terras. Elas se mudaram para cidadezinhas como Byler, onde se empregaram nas tecelagens.

– Sobraram algumas castanheiras – tia Al falou. – Joe sabe onde tem algumas, mas ele não mostra para quase ninguém.

– Elas têm que ser deixadas em paz – ele disse.

Depois de algum tempo, a trilha começou a subir de maneira íngreme colina acima. Quando chegamos à altura de um velho pneu de trator caído no chão, largamos a trilha e nos embrenhamos entre os galhos. Alguns minutos mais tarde, Joe apontou na direção da mata, para uma árvore com uma casca escura. Ela tinha dois troncos retos que se erguiam para as alturas e folhas amareladas e dentadas, ainda penduradas nos galhos.

– Na primeira vez que Joe me mostrou essa árvore – tia Al contou –, não vou mentir para vocês, caí no chão de joelhos e chorei como um bebê.

Quando chegamos à base da árvore, Joe colocou Earl sobre um pedaço de tronco caído, pegou um ouriço de castanha, coberto de pequenos espinhos, e o estendeu para mim. Quase não pesava nada. Ele apontou para um ponto de cor ferrugem no tronco da árvore, mais ou menos do tamanho de um pires.

– Ela tem praga, mas ainda não está morrendo – ele disse.

Joe apontou também para quatro castanheiras menores e algumas mudas brotando de um pedaço de tronco velho.

– Acho que elas estão descobrindo um jeito de lutar contra essa praga.

– Jó, capítulo catorze, versículo sete – tia Al recitou. – “Pois há esperança para uma árvore, se for derrubada, de que renasça e de que seus tenros brotos não cessem”.

Olhei para Liz. Ela estava olhando fixamente para os troncos gêmeos da grande castanheira elevando-se para o céu.

– No que é que você está pensando? – perguntei.

– Em como deve ter sido triste para a árvore ficar aqui todos esses anos, enquanto a praga estava matando todos os irmãos e irmãs dela. Você acha que ela se perguntou por que foi a única que sobreviveu?

– As árvores não pensam nas coisas – Joe falou. – Elas só nascem e crescem.

– Bom, a gente não tem como ter certeza disso – tia Al disse. – Mas eu sei que perguntar por que você sobreviveu não te ajuda a sobreviver.

A mata estava silenciosa, a não ser por um ou outro esquilo que remexia nas folhas úmidas ao correr pelo chão da floresta. Todos nos ajoelhamos e começamos a catar castanhas.

Capítulo trinta e sete

Na segunda-feira, o rosto de Liz estava com um aspecto bem melhor, e, apesar de ela não querer, tio Tinsley e eu resolvemos que já era hora de ela voltar à escola. Ficar sentada na ala dos pássaros, ruminando e ouvindo vozes dentro da cabeça, não ia lhe fazer muito bem.

Liz ficou horas se arrumando naquela manhã, movendo-se como se estivesse debaixo d'água, colocando meias e depois tirando-as, procurando uma blusa e dizendo que não conseguia encontrar a que queria. Fiquei com medo de perder o ônibus e tentei, o tempo todo, fazer com que se apressasse, dizendo que ela estava enrolando, mas Liz insistia que estava indo o mais rápido que podia. Acabamos mesmo perdendo o ônibus e, como tio Tinsley odiava desperdiçar gasolina em viagens desnecessárias, resolvemos ir a pé até a escola. As aulas já tinham começado quando chegamos, e ambas recebemos anotações nas cadernetas – pela primeira vez.

Eu não tinha contado a Liz sobre a maneira como vinham implicando comigo desde que ela dera queixa. Daria a ela mais um motivo para não voltar à escola. Quando descemos pelo corredor, as pessoas fizeram questão de evitar Liz, afastando-se e recuando. Meninas que antes nem sabiam que ela existia agora paravam o que estavam fazendo para cochichar alto o bastante para que ela ouvisse, algumas dando gritinhos e dizendo coisas do tipo “Lá vem ela!”, “Lizzie pancada” e “Sai da frente!”. Na hora do almoço, muitas garotas fizeram fila atrás dela, imitando sua maneira de andar, enquanto outras, no corredor, caíam na gargalhada, cobrindo a boca com a mão.

Naquela noite, Liz brincou e disse que se sentiu como Moisés separando as águas do mar Vermelho, mas foi horrível. Ela começou a detestar ter que ir à escola, e a cada manhã eu tinha que arrastá-la para fora da cama e vesti-la. Na escola, as coisas só foram piorando, com as meninas rindo da cara dela abertamente, imitando sua voz e fazendo-a tropeçar quando ela passava.

No final da semana, encontrei Lisa Saunders, parada, conversando com um grupo de meninas num dos lances da escada. Lisa era uma das líderes de torcida que haviam saído da equipe quando o time de futebol recebeu jogadores negros. Ela tinha um nariz ossudo e penteava os cabelos louros num rabo de cavalo bem alto. Seu pai era dono de uma revendedora de carros Chevy, e ela era uma das poucas jovens de Byler que tinham carro. Quando não estava com o namorado, que ficava constantemente abraçado a ela, aparecia cercada de outras meninas, todas sempre cochichando.

Lisa segurava uma pilha de folhas mimeografadas e as distribuía para quem passasse pela escada.

– Aqui, Bean, estou aceitando candidaturas de amizade. Pode preencher, se quiser.

Eram várias páginas grampeadas juntas. O título dizia CANDIDATURA DE AMIZADE e parecia ser um teste, com um batalhão de perguntas e respostas de múltipla escolha ou lacunas para preencher. A maioria era como seria de esperar: “Diga qual o seu programa de TV favorito”; “Dê o modelo e a cor do carro dos seus sonhos”. Mas algumas eram maldosas: “Qual professor você mais gostaria de ver demitido?” e “Qual colega de turma seria a sua última opção para um encontro?”. Ouvi as amigas de Lisa rindo baixinho, mas só entendi quando cheguei à última página. A pergunta final era:

Se um cara sai para um encontro com Liz Holladay, o que ele deveria levar para se proteger?

- a) Uma camisinha
- b) Um sabonete
- c) Uma arma
- d) Jerry Maddox

Meu rosto começou a arder, e minhas mãos se contraíram como se precisassem agarrar alguma coisa e rasgá-la em pedacinhos, e, sem pensar no que eu estava fazendo, pulei no pescoço de Lisa Saunders, gritando:

– Você acha que é muito especial, mas eu vou machucar você feio!

Depois disso, foi tudo uma confusão de cabelo puxado, cara lanhada, soco no braço e roupa rasgada. Os dedos de Lisa Saunders estavam no meu rosto, unhando e devolvendo os arranhões, mas não doía. Eu só conseguia sentir raiva. Estávamos rolando no chão, grunhindo, chutando, sacudindo e batendo. Rapidamente, outras crianças fizeram um círculo em volta para olhar, torcendo e animando a briga, não a meu favor, nem a favor de Lisa, mas de uma maneira geral, para aumentar a confusão. “Pega!”, “Chuta!”, “Briga!”, “Bate nela!”

Então, senti um par de mãos diferentes sobre mim, mãos de homem. O professor de ciências, o sr. Belcher, tinha se metido na multidão e nos separou. Eu estava arfando como um bicho, tremendo de fúria, porém feliz ao ver que tinha feito um estrago considerável em Lisa Saunders. Seu nariz ossudo estava sangrando, o rímel tinha escorrido pelo rosto, e eu tinha arrancado o elástico do rabo de cavalo junto com um punhado de cabelos louros.

As amigas de Lisa Saunders começaram a me acusar de começar a briga. Quando o sr. Belcher nos arrastou pelo braço até o gabinete do diretor, elas nos seguiram, contando como Bean Holladay tinha pulado em Lisa de repente, sem motivo algum.

O diretor estava fora, então o sr. Belcher nos empurrou até a sala da srta. Clay, a vice-diretora.

– Briga no corredor – ele falou.

A srta. Clay nos olhou por cima da armação dos óculos.

– Obrigada, senhor Belcher. Meninas, sentem-se.

Ela nos estendeu uma caixa de lenços de papel. Comecei a explicar sobre a ficha de candidatura de amizade, já que esse era o motivo da briga, mas a srta. Clay me interrompeu.

– Isso não vem ao caso.

Ela se lançou numa falação sobre como estava decepcionada conosco por nos comportarmos de maneira tão inadequada e sobre o que convinha e o que não convinha fazer em Byler.

– Meninas brigando é tão pouco elegante...

– Pouco elegante? – perguntei. – A senhora acha que eu me importo com o que é ou não é elegante?

Eu ainda estava totalmente irada. Fiquei ainda mais esquentada quando me dei conta de que a srta. Clay não ia me deixar lhe contar sobre a repugnante ficha de candidatura de amizade. Argumentei que, se os professores tivessem feito o seu trabalho e cuidado de seus alunos em vez de fechar os olhos quando um deles virava saco de pancada dos outros, aquelas meninas não estariam perseguindo minha irmã e eu não teria que defendê-la.

A srta. Clay arrancou os óculos do rosto.

– Não fale comigo nesse tom, mocinha. Você tem que respeitar os mais velhos.

– Eu respeito as pessoas que fazem o trabalho delas. Respeitar gente só porque é mais velha é embromação. Jerry Maddox é mais velho. E por acaso tenho que respeitá-lo?

– Não tente mudar de assunto. Jerry Maddox não tem nada a ver com isso.

– Ah, tem sim, e como tem! E a senhora sabe que tem, e se fingir que não sabe, então é porque tem uma cabeça cheia de titica, como o resto dessa cambada.

– Jean Holladay, você tem boca suja. Está suspensa.

– O quê?

– Você vai poder passar os próximos três dias em casa, pensando no seu comportamento.

– E ela?

Apontei para Lisa Saunders, que não tinha dito uma palavra sequer; ao contrário, tinha ficado sentadinha de pernas cruzadas, limpando o rímel borrado com o lenço de papel e fazendo todo o possível para parecer inocente.

– Ela também estava brigando. E ela escreveu aquilo sobre Liz, que eu tentei falar para a senhora.

– Não estou interessada na razão de as duas terem se desentendido. Os funcionários da escola nunca investigam as razões das brigas e, no meu entendimento, não devem averiguar. Você não está sendo suspensa por brigar. Está sendo suspensa por ter usado linguagem imprópria com a vice-diretora.

Capítulo trinta e oito

Tio Tinsley ficou muito chateado quando lhe contei que tinha sido suspensa.

– Mas que desgraça! Outro vexame para a família Holladay.

Quando expliquei que tinha defendido Liz, ele falou:

– Bom, acho que você fez o que sentiu que devia fazer, mas isso não vai melhorar exatamente a nossa imagem na comunidade.

O engraçado é que, de certa forma, melhorou. Quando voltei à escola, no final de novembro, os meninos me trataram de maneira diferente. Agora, eu não era mais a Garota Neon, eu era a Garota que Tinha Dado uma Surra na Lisa Saunders. Achei que era, no mínimo, uma promoção. A gozação quase acabou, e alguns dos garotos chegaram a fazer questão de se mostrar amistosos. Era como se eles achassem que ir à polícia e processar Maddox fosse ser dedo-duro – como correr até a professora quando alguém implicava com você –, mas dar socos, isso sim merecia respeito.

Eles continuavam, porém, a atormentar Liz. E, então, o juiz marcou uma data em março para o julgamento, e ficou claro para todos na cidade que o caso não ia ser abafado. Foi assim que nos demos conta de que teríamos muito mais com que nos preocupar, além da nariguda de Lisa Saunders e suas amigas.

Montoeiras de lixo começaram a aparecer no gramado e na alameda de entrada de Mayfield. Ao levantarmos pela manhã, havia lixo espalhado por toda parte – fraldas descartáveis sujas, garrafas vazias, latas de massa de tomate, sacos plásticos, papel picado e aqueles tubos cilíndricos de Pringles. Toda aquela tralha só faltava ter o nome de Maddox escrito.

Um dia, Liz e eu estávamos a caminho do ponto de ônibus, quando o Le Mans preto de Maddox surgiu do nada. Ele estava atrás do volante, inclinado para a frente como um piloto de carro de corrida. Acelerou o carro em nossa direção e desviou tão perto de nós que tivemos que pular dentro da vala para não sermos atropeladas. Sentimos o vento do carro passando de raspão. Peguei uma pedra e joguei nele, mas o Le Mans acelerou, e a pedra não acertou o carro.

Depois disso, era como se Maddox passeasse por perto procurando por nós, quase todos os dias, tentando nos tirar da estrada quando nos via andando a pé ou de bicicleta até a cidade. Chegou a um ponto em que, sempre que eu saía, prestava atenção ao som do motor do Le Mans. Comecei a carregar pedras dentro do bolso e consegui até dar ao menos uma boa amassada na lataria do Le Mans, mas, na maioria das vezes, Maddox se safava rápido demais para eu conseguir acertar uma pedrada.

Não contamos nada ao tio Tinsley. Tampouco pensamos seriamente em ir à polícia, já que não tínhamos como provar nada, e, até então, dar queixa contra Maddox só tinha criado problemas. Mas a campanha de Maddox estava fazendo efeito sobre Liz. Ela estava aterrorizada e não queria sair de casa. Também começou a falar cada vez mais sobre as vozes e em como elas estavam avisando que Maddox estava escondido atrás de cada arbusto e cada árvore.

Eu dizia a Liz, e a mim mesma, que essas vozes eram passageiras e iriam embora quando Maddox fosse condenado e mandado para a prisão. Era dezembro e faltavam três meses para o julgamento, e eu estava preocupadíssima com a possibilidade de Liz perder a cabeça até lá. Isso me fez pensar se deveríamos arquivar o caso. Mas se desistíssemos agora, Maddox saberia que tinha nos aterrorizado a ponto de abirmos mão de tudo. Tínhamos que deixar a cidade, já que eu não via como poderia pegar minha bicicleta e

andar por Byler sabendo que iria dar com o sujeito e que ele me lançaria aquele sorriso que os carrascos dão às pessoas que torturam. Maddox perseguiria Liz, e isso poderia piorar as vozes.

Resolvi que só tinha uma coisa a fazer. Eu não poderia esperar pelo julgamento. Tinha que matar Jerry Maddox.

Capítulo trinta e nove

Eu não tinha um carro para atropelar Maddox, então tive que bolar um plano. Havia uma ribanceira atrás da casa dos Maddox, cheia de pedregulhos e rochas. Notei uma em especial quando estava trabalhando para eles e, na época, pensei que se ela rolasse encosta abaixo, poderia causar um estrago e tanto. Poderia até matar alguém. Resolvi eu mesma fazê-la rolar.

Eu me esconderia na ribanceira até Maddox sair para a varanda dos fundos – o que ele fazia todos os dias para verificar o termômetro e colocar o lixo do triturador de papel na lata de lixo – e, então, empurraria aquela pedra ladeira abaixo, e ela o esmagaria como se ele fosse um inseto.

No dia seguinte, depois da aula, fui de bicicleta até Byler, deixei-a no bicicletário da biblioteca e cortei caminho pelo quintal de um dos vizinhos de Maddox até a encosta atrás da casa. Subi rastejando entre os pinheiros até a pedra, que era quase do tamanho de uma poltrona e tinha um dos lados coberto de musgo. Dei um empurrão na pedra para ver se estava solta, e foi aí que descobri que não conseguia deslocá-la um milímetro sequer. Ela devia pesar uma tonelada.

Eu precisava de um parceiro.

Liz não era feita para esse tipo de tarefa, e pedir ao tio Tinsley estava fora de cogitação. A única pessoa a quem eu poderia recorrer era Joe Wyatt. Eu já tinha contado a ele tudo sobre a campanha de assédio do Maddox, claro, então na escola, no dia seguinte, expliquei-lhe meu plano e perguntei se ele estava disposto a ajudar.

– Quando é que a gente faz o serviço? – ele perguntou.

Contei a ele quanto a pedra era grande e pesada. Joe não tinha notas muito boas na escola, mas era muito inteligente quando se tratava de fazer algo, e me disse que precisávamos usar uma alavanca para movimentar a pedra. O pai dele, lembrou, tinha uma barra de calçamento que serviria perfeitamente.

No dia seguinte, Joe me encontrou na biblioteca, carregando a pesada barra de ferro. Demos a volta pelo bosque, atrás da casa de Maddox, e mostrei-lhe a pedra. Ele enfiou a barra sob a pedra, mas ela não se mexeu, então pegou uma pedra menor, que usou como ponto de apoio, e, com os dois empurrando a extremidade da barra, movemos a pedra grande para a frente.

– Vai funcionar – ele disse.

– Maddox é um cara morto – falei.

Sentamos sobre as agulhas do pinheiro e esperamos.

Após mais ou menos meia hora, ouvimos o apito do trem e as rodas ribombando e guinchando sobre os trilhos que atravessam Byler. Depois que o barulho passou, a porta de trás se abriu. Pulamos e agarramos a ponta da barra. Mas, em vez de Maddox, foi Doris quem saiu. Ela tinha acabado de dar à luz e estava carregando o bebê de cara rosada com um braço e um saco de lixo com o outro.

Senti meu corpo inteiro murchar. Toda a energia que eu tinha juntado para matar Maddox simplesmente escoou para fora de mim. Por mais que eu odiasse Doris por ter ficado do lado do marido, eu não iria matá-la – e muito menos o bebê. Foi então que percebi que não queria matar ninguém de verdade, nem mesmo Maddox. Por pior que ele fosse, não fazia parte da minha natureza.

– Talvez essa não seja uma boa ideia – falei.

– Eu estava pensando a mesma coisa – Joe falou.

Ficamos olhando enquanto Doris tirou a tampa da lata de lixo, largou o saco dentro e recolocou a tampa, sem colocar o bebê no

chão. Ela entrou na casa, sem olhar, nem de relance, em nossa direção. Joe puxou a barra de calçamento de debaixo da pedra.

– Esse era um ponto de apoio muito bom. A gente podia ter feito se quisesse.

Atravessamos a colina, afastando-nos da casa.

– Isso quer dizer que a gente é covarde? – perguntei.

– Não – ele respondeu, chutando uma pinha no caminho. – Sabe, a gente pode atingir o Maddox onde dói nele, bem fundo.

– Como assim?

– O Le Mans.

Capítulo quarenta

Joe e eu conversamos sobre quebrar o para-brisa, mas ele achou que o barulho atrairia Maddox e ele viria logo correndo. Sugeri arranhar o carro com uma chave, mas também descartamos essa ideia porque só causaria um prejuízo aparente, e Maddox ainda poderia usar o carro para circular e tentar nos atropelar. Por fim, resolvemos que a melhor coisa a fazer seria imobilizar o Le Mans furando os pneus. Maddox poderia comprar pneus novos, porém teríamos mandado um recado – e sempre poderíamos furar os pneus novos também.

Esperamos chegar o fim de semana, quando Maddox provavelmente estaria em casa. Precisávamos da proteção do escuro, então Joe pediu que me encontrasse com ele na biblioteca no cair da noite. Ele sempre carregava um canivete, por isso eu não precisava me preocupar com nada em termos de armamentos. Ele disse que, no dia anterior, iria analisar a rua de Maddox e bolar um plano de ataque. Precisávamos usar roupas escuras, “camuflagem”, ele explicou. Joe estava refletindo muito sobre o que ele chamou de “a operação”.

Quando cheguei de bicicleta no local de encontro, no sábado, Joe já estava esperando no bicicletário da biblioteca. Ele montou na minha Schwinn e, comigo na garupa, pedalou até o bairro de Maddox, enquanto o sol baixava. Era um pôr do sol de dezembro, incolor – o céu repleto de prateados, brancos e cinzas.

Ao chegarmos à rua de Maddox, deu para ver o Le Mans estacionado ao lado da casa, no final do quarteirão. Joe mandou que eu me escondesse, junto com a Schwinn, atrás do arbusto de azevinho que ficava na esquina. A minha função era ficar à espreita,

para ver se alguém se aproximava, fosse de carro ou a pé. Eu deveria piar como uma coruja. A essa altura, o sol já tinha sumido, e os postes da rua ao serem acesos projetavam piscinas de luz arroxeadas. Enquanto esperei no pé de azevinho, Joe caminhou, como quem não quer nada, pela rua, olhando em volta. Quando viu que a barra estava limpa, ele se escondeu atrás de um grande rododendro, a poucas casas de distância da de Maddox.

Enquanto eu observava do meu posto no pé de azevinho, Joe avançava, de arbusto em arbusto, parando em cada um para avaliar a situação. Quando chegou ao arbusto mais próximo da casa de Maddox, ele deitou no chão e foi se esgueirando até o Le Mans.

Joe estava fora do meu campo de visão quando acenderam uma luz na varanda da casa em frente à de Maddox, do outro lado da rua. A porta da frente se abriu, e uma senhora idosa soltou um cachorrinho. Comecei a piar feito louca. Com o barulho, o cachorrinho começou a latir. De repente, Joe veio correndo, a toda, em minha direção. A bicicleta estava em posição de fuga, com o descanso suspenso, quando ele me alcançou.

– Furei dois pneus – ele disse, sem fôlego, quando montei na garupa. Pulei atrás dele e empurrei com os dois pés enquanto Joe se levantava sobre os pedais, pedalando o mais rápido possível.

Demos a volta pela cidade em vez de atravessar em linha reta e, quinze minutos mais tarde, chegamos ao sopé da colina. Joe estava prestes a saltar e caminhar o resto do caminho até em casa, e eu ia seguir em frente até Mayfield, quando um carro de polícia emparelhou conosco. O policial apontou para o acostamento. Joe parou a bicicleta, e o policial estacionou atrás de nós e saltou, deixando o motor ligado e os faróis acesos. Enquanto caminhava em nossa direção, colocou o chapéu de aba larga e ajustou a tira sob o queixo.

– Por que a pressa? – ele perguntou.

- Tenho que chegar em casa para jantar – Joe falou.
- Tivemos uma queixa de uns pneus furados em Willow Lane.

Tá sabendo de alguma coisa?

- Não, senhor.
- Tá dizendo que não fez isso?
- Sim, senhor.
- Está negando?
- Sim, senhor.
- A gente só tá andando de bicicleta – intervim.
- Não estou falando com você – o policial disse.

E voltando-se para Joe:

– Garoto, coloque tudo o que você tem no bolso em cima do capô do carro.

Joe suspirou. Ele desmontou da bicicleta e começou a tirar coisas de dentro do bolso: chaves, moedas, barbante, parafusos, uma castanha e o canivete.

O policial pegou o canivete e o abriu.

- Isso aqui é uma arma.
- É a minha faca de entalhar.
- É uma arma letal que você estava ocultando. Venha comigo.

Ele abriu a porta de trás do carro de polícia.

– Entre.

As pessoas que passavam de carro reduziam a velocidade e enfiavam o pescoço para fora, para ver enquanto Joe sentava no banco de trás. Fiquei parada, segurando a Schwinn, enquanto o policial seguia pela estrada. Eu quis dar um adeusinho a Joe, mas ele não olhou para trás.

Capítulo quarenta e um

Pedalei em meio à escuridão até Mayfield. Enquanto Joe e eu estávamos planejando e, depois, realizando a operação de furar os pneus de Maddox, ela parecia não apenas justificável como algo que eu, obviamente, tinha que fazer para me proteger e à Liz, além de dar o troco a alguém que estava tentando nos matar. Mas me ocorreu que se eu tentasse explicar a operação fura-pneu a alguém, iria soar incrivelmente estúpido, o tipo do crime idiota que levava jovens para centros de reabilitação de menores. Repensando a coisa, nem eu conseguia acreditar direito. E, para culminar, eu tinha colocado Joe numa fria. Eu não parava de pensar nele olhando para a frente enquanto o carro de polícia se afastava.

Eu não poderia contar nada daquilo a tio Tinsley ou a Liz, então fui para a cama sem dizer nada. A primeira coisa que fiz quando acordei foi pegar a bicicleta e ir até a casa dos Wyatt para descobrir o que tinha acontecido com Joe. Eu não batia mais na porta – tia Al fazia questão de que eu entrasse direto, já que eu era da família – e, quando entrei, Joe estava sentado à mesa da cozinha, com Earl, enquanto tia Al fritava ovos na gordura do bacon. Eu queria pular e abraçar Joe bem forte, mas ele estava agindo de maneira totalmente natural e casual. Os policiais, ele disse, confiscaram seu canivete e lhe passaram um sabão sobre fazer a coisa certa, do lado da lei, porém não tinham nenhuma prova de que ele tivesse feito algo errado, então o deixaram sair.

– Francamente, a gente até fica sem saber se a polícia não tem nada melhor a fazer do que pegar os meninos da colina por carregarem facas de entalhar – tia Al falou. – Bean, você quer um ovo?

– Quero, sim.

Sentei ao lado de Joe. Eu me senti radiante porque a operação foi um sucesso, embora não pudéssemos dizer nada diante de tia Al. Joe me serviu um copo de café com leite, e ficamos sentados, sorrindo como dois crocodilos. Tia Al me entregou um ovo frito crocante e reluzente de gordura.

Tínhamos terminado o café da manhã, e eu estava lavando os pratos na pia; quando tia Al dizia que, em breve, iríamos ter a primeira neve da estação, ouvimos alguém bater à porta, com força.

Joe foi atender. Maddox estava parado diante da porta. Era uma manhã fria de inverno, mas ele não usava nenhum agasalho, só um moletom preto com capuz, e o capuz ainda estava puxado para trás. Com as mãos no quadril, ele começou a colocar o dedo em riste na cara de Joe.

– Sei que foi você – ele disse.

– O senhor sabe que fui eu que fiz o quê?

– Não se faça de engraçadinho comigo, seu filho da puta.

– Por favor, não use esse tipo de linguagem na minha casa – tia Al falou. – Do que se trata?

Maddox passou por Joe, entrou na casa e olhou para mim.

– Por que é que não estou surpreso em ver você aqui?

– Ela é da família – disse tia Al. – Tem todo o direito de estar aqui. Agora, por favor, do que se trata?

– Eu vou lhe dizer. Trata-se de maldade criminosa e de destruição deliberada de propriedade particular. O seu filho furou os meus pneus.

– Furei coisa nenhuma.

– Eu sei que foi você. No início, eu não consegui imaginar quem teria feito uma coisa dessas, mas nesta manhã um amigo meu, da polícia, mencionou que o garoto da família Wyatt tinha sido pego portando um canivete, e que ele estava na companhia de uma das

irmãs Holladay na ocasião, e foi então que me deu um estalo. Foi você.

– Ele diz que não foi ele – tia Al falou. – Se o senhor tivesse prova, daria queixa.

– Só porque não tenho prova não quer dizer que não foi ele, nem que ele não vai receber o que merece.

A voz de Maddox atraiu tio Clarence até a cozinha.

– O que é que está acontecendo aqui? – ele perguntou.

– O seu filho precisa de uma surra – Maddox falou. – Primeiro, por furar os meus pneus. Segundo, por mentir.

– É verdade, filho?

– Ele disse que não foi ele – tia Al falou.

– Não foi ele – falei. – Ele estava comigo a noite toda. A gente só estava andando de bicicleta.

– Você deve estar metida nisso – Maddox falou. – Ele apontou para tia Al. – A senhora trabalha na tecelagem, e – virando-se para tio Clarence – o senhor recebe pensão por invalidez. Quem trabalha no moinho e recebe dinheiro do moinho faz o que eu digo. E estou dizendo que esse garoto precisa de uma surra.

Maddox e tio Clarence ficaram se encarando durante um bom tempo. Então, tio Clarence saiu e voltou com um cinto de couro na mão.

– Ah, Clarence... – tia Al exclamou, mas não tentou impedi-lo.

– Lá fora! – Maddox mandou.

Ele guiou Joe e tio Clarence pela casa, até o quintal. Joe olhava para a frente, mudo, como tinha feito dentro do carro da polícia. Tia Al os seguiu até o lado de fora. Na horta, os caules mortos dos tomateiros de tio Clarence ainda estavam amarrados às hastes de suporte. Tia Al agarrou meu braço quando tio Clarence disse a Joe para se agachar e segurar os calcanhares e, com Maddox ao seu lado, começou a dar cintadas no traseiro de Joe.

No primeiro golpe, senti vontade de correr e agarrar o braço de tio Clarence. Tia Al pareceu adivinhar, porque apertou meu braço ainda mais forte. Tio Clarence bateu em Joe várias vezes. Joe não soltou um ai, e quando tio Clarence finalmente parou, ergueu o corpo. Ele não olhou para ninguém nem falou nada. Foi andando até a mata, pela trilha que levava à castanheira.

Maddox deu tapinhas nas costas de tio Clarence e colocou o braço ao redor de seus ombros.

– E só para mostrar que não há ressentimento nenhum, vamos tomar uma cerveja.

Capítulo quarenta e dois

Tio Clarence não sentiu lá muita vontade de beber uma cerveja com Maddox, então Maddox foi embora. Tio Clarence teve um acesso de tosse galopante e depois, quando passou, colocou o boné do exército e foi para o Clube dos Veteranos. Fiquei sentada com tia Al e Earl na cozinha. Tive a impressão de que ela me queria por lá.

Ninguém falou nada durante um minuto, até tia Al soltar bem alto:

– Mas o que foi que deu em vocês para fazerem uma besteira dessas?

Então ela sabia!

– Foi tudo minha culpa.

Expliquei como, desde que Liz tinha dado queixa contra Maddox, ele vinha jogando lixo em nosso terreno e tentando nos atropelar com o carro, e que Liz estava ouvindo vozes; então achei que tinha que fazer algo para rebater, e Joe era a única pessoa que podia me ajudar.

– Meu bem, entendo que você queira ir à forra, mas vocês foram atizar um touro bravo.

Tia Al e eu ficamos sentadas à mesa da cozinha por algum tempo. Perguntei a ela sobre as vozes de Liz, e ela disse que, às vezes, ouvia Deus falando com ela e, outras vezes, o demônio. Quando sua família morava nas montanhas, todo tipo de gente falava em línguas, portanto talvez não fosse nada de mais.

Então Ruth chegou em casa depois de dar aula de catecismo.

– Por que essas trombas?

– Seu pai teve que dar uma sova em Joe – tia Al contou.

– Maddox o obrigou – acrescentei.

- Papai bateu em Joe porque o sr. Maddox mandou?
 - Ali fora, no quintal – falei.
 - O sr. Maddox veio aqui? – Ruth perguntou. – Em nossa casa?
- Ela se sentou numa cadeira.
- Foi, agorinha mesmo – eu respondi.

Comecei a explicar o que tinha acontecido, e, quando acabei, Ruth olhou para baixo e passou os dedos entre os cabelos.

– Sabe, nunca contei a ninguém por que parei de trabalhar para Maddox. – Tia Al olhou para Ruth com um ar surpreso. – Ele tentou abusar de mim. Ele não fez comigo o que fez com Liz, mas me empurrou para um canto e começou a passar a mão em mim, como um maluco. Eu me soltei, porém fiquei muito assustada.

– Mas, querida – tia Al falou –, eu perguntei a você se tinha acontecido alguma coisa e você disse que não!

Ruth tinha tirado os óculos gatinho e estava mexendo neles.

– Eu nunca quis que ninguém soubesse.

Capítulo quarenta e três

A essa altura, estava claro que, mais uma vez, mamãe tinha aprontado alguma e tomado chá de sumiço. Desde que demos queixa na polícia, eu vinha ligando para ela em Nova York, mas o telefone tocava, tocava, tocava, e nada. Eu ligava pela manhã, no meio da tarde e à noite, porém ela nunca atendia.

Finalmente, depois de quatro semanas, mamãe ligou. Ela tinha estado num retiro espiritual em Catskills, explicou. A viagem tinha sido uma decisão tomada num rompante, com novos amigos. Ela tentou ligar antes de partir, mas não conseguiu completar a ligação, provavelmente porque Tin havia tirado o telefone da tomada. Ela ficou no retiro mais tempo do que tinha imaginado inicialmente e, como os budistas não têm telefone, não teve como ligar.

– Foi bom para a minha cabeça. Estou me sentindo muito equilibrada.

Ela começou a contar como os budistas lhe ensinaram sobre a energia chi e como centrá-la, mas eu cortei a conversa.

– Mãe, a gente teve problemas. Um cara atacou Liz. Vai ter julgamento.

Mamãe soltou um grito estridente. Quis saber os detalhes e, à medida que eu ia contando, ela gritava coisas do tipo “O quê?”, “Mas que atrevimento o dele!”, “Minhas meninas! Meus bebês!”, “Vou matá-lo!”. Ela falou que estava partindo imediatamente e dirigiria a noite toda para chegar a Mayfield pela manhã, e acrescentou:

– Isso mandou o meu chi para o inferno.

Mamãe não chegou em Byler antes de irmos à escola pela manhã, mas já tinha chegado quando retornamos, o que foi bom, porque tio Tinsley pôde explicar os detalhes legais e Liz não teve que contar a

história toda novamente. Mamãe deu um abraço forte nela. Liz não queria soltar o abraço, então mamãe continuou agarrada a ela, passando a mão em seus cabelos e dizendo:

– Vai ficar tudo bem, filhota. Mamãe está aqui.

Então, ela se virou para me abraçar. Fiquei surpresa com a raiva que eu estava sentindo dela. “Onde você esteve esse tempo todo?”, eu queria perguntar. Mas não falei nada e a abracei também. Mamãe começou a esfregar o rosto em meu ombro. Senti certa umidade e percebi que ela estava chorando e tentando disfarçar. Perguntei-me se ela iria mesmo nos ajudar a enfrentar aquilo tudo ou se ia ser mais uma pessoa a precisar de apoio.

Quando Liz lhe contou como as outras crianças a estavam tratando na escola, mamãe falou que ela não tinha mais que ir à escola, pelo menos até o julgamento terminar. Ela daria aulas para Liz em casa.

Mamãe se ofereceu para me dar aulas também, mas eu não quis. A maioria dos garotos tinha parado de me tratar mal, e, além disso, a última coisa que eu queria era ficar trancada em Mayfield o dia inteiro, ruminando as maldades de Maddox, ouvindo mamãe explicar o mundo, como ela o via, e lendo um monte de poemas deprimentes de Edgar Allan Poe – que tinha substituído Lewis Carroll no posto de escritor favorito de Liz. Eu precisava sair e me agitar.

Como Liz e eu tínhamos voltado a dividir o quarto, mamãe se mudou para o outro quarto na ala dos pássaros – o que tinha sido seu quarto de brinquedos quando era criança. Quando ela disse à diretoria da escola que se encarregaria pessoalmente do ensino de Liz durante algum tempo, eles ficaram felizes em aceitar, já que o julgamento, que se aproximava, só causava tensão entre os membros da escola. Mamãe evitava discutir com tio Tinsley e passava os dias com Liz; as duas escreviam diários e conversavam sobre sobrevivência, transcendência e energia vital – todos os assuntos que mamãe explorou durante o retiro espiritual. Liz se

agarrou a mamãe e às suas palavras, e mamãe, claro, gostava que alguém se agarrasse a ela. Elas compunham poemas juntas e terminavam as frases uma da outra. Mamãe tinha trazido seus dois violões prediletos, o Zemaitis e o Martin cor de mel, e deu o Martin a Liz, prometendo que nunca criticaria a maneira de ela tocar, não importando quais regras Liz quebrasse.

Eu tinha ficado brava com mamãe quando ela veio, mas ela parecia estar à altura das circunstâncias. Liz lhe contou sobre as vozes que vivia ouvindo. Ela agora as ouvia com maior frequência, e elas estavam ficando mais assustadoras.

– Se as vozes forem reais, tô encrocada – Liz falou. – Se não forem, tô mais encrocada ainda.

Tive medo de que mamãe arrastasse Liz a um psiquiatra, que a mandaria para um hospício, porém mamãe disse que Liz não devia ter medo das vozes. Aquilo era como a mente e a alma conversavam uma com a outra, ela falou. Quando sua consciência lhe dizia que uma coisa era uma má ideia, era uma voz. Quando a musa murmurava letras de música ao seu ouvido, era outra. Todos ouviam vozes, mamãe falou. Só que alguns ouviam essas vozes mais claramente do que outros. Liz deveria ouvir as vozes, sintonizar-se com elas e transformá-las em arte, poesia e música.

– Não tenha medo de seus recantos escuros – mamãe lhe disse.
– Se você acender uma luz ali, vai encontrar tesouros.

Capítulo quarenta e quatro

Mamãe nunca tinha dado muita bola para o Natal e nos dizia, a cada ano, que era um feriado pagão que os cristãos tinham cooptado, que Jesus tinha nascido, na verdade, durante a primavera. Tio Tinsley disse que desde que Martha morrera, ele ignorava a data, mas quando começou o recesso de fim de ano ele falou que, como aquela era a primeira reunião de família em Mayfield, depois de muitos anos, devíamos fazer algo para marcar as festas. Tio Tinsley e eu encontramos um cedro pequeno, de formato perfeito, na cerca viva que crescia ao longo do pasto mais elevado. Nós o cortamos, o arrastamos até em casa e o decoramos com a coleção de enfeites antigos e frágeis da família Holladay, alguns dos quais, tio Tinsley contou, remontavam aos anos 1880.

Evitamos falar sobre o julgamento, mamãe e tio Tinsley se esforçaram ao máximo para se entender, e, no dia de Natal, em vez de trocarmos presentes, mamãe resolveu que deveríamos fazer um teatrinho. Ela cantou várias músicas de *Encontrando a magia* e, como não queria parar de cantar, dizia:

– Está bem, já que vocês insistem, vou cantar mais uma.

Liz recitou um poema de Poe, “Os sinos”, que, apesar do título, não era muito natalino e, na realidade, era bem sinistro. Li a minha “Declaração contra a negrofobia”, dessa vez lembrando de usar as pausas significativas de tio Tinsley. Isso fez mamãe brincar e dizer que tio Tinsley devia desencavar a velha espada confederada que os Holladay vinham passando de geração a geração e entregá-la a mim, porque eu estava muito ligada às minhas raízes sulistas.

– Toda essa lenga-lenga confederada que rola nesta cidade me dá calafrios – Liz falou. – Uma das casas da colina até hasteia a

bandeira confederada.

– Não é a favor da escravidão – tio Tinsley falou. – É uma questão de tradição e orgulho.

– Não se você for negro – mamãe falou.

– Tio Tinsley – eu entrei na conversa –, talvez você pudesse tocar piano em sua apresentação.

Ele balançou a cabeça.

– Martha e eu costumávamos tocar juntos. Mas eu não toco mais. – Ele se levantou. – A minha apresentação vai ser na cozinha.

Para o jantar, ele ia fazer caçarola de abóbora, uma velha receita Holladay, e lombo de cervo assado, com cogumelo, cebola, nabo e maçã.

Estava escuro quando o jantar ficou pronto. Enquanto Liz e eu arrumávamos a mesa, mamãe encontrou uma garrafa de vinho no porão. Ela encheu dois copos, para ela e tio Tinsley, meio copo para Liz e um quarto de copo para mim. Lá na Califórnia, mamãe gostava de beber um pouco de vinho à noite. Ela já tinha me deixado tomar uns goles antes, mas aquela era a primeira vez que ela dava um copo só para mim.

Tio Tinsley fez sua curta oração, agradecendo a Deus pelo farto festim diante de nós e levantou o copo.

– Aos Holladay.

Mamãe deu seu sorriso característico, e achei que ela fosse dizer algo sarcástico, mas depois seu rosto relaxou.

– É engraçado. Os Holladay costumavam ser uma coisa tão pomposa...

Ela ergueu o copo e disse:

– A nós quatro. Somos o que sobrou.

Liz ficou em casa durante o inverno todo com mamãe, que levou seu trabalho de professora muito a sério. Mamãe e Liz liam Hermann Hesse e e. e. cummings, bem como um tal de Gurdjieff, de quem

mamãe ouvira falar durante o retiro espiritual. Ela criou um curso completo sobre Edgar Allan Poe. Liz gostava em especial de poemas como "Annabel Lee", "O corvo" e "Os sinos", com versos do tipo: "E a seda rubra da cortina arfava em lúgubre surdina" e "As tintibulações que ressoam dos hinos / Dos sinos, sinos, sinos, sinos". Ela ficou tão inspirada com a palavra "tintibulações" que escreveu um ensaio só sobre suas raízes latinas e seu lugar na música.

Tio Tinsley trabalhava nos documentos da pesquisa geológica e nas árvores genealógicas, assim como fazia suas incursões de caça ocasionais, voltando para casa algumas vezes com um veado morto amarrado ao capô do Pé na Tábua. Ele também contribuía para as aulas de Liz, dando-lhe palestras sobre cálculo, a geologia da bacia de Culpeper e a composição do barro cor de laranja da Virgínia; explicando C. Vann Woodward e por que, a bem da verdade, a Guerra Civil não devia ser chamada de Guerra Civil – "Não tem nada de civil nela, para início de conversa" –, e sim de Guerra entre os Estados.

Maddox continuava tentando me atropelar com o Le Mans e seus novos pneus de banda branca, mas, como Liz nunca estava comigo, parei de me preocupar tanto com ele e comecei a gostar mais da escola. A srta. Jarvis, que além de ser minha professora de inglês era a conselheira do comitê que organizava o álbum de fim de ano, me convenceu a entrar para o grupo, o que foi mais divertido do que eu tinha suposto a princípio – mais divertido do que a equipe de animação de torcida. Também dava muito trabalho. Tínhamos que tirar retratos, escrever legendas e vender espaço de publicidade, improvisar uma página fúnebre em homenagem a algum antigo aluno que acabou de morrer num acidente de carro – a srta. Jarvis disse que acontecia quase todo ano – e criar temas para as fotos tiradas sem pose, do tipo "Pego desprevenido" e "Passos de dança originais".

Enquanto isso, a rapaziada estava se acostumando à ideia da integração. O time de futebol americano teve um ano horrível e ainda tinha brigas eventuais entre estudantes negros e brancos, mas o time de basquete estava melhorando graças a dois jogadores negros muito, muito altos. Um cara era tão alto que era chamado de Tyrone "A Torre" Perry ou, às vezes, só Torre, e era um jogador tão bom que lhe demos uma página inteira no álbum anual. As chefes de torcida também estavam parecendo mais com uma equipe, as meninas negras fazendo menos dança e as meninas brancas, um pouco mais. A mãe de Vanessa, que era dona de um salão de beleza para mulheres negras e vendia maquiagem da Avon, tinha um Cadillac azul-grafite e começou a levar, de carro, um grupo de meninas negras e brancas, incluindo Ruth, aos jogos fora da escola.

Com Liz e mamãe isoladas nas aulas em casa, acabei passando muito tempo na casa dos Wyatt. Aquela surra tinha mudado Joe. Ele se retraiu e conversava menos do que antes. Mas Cão entrou em cena.

Joe sempre desejara ter um cachorro. Tio Clarence pensou que um cachorro que não caçasse ou não cuidasse de um rebanho, e só ficasse perambulando e engolindo comida de cachorro, era um desperdício de dinheiro. Depois da surra, porém, tia Al o convenceu a deixá-la arranjar um para Joe, dizendo que o cachorro poderia comer sobras de comida. Todos fomos até o canil, onde Joe escolheu um cão preto e branco, mistura de diversas raças. Segundo tia Al, de border collie, provavelmente hound e talvez um pouco de terrier. Joe disse que era um vira-lata puro-sangue e lhe deu o nome de Cão.

– Você é muito sortudo – falei para ele. – Eu queria ter um cachorro.

– A gente pode dividir – ele disse.

Cão era um carinha inteligente e esperto que seguia Joe por toda parte. Ele ia com Joe até o ponto de ônibus todas as manhãs e, quando Joe saltava do ônibus à tarde, Cão estava sentado lá a esperá-lo, debaixo de sol ou de chuva. Aquele vira-lata realmente deu novo ânimo a Joe.

Chegou até a nevar duas ou três vezes naquele inverno, e Joe e eu entramos em terríveis lutas de bola de neve com outros meninos da colina, sendo que a turma toda parava de brigar para acertar nos carros que passavam, e todos, incluindo Cão, corríamos para dentro da floresta quando os motoristas saíam do carro para tentar nos pegar, gritando "Voltem aqui, seus cabeças de fiapo!".

No final das contas, a não ser pela confusão com Maddox, eu estava me divertindo muito em Byler.

Capítulo quarenta e cinco

Eu estava com um bom presságio em relação ao julgamento. Encontramos o promotor, Dickey Bryson, algumas vezes. Era um homem parrudo que, apesar de suas gravatas parecerem sempre apertadas demais, sorria muito e adorava contar piadas. Tinha sido um dos principais defensores no time dos Byler Bulldogs, sua fotografia estava pendurada na parede do restaurante do clube, e algumas pessoas ainda o chamavam pelo apelido dos tempos de escola, Blitz.

O caso era bem simples, Dickey Bryson explicou, e o julgamento também o seria. Ele começaria com o policial que registrara o depoimento e tirara as fotos de Liz, aí colocaria tio Tinsley e a mim no banco de testemunhas, e nós testemunharíamos quanto ao estado de Liz e sua condição de agredida quando ela chegou em casa, depois teríamos o depoimento de Wayne, que testemunharia o que ele presenciou ao dirigir com Liz e Maddox no carro, e, finalmente, chegaria a vez de Liz sentar-se no banco para dar sua própria versão dos fatos.

A meu ver, o processo estava no papo. Maddox fez o que fez. Ele sabia, nós sabíamos, e, quando os jurados ouvissem a verdade, eles também saberiam. Afinal, tínhamos uma testemunha ocular que não estava comprometida com a história, nem era parente ou amigo. Era completamente imparcial. Como poderíamos não ganhar?

Eu ficava repetindo isso a Liz, mas, à medida que a data do julgamento se aproximava, ela foi ficando cada vez mais nervosa e, às vezes, tinha ânsia de vômito.

Na manhã do julgamento, o céu estava claro, mas fazia um frio tão terrível que os rododendros estavam enroscados, parecendo

charutinhos. Liz, mamãe e eu estávamos nos vestindo na ala dos pássaros, quando Liz tapou a boca com a mão e correu até o banheiro. Seu estômago estava vazio, mas dava para ouvir que tinha ânsias fortes, inclinada sobre o vaso sanitário. Quando ela voltou para o quarto, enxugando a boca com o dorso da mão, mamãe deu-lhe uma caixa de balinhas de hortelã.

– Ficar nervosa não é, necessariamente, uma coisa ruim. A maioria dos artistas fica ansiosa antes de uma apresentação. Katharine Hepburn costumava vomitar toda noite antes de entrar em cena.

Coloquei a calça verde-limão, que não usava desde o primeiro dia de aula, e Liz pegou a saia roxa e cor de abóbora. Queríamos parecer respeitáveis, porém aquelas eram as roupas mais arrumadas que tínhamos – eu usava, sobretudo, jeans, e Liz tinha umas roupas meio ciganas, que tinha pegado entre as coisas velhas de mamãe que encontrara no sótão. Queimamos todas as roupas que Maddox tinha comprado para nós. Tive medo de que mamãe colocasse um dos vestidos *hippies* que ela tinha, ou, pior ainda, um que fosse bem decotado. Mas ela pegou uma calça preta e sua jaqueta de veludo vermelho, como se fosse subir num palco.

– Mãe, tem certeza de que essa é a roupa certa? – perguntei.

– Vocês duas podem se vestir para o juiz se quiserem. Eu vou me vestir para o júri.

Tio Tinsley estava esperando por nós ao pé da escada. Ele usava um terno riscado, com colete, e uma correntinha de ouro pendurada no bolso do relógio. Ninguém estava com vontade de tomar café da manhã, então entramos todos no Pé na Tábua. Durante o trajeto até a cidade nos esforçamos para animar Liz.

– Não deixe Maddox assustar você – eu disse. – Ele não passa de um brutamontes.

– Você tem os fatos e a lei ao seu lado – tio Tinsley falou. – Vai dar tudo certo.

– Mantenha contato visual – mamãe falou. – Respire fundo e canalize o seu chi.

– Era só o que me faltava: banalidades da equipe de animação – Liz falou. – Vocês me cansam.

Isso pôs um fim ao esforço conjunto. Seguimos em silêncio durante alguns minutos, até Liz dizer:

– Desculpe. Sei que vocês estão tentando ajudar. Só quero que isso acabe.

O tribunal, na avenida Holladay, era um prédio de pedra, grande, com torreões e imensas janelas, além de uma estátua de um soldado confederado à frente. Entramos pela porta giratória de latão e vimos mais ou menos todas as pessoas envolvidas naquela confusão perambulando pelo saguão principal. Maddox estava lá, usando uma camisa azul brilhante, assim como Doris e as crianças. Doris estava com o bebê no colo e Jerry Jr. pendurado à saia dela. Cindy estava segurando Randy, que, àquela altura, tinha dois anos. Quando Maddox nos viu, olhou com escárnio. Devolvi o olhar de escárnio. Se era uma competição de olhares que ele estava querendo, eu lhe daria uma.

Dickey Bryson estava conversando com outro homem de terno e disse alguma coisa que fez o homem rir. O homem se virou e começou a conversar com Maddox, enquanto Dickey Bryson veio até nós, com uma pasta gorda debaixo do braço. Ele nos disse que o homem que conversava com Maddox era o advogado dele, Leland Hayes. Ele iria nos interrogar.

– Está certo o senhor ficar às gargalhadas com o advogado de Maddox daquele jeito? – perguntei.

– Byler é uma cidade pequena – ele respondeu. – É melhor ser amigo de todo mundo.

Pouco antes das nove horas, Joe e tia Al entraram pelas portas giratórias, seguidos de Wayne Clemmons, que deu uma última tragada no cigarro e apagou a guimba no cinzeiro do saguão. Antes que eu pudesse olhar nos olhos dele, o oficial de justiça abriu as portas da sala do tribunal e nos mandou entrar.

A sala tinha um pé-direito alto, uma fileira de luminárias de latão pesadas penduradas no teto, e as janelas imensas, altas, deixavam entrar a pálida luz de março. Tudo tinha um aspecto solene, e os bancos e as cadeiras de madeira do júri pareciam duras, como se fossem desenhadas para garantir que ninguém se sentiria muito confortável.

– Todos de pé! – o oficial de justiça gritou.

O barulho que fizemos ao nos levantar todos juntos me lembrou a igreja. O juiz entrou, um homem taciturno, cujos óculos de armação preta, equilibrados na ponta do nariz, combinavam com a toga preta. Ele se sentou à sua mesa alta e grande e verificou os documentos sem olhar uma vez sequer para as pessoas na sala do tribunal.

– Juiz Bradley – tio Tinsley cochichou. – Ele era da Washington and Lee quando estudei lá.

Até aqui tudo bem, pensei. O julgamento, com os policiais uniformizados, o juiz vestindo toga, a estenógrafa sentada diante de sua maquininha esquisita, tudo parecia muito sério, com procedimentos oficiais, e interpretei aquilo como um sinal positivo.

– Senhor Maddox – o juiz falou –, queira se levantar.

Maddox ficou de pé e empertigou os ombros. Uma mulher diante de uma pequena escrivaninha, à frente do juiz, também se levantou e leu as acusações contra ele: tentativa de estupro, agressão sexual com agravante, agressão e lesão corporal.

– O senhor se declara inocente ou culpado? – o juiz perguntou depois de cada acusação.

– Inocente! – Maddox disse a cada vez, sua voz ecoando no teto alto.

– Pode se sentar.

Maddox sentou-se. Ele e seu advogado estavam atrás de uma mesa na extremidade da balaustrada que separava a galeria. Na mesa ao lado, Dickey Bryson escrevia rapidamente num bloquinho amarelo. Eu queria que Maddox pudesse sentir meus olhos perfurando sua nuca. Eu não tinha desistido da competição de olhares.

Um delegado uniformizado mandou que um grupo de homens e mulheres entrasse, e eles se sentaram a um lado da sala de julgamento.

– O grupo dos potenciais jurados – tio Tinsley cochichou.

Eu já tinha visto alguns deles pela cidade – na colina, em jogos de futebol ou no armazém. Uma era Tammy Elbert, a mulher que tinha nos dado carona até Mayfield quando chegamos a Byler, a que tinha dito que teria dado qualquer coisa, nos tempos da escola, para ser Charlotte Holladay. Parecia ser outro bom sinal.

O juiz conversou por alguns minutos sobre a beleza do nosso sistema legal e sobre as obrigações dos jurados e as responsabilidades dos cidadãos. Então, pediu às testemunhas que fossem até a frente. Perguntou aos potenciais jurados se algum deles nos conhecia ou a qualquer dos advogados.

Um homem usando um paletó xadrez se levantou.

– Não sei se vale para todo mundo aqui, mas acho que todos os conhecemos.

– Suponho que sim – disse o juiz. – Isso impediria algum dos senhores de chegar a um veredito imparcial? – Eles se entreolharam e balançaram a cabeça. – Então, ninguém? Haveria outra razão pela qual algum dos senhores não pudesse ser imparcial ou não devesse assumir essa responsabilidade?

Todos balançaram a cabeça novamente.

– Que conste nos autos que nenhum jurado acredita que não possa ser imparcial.

Os dois advogados se levantaram e começaram a ler os nomes escritos nos bloquinhos amarelos. As pessoas que iam sendo chamadas foram se sentar no banco de jurados. Tammy Elbert foi uma. Em dez minutos, o banco do júri estava completo, e os demais deixaram a sala de julgamento. Nessa hora, o juiz pediu às testemunhas que saíssem; então, todos seguimos o policial porta afora, deixando mamãe sentada no banco com sua jaqueta de veludo vermelho, ao lado de Joe e de tia Al.

Wayne acendeu um cigarro e foi na direção do fundo do saguão, onde havia um cinzeiro, enquanto o policial levava as outras testemunhas para uma pequena sala. Ali havia uma cafeteira com cheiro de café queimado ao lado de uma bandeja cheia de rosquinhas glaceadas, mas ninguém estava com apetite. Em menos de meia hora, o policial voltou e pediu ao tio Tinsley que o seguisse. Vinte minutos depois, o policial voltou e, dessa vez, me chamou. Quando fechei a porta, levantei o polegar para Liz.

Capítulo quarenta e seis

Fiz meu juramento e me sentei no banco das testemunhas. Maddox estava recostado para trás na cadeira, de braços cruzados, como se estivesse me desafiando a ir até o fim. Na galeria, atrás dele, tio Tinsley estava sentado ao lado da mamãe e acenava com a cabeça para me encorajar. Os jurados, no banco do júri, me olhavam como se eu fosse uma espécie de objeto curioso.

Sentar no banco das testemunhas, com todas aquelas pessoas me olhando de cabeça esticada – aquilo me deixou com a boca seca e a garganta apertada. Quando Dickey Bryson levantou e me pediu que declarasse meu nome, minha voz saiu meio esganiçada. Cruzes, pensei, e olhei para o júri. O sujeito vestindo paletó xadrez sorriu, como se estivesse achando engraçado.

– Responda com calma – disse Dickey Bryson.

Respondendo às suas perguntas, expliquei como Liz e eu começamos a trabalhar para os Maddox, como eu fazia mais coisas para a sra. Maddox, como Liz era mais uma espécie de assistente pessoal do sr. Maddox e como ele tinha aberto contas de poupança. Então, Dickey Bryson perguntou sobre o que tinha acontecido na noite em que Liz voltara com Wayne, e eu contei ao júri tudo de que me lembrava. Quanto mais eu falava, mais à vontade me sentia, e quando Dickey Bryson disse “Sem mais perguntas”, achei que tinha ido bastante bem.

Leland Hayes levantou e abotoou o paletó. Ele tinha cabelos curtos, grisalhos, e um nariz comprido, bronzeado. Quando sorria, pés de galinha se formavam ao redor dos olhos cor de ardósia, que brilhavam de um modo que dava a impressão de que ele gostava do que estava fazendo.

- Bom dia, jovem. Como a senhorita está hoje?
- Bem, obrigada.
- Ótimo, é bom ouvir isso. – Ele foi andando até o banco dos jurados, segurando seu bloquinho amarelo. – Sei que não é fácil vir aqui e testemunhar e admiro a senhorita por fazê-lo.
- Obrigada – repeti.
- Então a senhorita trabalhou para Jerry Maddox, aqui presente? – Leland Hayes falou, apontando para ele.
- Sim, senhor.
- Dickey Bryson tinha dito para dar respostas curtas.
- Foi muito generoso da parte dele lhe dar um emprego, não foi?
- Talvez. Mas nós recebemos pelo nosso trabalho, não foi caridade.
- Mais alguém lhe ofereceu trabalho?
- Não, mas nós trabalhamos duro.
- Responda apenas sim ou não. Agora, por que vocês trabalharam para o sr. Maddox?
- A gente precisava do dinheiro.
- E por que vocês, duas meninas, precisam de dinheiro? Os pais de vocês não as sustentam?
- Muitas crianças trabalham.
- Responda à pergunta, por favor. Os pais de vocês não as sustentam?
- Não tenho pai, só tenho mãe. Meu pai morreu.
- Meus sentimentos. Deve ser difícil crescer sem um pai. Como ele morreu?
- Dickey Bryson levantou-se.
- Objeção – disse ele. – Irrelevante.
- Mantida – o juiz falou.

Olhei para os jurados. Tammy Elbert tinha um leve sorriso na boca. Ela sabia como meu pai tinha morrido. Todos sabiam. Eles também sabiam que ele não era casado com mamãe.

– Agora vocês estão morando com o seu tio, não é isso?

– Sim, senhor.

– E por quê? É porque sua mãe não cuida de vocês?

– Objeção – Dickey Bryson disse novamente. – Irrelevante.

– Considero que é relevante, meritíssimo – Leland Hayes retrucou. – Tem a ver com a questão do motivo e do caráter, que é o cerne de nossa defesa.

– Permissão para continuar – falou o juiz.

– Então, por que não estão morando com a mãe de vocês?

Olhei para mamãe. Ela estava sentada bem ereta, com os lábios apertados.

– É meio complicado.

– Você parece ser uma jovem muito inteligente. Tenho certeza de que pode explicar algo complicado aos jurados.

– Mamãe tinha coisas a fazer, então a gente resolveu visitar o tio Tinsley.

– Coisas? Que coisas?

– Coisas pessoais.

– Poderia ser mais específica?

Olhei novamente para mamãe. Ela estava com cara de que iria explodir a qualquer momento. Virei para o juiz e perguntei:

– Eu tenho que responder?

– Receio que sim – ele disse.

– Mas é pessoal.

– Assuntos pessoais costumam vir à tona em um tribunal de justiça.

– Bem – respirei fundo –, mamãe teve uma espécie de crise nervosa e precisava de algum tempo sozinha para colocar as ideias

no lugar; então, a gente resolveu visitar tio Tinsley.

– Vocês duas vieram à Virgínia sozinhas. Da Califórnia. A mãe de vocês ao menos sabia que estavam vindo?

– Não exatamente.

– Meninas corajosas. A sua mãe já tinha feito isso antes? Deixado vocês sozinhas?

– Só por períodos curtos. E ela sempre dava um jeito de a gente ter muitas tortas de frango na geladeira.

– Nossa, que mulher responsável! – Leland Hayes olhou para o júri. Tammy Elbert tinha girado o corpo para encarar mamãe, cujo rosto estava quase tão vermelho quanto a jaqueta de veludo que ela usava. – Sua mãe é artista?

– Cantora e compositora.

– E as apresentações artísticas são uma espécie de faz de conta, não são?

– Acho que sim.

– Sua mãe é meio faz de conta?

– Como assim?

– Algum dia ela inventou uma história de um namorado que não existia realmente?

– Objeção! – Dickey Bryson gritou. – Irrelevante.

Mamãe estava olhando para os jurados e balançando a cabeça violentamente.

– Retiro a pergunta. – Leland Hayes pigarreou. – Quando sua mãe teve a crise nervosa, ela abandonou vocês à própria sorte. Isso é duro. Significou que vocês teriam que fazer o que fosse preciso para sobreviver. Até mentir, se achassem necessário.

– Objeção. Especulação.

– Mantido – disse o juiz.

– Vou reformular a frase. Vocês já tiveram que mentir para sobreviver?

- Não – respondi enfaticamente.
- É ou não é fato que vocês mentiram para seu tio Tinsley sobre trabalhar para o sr. Maddox?
- Não foi exatamente uma mentira. A gente só achou melhor não contar para ele.
- Então vocês não mentiram para seu tio, que as acolheu na casa dele e alimentou e cuidou de vocês. Só não foram totalmente francas.
- Acho que é isso.
- A senhorita gosta de seu tio Tinsley, não gosta?
- Ele é ótimo.
- Ele vem cuidando de vocês porque sua mãe parou de fazer isso. Vocês querem que ele fique contente e querem agradá-lo. A não ser quando não estão sendo totalmente francas. É isso?
- Acho que sim.
- Dava para antecipar mais uma armadilha, mas eu não podia fazer nada para evitar.
- O seu tio, algum dia, disse a vocês que não gosta do sr. Maddox?
- Ele tem uma boa razão para não gostar.
- Porque o sr. Maddox recomendou aos proprietários da Têxteis Holladay que pusessem um fim à relação de seu tio com a tecelagem?
- E por outras razões também. Tio Tinsley achava que ele tratava mal os trabalhadores...
- O juiz me interrompeu:
- Apenas responda sim ou não.
- A senhorita mentiria sobre o sr. Maddox se achasse que isso deixaria o seu tio contente?
- Objeção! – Dickey Bryson gritou.
- Mantido – disse o juiz.

Leland Hayes olhou de novo para seu bloquinho amarelo.

– Só mais duas coisas. A senhorita comeu comida da geladeira dos Maddox sem a permissão deles?

– Quando eu fazia sanduíche para as crianças, às vezes eu fazia para mim também.

– Então a senhorita comeu da comida dos Maddox sem sua permissão?

– Não pensei que fosse preciso.

– E a senhorita também bebeu da vodca do senhor Maddox sem a permissão dele, que foi uma das razões pelas quais ele teve que despedi-la?

– O quê?

– Sim ou não?

– Não! – gritei.

– A senhorita roubou dinheiro da gaveta da cômoda dele, que foi a outra razão pela qual ele a despediu?

– Não!

– A senhorita quer se vingar do sr. Maddox?

– Não.

– Joe Wyatt é seu primo?

– Sim.

– A senhorita e Joe Wyatt furaram o pneu do carro do sr. Maddox?

Olhei para baixo.

– Não fiz isso.

– Então foi Joe Wyatt?

Dei de ombros.

– Como eu iria saber?

– Talvez porque a senhorita estava lá. Lembre-se, senhorita Holladay, que está sob juramento. A senhorita ajudou Joe Wyatt a planejar ou a realizar esse crime?

– Foi porque Maddox estava tentando matar a gente! – gritei. – Ele vivia tentando atropelar a gente com o Le Mans. A gente teve que se proteger. Foi legítima defesa...

– Acho que já deu para entender. Uma feia rixa de família. Sem mais perguntas.

– Mas eu preciso explicar...

– Eu disse sem mais perguntas.

– O senhor não está me dando uma chance de explicar!

– Senhorita – o juiz interveio –, já basta.

Quando Leland Hayes sentou, Dickey Bryson voltou a se levantar. Ele me pediu que explicasse ao júri o que eu queria dizer quando disse que Maddox tentou nos atropelar, e eu lhes contei como, quando estávamos andando até o ponto de ônibus, ele vinha a toda velocidade no Le Mans e dava guinadas em nossa direção, e tínhamos que pular dentro da vala para sair da frente.

Leland Hayes retomou a palavra.

– Vocês, alguma vez, deram queixa desses ditos incidentes na polícia?

– Não.

– Então não há nenhum registro de que esses ditos incidentes tenham ocorrido.

– Mas ocorreram.

– O júri poderá decidir sobre isso. O que a senhorita está admitindo aqui é que estava tendo uma rixa com o sr. Maddox?

– Acho que dá para chamar assim. Mas tudo começou porque ele...

– Sem mais perguntas.

O juiz me disse para descer, mas eu quase não conseguia me mover. Eu tinha acabado de trair mamãe. Tinha denunciado Joe. E admiti que havia mentido para tio Tinsley. Como foi que isso aconteceu? Achei que estava fazendo a coisa certa. Na verdade, eu

estava fazendo a coisa certa. Tudo o que eu queria era levantar e dizer a verdade sobre o que Maddox fizera com Liz, e acabei parecendo uma mentirosa ladra, briguenta e furadora de pneu. Uma parte de mim estava indignada, porém outra parte só queria sumir daquele tribunal e rastejar para dentro de algum buraco bem fundo e escuro – e ficar lá dentro.

Finalmente, desci do banco. Dickey Bryson me disse que, como eu tinha terminado de testemunhar, eu poderia sentar na galeria. Quando passei por Maddox, ele balançou a cabeça e olhou para o júri, como quem diz “Agora vocês estão vendo o tipo de garota que tive que aturar”.

Sentei entre mamãe e tio Tinsley. Ele me deu um tapinha no braço, mas mamãe ficou parada, sentada, parecendo uma pedra.

Dickey Bryson pediu ao oficial de justiça que trouxesse Wayne Clemmons, que tinha ficado andando de um lado para o outro no saguão, fumando. Ele estava usando um casaco cinza de gola alta e não se dera ao trabalho de fazer a barba. Depois de fazer o juramento e de se sentar no banco, murmurou o próprio nome e manteve a cabeça baixa, como se estivesse analisando os cadarços das botas de trabalho.

Dickey Bryson lhe pediu que descrevesse o que tinha testemunhado na noite em questão.

– Não muito. Só sei que Maddox e a garota tavam no banco de trás, brigando por causa de grana. Ela queria que ele desse dinheiro a ela. Mas eu não cheguei a testemunhar nada.

Dickey Bryson olhou para cima com uma expressão atônita.

– O senhor tem certeza?

– Eu tava dirigindo. Tava de olho na estrada.

O advogado enfiou a mão na pasta gorda e pegou uma folha de papel.

– Senhor Clemmons, o senhor deu ou não uma declaração à polícia dizendo que tinha observado Jerry Maddox agredir física e sexualmente a senhorita Liz Holladay no banco de trás de seu táxi?

– Não me lembro bem do que contei para a polícia. Eu bebia muito naquela época, e a minha memória tem estado uma porcaria desde que voltei do Vietnã. Esqueço de coisas que aconteceram e me lembro de coisas que não aconteceram.

– Senhor Clemmons, deixe-me lembrá-lo de que o senhor está sob juramento.

– Como eu falei, tava de olho na estrada. Como eu ia saber o que tava acontecendo no banco de trás do carro?

Antes mesmo de me dar conta do que estava fazendo eu já estava de pé.

– Isso é um monte de mentira! – gritei.

O juiz bateu o martelo com força e disse:

– Ordem no recinto!

– Mas ele não pode ficar ali sentado e mentindo...

O juiz bateu o martelo de novo e rugiu:

– Ordem!

Então, ele chamou o oficial de justiça com um gesto, murmurou alguma coisa em seu ouvido, e o oficial saiu pela porta lateral. Alguns instantes depois, senti uma mão agarrar meu ombro com força. Girei o corpo, e lá estava o oficial. Ele me fez um gesto para que o acompanhasse. Levantei e olhei furiosamente para Wayne Clemmons, que ainda fitava os cadarços das botas. O oficial de justiça me levou para fora da sala e, depois de fechar a porta, disse:

– O juiz não quer que a senhorita volte a entrar na sala do tribunal enquanto durar o julgamento.

Quase imediatamente a porta da sala do tribunal se abriu, e Wayne saiu.

– Por que você mentiu? – perguntei logo.

– Chega, jovem! – exclamou o oficial de justiça.

Wayne só balançou a cabeça, acendeu um cigarro, foi andando pelo saguão e saiu pela porta giratória.

– Não volte à sala das testemunhas nem converse com as outras testemunhas – ele disse.

Sentei num banco do saguão. Depois de alguns minutos, o oficial de justiça voltou a sair e abriu a porta da sala das testemunhas.

– Sua vez, senhorita.

Liz saiu e o seguiu até a sala de julgamento, sem olhar na minha direção nem por um instante.

Já passava da uma da tarde quando as portas da sala de julgamento se abriram e todos saíram. Liz saiu pela porta amparada por mamãe e tio Tinsley, um de cada lado, como se eles fossem seus guardiães. Ela estava de braços cruzados e cabeça baixa. Joe e tia Al estavam atrás deles.

– Como foi? – perguntei a Liz.

Ela passou andando por mim, sem dizer nada.

– Maravilha – disse mamãe.

– Aquele advogado foi muito duro com ela – tio Tinsley falou. – E Maddox depôs. Basicamente, ele falou que demitiu você por roubo, e que vocês duas inventaram isso tudo para se vingar dele.

– Mentiroso de uma figa! – bradei. – Eles não podem ter acreditado nisso.

– Acho que eles não sabem no que acreditar – ele disse. – Mas nós não devíamos falar sobre isso antes do fim do julgamento.

Fomos até o restaurante do clube dos Bulldogs e ocupamos uma mesa nos fundos, sob as fotografias dos jogadores do time, incluindo uma do Dickey “Blitz” Bryson. Os advogados e o juiz entraram e se sentaram a uma mesa central, seguidos de alguns dos jurados, que ficaram no balcão. No instante em que recebemos os

cardápios, os Maddox entraram e pegaram uma mesa perto da saída.

– Lá está o sem-vergonha – falei.

– Shhh – fez tio Tinsley. – Não fale do caso. Quer invalidar o julgamento?

– Mas como a gente vai poder comer no mesmo lugar que ele? Dessa vez, eu vomito.

– Todo mundo do tribunal vem comer aqui – ele falou.

– É uma das alegrias da vida da cidade pequena – mamãe disse.

A garçonete veio e perguntou o que queríamos.

– É melhor todo mundo pedir pizza – falei bem alto.

Depois do almoço, voltamos para o tribunal e nos sentamos nos bancos desconfortáveis do saguão enquanto o júri deliberava. Imaginei que eles ficariam lá um bom tempo, selecionando as provas e debatendo aspectos legais, mas em menos de uma hora o oficial de justiça chamou a todos de volta para dentro da sala. Ele me disse que, como os testemunhos já tinham acabado e o júri tinha chegado a um veredito, o juiz permitiria que eu voltasse para dentro da sala de julgamento.

Os jurados entraram em bando. Quando olhei para Tammy Elbert, ela manteve os olhos no juiz. O oficial passou ao juiz uma folha de papel. Ele desdobrou o papel, leu e voltou a dobrar.

– O veredito é inocente para todas as acusações – ele disse.

Tia Al soltou um grito abafado, e mamãe berrou:

– Não!

O juiz bateu o martelo.

– Encerrada a sessão.

Maddox bateu nas costas de Leland Hayes e foi até o banco de jurados e apertou a mão de cada um. Liz e eu ficamos ali sentadas, em silêncio. Estava completamente confusa, como se o mundo

tivesse virado de cabeça para baixo e estivéssemos vivendo num lugar onde os culpados eram inocentes e os inocentes, culpados. Eu não sabia o que fazer. Como uma pessoa devia se comportar num mundo assim?

Dickey Bryson enfiou seus documentos dentro da pasta gorda e veio até onde estávamos sentadas.

- Esses casos “disse me disse” são difíceis de provar.
- Mas nós tínhamos uma testemunha – falei.
- Hoje não tiveram, não.

Capítulo quarenta e sete

Entramos no Pé na Tábua. Tio Tinsley seguiu pela avenida Holladay sem dizer nada. Peguei na mão de Liz, mas ela a puxou e se recostou na porta. Mamãe estava tão agitada que mal conseguia se controlar. Seus dedos tremiam quando acendeu um cigarro. Aquele advogado de defesa era um monstro, ela falou. Todas aquelas coisas ultrajantes, mentirosas que dissera sobre ela. E a maneira como tinha se comportado em relação às meninas fora horripilante. Tratara Liz ainda pior do que a mim, ela continuou. Havia pegado a imaginação e a criatividade dela e usado contra ela. Acusou Liz de estar sempre inventando coisas – como, por exemplo, de mudar o final das histórias que lia para a filha dos Maddox, Cindy. Ele dissera que o rosto machucado de Liz, nas fotografias da polícia, poderia ter sido resultado de tapas de Tinsley Holladay por ela ter chegado tarde em casa. Perguntara a Liz sobre o tarado que enganamos em Nova Orleans e, então, contara ao júri que se tratava de evidência de que ela chamava os homens de “tarados” sem nenhuma prova, e que ela considerava passar a perna neles como um jogo e um desafio. O advogado chegara a dizer que os dois autores prediletos de Liz, Lewis Carroll e Edgar Allan Poe, eram eles próprios tarados. Ele declarara que Liz era, basicamente, uma mentirosa contumaz, com uma imaginação hiperativa e uma obsessão por tarados – e que isso, ele dissera aos jurados, já era mais do que apenas uma perversão.

Mamãe começou a tagarelar sobre como odiava Byler. A cidade estava cheia de caipiras, jecas, lixo branco sulista e cabeças de fiapo. Era obtusa e mesquinha, atrasada e preconceituosa. Sentar naquela sala de tribunal fora a experiência mais humilhante de sua

vida. Éramos nós que estávamos em julgamento ali, não Maddox, colocadas em julgamento por nossos valores e nosso estilo de vida, por nossa vontade de nos lançar no mundo e fazer algo diferente e criativo com nossa vida, em vez de deixar a vida passar, numa cidadezinha asfixiante, moribunda, claustrofóbica, de moinhos de algodão.

– Cale a boca, Charlotte! – tio Tinsley falou.

– É esse, justamente, o problema dessa cidade. Todo mundo tem que calar a boca e fingir que não tem nada de errado. A pequena Bean foi a única com topete para se levantar e dizer que aquilo tudo era um monte de mentiras.

– O júri achou que o que eu disse era um monte de mentiras – Liz começou a falar em voz baixa. – Nada aconteceu. Vocês ouviram o veredito. Nada aconteceu. – Eu estava sentada do lado dela, no banco de trás. Ela estava olhando pela janela. – Foi um monte de mentiras – ela perguntou – ou uma ponte de mentiras? – Ela dobrou os joelhos para cima e abraçou as pernas. – Monte de mentiras. Ponte de mentiras. Piras de montura, tiras e tontura. Ou mentiras montadas? – Liz falava com uma voz distante e monótona, quase para si mesma. – Mentiras tantas, tontas e internas. Entre as minhas pernas. – Ela parou. – Sem surpresa, nossa tristeza. – Ela ainda estava olhando pela janela. – Os mentirosos contaram lorotas. – Outra pausa. – Quem contraria os loroteiros? Quem escrutina suas fábulas? Quem controla os rábulas? E suas mordazes mandíbulas? Quem chora, quem cora? Cadê a torta, cadê a morta?

– Por favor, pare com isso! – implorei.

– Não consigo.

O dia parecia durar uma eternidade, mas ainda estávamos no meio da tarde quando chegamos de volta em casa. Enquanto a manhã tinha sido de céu claro, agora o tempo estava encoberto, e uma geada fria e enevoada começava a cair. Liz disse que ia subir para a

ala dos pássaros e ficar um pouco sozinha e, talvez, tirar um cochilo. Tio Tinsley resolveu acender a lareira da sala de estar e me mandou pegar gravetos no depósito de lenha. Não consegui achar bons gravetos, então cortei umas toras menores, usando o pequeno machado que ficava pendurado na parede.

Depois do julgamento, era bom fazer uma coisa simples e física. Era só colocar a tora sobre o apoio, baixar o machado com toda a força, e a lenha rachava em dois. Depois empilhar e colocar outro tronco no apoio. Tudo acontecia como deveria. Sem truques nem surpresas.

Quando juntei gravetos suficientes, coloquei tudo dentro de uma grande sacola de lona, acrescentei alguns galhinhos que pegara do velho baú onde tio Tinsley deixava os galhos secando e levei a sacola para dentro de casa, cobrindo-a com o braço para não deixar o chuvisco entrar.

Tio Tinsley estava de joelhos diante da lareira, retorcendo folhas de jornal e rasgando pedaços de cartolina em tirinhas. Mamãe estava sentada numa poltrona estofada, ao lado da lareira. Ambos pareciam ter chegado à conclusão de que estavam cansados de brigar. Ele estava falando da importância de se conseguir fazer a chama pegar direito, da quantidade certa de material necessário para uma boa chama – papel, cartolina, gravetos, galhos secos, pedaços menores de troncos – e que só depois que a lareira estivesse acesa, com labaredas generosas, se deviam colocar as toras de lenha. Senão, tudo o que se conseguia era fumaça.

– Bean, por que você não vai ver se Liz quer descer? – mamãe pediu. – Ela está precisando de um pouco de afeto dos entes queridos.

Subi a escada até o segundo andar. Tio Tinsley sempre mantinha os aquecedores desligados, a não ser que a temperatura baixasse a níveis de congelamento, e o corredor estava muito frio. A

chuva tinha piorado, e dava para ouvir a água batendo no telhado de metal. Quando abri a porta do nosso quarto, vi Liz sobre a cama, ainda usando as mesmas roupas. Eu ia dar meia-volta e deixar que ela dormisse, mas de repente ela fez um barulho gorgolejante, arrulhante, que me assustou.

– Liz, você está bem? – Sentei ao seu lado, sacudi seu braço e repeti seu nome várias vezes, e, quando ela olhou para cima, seus olhos estavam embaçados e fora de foco. Ela disse algumas palavras numa voz atrapalhada que não entendi. Corri escada abaixo. – Tem alguma coisa errada com Liz! – gritei.

Mamãe pulou da poltrona, tio Tinsley largou o pedaço de lenha que tinha nas mãos. Corremos todos pela escada. Tio Tinsley sacudiu a mão de Liz, e ela reagiu com os mesmos sons atrapalhados e incompreensíveis.

– Você tomou alguma coisa? – tio Tinsley perguntou, gritando.

– Comprimidos – ela resmungou.

– Comprimidos? Que comprimidos?

– Os da mamãe.

Tio Tinsley olhou para mamãe.

– De que comprimido ela está falando?

– Devem ser os comprimidos para dormir – mamãe falou.

– Você tem comprimidos para dormir?

– E daí?

– Meu Deus, Charlotte, dê uma olhada no frasco!

Tio Tinsley começou a dar tapas no rosto de Liz e a arrastou para fora da cama. Liz tropeçou e caiu no chão. Ele disse que tínhamos que mantê-la acordada.

Mamãe voltou dizendo que o frasco estava vazio, mas que só haviam restado alguns comprimidos, talvez seis ou oito, no máximo. Ele praticamente carregou Liz no colo até o banheiro e mamãe os seguia, explicando que, com a aproximação do julgamento, de vez

em quando ela vinha dando comprimidos a Liz para ajudar a acalmá-la. Diante da pia, tio Tinsley forçou Liz a tomar vários copos d'água e a se ajoelhar na frente do vaso, e enfiou o dedo em sua garganta. Ela vomitou na mão dele, porém ele continuou fazendo aquilo até sair tudo de dentro do estômago. Então, ele a empurrou até a banheira e abriu a torneira de água fria, e eles ficaram lá, vestidos, se encharcando. Liz começou a tossir e a sacudir o corpo, batendo em tio Tinsley e pedindo a mamãe que o fizesse parar, por favor.

– Ele está tirando o veneno de dentro de você, meu bem – mamãe falou.

– Não é para ser divertido – tio Tinsley falou.

– A gente não devia chamar uma ambulância? – perguntei.

Mamãe e tio Tinsley disseram “não” exatamente ao mesmo tempo. Tropeçando nas palavras um do outro, iam falando.

– Está tudo sob controle – ele disse.

– Ela vai ficar bem – mamãe completou. E, depois de uns instantes: – Por hoje já tivemos que lidar o suficiente com gente de uniforme.

Quando pareceu que não havia mais efeito do remédio no organismo de Liz, tio Tinsley trouxe para ela uma de suas grandes camisas de flanela. Mamãe e eu a ajudamos a se vestir, a embrulhamos num cobertor e a levamos para baixo para que se sentasse perto da lareira, enquanto tio Tinsley colocava roupas secas. Mamãe fez café quente para Liz, e eu sequei os cabelos dela com a toalha e a penteei.

– Você tentou se matar? – perguntei.

– Eu só queria dormir.

– Que coisa mais idiota. – Eu sabia que não era uma coisa gentil para dizer, mas não consegui evitar. – É isso que Maddox tem feito, tentado matar a gente, e você vai fazer isso por ele?

– Me deixe em paz. Tô me sentindo um lixo.

– Bean está certa – mamãe falou. – Ele ia adorar ouvir que você chegou em casa e morreu de overdose. Não dê essa alegria a ele.

Liz só tomou um gole de café e ficou olhando para o fogo.

Capítulo quarenta e oito

Liz ainda estava dormindo profundamente quando acordei na manhã seguinte. Cutuquei-a para ver se estava bem, e ela murmurou que estava viva, mas queria ser deixada em paz. Como era sábado, permiti que ficasse na cama.

Desci até a cozinha, onde tio Tinsley estava bebendo café e lendo a última revista de geologia. Fiz um ovo pochê para mim e estava sentada ao seu lado, comendo, quando mamãe entrou com um livro na mão.

– Tive uma ótima ideia para uma viagem de carro – ela disse, levantando o livro.

Era um guia de árvores famosas da Virgínia. Mamãe falou que Liz e eu vivíamos falando de árvores especiais que havia em Byler, os grandes álamos ao lado da escola e a castanheira na floresta atrás da casa dos Wyatt. Mas essas árvores não eram nada comparadas a algumas verdadeiramente espetaculares daquele livro – o cipreste-calvo no pântano do rio Nottoway, que era a maior árvore em todo o estado, os pinheiros vermelhos de trezentos anos da Floresta Nacional de Jefferson, o imenso carvalho de Hampton, sob cujos galhos um soldado da União lera a Proclamação da Emancipação para um grupo de escravos – na primeira vez em que fora lida no Sul. Eram dúzias delas, mamãe continuou, cada uma mais fascinante que a outra e potencialmente transformadora de vidas, e o que nós três precisávamos fazer era pegar o carro e visitar as árvores, comungando com seus espíritos.

– Elas vão nos inspirar. É exatamente disso que a gente precisa agora.

– Uma viagem de carro, Charlotte? – tio Tinsley perguntou. – Parece meio sem pé nem cabeça.

– Você é sempre tão negativo, Tin. Sempre que eu tenho uma ideia, você joga areia.

– E a escola? – perguntei.

– Eu vou dar aulas para vocês, em casa.

– A gente vai simplesmente embora? – perguntei.

– Não podemos ficar aqui – mamãe falou. – Isso está fora de cogitação. – Ela olhou para mim com uma expressão estranha. – Ou seja, você não está querendo dizer que quer ficar aqui, está?

Eu tinha ficado tão atarantada com o julgamento, com o veredito, com Liz tomando aqueles comprimidos idiotas que nem tinha pensando no que íamos fazer em seguida.

– Mãe, não sei o que quero fazer. Mas a gente não pode simplesmente ir embora.

– Por que não? – mamãe perguntou.

– Toda vez que temos um problema, a gente vai embora. Mas tem sempre um problema que acontece no lugar para onde a gente vai, e temos que ir embora de lá também. A gente está sempre indo embora. Pelo menos desta vez, não dá para ficar num lugar e resolver o problema?

– Concordo – disse tio Tinsley.

– Você tentou resolver um problema dando queixa contra Maddox – mamãe falou –, e olha só no que deu.

– E o que a gente devia ter feito? Fugido? – De repente, fiquei furiosa. – Você é muito boa nisso, né?

– Como se atreve a falar assim comigo? Eu sou sua mãe.

– Então se comporte como uma mãe, para variar. A gente não estaria nessa enrascada se você tivesse agido como mãe desde o princípio.

Eu nunca tinha falado com mamãe daquela maneira. Tão logo disse aquilo, me dei conta de que tinha ido longe demais, porém já era tarde. Mamãe sentou-se diante da mesa e começou a chorar. Ela tentara ser uma boa mãe, falou, mas era tão difícil... Ela não sabia o que fazer, nem aonde ir. Não cabíamos todas no apartamento minúsculo e infecto que ela tinha alugado em Nova York, e ela não tinha dinheiro para nada melhor. Se não queríamos fazer a viagem de carro, talvez pudéssemos encontrar uma casa em Catskills, perto de seu retiro espiritual, mas não existia a menor possibilidade de ela ficar em Byler.

Tio Tinsley pôs o braço ao redor dos ombros de mamãe, e ela encostou a cabeça no ombro dele.

– Eu não sou uma pessoa má – ela falou.

– Eu sei que não – tio Tinsley disse. – Tem sido difícil para todos nós.

Quase pedi desculpas pelo que tinha dito, mas me contive. Senti que estava certa e que mamãe precisava enfrentar os fatos. Então, deixei tio Tinsley consolar mamãe, peguei um copo de suco de laranja para Liz e subi para ver como ela estava.

Liz ainda estava dormindo, no entanto fiquei cutucando-a até que, finalmente, virasse de lado e olhasse para o teto.

– Como você está se sentindo? – perguntei.

– Como você acha que estou me sentindo?

– Bem mal. Aqui, tome isto.

Liz sentou-se na cama e tomou um gole de suco de laranja. Contei-lhe sobre a ideia da mamãe de fazer uma viagem de carro e a possibilidade de mudarmos para Catskills, perto do retiro espiritual. Liz não disse nada. De qualquer forma, continuei, mamãe falou que tinha que sair de Byler, então tínhamos que resolver o que íamos fazer.

– Você é a mais velha, mas a minha opinião é a seguinte – falei.

A ideia da viagem de carro de mamãe era só mais uma maluquice estapafúrdia dela. E o plano de ir para Catskills era, simplesmente, delirante. Eu não queria me enfurnar num retiro espiritual e viver com um bando de monges budistas. E se mamãe fosse embora ou tivesse mais uma de suas crises nervosas quando chegássemos lá? Será que os monges iriam cuidar de nós? Além do mais, só faltavam três meses de aula. Nós devíamos, pelo menos, terminar o ano letivo em Byler. Não era um lugar tão ruim assim. Tínhamos tio Tinsley e os Wyatt. Eles não iam se mandar de repente. Finalmente, a confusão com Maddox tinha acabado. Podíamos não gostar da maneira como acabou, mas tinha acabado.

– Não sei – Liz disse. – Isso tudo faz meu cérebro latejar. – Ela colocou o suco de laranja sobre a mesinha de cabeceira. – Eu só quero dormir.

Voltei para o andar de baixo. Tio Tinsley estava novamente acendendo a lareira, e mamãe estava sentada na poltrona. Seus olhos estavam meio inchados pela crise de choro. Ela parecia extraordinariamente calma, mas também triste, e me dei conta de que eu já não estava zangada.

– Mãe, desculpe pelas coisas que eu disse. Sei que magoei você.

– Não magoaria se não fosse verdade – ela falou.

– Às vezes, sou meio idiota.

– Não se desculpe por quem você é. E nunca tenha medo de dizer a verdade.

– A senhorita Clay, da escola, diz que eu tenho uma língua afiada.

– Ela tem razão. E você pode fazer com que ela dê bons frutos; essa sua língua ainda vai levá-la longe.

Capítulo quarenta e nove

Liz ficou deitada o dia todo e dormiu a noite inteira. Na manhã seguinte, ela ainda se recusava a levantar-se. Depois do café da manhã, tio Tinsley pediu que eu o ajudasse a limpar as calhas. Estávamos voltando do celeiro, cada qual segurando uma ponta da escada de alumínio, quando de repente aqueles dois emus vieram caminhando pela alameda. As aves não pareciam nem um pouco assustadas, balançando a cabeça para cima e para baixo e olhando em volta com aqueles olhos enormes, cor de caramelo.

– Eles devem ter escapado da cerca de Scruggs – tio Tinsley disse. – Scruggs nunca fez uma manutenção correta naquelas cercas.

Colocamos a escada no chão, os emus a observaram cautelosamente, e corri para dentro de casa e chamei Liz, que vestiu rapidamente uma calça jeans e correu escada abaixo. Naquele momento, os emus estavam perambulando na direção do celeiro, fazendo aquele barulho gorgolejante e rufador no fundo da garganta. Eles davam aquelas passadas longas e planejadas, arqueando a cabeça cada vez que levantavam a perna. O emu menor tinha um pé que virava para o lado, e puxava um pouco da perna quando andava, como se o pé tivesse sido ferido. Os movimentos deles eram ao mesmo tempo esquisitos e graciosos, e eles ficavam olhando para um lado e para o outro, como que querendo se certificar de que estavam em segurança.

Tio Tinsley achou que seria melhor entrar em contato com Scruggs, que precisava saber dos animais extraviados, e foi para dentro da casa telefonar. Ao sair, disse que tinha conversado com Scruggs e que os emus, na verdade, pertenciam a Tater, genro de

Scruggs, que estava fazendo um trabalho no vale e só voltaria dali a dois dias. Tater era o único que sabia como pegar aquelas aves, então Scruggs perguntou se não seria abusar demais se ficássemos com elas até Tater voltar.

– Acho que é o que um bom vizinho deve fazer – tio Tinsley falou. – Mas a gente vai ter que levar os emus até o pasto.

Eles tinham percorrido a distância entre o celeiro e o pomar andando quase em círculos. Estavam a uns dois metros da porteira do pasto principal, que tinha uma cerca feita de tábuas de madeira. Andando devagarinho atrás dos emus, com os braços esticados, pudemos pastoreá-los na direção da porteira aberta. Quando atravessaram a porteira, Liz rapidamente fechou-a e amarrou-a com a corda, que servia de tranca.

No final daquela manhã, levamos mamãe até o pasto para lhe mostrar os emus, mas quando deu uma boa olhada neles, de perto, ela se assustou com o tamanho das garras que eles tinham e falou que não queria mais ver aqueles bichos. Liz, porém, achava que eram cativantes. Enquanto tio Tinsley e eu voltávamos aos nossos afazeres de limpar as calhas, que estavam tão entupidas que tinha planta brotando nelas, Liz passou a tarde toda encostada na cerca, observando as aves. Ela não conseguia acreditar que uma coisa de aspecto tão esquisito como aqueles dois emus pudesse simplesmente surgir do nada. Eles não pareciam deste mundo, ela disse; eram como criaturas pré-históricas ou alienígenas de outro planeta ou, talvez, anjos. Ela resolveu que o maior era macho e que o menor era fêmea e lhes deu os nomes de Eugene e Eunice.

Liz não adorava apenas os emus; ela também se apaixonou pela palavra “emu”. Ela prolongava bem o som do “m”, fazendo parecer com o mugido de uma vaca. Ela descobriu que “emu” era “ume” ao contrário – um dos minerais de tio Tinsley, como em pedra-ume – e

começou a desfiar toda uma lista de palavras que rimavam com “emu” – canguru, menu, tabu.

Naquela noite, ela leu o verbete sobre os emus na *Enciclopédia Britânica* de tio Tinsley e não parou de nos bombardear com informações sobre eles: como tinham vindo da Austrália, como podiam correr sessenta e cinco quilômetros por hora, como os machos chocavam os ovos, como eram as únicas aves que tinham aquelas penas duplas, com duas nascendo de uma única base.

– Eles são tão esquisitos e tão lindos! – ela disse.

– Como você – falei.

Eu quis fazer uma brincadeira, mas Liz fez que sim com a cabeça. Ela se sentia como uma espécie de emu, falou. Talvez fosse por isso que, desde muito pequena, tinha sonhos de que estava voando – no fundo, ela era um emu. Tinha certeza de que os emus também sonhavam em voar. Essa era outra coisa que eles tinham em comum. Tanto ela quanto os emus queriam voar – só não tinham as asas de que precisavam.

Capítulo cinquenta

Na manhã de segunda-feira, voltei à escola. O julgamento tinha terminado dois dias antes, mas ainda não sabíamos o que faríamos em seguida. Mamãe estava decidida a ir embora de Byler. Não parava de falar na tal viagem desmiolada que ela inventou e em ir para Catskills, ou talvez para a ilha Chincoteague, para ver pôneis selvagens. Enquanto isso, Liz se recusava a ir à escola. Quando não estava observando os emus, estava no quarto, obsessivamente escrevendo poesia emu. Um poema era assim:

Não se deve lutar contra o emu
Porque perder, para o emu, é tabu.

O outro:

Quando com fome,
Opta o emu
Por usar
Um menu.
Da Austrália
Outro estranho
Animal, como o emu,
É o canguru.

Na quarta-feira à tarde, Tater e um grupo de amigos chegaram numa picape puxando um trailer de transportar gado, vazio. Tater era um sujeito baixinho, de ombros caídos, cabelos claros e uma boca tensa, séria. Mal nos agradeceu por cuidar de seus emus e, de imediato, desandou a reclamar daquelas aves idiotas, que amolação elas eram, o pior negócio que tinha feito na vida. Um cara no

condado de Culpeper lhe vendera os emus dizendo que eram um casal reprodutor, depois de o convencer de que a carne e os ovos de emu seriam o próximo grande lance, porém esse casal não procriava nem colocava ovos. Ele os teria assado num churrasco há muito tempo, mas ficou sabendo que a carne era dura como pedra e tinha gosto de sola de sapato – então, agora, as porcarias das aves só faziam assustar o gado e fazer cocô por toda parte. Não prestavam para nada além de atrair ursos.

Orientado por tio Tinsley, Tater deu ré, com o trailer, até a porteira do pasto. Todos entramos no cercado, apesar de mamãe ter ficado para trás, dizendo que não estava usando sapatos adequados. Além do que ela não confiava naqueles emus – eles poderiam nos atacar a qualquer momento.

Liz trouxe pão e tentou atrair os emus até o trailer, mas, quando eles chegaram perto da rampa, espiaram para dentro do interior escuro e apertado, deram uma olhada atravessada para Liz, com aqueles olhos meio vinhos, e saíram em disparada. Ficamos quase meia hora gritando e agitando os braços, tentando assustar os emus na direção do trailer. Não funcionou. Quando fazíamos com que se aproximassem, eles piavam alto, batiam as asinhas cotós e corriam para longe. Uma vez, Tater conseguiu colocar a mão no pescoço de Eugene, mas a ave deu um chute com aquele pé imenso, cheio de garras, e Tater teve que pular para trás.

– Aves infernais! – ele bradou. – São tão burras que tenho vontade de dar um tiro nelas.

– Não são burras! – Liz contestou. – Elas só não querem fazer o que você quer que elas façam. E por que deveriam?

– Bom, eu as odeio – Tater falou.

– Você as odeia? Eu as adoro.

Tater parou e olhou para Liz.

– Você as adora? Pode ficar com elas.

– Meu Deus! – Liz gritou, e literalmente caiu de joelhos no chão e levantou os braços para cima. – Obrigada! Muito obrigada!

Tater olhou para Liz como se ela fosse louca.

– Espere um instante – disse tio Tinsley. – A gente não pode, simplesmente, ficar com esses emus. Quem vai cuidar deles?

– Eu – Liz respondeu.

– Eu ajudo – falei.

– Por favor – ela pediu.

– Estamos falando de um compromisso a longo prazo aqui – ele disse.

– Exato – mamãe interveio. – De qualquer forma, a gente não vai ficar em Byler. Estamos de mudança. Para Catskills. Ou seja lá para onde for.

– A gente não pode simplesmente abandonar esses emus! – Liz implorou.

Mamãe ficou com uma expressão intrigada.

– Você está querendo me dizer que quer ficar em Byler porque se apaixonou por um casal de aves gigantescas e nojentas que vieram parar, totalmente por acaso, na alameda?

– Elas precisam de mim. Não tem ninguém mais para cuidar delas.

– Aqui não é o nosso lugar.

– Os emus também não são daqui, porém estão aqui – Liz falou.

Mamãe começou a dizer algo, mas parou.

– Nós vamos ficar com esses amaldiçoados emus – tio Tinsley disse a Tater.

E olhando para Liz:

– Mas só se você voltar para a escola.

– Tá bem, eu volto para a escola.

– E você, mãe? – perguntei. – O que você vai fazer?

Fiquei olhando para mamãe. Ela olhou para o sol, que se punha atrás das distantes montanhas azuis.

– Eu não posso ficar aqui. Não consigo.

No dia seguinte, Liz e eu voltamos à escola, e mamãe fez as malas para voltar a Nova York. Era a melhor solução, ela disse. Quando chegasse a Nova York, iria encontrar um editor para os poemas de emu de Liz. Ela também ia encontrar um apartamento onde o aluguel fosse tabelado pelo Estado, no Upper West Side, onde nós três poderíamos viver com menos recursos, e ela nos colocaria numa daquelas escolas públicas para crianças superdotadas. Ela também falou que poderíamos passar o verão em Catskills.

Todos nos levantamos bem cedo na manhã seguinte. Uma tempestade de raios e trovoadas tinha atravessado o céu, pouco antes da alvorada, e ainda dava para sentir o cheiro de eletricidade no ar claro e molhado. Mamãe colocou a valise no porta-malas do Dart e nos abraçou. Estava usando a jaqueta de veludo vermelho.

– A Tribo de Três – ela disse – vai se reunir novamente em breve.

Ficamos olhando o Dart desaparecer na curva da estrada.

– Ela se foi – Liz falou.

Capítulo cinquenta e um

Quando Liz voltou para a escola, já fazia uma semana que o julgamento tinha acontecido, e eu torci para que as outras crianças parassem de implicar com ela e arranjassem outras coisas para fazer. Não pararam totalmente, mas Liz desenvolveu um jeito de lidar com a situação. Ela vagava pelos corredores como se estivesse em seu próprio mundo, como se mais ninguém existisse, e depois das aulas tocava violão e trabalhava até tarde em sua poesia de emu. Ela também desenhava ilustrações – emus indo ao restaurante, emus conversando com cangurus, emus tocando saxofone.

Apesar da conversa de mamãe sobre encontrar um editor, Liz tinha pânico de mostrar seus poemas a outra pessoa que não fosse da família. Se alguém criticasse o que ela escrevia, ficaria arrasada. Então resolvi, por conta própria, copiar um monte de poemas e passá-los à srta. Jarvis, que foi procurar Liz e lhe disse que ela tinha talento. Liz começou a passar a hora do almoço na sala de aula da srta. Jarvis. Alguns outros alunos, meio párias na escola, também iam: Cecil Bailey, que estava sempre falando sobre Elizabeth Taylor e às vezes era chamado de maricas; Kenneth Daniels, que usava uma capa e também escrevia poesia; Claire Owens, uma garota albina que dizia ver auras ao redor das pessoas; e Calvin Sweely, um sujeito com uma cabeça tão grande que, quando sua turma estava estudando o sistema solar, um engraçadinho apelidou o pobre de Cabeça de Júpiter, e o nome pegou. Ninguém na hora de almoço da srta. Jarvis gozava da cara de ninguém, e ela os elogiava e estimulava as individualidades deles. Liz tinha se sentido tão perseguida na escola que não tinha percebido que não era a única

pária. Descobrir os outros alunos fora de esquadro foi, para ela, uma revelação.

Capítulo cinquenta e dois

Eu tinha estado tão ocupada com Liz e os emus que não tinha visto muito os Wyatt depois do julgamento, mas numa tarde de abril, pouco depois de completar treze anos, Liz e eu voltamos para casa e encontramos tio Tinsley e tia Al sentados na varanda da frente.

– Grandes acontecimentos no moinho – ele falou.

– O sr. Maddox tanto fez que foi demitido.

– O quê? – Liz disse, como se não conseguisse acreditar no que estava ouvindo.

Dei um soco, de leve, no ombro de Liz.

– Al é testemunha ocular – tio Tinsley falou. – Veio andando até aqui para contar a vocês o que aconteceu.

– E foi uma bela caminhada, diga-se de passagem – disse tia Al.

O veredito absolvendo Maddox lhe subira à cabeça, ela explicou. Wayne Clemmons foi embora do condado no dia seguinte ao depoimento, e as pessoas estavam comentando que Maddox tinha feito alguma coisa com ele – subornado ou o ameaçado. Alguns até acreditavam que Maddox tinha atacado Liz no táxi porque sabia que poderia transformar Wayne em uma testemunha a seu favor.

Seja lá como for, quando o julgamento acabou, Maddox ficou convencido de que poderia se safar de qualquer coisa, que poderia fazer o que quisesse com quem bem entendesse, tanto no moinho quanto na cidade. Ele já era um cara muito abusado antes do julgamento, tia Al contou, mas depois de ser absolvido, ficou completamente fora de controle, xingando e empurrando os homens e apalpando os peitos e o traseiro das mulheres. Ele pegou uma jovem comendo salada de ovo no ateliê da tecelagem, fora da hora

do almoço, e amassou o sanduíche na cara dela. Foi aí que a operação tartaruga começou. Os trabalhadores tinham aturado tudo o que podiam de Maddox e iam fazer o que pudessem para criar dificuldades para ele. A linha passou a embolar. Os teares e os fusos começaram a quebrar, e os consertos demoravam uma eternidade. As luzes se apagavam. Os banheiros ficavam entupidos, os ralos enchiam.

Os proprietários da tecelagem esperavam que os chefes obtivessem resultados a qualquer custo, e, se não conseguissem, a culpa era deles. Os donos não queriam desculpas. Maddox começou a exigir ainda mais dos trabalhadores, e eles reagiram com ainda mais estragos.

Aquilo começou a dar nos nervos de Maddox, tia Al continuou, e, ontem à noite, ele perdeu totalmente as estribeiras. Entrou numa briga com Julius Johnson, um negro atarracado, tio de Vanessa, porque Julius teria demorado demais numa pausa para ir ao banheiro. Maddox começou a berrar com Julius, a cutucá-lo no peito. Tinha havido um boato de que Maddox dera em cima de Leticia, a chefe de torcida – apesar de o pessoal de cor manter essas coisas entre eles, tia Al acrescentou –, e Julius poderia estar com isso em mente. De qualquer forma Julius, que era quase tão grande quanto Maddox, agarrara a mão dele e lhe pedira que parasse de dar cutucadas, que ele tinha que começar a ter mais respeito pelas pessoas. Maddox deu um tapa na cara de Julius, bem ali, na frente de todo mundo. Aquilo fez com que todos parassem de trabalhar, mas antes que alguém tivesse tempo para suspirar, Julius saltou em cima de Maddox, e os dois grandalhões acabaram rolando no chão da tecelagem, trocando murros, até o agente de segurança apartar a briga.

– Tanto Maddox quanto Julius foram demitidos – tia Al contou.

Imediatamente, Julius se tornou um herói entre os habitantes negros de Byler, e Samuel Morton, do Serviço Funerário Irmãos Morton, que atendia a população de cor, já tinha oferecido um emprego a ele. As pessoas também diziam que os donos do moinho estavam, na verdade, contentes que Maddox fosse embora. Ele tinha se tornado uma pedra no sapato.

Tia Al estendeu o braço e deu um tapinha no braço de Liz.

– Se uma menininha branca e magricela estava disposta a enfrentar Jerry Maddox, acho que Julius pensou que não poderia fazer por menos.

Capítulo cinquenta e três

Nós alimentávamos os emus quando chegávamos em casa depois da escola com a ração de galinha que tio Tinsley comprava a um preço barato do sr. Muncie. Chegou ao ponto em que, assim que nos víam, eles vinham correndo até a cerca, Eugene na frente e Eunice logo atrás, com a perna manca arcando para o lado a cada passada.

Eu adorava aqueles frangos gigantes, mas não tanto quanto Liz. Ela era simplesmente louca por eles. Ela lhes levava guloseimas, como biscoitos e brócolis. Ela os seguia pelo terreno, estudando seu comportamento. Eugene a deixava se aproximar o suficiente para acariciá-lo e até comia de sua mão, mas Eunice era mais arisca e não gostava de ser tocada, desviando o corpo e correndo de repente quando Liz estendia a mão; então, Liz deixava a comida dela no chão. Os emus eram responsabilidade dela, ela repetia sempre; era sua protetora e vivia constantemente preocupada com eles. Um gato selvagem poderia atacá-los, meninos poderiam atirar neles para se divertir, ou eles poderiam escapar e acabar sendo atropelados na estrada.

Certa tarde, duas ou três semanas depois de Maddox ser demitido, fomos até o pasto e encontramos a porteira aberta; os emus tinham desaparecido. Corremos de volta até a casa, e tio Tinsley disse que uma equipe da companhia de luz tinha vindo naquela manhã para aparar os galhos que estavam atrapalhando os fios e que eles deviam ter esquecido de fechar a porteira. Liz ficou tão chateada que começou a tremer. Entramos os três no Pé na Tábua e começamos a circular, encontrando os emus, finalmente, num campo de plantação de feno, ao lado de uma estrada secundária, a um quilômetro e meio de Mayfield.

O campo, propriedade do sr. Muncie, tinha uma cerca de arame farpado, e a porteira estava aberta. Liz saltou e fechou a porteira; então, os emus estavam seguros por enquanto, mas não sabíamos como levá-los de volta para casa. Tínhamos conseguido conduzi-los para dentro do pasto grande em Mayfield, mas eles só estavam a poucos metros da porteira. Não havia meio de os levarmos pela estrada, de volta para Mayfield. Nem como transportá-los. Nem com Tater e seus homens poderíamos fazer com que os emus entrassem no trailer de gado. Liz ficou quase histérica.

– A gente precisa pegar essas aves a laço! – tio Tinsley falou.

Naquela noite, ele chamou Bud Hawkins, um ferrador de cavalos que morava mais adiante na estrada e tinha um cavalo de rodeio, para ver se ele poderia laçar os emus, e Bud disse que nos encontraria no campo de feno na tarde seguinte. Tio Tinsley nos mandou recrutar alguns amigos também. Quanto mais mãos, melhor. No dia seguinte, na escola, falei com Joe, que disse que iria juntar uns companheiros. Liz convidou seus novos amigos da hora do almoço, mas não sabíamos com quantos poderíamos contar.

Quando paramos o carro ao lado do campo de feno, naquela tarde, Bud Hawkins já estava lá, puxando um vigoroso cavalo baio para fora de seu trailer. Os emus estavam do outro lado do campo, olhando com desconfiança. Enquanto Bud selava o cavalo, um Rambler verde se aproximou e estacionou, e a srta. Jarvis saiu com alguns dos párias, incluindo Kenneth Daniels com sua capa preta. Poucos minutos depois, tia Al chegou numa picape, que devia ter pedido emprestado, com Earl ao seu lado e Joe e os amigos dele na boleia. Então chegou o Cadillac azul-grafite com Ruth, Vanessa, Leticia e dois atletas negros, incluindo Torre.

Sob o olhar de todos, Liz andou até Eugene carregando uma cumbuca com ração e um pedaço grande de corda terminando num laço. Ela colocou a cumbuca no chão e, quando Eugene começou a

bicar a comida, enfiou o laço pela cabeça dele ao redor do pescoço. Joe levou Earl até lá, e o menino esticou a mãozinha e tocou no pescoço de Eugene.

Enquanto isso, Bud foi trotando a cavalo até Eunice. Quando ela saiu em disparada, ele galopou atrás dela, girando o laço, fazendo círculos no ar, acima da cabeça. Algumas das crianças corriam por todos os lados, tentando ajudar. Kenneth sacudia sua capa preta. Torre levantava os longos braços. Ruth e Leticia batiam palmas e davam gritinhos.

Apesar da perna manca, Eunice corria rápido, guinando para o lado toda vez que Bud jogava o laço. Depois de quase uma hora perseguindo Eunice, ele voltou trotando até a cerca. Sua camisa estava encharcada de suor, e o peito de seu cavalo, coberto de espuma.

– A boa notícia é que o bicho tá começando a cansar – ele disse. – A má notícia é que estamos completamente exaustos.

Tio Tinsley tinha ficado recostado no Pé na Tábua, só olhando, mas agora ele assumiu, dizendo a todos que entrassem no campo e se juntassem atrás de Eunice, e depois, com os braços estendidos, formassem uma longa fila. Liz levou Eugene pela porteira e pela estrada. Com todo mundo formando uma corrente atrás dela, Eunice não teve alternativa e seguiu em frente. Prudentemente, ela seguiu Eugene.

Estava indo tudo muito bem até chegarmos ao limite das terras do sr. Muncie, onde a cerca terminava. Foi então que Eunice entrou em pânico e se atirou na direção do arame farpado, tentando voltar à segurança do campo de feno. Ela se espremeu e entrou, porém rasgou a pele das costas. Quando Eugene percebeu que Eunice tinha se soltado, ele também entrou em pânico, saltando, puxando e silvando de maneira tão desesperada que Liz soltou a corda de seu

pescoço, e, como Eunice, ele se enfiou entre os fios de arame farpado, arranhando as costas.

Tive vontade de dar um chute numa pedra. Depois de mais de uma hora de trabalho, estávamos numa situação pior do que no início. As aves voltaram para o mesmo maldito campo e, agora, estavam machucadas. O estranho foi que enquanto Liz e eu ficamos, realmente, muito chateadas, o restante do pessoal parecia se divertir a valer. Tio Tinsley estava radiante, dando tapinhas nas costas das pessoas, dando os parabéns pelo excelente trabalho de equipe, e as crianças estavam vaiando umas às outras, estapeando-se e balançando a cabeça para cima e para baixo, batendo os braços como se fossem asas, imitando os emus, à medida que íamos retornando aos carros sob os restos de luz de fim de tarde.

Capítulo cinquenta e quatro

Agora que o clima estava mais quente, eu tinha criado o hábito de ir pedalando até a casa dos Wyatt aos sábados para dizer “oi” e comer um prato de ovos fritos em gordura de bacon da tia Al. Liz costumava ir de bicicleta até o campo dos emus, já que o sr. Muncie não vira problema em mantê-los por lá até descobrirmos um modo de trazê-los de volta para casa. Depois da tentativa fracassada do rodeio, Liz achou que não conseguiríamos capturar os emus, que não seríamos mais rápidos nem mais espertos do que eles. Só poderíamos tentar nos tornar mais amigos e ganhar sua confiança, e era nisso que Liz estava trabalhando.

Num sábado do início de maio, entrei na cozinha dos Wyatt e encontrei tia Al sentada à mesa, ao lado de Earl, escrevendo uma carta. Tinha acabado de receber notícias de Truman, ela me contou. Mesmo tentando ser muito otimista, ele escreveu, tinha que admitir que apesar de todos os esforços dos militares norte-americanos, a guerra não estava indo do jeito que os generais diziam. Os americanos tentavam fazer um acordo com os vietnamitas, mas estes pareciam não querer, e as drogas haviam se tornado um problema sério na base. Truman e a namorada, Kim-An, que dava aulas de vietnamita aos funcionários na base, vinham falando seriamente em casamento. Mas Kim-An estava preocupada com a família, já que o pai também trabalhava para os americanos, e ela queria saber, caso ela e Truman se casassem mesmo, se poderia trazer os pais e a irmã para os Estados Unidos.

– Clarence não tá gostando muito da ideia – tia Al falou –, e eu sempre parti do princípio de que Truman se casaria com uma de nossas meninas de Byler. Mas estou dizendo a ele que se trouxer

essa Kim-An para cá, vou me desdobrar para ajudar a trazer a família dela também, porque não tem nada mais importante no mundo que a família. – Ela dobrou a carta e colocou-a dentro de um envelope. – Que tal uns ovos?

Eu estava passando o pão no fundo do prato quando Joe entrou na cozinha.

– Vou até o lixão. Quer vir? – ele perguntou.

Todo tipo de coisas legais são jogadas lá, e Joe gostava de ver se conseguia consertar algo que as outras pessoas tinham jogado fora. Ele encontrava um cortador de grama enguiçado, ou um toca-discos, ou uma máquina de costura e trazia para casa, desmontava e remontava. Às vezes, até conseguia fazê-la funcionar.

O lixão ficava do outro lado do rio, e fomos caminhando pela ponte chacoalhante, com Cão atrás de nós. Era um dia de primavera de céu claro, mas estava ventando, e nuvens gordas e achatadas navegavam acima de nossa cabeça.

– O que você acha das novidades de Truman? – perguntei.

– Sobre a guerra ou a namorada vietnamita?

– Os dois.

– Truman é muito esperto. Você nunca vence apostando contra ele. Se ele diz que a guerra tá indo de mal a pior, então está mesmo, não importa o que meu pai diz.

Tínhamos chegado do outro lado da ponte.

– Isso quer dizer que você não vai se alistar?

– Nada disso.

Joe pegou uma pedra achatada e jogou-a no rio, fazendo-a ricochetear. – Você não para de brigar só porque começou a perder. Truman me ensinou isso. – Ele se virou. – Se Truman voltar num pedaço só, e quiser trazer aquela garota e a família dela com ele, bom, nunca imaginei que teria parente de olho puxado, mas aquelas mulheres orientais podem ser muito bonitas. Roger Bramwell, lá do

condado de Floyd, voltou da guerra casado com uma moça filipina. Eles têm filhos bem bonitinhos.

O lixão era delimitado por uma cerca feita de correntes e folhas de metal ondulado, com tufo de pequenos lírios selvagens alaranjados desabrochando alegremente do outro lado da cerca. As pessoas largavam eletrodomésticos e máquinas – tudo mais ou menos potencialmente recuperável – do lado esquerdo da cerca, e passamos a maior parte da tarde remexendo entre as caixas cheias de troços quebrados, examinando batedores de ovos, testando máquinas de escrever e girando os mostradores de velhos rádios. Cão se deleitou com uns ossos de frango, e correu atrás de ratos. Joe encontrou um relógio de dar corda que ele poderia consertar, e trouxe com ele quando saímos de lá no final da tarde.

Voltamos a pé pela ponte e ao longo da avenida Holladay, com Cão em nossos calcanhares. Depois de passarmos pelo Tribunal de Justiça, viramos a esquina e descemos por um quarteirão cheio de prédios antigos e resedás, atravessamos os trilhos do trem e, então, pegamos um atalho por uma ruela de paralelepípedos, entre a drogaria e a agência de seguros. Atrás da drogaria havia um pequeno estacionamento, com uma escada de madeira que levava até o segundo andar de um prédio. No pé da escada, parado ao lado de uma lata de lixo de metal, estava o Le Mans de Maddox.

Eu não tinha visto Maddox desde o julgamento, porém sabia que iria dar com ele mais cedo ou mais tarde, e tinha medo disso. Mas não se via nenhum sinal dele, nem de ninguém mais. Ao nos aproximarmos do Le Mans, Cão foi à frente, parou, levantou a pata e começou a fazer xixi num dos pneus de banda branca. Era quase como se ele soubesse quem era o dono do carro. Joe caiu na gargalhada, e eu também. Era a coisa mais engraçada que eu tinha visto em toda a minha vida.

De repente, a porta no topo da escada foi escancarada, e Maddox desceu furioso, arfando de raiva e gritando com aquele viralata que se atrevia a mijar no carro dele; aquilo era tão ruim quanto nós dois delinquentes furarmos o pneu dele, e agora ele tinha pegado a gente com a boca na botija.

Maddox esticou o braço para baixo e agarrou Cão pela parte de trás do pescoço, abriu o porta-malas do Le Mans e o jogou lá dentro.

– Não machuque o Cão! – falei. – Você machuca tudo. Você machucou a minha irmã e sabe disso.

– O júri não concordou – ele falou. – De mais a mais, estou cheio de você. Esse cachorro é uma ameaça, correndo por aí sem coleira.

Ele abriu a porta do Le Mans e empurrou o assento para a frente.

– Agora tratem de entrar. Vamos ver essa família de vocês.

Joe e eu nos entreolhamos. Confesso que fiquei bem assustada, porém não podíamos deixar Maddox simplesmente ir embora com o Cão. Joe jogou o relógio dentro da lata de lixo e entramos no carro.

Ninguém falou nada no caminho, atravessando a cidade. Fiquei olhando fixamente para a nuca gorda de Maddox, como tinha feito durante o julgamento, e ouvindo os latidos abafados de Cão, dentro do porta-malas. Não dava para acreditar. Achei que não teríamos mais que lidar com Maddox, mas agora parecia que a lenga-lenga ia recomeçar. Ganhar no tribunal não era o bastante. Ele sempre viria atrás de nós. Essa rixa de família continuaria para sempre.

Maddox estacionou na frente da casa dos Wyatt. O céu estava quase escuro, e as luzes já estavam acesas. Maddox abriu o porta-luvas, pegou um revólver de cano curto e o enfiou dentro do bolso daquele moletom preto com capuz que ele usava de vez em quando. Saiu do carro e abriu o porta-malas, agarrou Cão pelo cangote e

veio arrastando o cachorro com o braço esticado enquanto marchava direto para dentro da casa, sem se dar ao trabalho de bater. Joe e eu o seguimos. Tia Al estava cortando as pontas dos aspargos.

– Chame o seu marido! – Maddox ordenou.

Tia Al olhou para Maddox e para o Cão e, então, para Joe e para mim.

– O que está acontecendo?

– Falei para chamar o seu marido.

Tia Al se levantou, movendo-se lentamente, como se estivesse querendo ganhar tempo enquanto resolvia o que fazer. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, tio Clarence apareceu na soleira da porta.

– Você tem uma arma, Clarence? – Maddox perguntou.

– Por que a pergunta?

– Porque a gente vai ter que matar esse cachorro. Ele está fora de controle. Ele é um perigo.

– Ele atacou alguém? – tia Al perguntou.

– Ele só fez xixi no carro do sr. Maddox – falei. – No pneu.

– Só isso? – ela perguntou. – É isso que os cachorros fazem.

– Danificou minha propriedade particular, foi o que ele fez. Ele tem que morrer. Não vim discutir. Vim para ver esse cachorro ser morto.

– O senhor não é mais o chefe – tio Clarence falou.

– Mas ainda posso mandar em todo mundo aqui. Se você não tem uma arma, Clarence, eu tenho um revólver.

– Eu tenho uma arma.

– Vá pegá-la. Traga-a para os fundos da casa.

Cão latiu, uivou e se sacudiu nas mãos de Maddox durante esse tempo todo. Maddox saiu pisando firme pela sala de estar, seguiu pela porta dos fundos e foi para o quintal, entre a casa e a floresta.

Tio Clarence desapareceu e voltou poucos instantes depois, carregando um rifle.

– Pai, você não pode matar o Cão – Joe falou.

Tio Clarence o ignorou.

– Vocês fiquem todos aqui dentro – ele disse.

E saiu pela porta dos fundos, atrás de Maddox.

Ficamos todos ali, paralisados. Eu estava quase em choque. Sabia que tio Clarence não tinha querido que Joe ficasse com o Cão, mas não conseguia acreditar que ele fosse matar o coitadinho. Olhei para Joe. Ele não disse nada, porém seu rosto estava roxo.

Ouvimos um barulho incrivelmente alto, que ecoou pelas colinas atrás da casa.

E então Cão começou a latir. Corremos pela porta dos fundos. O sol tinha se posto, mas com o restinho de luz dava para ver tio Clarence parado com o rifle nas mãos. Maddox estava deitado com o rosto virado para cima, sobre a horta recentemente plantada de tio Clarence. Sua perna estava retorcida de um jeito esquisito, para o lado, e pude ver que ele estava morto.

– Meu Deus, Clarence! – tia Al disse.

– Pensei que fosse um urso – tio Clarence falou. – Ouvi um barulho nos fundos e fui investigar. Vocês estavam todos dentro de casa. Vocês não viram nada. – Ele olhou para o rifle. – Pensei que fosse um urso – ele repetiu.

Capítulo cinquenta e cinco

E foi isso que tio Clarence contou aos policiais que foram até sua casa. Pensou que fosse um urso. Estava escuro. Maddox era grande como um urso e estava usando um moletom preto. Quando a polícia perguntou a tio Clarence o que Maddox estava fazendo em seu quintal, tio Clarence respondeu que não sabia, porque não tinha perguntado e porque pensou que ele fosse um urso.

Tia Al, que estava com Earl no colo, disse que estavam todos dentro de casa e não tinham visto nada. Joe e eu fizemos que sim com a cabeça, concordando com ela. Ninguém comentou a história do Cão. A polícia isolou o quintal, chamou uma ambulância para que pegassem o corpo, e levou tio Clarence até a delegacia para interrogatório. Tia Al ligou para tio Tinsley, pedindo que fosse me buscar. Quando ele chegou, ela contou rapidamente a mesma história que havia contado à polícia. Tio Tinsley ouviu em silêncio.

– Entendo – disse ele.

Na volta para casa, ficamos a maior parte do tempo em silêncio, até tio Tinsley perguntar:

– Pensou que fosse um urso, é?

– A-hã.

Tio Tinsley estava com os olhos na estrada.

– Bom, por aqui as pessoas vão aceitar essa explicação com a maior naturalidade. Pelo menos eu. – Continuamos por um pouco mais de tempo em silêncio, e então ele me olhou. – Você parece estar encarando isso tudo com muita tranquilidade. Tá se sentindo bem?

– A-hã.

Eu nunca tinha visto uma pessoa morta. Achei que pudesse ser desagradável, mas não foi. A morte de Maddox não me deixava o que eu poderia chamar de feliz, embora eu mesma já tivesse tido vontade de matar o sujeito. Talvez estivesse atordoada. Apesar disso, eu tinha consciência de estar me sentindo extremamente focada, como se estivesse atravessando um túnel sem poder olhar para os lados, e tivesse que ficar totalmente atenta ao que estava na minha frente e precisasse continuar seguindo adiante.

Tio Tinsley abriu a janela do lado dele e respirou profundamente.

– Sinta esse cheiro de madressilva – ele falou.

Quando chegamos em casa, a lua estava alta, magra e prateada. As luzes da varanda estavam acesas, e Liz nos aguardava em pé, no topo da escada.

– O que aconteceu? – ela gritou.

– Maddox morreu! – berrei.

Tio Tinsley e eu subimos os degraus.

– Estava escurecendo, e Clarence Wyatt ouviu um barulho atrás da casa – tio Tinsley falou. – Ele diz que achou que fosse um urso e atirou. Mas era Maddox.

Liz nos encarou.

– Tô meio tonta – ela falou. – Meio enjoada, preciso me deitar.

Ela correu para dentro da casa. Fui atrás, até o segundo andar e pelo corredor da ala dos pássaros. Ela se atirou na cama, mas depois de uns instantes sentou-se e começou a balançar o corpo para a frente e para trás.

– Tio Clarence não achou que Maddox fosse um urso – Liz disse. – O que foi que aconteceu, de verdade?

Sentei ao seu lado e comecei a explicar, e Liz desembestou a chorar.

– Tá tudo bem – falei.

– Não, não tá – ela disse soluçando. – E Doris e as crianças? E o bebezinho?

– Ele tinha dinheiro e todas aquelas casas que ele alugava. Ela está melhor agora, sem ele.

– Mas aquelas crianças não têm mais pai.

– A gente não tem pai e se vira bem.

– Não, a gente não se vira bem coisa nenhuma. Olhe só no que deu. E é tudo culpa minha.

Os soluços de Liz ficaram ainda mais altos. Ela estava cada vez mais exaltada, arfando e com dificuldade para respirar, e fiquei com medo de que tivesse uma crise nervosa e, talvez, recomeçasse a tomar comprimidos para dormir ou outra coisa igualmente ruim. Então, ela começou a balançar a cabeça e a repetir que tinha matado Maddox, matado Maddox, matado o matador, montado no matador, montado no urso, o urso preto, o carro preto, o banco preto, o banco de trás, armadilha de urso – ela tinha aberto a porta, parado tudo, matado o tarado, tudo culpa sua, culpa sua, tudo culpa sua.

– Não é sua culpa – falei. – Foi ele quem começou. Mas agora acabou.

Comecei a passar a mão em seus cabelos e a repetir:

– Não é sua culpa. Acabou, acabou.

Depois de certo tempo, ela parou de chorar e adormeceu.

Fiquei sentada ao seu lado, atenta à respiração dela. Levantei para apagar a luz e sair do quarto, quando Liz falou de repente:

– Cuidado com o urso.

Olhei para trás. Ela estava falando enquanto dormia.

Capítulo cinquenta e seis

Para dizer a verdade, fiquei com medo de que aquilo pudesse não ter acabado. E se alguém tivesse nos visto entrando no carro de Maddox, na ruela? E se um vizinho na colina tivesse visto nós três dentro do carro? No mínimo, a polícia devia se perguntar que raios Maddox estava fazendo no quintal dos fundos da casa dos Wyatt.

O dia seguinte era um domingo. Quando acordei, a luz da manhã enchia o quarto, e os passarinhos, do lado de fora da janela, estavam fazendo a algazarra habitual. Ao meu lado, Liz dormia profundamente, e interpretei isso como um bom sinal. No andar de baixo, tio Tinsley estava usando um terno de algodão leve e uma gravata listrada. Ele disse que tinha decidido ir até a cidade e, em suas palavras, mostrar a cara e avaliar a reação das pessoas. E os lugares para fazer isso eram a igreja batista e o restaurante do clube.

Liz acordou pouco depois e parecia melhor, apesar de estar pálida e com um ar frágil. Ela passou a manhã tocando violão enquanto eu cuidava do jardim, arrancando as ervas daninhas e pensando em minha irmã. Liz merecia uma medalha por tudo o que tinha passado, falei a mim mesma.

Larguei o ancinho e subi até a ala dos pássaros, onde peguei a Estrela de Prata do meu pai, dentro da caixa de charutos que eu escondia no berço. Eu nunca a colocara no pescoço. Sentia que era preciso merecer o direito de colocá-la. Liz certamente merecia, não só por tudo o que tinha passado, mas por proteger a irmã menor das maluquices da mãe até eu ter idade bastante para lidar com elas. Tio Clarence também merecia, não só por dar um tiro em Maddox, mas por fazer o trabalho de um homem adulto quando

ainda era apenas um menino, para que meu pai pudesse ter um lar. Tia Al igualmente, por respirar fiapo de algodão todas as noites no moinho e depois voltar para casa e cuidar do marido doente e do filhinho especial, Earl. Tio Tinsley também, por acolher as duas sobrinhas desobedientes, e ainda mamãe, por voltar a um lugar que ela odiava, só para estar perto de Liz. Tudo o que eu fiz foi brigar com Lisa Saunders e responder com malcriação à srta. Clay.

Peguei a Estrela de Prata e levei-a para baixo. Liz estava sentada no banquinho do piano, tocando violão.

– Tome, para você – eu disse, entregando-lhe a medalha. – Você merece.

Liz colocou o violão de lado e pegou a medalha. Olhou para ela durante alguns instantes.

– Não posso ficar com ela. Era do seu pai. – Ela me devolveu. – Mas eu nunca vou esquecer que você quis me dá-la.

Tio Tinsley voltou depois do almoço. Fomos atrás dele até a sala de estar, onde ele se sentou na poltrona forrada e afrouxou a gravata.

Todos em Byler sabiam do tiro, claro, ele nos contou. Era só disso que se falava. O que ninguém conseguia entender era o que Maddox tinha ido fazer atrás da casa dos Wyatt. A polícia perguntou a Doris. Ela não sabia, mas pediu que investigassem. A polícia também conversou com os vizinhos dos Wyatt, porém as pessoas da colina odiavam Maddox e tampouco gostavam muito da polícia. Então, ninguém viu nada nem ouviu nada – a não ser pelo tiro. Todos ouviram o tiro.

A cidade especulava toda sorte de coisas. Maddox não estaria aprontando nada de bom. Será que estava só espreitando? Espionando a família? Talvez estivesse planejando uma emboscada. Mas, se fosse esse o caso, por que o carro dele estava estacionado na frente da casa? E, além do mais, ele estava armado. No mínimo, estava invadindo propriedade alheia, e um homem tinha o direito de

proteger sua família e sua propriedade. Foi por isso que depois de interrogar tio Clarence, a polícia não o prendeu. Sua história era simples e fazia sentido. Naquela parte do estado, as pessoas viviam se metendo em acidentes de caça. No condado vizinho, um observador de pássaros, vindo do Norte, estava usando uma camisa branca e fora morto no dia da abertura da estação de caça ao veado.

E Maddox era um encrenqueiro até para a polícia, sempre dando queixas e processando todo mundo, expulsando locatários, tratando mal os operários da tecelagem e abusando das mulheres por toda a cidade. A polícia sabia que todo mundo em Byler, exceto Doris, estava contente que Maddox tivesse morrido; então, apesar das perguntas sem resposta, os policiais ficaram mais que aliviados em deixar o caso morrer.

– Acidentes acontecem – tio Tinsley disse, levantando as mãos para cima. – Pensou que fosse um urso! – Ele se sentou na beira do banquinho do piano por um instante e falou: – Acho que vou tocar piano.

Abriu as portas de vidro do salão de festas, que davam para a varanda, e tirou o pano verde que cobria o piano de cauda. Levantou a tampa do teclado, sentou-se no banquinho, passou a mão sobre as teclas e começou um negócio clássico. Soou superbem para algo clássico, até para uma pessoa sem ouvido musical como eu, e Liz e eu ouvimos por algum tempo. E então ela disse:

– A gente tem que ir pegar os emus.

Tio Tinsley ainda estava tocando quando saímos de casa. Pegamos cordas no celeiro e fomos andando pela estrada ao longo da cerca. Estava perto da hora de comer, e os emus estavam parados diante da porteira esperando por nós, como sempre faziam.

Depois de três semanas tentando, Liz finalmente tinha conseguido fazer Eunice comer da cumbuca que segurava. Mais uma

semana, e Eunice deixou Liz passar a mão em suas costas enquanto comia. Naquela tarde, quando Eunice comia grão por grão, Liz a acariciou com a corda, fazendo com que se acostumasse com a sensação, e então colocou-a em volta de seu pescoço. Eunice parou, lançou um olhar intrigado para Liz e voltou a comer. Rapidamente, passei a minha corda em volta do pescoço de Eugene.

Liz e eu sabíamos que aquela tentativa de resgatar os emus poderia ser uma grande perda de tempo. Ou pior. Agora que os pegamos, os emus poderiam nos chutar com seus pés cheios de garras, ou bicar nossos olhos, ou sair correndo pela estrada e causar um acidente de trânsito. E enquanto os levássemos de volta para Mayfield, aqueles malditos emus poderiam muito bem fugir de novo. Mesmo assim, eles estavam sob nossos cuidados agora, e íamos fazer o que tínhamos que fazer.

Levamos os emus pela estrada. No início, eles estavam meio arredios, mas então pareceu que começaram a sentir algo quase tranquilizante no contato com a corda, como se fosse um alívio desistir de lutar. Eugene e eu íamos na dianteira. Na verdade, ele estava na minha frente, puxando a corda, como se soubesse aonde estávamos indo e quisesse chegar logo. De vez em quando, um carro passava, o motorista diminuía a velocidade, e as crianças baixavam as janelas e davam adeusinhos ao verem Liz e eu levando aquelas aves grandes e doidas de volta para casa.

Agradecimentos

Vários livros proporcionaram informações de embasamento úteis, incluindo *Hard times cotton mill girls*, de Victoria Byerly; *Mighty giants: an american chestnut anthology*; e *Remarkable trees of Virginia*, de Nancy Ross Hugo e Jeff Kirwan.

Eu gostaria de agradecer a Laurie Taylor Rice, mulher extraordinária que vem a ser minha cunhada, amiga e primeira leitora em quem muito confio. Minha gratidão também vai para seu marido, Joel Rice, um sujeito ótimo, cuja família tinha um moinho de algodão e que, generosamente, partilhou suas lembranças da cidadezinha tecelã comigo.

Meus sinceros agradecimentos e admiração a V. R. "Shack" Shackelford, a quintessência do advogado do interior, por confirmar questões de procedimento legal, e Thomas C. "Bucky" Waddy, que partilhou comigo seu grande conhecimento dos mecanismos de aplicação da lei. Cheryl Jarvis trouxe música, e muito mais, à minha vida. Adrianna Cowan-Waddy, Cathy Inskeep Marco e Mike e Betty Long – todos fizeram com que esta natural de Virgínia do Oeste se sentisse verdadeiramente em casa. Minha incrível editora, Nan Graham, prodigalizou toda a sua paixão e inteligência nestas páginas. Brian Belfiglio deu sábios conselhos. Jennifer Rudolph Walsh é uma amiga querida, uma advogada espantosa e uma agente formidável.

Agradeço ao meu irmão, Brian, minha estrela-guia.

E, claro, a John, que me ajuda a lançar luz em recantos escuros.

